

EDITORIA ABRIL
ANO 20 - Nº 32 - Cz\$ 450,00
10 DE AGOSTO DE 1988

CONSTITUINTE
A VITÓRIA DOS
DIREITOS INDIVIDUAIS

veja

ARMAUS, SANTAREM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ, PÓRTO VELHO, JI-PARANÁ, BELEM, TUCURUI, MARABÁ, TERESINA, PARNAIABA, S. RAIMUNDO, SAO LUIS, CZ\$ 585,00 - Nº 1.040

AIDS

Os que vão morrer contam sua agonia



Pra turma do caju-amigo, fruta sem semente só ia existir quando chovesse canivete.

Hoje, quando a agricultura atingiu níveis tão altos que pode assegurar colheitas abundantes até em condições totalmente adversas, outra revolução tecnológica está em curso. Seu nome: ***Hoechst High Chem***. Pioneira da indústria química mundial, a Hoechst tem 125 anos de pesquisa, com avanços decisivos no desenvolvimento da agricultura e na defesa do meio ambiente. Em 1938, já preocupada com a ecologia, foi ela que desenvolveu o primeiro inseticida orgânico, substituindo os preparados arsenicais. Agora, seus cientistas estudam como trabalhar nos genes das plantas, para que se tornem resistentes às pragas e doenças. ***Hoechst High Chem*** é tecnologia de ponta em alimentos, proteção ambiental, saúde, comunicação e novas matérias-primas. ***Hoechst High Chem*** é a Hoechst abrindo as portas da vida e da ciência do futuro. Hoechst. Química a serviço da vida.



CIRANDA DA CIÊNCIA

Um projeto Hoechst,
Funbec e Fundação Roberto Marinho
que estimula a pesquisa entre os jovens.

Hoechst do Brasil Química e Farmacêutica S.A.
C.P. 7333 - 01051 - São Paulo - SP

Hoechst 

SURGE UMA ESTRELA



Filme o que você quiser com a Câmera de Vídeo VHS tipo NV-M7PX da Panasonic!

Com a câmera de Vídeo VHS modelo NV-M7PX você filma em casa de um modo que antes era privilégio de profissionais. O foco automático a "piezo" e o obturador de alta velocidade com duas graduações (1/1000 seg. e 1/500 seg.) garantem uma imagem nítida e a captação de movimentos rápidos nos mínimos detalhes. A fim de interligar as cenas de ação de forma harmoniosa, a NV-M7PX está equipada com "Flying Erase Head"

aparelho de TV* ou VCR, basta usar o Adaptador de Linha VW-KM2PX. E para que a criação do seu filme fique mais profissional ainda, existe o Gerador de Caracteres VW-CG1P, opcional, que facilita a criação de legendas sobrepostas. Tudo isso acompanhado de uma maleta superprática para você transportar sua câmera e todos os acessórios. Com todos esses recursos, a câmera de Vídeo NV-M7PX da Panasonic transforma até um amador numa grande estrela. O que você está esperando para ser o próximo?

Adicione cenas no lugar que desejar, editando através da função de inserção sem interferência.



(cabeçote móvel apagador). Existe até mesmo uma função de edição de inserção, livre de ruído, para que você possa voltar e retomar a cena enquanto conserva a trilha sonora original.

Se você quiser dublar cenas provenientes de um



M7
NV-M7PX

*Aparelho de televisão com conectores de saída para áudio e vídeo.

 **Panasonic**

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1988

À venda na Zona Franca de Manaus.

O alvo é a democracia

O deputado paulista do PSDB diz que os defeitos da nova Constituição brasileira não se comparam às virtudes do jogo democrático

Por Elio Gaspari

O deputado José Serra (PSDB-SP) tem uma característica temível. É um crítico severo do pensamento econômico conservador, mas sabe fazer contas. Assim, em 1983, era secretário de Planejamento do governo Montoro quando um cartel de empreiteiros oferecia a construção de uma hidrelétrica, para a qual não havia dinheiro disponível nem demanda conhecida. Esgotados os argumentos, surgiu uma utilidade para a construção da barragem: abria alguns milhares de empregos novos. Serra fez seus cálculos e fulminou. "Es-



Serra: "A democracia está sendo assegurada pela Constituinte"

LUIS DANTAS

sa obra geraria 5 000 empregos. Se nós usássemos o que ela vai custar para comprar automóveis, poderíamos distribuir 25 000 carros para novos motoristas de táxi com um resultado cinco vezes maior."

Contam-se às dezenas os casos em que, nos trabalhos da Constituinte, José Serra, 46 anos, desmontou propostas demagógicas. Foi o primeiro constituinte a demonstrar que através de sucessivas vinculações da arrecadação a este ou aquele programa o plenário já havia comprometido mais de 100% da receita nacional. Mesmo assim Serra não desmontou todas as bobagens que gostaria. Foi derrotado no seu combate contra a tentativa de fixação dos juros reais em 12%.

Se pudesse assinar só os artigos da Carta com os quais concorda, talvez rebarbasse mais de uma centena deles, por cartoriais e corporativistas. Os que assinará com prazer, contudo, dão-lhe a certeza de que a nova Constituição poderá permitir que o Brasil melhore. E entre esses artigos poucos têm a ver com a or-

dem da economia ou com as contas. A virtude da nova Constituição estará na organização de um regime democrático que, democraticamente, poderá até mesmo mudar a Constituição. Na semana passada, Serra recebeu VEJA para esta entrevista.

A Constituição pode ser aperfeiçoada

VEJA — Quantos anos de vida o senhor dá para a nova Constituição?

SERRA — Não se trata de prever um período de vida para essa Constituição. Trata-se de saber o que se está fazendo. A questão da durabilidade da Constituição é irrelevante. O que há de relevante é a discussão da durabilidade do regime democrático. Uma democracia pressupõe a possibilidade de se mudar a Constituição, aperfeiçoando-a. Quando uma pessoa diz que a Carta será rapidamente mudada, isso não quer dizer nem que essa

peessoa esteja errada nem que a Constituição seja má. O problema está num outro tipo de gente: aquele que torce para que esta, ou qualquer outra Constituição, dure pouco para que, no seu colapso, alvejem o regime democrático.

VEJA — O senhor acha que entre os críticos dos trabalhos da Constituinte há mais gente criticando o texto em si ou há mais interesses em alvejar a democracia?

SERRA — Há os dois tipos.

VEJA — Em qual dos dois situa-se o presidente José Sarney?

SERRA — Se o julgarmos pelas intenções, sem dúvida ele está no primeiro. Olhando-se do ponto de vista prático, ele tem roçado o segundo.

VEJA — Então, na prática, ele seria uma ameaça às instituições democráticas?

SERRA — Não exageremos. Em todo caso, não há como não se preocupar com a política de fim de governo que ele vem desenvolvendo. Dois exemplos: querer transferir a culpa da crise para a Constituinte e procurar envolver, mesmo simbolicamente, os militares em assuntos que não lhes dizem respeito. Esta é uma política muito perigosa, inclusive para ele.

VEJA — Mas a cenografia militar ajudou-o a conseguir os cinco anos de mandato.

SERRA — Se dependesse de mim, o presidente José Sarney estaria se preparando para presidir as eleições para a escolha do seu sucessor, daqui a três meses. O maior erro da Constituinte foi dar-lhe cinco anos. E o maior erro do presidente foi a atitude que adotou em relação

à Constituinte. Primeiro omitiu-se. No final, lançou-se na crítica radical e tardia, baseada até mesmo em estatísticas distorcidas. Ele só pensou numa coisa: o tamanho do seu mandato. Olhem para o desequilíbrio das despesas públicas, que ele tanto critica. Foram exatamente as suas bases e os parlamentares mais próximos a ele quem mais incentivaram os aumentos de gastos públicos. Sarney poderia ter terminado muito bem seu mandato se tivesse fortalecido os partidos que lhe davam sustentação, cooperado com a Constituinte e percebido a hora de sair de cena. Fez o contrário: implodiu os partidos e hostilizou a Constituinte. A maior realização do seu governo foi ter conseguido ficar mais um ano. Para fazer o quê? Nem ele nem seus seguidores próximos parecem saber. Isso tem muita importância, pois vivemos uma crise em que a inflação chegou a 1% por dia útil.

“Hay gobierno?”

“No hay”

VEJA — *E o senhor sabe o que fazer?*

SERRA — Do ponto de vista do receituário econômico há saídas, algumas mais, outras menos custosas do ponto de vista social. Nenhuma delas, porém, prescinde da existência de um governo. E é isso que nós não temos. Aqui temos uma variante para o famoso aforisma espanhol de que “hay gobierno?”. Em vez de dizer que “soy contra”, deve-se reconhecer que “no hay”. Nós não temos um governo com legitimidade, autoridade e eficácia. Sem isso, não é possível aplicar receituário que funcione, pois o governo é uma condição pelo menos necessária para a concepção e a aplicação de qualquer plano.

VEJA — *Então, o senhor e o presidente Sarney chegam, por caminhos diversos, à conclusão de que o mundo vai acabar depois de amanhã.*

SERRA — Não. A crise que envolve o nosso organismo econômico e social é grave, mas podemos evitar que essa doença do corpo tome conta da mente da sociedade, como já disse lord Keynes pensando na Europa dos anos 20. Refiro-me à possibilidade de a crise econômica abrir caminho para uma interrupção do processo democrático, através de uma proposta autoritária e salvacionista. A questão crucial hoje é a democracia. Circula um argumento segundo o qual a crise está diretamente relacionada à democracia e às liberdades públicas. Isso é uma bobagem. Enquanto isso, está de-

monstrado à sociedade que o autoritarismo não é garantia contra a crise. O autoritarismo só garante uma coisa: a supressão das liberdades públicas. Democracia, em si, não resolve nem provoca crise.

VEJA — *E de onde vem essa eventual desconfiança em relação à democracia?*

SERRA — Muitas vezes, em toda a América Latina, se costuma estabelecer requisitos prévios para o funcionamento da democracia. Esse é um vício que percorre o espectro partidário da direita à esquerda. Por exemplo: sem crescimento econômico rápido, melhor distribuição da renda, estabilidade de preços, maior autonomia nacional, imprensa responsável e partidos políticos fortes, não pode haver democracia. Essa é uma visão errada, algo catastrofista. É mais construtivo pensar na maneira de a democracia sobreviver e se fortalecer, dentro das condições mais adversas, e nas formas de equacionar o crescimento econômico e a melhor distribuição da renda no contexto democrático. Outro problema é o horror às incertezas, que são típicas de um regime democrático. Ser democrata significa aceitar as regras do jogo, e não querer determinar os resultados das partidas. Por isso, democracia implica aumentar as incertezas, assim como requer tolerância e paciência. Nesse sentido, é importante compreender que a Constituinte não é uma comissão de assessoramento técnico, mas um poder. Ela reflete a sociedade brasileira como ela é, goste-se ou não dela.

VEJA — *Quando a Constituinte estabelece a taxa real de juros de 12% ao ano, ela não está tentando fixar regras absurdas?*

SERRA — De fato, e inutilmente. Esse artigo, contra o qual votei, é uma aberração, mas não se pode fazer um juízo final da nova Constituição a partir de coisas como essa e outras que estão no projeto. Em primeiro lugar, a Constituição é boa porque estabelece boas regras para o jogo democrático. Seus defeitos hoje são de três ordens. Numa estão tentativas de decidir previamente o resultado da partida, como no caso dos juros. Noutra estão as marcas do corporativismo, visíveis nos trechos da alegria que atravessam o texto. A terceira está no populismo, sempre incapaz de distinguir prioridades e criando despesas sem garantir receita. Por exemplo: foram criados três novos Estados e facilitou-se a criação de outros. O preço disso é muito alto e não foi sequer discutido, e o próprio governo, ao sabor dos acordos de conveniência, fez de conta que não viu. Agora, depois de seus líde-

res terem votado a favor desses dispositivos, o governo publica os custos, escandalizado.

VEJA — *O senhor acredita que nesse capítulo do populismo que cria despesas sem olhar para a receita incluem-se os artigos que resultaram em benefícios para os trabalhadores?*

SERRA — É uma tradição dos conservadores de todo o mundo argumentar que este ou aquele benefício social não podem ser concedidos porque não há como pagá-los. Se fosse sempre assim, a jornada de trabalho ainda seria de 12 horas. Portanto, tomemos como óbvio que a qualquer proposta de avanço haverá alguém reclamando. Vejamos o outro lado da questão. O fato de muitos conservadores dizerem que não há como pagar também não significa que seja sempre fácil pagar.

Os trabalhadores terão mais liberdade

VEJA — *Em quais casos o argumento da conta a pagar procede e em quais não procede?*

SERRA — Vejamos três exemplos na Constituinte. O primeiro é o seguro-desemprego, que será alimentado por um fundo sete vezes maior que o atual. Ele foi criado através do redirecionamento de recursos e, portanto, não custará um tostão a mais. Outro caso é o do aviso prévio proporcional ao tempo de permanência do trabalhador na empresa. A meu ver, essa proporcionalidade favorecerá a rotatividade predatória, prejudicando a mão-de-obra menos qualificada. Pela nova Constituição, o empregado, ao ser despedido, já receberá uma indenização adicional ao seu Fundo de Garantia e terá algum amparo do seguro-desemprego. Num terceiro lote estão questões como a licença-maternidade de quatro meses e o encurtamento da jornada de trabalho de 48 para 44 horas. Elas dependerão do comportamento do mercado, da evolução da produtividade, sobretudo do crescimento da economia. E nessa hora retornamos ao ponto central da nova Constituição. Ela não poderá ser julgada por esse ou aquele benefício que este ou aquele constituinte acham mais ou menos adequado. A sua virtude está noutra dimensão, a da democracia. É nesse aspecto que o projeto abre caminhos novos, permitindo aos trabalhadores que se organizem melhor, que lutem com mais liberdade por suas reivindicações. Os trabalhadores brasileiros não foram sacrificados no regime de 1964 porque faltavam na Constituição ar-

O NOME DIGILAB LEMBRA IMPRESSORA. É HORA DE CORRIGIR ESTA IMPRESSÃO.



Existe uma DIGILAB que todo mundo conhece. Aquela que está no mercado há mais de nove anos, fabricando impressoras de reconhecida qualidade. Tanto assim que a DIGILAB já forneceu mais de 6.000 impressoras ao mercado brasileiro. Para isso, ela montou um parque industrial com 9.000m² de área construída, empregando mais de 650 funcionários, sendo 47% técnicos e engenheiros.

Mas a DIGILAB é muito mais do que isso. Poucos sabem que ela também participa de muitas empresas que atuam em praticamente todos os setores da informática. Sua participação atinge computadores dos mais variados portes, sistemas de automação, periféricos, microeletrônica e telecomunicações.

E a importância da DIGILAB fica ainda mais ressaltada quando consideramos seus índices de produção no setor da automação bancária, processadores de comunicação (linha IBM) e impressoras. Veja como os gráficos acima mostram a atuação da DIGILAB e dão uma medida exata da sua expressiva participação no mercado da informática.

Agora que você conhece melhor a DIGILAB, certamente vai ter outra impressão desta empresa.

DIGILAB

Uma empresa **BRANCO**

tigos com benefícios. Eles foram intimidados porque queriam lutar por seus direitos eram despedidos ou duramente reprimidos.

VEJA — *A tendência conservadora a se assombrar com as incertezas da democracia não acaba pondo-a em perigo?*

SERRA — A democracia não deve ser vista apenas como um regime do interesse de uma parte da sociedade. Ela, por sua natureza, deve abrigar instituições que favoreçam todo o conjunto nacional. Nessa mesma linha, devemos perceber também que a Constituição não é o princípio e o fim de um regime democrático, como se ela, uma vez promulgada, garantisse tudo. Nossas dificuldades são enormes, estamos parados, com a economia estagnada, há oito anos. E a economia está estagnada para conservadores, liberais, direitistas, esquerdistas, crentes e ateus. Neste século nunca houve nada parecido com isso no Brasil. Pelo contrário, no pós-guerra, a cada dez anos o PIB dobrava. O país progredia. Agora, estamos nos candidatando a entrar no clube dos países em processo de subdesenvolvimento, ao lado da Argentina, do Chile e do Uruguai.

O dinheiro do Estado é desperdiçado

VEJA — *Qual a diferença entre um país subdesenvolvido e outro em processo de subdesenvolvimento?*

SERRA — No governo Kubitschek o Brasil era subdesenvolvido, mas estava ficando menos subdesenvolvido. Algo parecido ocorreu durante o governo Geisel. Nesta década nos estagnamos e isso, no mundo de hoje, equivale a andar para trás. E, para irmos direto às soluções, precisamos articular um entendimento político que permita a realização de profundas reformas na máquina do Estado e na economia. Trata-se de procurar algo tão profundo quanto as reformas feitas pelo governo Castello Branco. Essas reformas exigiam e produziram o autoritarismo. O nosso desafio é fazer as reformas de hoje, diversas na essência daquelas feitas por Castello, dentro de um regime democrático.

VEJA — *Já que é para falar das desgraças do regime de 1964, a Constituinte não foi sequer reformista ou inibiu as heranças estatizantes e cartoriais. Por quê?*

SERRA — Eu não estou convencido de que a Constituinte tenha agravado o problema da estatização em geral. Nessa

área, inegavelmente, há uma polarização de visões ultrapassadas sobre o papel do Estado. Uma, ultraliberal, raciocina a partir da lenda segundo a qual o Estado arruína tudo o que toca. Outra acha que o Estado é uma espécie de Rei Midas para o bem-estar social e o desenvolvimento econômico. O problema real está muito longe desses estereótipos. O Estado brasileiro gasta 18% do PIB na área social. Nenhum país em situação econômica semelhante à do Brasil gasta tanto. Se aqui as condições de vida são inferiores, isso se deve ao fato de gastarmos mal. O dinheiro vai na direção errada e, pior ainda, é desperdiçado. Assim, gastaram-se 8 bilhões de dólares em subsídios à classe média que comprou casas pelo BNH. Em compensação, só 21% dos adolescentes freqüentam escolas de 2.º grau. E, de cada cruzado que se manda para a educação no Nordeste, só 50 centavos chegam à sala de aula. Os outros perdem-se no caminho. Enquanto isso, a bancada governista, que deveria zelar pelo equilíbrio das finanças nacionais, está pedindo que a Constituinte conceda isenção de impostos aos sindicatos patronais. Isso é descabido. Os sindicatos patronais nunca pediram isso. Imagine-se a Fiesp ou a Febraban sem pagarem IPTU pelos seus prédios, enquanto seus ascensoristas continuam pagando por suas casas.

VEJA — *Depois de dezoito meses de trabalho, a Constituinte está sendo mais atacada pela direita do que pela esquerda. Isso significaria que se está fazendo um texto inclinado para a esquerda?*

SERRA — Não creio. Os escorregões corporativistas e populistas não podem ser confundidos com um pensamento de esquerda, embora boa parte dela esteja infectada por esses dois vírus. O fato de a Constituinte estar sendo mais atacada pela direita revela uma espécie de incapacidade congênita desse tipo de conservadorismo brasileiro para entender o que é esquerda e a sua propensão para ver o apocalipse em qualquer alteração do status quo. Ademais, o corporativismo e o populismo não são privilégio da esquerda. Ao contrário, veja-se o que ocorreu no caso da anistia de crédito, cujo lobby foi capitaneado pela UDR, que se apresentou ao país como uma entidade ultraliberal, até a hora em que percebeu que haviam deixado a chave do cofre ao alcance da mão. Os corporativistas e os populistas não têm como característica ser de esquerda ou de direita. O que os caracteriza é um inimigo comum: o Erário Público.

VEJA — *A que o senhor atribui as manifestações de xenofobia incluídas no projeto?*

SERRA — Creio que há uma reação exagerada do capital estrangeiro em relação ao projeto. É verdade que há um artigo que dá preferência nas compras, pelo poder público, a empresas de capital nacional. Parece-me muito mais um equívoco do que uma doutrina ameaçadora. Tomado ao pé da letra, ele favoreceria uma importadora de capital nacional que trouxesse para o Brasil produtos fabricados no estrangeiro, em detrimento de uma empresa sediada aqui, ocupando mão-de-obra nacional. Aí nós estamos diante de um erro puro e simples. O artigo baseou-se numa leitura errada de um ato do presidente Franklin Roosevelt, que protegia a produção doméstica americana em relação às importações. Não creio que esse artigo fique como está.

O projeto nacional é a democracia

VEJA — *Qual seria o melhor estatuto de convivência com o capital estrangeiro?*

SERRA — Temos que fugir de um dilema obsoleto. De um lado está o aberturismo ao estilo do general Pinochet, ou do ex-ministro Martínez de Hoz, na Argentina. A título de aumentar a eficiência da indústria, incendia a casa para assar o leitão, ou seja, prejudicando irremediavelmente a indústria doméstica. Do outro lado está um autarquismo incompatível com o progresso tecnológico, protegendo cartórios, desestimulando a eficiência e freando a produtividade da economia. Se for para voltar aos dilemas dos anos 50, seria melhor que todos fôssemos ver os filmes de Marilyn Monroe e James Dean.

VEJA — *O senhor não fica com receio de que, com todos esses enguiços, somados ao clima de histeria que se vem criando contra a Constituinte, se esteja abrindo caminho para um golpe?*

SERRA — Essa história de que há conspiração é muito parecida com horóscopo. Ocasionalmente ele acerta. O centro da questão é outro. Quem daria o golpe? Para fazer o quê? A última vez que se deu um golpe no Brasil, ele foi desfechado em nome da democracia, da livre iniciativa, do controle da inflação. O regime de 1964 acabou em autoritarismo, em mais estatização e, no final, na maior inflação das que o Brasil já havia tido. Valeria a pena tentar de novo? Acho que não. Até mesmo porque se há hoje um projeto nacional, ele passa pela democracia que, afinal de contas, está sendo assegurada pela Constituinte. ●

Papai.

Esta Olivetti é o seu presente de dia dos Pais.

Desculpe eu já estar usando mas é que eu quero escrever uma coisa pra você que muitas vezes tenho vontade de falar mas não falo.

Acho que é vergonha, fico meio semjeito, ~~XXXXXXXXXX~~ sei lá.

Mas, hoje resolvi escrever mesmo, que é pra nunca mais você esquecer.

PAI, EU TE ADORO.

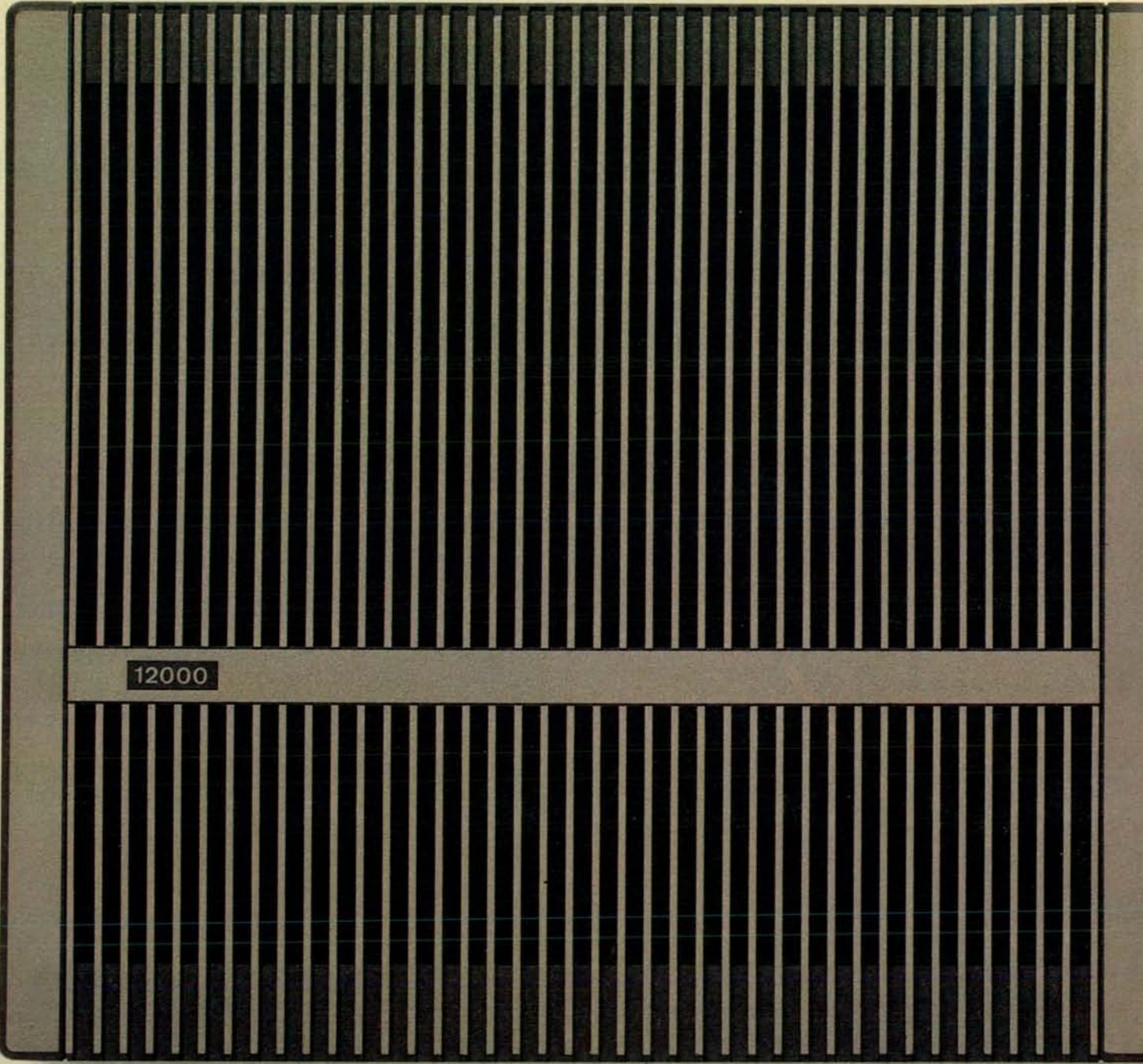
Ass. Carlinhos

Tem mais uma coisa: essa máquina é um barato.



14 de Agosto. Com Olivetti, esse dia vai durar a vida toda.

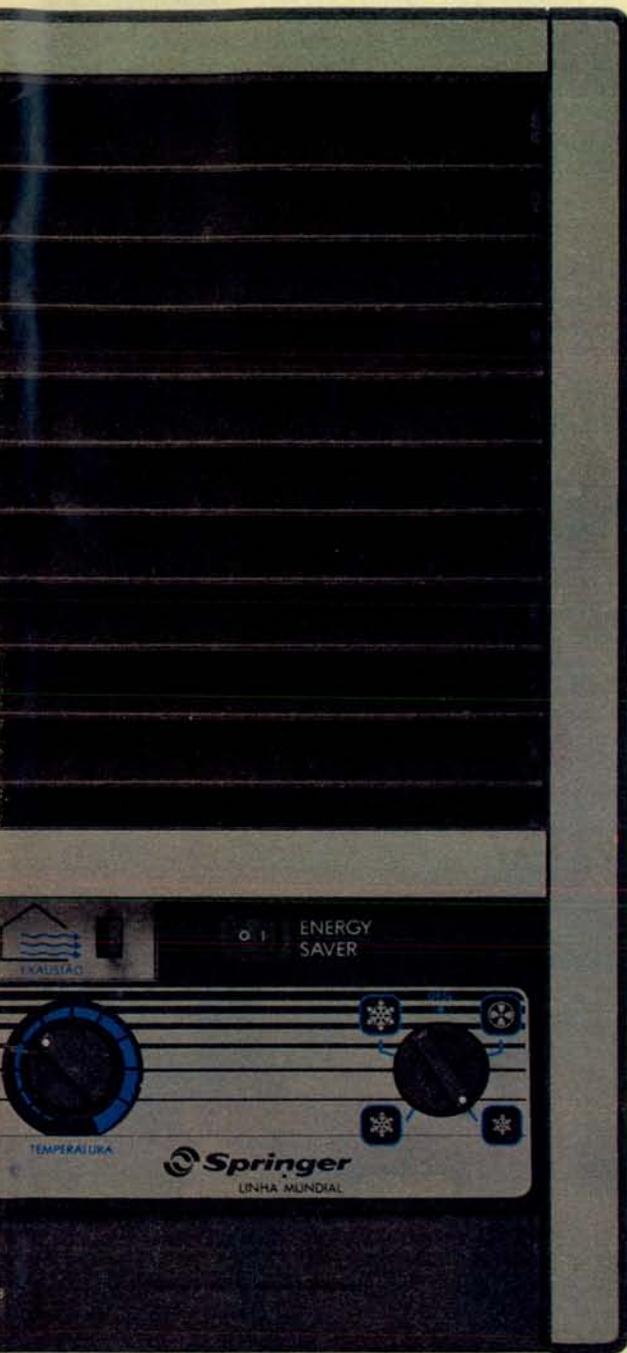
olivetti
A MÃE DA TECNOLOGIA



12000

PARA LER E

leitura



A NÃO SER QUE VOCÊ COSTUME LER EM VOZ ALTA, ESTE ANÚNCIO É O MELHOR EXEMPLO DE COMO FUNCIONA A NOVA LINHA MUNDIAL SPRINGER. TUDO QUIETO? ENTÃO É ASSIM MESMO: SILÊNCIO ABSOLUTO. UM SILÊNCIO QUE VOCÊ NÃO ENCONTRA IGUAL EM NENHUM OUTRO CONDICIONADOR DE AR DA CATEGORIA. ALIÁS, EM MATÉRIA DE CONDICIONADOR DE AR, SÓ EXISTE UM MOMENTO EM QUE A CONCORRÊNCIA FICA REALMENTE SILENCIOSA: QUANDO A LINHA MUNDIAL MOSTRA TODO O SEU DESEMPENHO, QUE É TAMBÉM MAIS ECONÔMICO. SE VOCÊ QUER O MAIS SILENCIOSO DOS CONDICIONADORES DE AR E TAMBÉM O MAIS ECONÔMICO DOS CONDICIONADORES DE AR SILENCIOSOS, A RESPOSTA

 **Springer**
A TECNOLOGIA DO SILÊNCIO

M SILÊNCIO.

É A LINHA MUNDIAL SPRINGER.
COMO VOCÊ ACABA DE OUVIR
COM SEUS PRÓPRIOS OLHOS.

LINHA MUNDIAL SPRINGER

Cartas



Michael Dukakis

A campanha do discreto e eficiente candidato democrata Michael Dukakis à Presidência dos Estados Unidos, como foi exemplarmente relatada por VEJA na reportagem "Anão Zangado avança contra Rambo" (20 de julho), representa a queda da política intervencionista e megalomaniaca do atual presidente americano. Tenho certeza de que, em caso de vitória de Dukakis, as negociações com a URSS, em busca do desarmamento nuclear, serão aceleradas e consolidadas.

Marcionilo do Espírito Santo Neto
Maceió, AL

Excelente a reportagem de capa de VEJA "Anão Zangado avança contra Rambo", sobre Michael Dukakis. Ele é sem dúvida um bom exemplo de honradez e caráter íntegro no cenário político mundial.

Reinaldo Veloso F. de Lacerda
Belo Horizonte, MG

Padre imperfeito

Lamento a reportagem "Legado de morte" (27 de julho), que lança sobre o padre Antônio

Firmino de Paiva tantas acusações contra as quais ele não pode se defender. Ele era um professor sério, exigente, dedicado aos estudos. Imperfeito ou não, o instrumento não importa para a graça de Deus. E o padre, como homem, é um instrumento poucas vezes perfeito.

Lais Furquim de Azevedo
São Paulo, SP

Berg-Schlosser

Parabenizo VEJA pela oportuna entrevista das páginas amarelas com o economista alemão Dirk Berg-Schlosser (27 de julho) que compara a hiperinflação ocorrida na Alemanha de 1923 com a inflação brasileira de hoje. Seus conceitos devem nos servir de alerta, pois de certa forma espelham o que ocorre atualmente no país.

Victor Faccioni
deputado federal
Brasília, DF

Custos da Constituinte

Com relação ao quadro "O governo calado" (27 de julho), da reportagem "Matemática confusa", temos a lamentar a atitude do relator Bernardo Cabral que deu parecer contrário à emenda do constituinte Miro Teixeira, pretendendo extirpar a imoral moratória concedida ao poder público para o pagamento das condenações judiciais. É lamentável que dentro da As-

sembléia Constituinte se use dois pesos e duas medidas, tratando-se de um assunto tão sério como a elaboração da nova Constituição.

José Mário Pimentel de Assis Moura
São Paulo, SP

Economia do chuchu

Sobre a reportagem "O efeito chuchu" (20 de julho), não entendo por que Sarney se espanta com o déficit público. Basta examinar o *Diário Oficial* de 14 de julho último, um festival de novos megacréditos abertos para as mais estapafúrdias atividades. Algumas pérolas: assessoramento relacionado à Segurança Nacional, 3,2 bilhões de cruzados — assessoriazinha cara essa. Amparo ao trabalhador preso, 60 milhões de cruzados — e às vítimas dos presos, nada? Controle das empresas estatais, 25,6 milhões — é quanto pagamos para o presidente saber que suas ordens não estão sendo obedecidas pelos diretores por ele nomeados. Essas verbas são meros suplementos para o semestre. Quanto não terá sido gasto o ano todo?

Gustavo Borges
Rio de Janeiro, RJ

Amor do presidente

Excelente a reportagem "Um amor torto" (20 de julho), que trata da ex-funcionária do SNI que diz ter um filho do ex-presidente

OVERC

No Banco Bozano, Simonsen o seu saldo

A OVERCONTA BOZANO, SIMONSEN FUNCIONA IGUALZINHO A QUALQUER CONTA CORRENTE BANCÁRIA. IGUALZINHO MAS DIFERENTE. QUEM ABRE UMA OVERCONTA NO BANCO BOZANO, SIMONSEN TEM SEU SALDO AUTOMATICAMENTE

RIO DE JANEIRO — AV. RIO BRANCO, 138 • SÃO PAULO — AV. PAULISTA, 1500 — RUA BOA VISTA, 88 • CAMPINAS — RUA CONCEIÇÃO, 161 • SÃO BERNARDO DO CAMPO — RUA RODRIGUES ALVES, 68 E 76 • CURITIBA — RUA MONSENHOR CELSO, 219 • PORTO ALEGRE — AV. ALBERTO BINS, 603 • GOIÂNIA — AV. PROF. ALFREDO DE CASTRO, 144 • BRASÍLIA — S.C.S. QUADRA II — ED. WADY CECÍLIO II, 174/174-A • BELO HORIZONTE — RUA ESPÍRITO SANTO, 945 • SALVADOR — RUA PORTUGAL, 5 E 7 • RECIFE — AV. DANTAS BARRETO, 512 — 2.º ANDAR • FORTALEZA — RUA FLORIANO PEIXOTO, 929 • BELÉM — RUA SENADOR MANOEL BARATA, 909.

João Figueiredo. Espero que, pelo menos desta vez, uma pessoa influente seja punida pela Justiça do Brasil, que anda meio falha.

Edson Minatti
Jaborá, SC

Traduções capengas

Muito oportuna a reportagem "Traições do idioma" (20 de julho), que aponta muitas das freqüentes agressões à última flor do Lácio. As traições contra o idioma, no entanto, são cometidas não apenas em algumas traduções de obras estrangeiras mas também pela incontida profusão das chamadas dublagens de filmes e de outros enlatados divulgados sobretudo pela televisão. Cria-se um novo idioma, o dublês, que emprega palavras da língua pátria em expressões que muitas vezes nem sentido fazem, como por exemplo no freqüente *soa familiar*, oriundo do inglês *sounds familiar*, e em outras tantas bobagens.

Hugo Barroso Uelze
São Paulo, SP

Traduttore, traditore. Este famoso aforismo italiano lembra as "Traições do idioma", onde a galeria dos horrores da tradução merece, a meu ver, ser engordada com coisas que só o brasileiro consegue fazer ao nosso pobre vernáculo. Estamos nos esquecendo do sábio ensinamento de Mark Twain segundo o qual a diferença entre a palavra correta e a palavra quase correta é a mesma que existe entre o relâmpago e o vagalume.

Sylvio Pio Valladão
São Paulo, SP

Ricardo Semler

Congratulo-me com VEJA pela excelente entrevista com o empresário Ricardo Semler (20 de julho). Poucas vezes me vi estimulado, nos últimos anos, a persistir com meus pontos de vista. Já é hora de sepultarmos a ditadura cartorial do sistema produtivo/econômico brasileiro e assumirmos os destinos deste país, hoje, mais um fardo que um legado de esperanças.

Antônio Gomes Vieira Filho
João Pessoa, PB

Gostaria de parabenizar VEJA pela excelente entrevista com o empresário Ricardo Semler. Ele tem convicção, força de vontade e competência. Justamente o que falta ao empresariado brasileiro.

Paulo Parrini
Rio de Janeiro, RJ

Contra a poluição

Parabenizo VEJA pela reportagem "A eloqüência do vazio" (20 de julho). Os paulistanos souberam dar uma lição de civismo, democracia e maturidade e desmascararam o chavão de que "O Brasil vive uma crise moral". A lição que São Paulo nos deixou é de que a sociedade brasileira está consciente de todo o caos que a cerca. No entanto, mostrou que está preparada para dar a volta por cima.

Luiz Maria Dumont
Cuiabá, MT

Diagnóstico secreto

Discordo do Ponto de Vista do médico Ernst Christian Gauderer (20 de julho) sobre a entrega do prontuário e diagnóstico ao paciente, em especial com relação às psicoterapias. De nada vale ao indivíduo, em termos de maior integração de sua vida mental, saber o seu diagnóstico. Vejo o prontuário como um instrumento de comunicação entre os profissionais de saúde, e que só para eles tem utilidade.

Antônio Carlos Marques da Rosa
Porto Alegre, RS

Pais e filhos

Parabenizo VEJA pela excelente reportagem "A arte de criar filhos" (13 de junho), que mostrou de maneira explícita uma boa forma de se educar uma criança. Além disso, abriu novos horizontes para aqueles que ainda tendem a consultar e acreditar nos "velhos livros", para aprender a criar "filhos perfeitos". Como diz o psicanalista Bruno Bettelheim, a educação perfeita é um mito.

Andréa Portolomeos
Cantagalo, RJ

Congratulo VEJA pela brilhante reportagem de capa "A arte de criar filhos". É importante mostrar a certos "pais" que castigar não é tudo. Um filho só se sente plenamente realizado quando recebe de seus pais uma formação equilibrada, que lhe proporcionará um futuro louvável.

Osiran Felício de Lima
Santa Rita, PB

OVERCONTA

aumenta sem você precisar depositar.

APLICADO NO OVER. SEM A PREOCUPAÇÃO DE FICAR LIGANDO PARA O GERENTE DO BANCO PARA APLICAR E DESAPLICAR. TRAGA O DINHEIRO PARADO EM OUTRO BANCO PARA SE MOVIMENTAR NA OVERCONTA BOZANO, SIMONSEN.

 **BANCO
BOZANO, SIMONSEN**

INFORMAÇÕES: DDD GRATUITO: (021) 800-6163

NO RIO DE JANEIRO: 271-8001

Esquiar é o esporte de quem é acostumado a estar no topo.



A grande vantagem de esquiar é que você sente prazer em descer do topo, principalmente quando sabe que em alguns minutos estará lá de novo. Para isto, é necessário uma infra-estrutura moderna e completa, como a que você encontra em Las Leñas. Las Leñas é o sofisticado centro de esqui encravado no meio dos Andes, a 2.200 m de altura, que foi um sucesso entre milhares de bra-



sileiros na temporada de 87. E não é para menos. Em poucos anos, Las Leñas se transformou num centro de esportes de inverno no mesmo nível dos melhores centros europeus e norte-americanos. Para você ter uma idéia, são 57 km de pistas, desde as que não assustam ninguém, às que são encaradas só pelos campeões olímpicos, sendo que uma é iluminada e com música, mais modernos teleféricos para você subir em minutos a mais de 3.400 m de altura e 80 instrutores para es-





quiadores de todos os níveis, daqueles que nunca colocaram um esqui no pé, até aqueles que só tiram o esqui para dormir. É bom lembrar que não é neces-

sário ter equipamento próprio. Você aluga e, em poucas aulas, descobre o tempo que perdeu sem experimentar o prazer de esqui.

Vôos diretos São Paulo - Las Leñas*

Vôo	De	Dia	Hor.	Para	Chegada
AR-1071	São Paulo (Guarulhos)	Sábs.	15:10	Las Leñas (Malargüe)	19:50
AR-1070	Las Leñas (Malargüe)	Sábs.	9:40	São Paulo (Guarulhos)	14:00

Escala técnica de 30 minutos em Córdoba.
* Programação Las Leñas Top.

Mas os prazeres de se estar em Las Leñas não acabam quando você tira os esquis do pé. No final do dia, todos se reúnem em volta da lareira com uma taça de vinho na mão. Você ainda tem a opção aconchegante do piano-bar, a opção agitada da discoteca e a opção emocionante do cassino, com roleta francesa e americana, ponto e banca, black jack e máquinas de entretenimento. Opções de acomodação também



não faltam. São cinco apart-hotéis e quatro hotéis, incluindo o Piscis, o único 5 estrelas de toda a Cordilheira, com piscina interna e externa climatizada. Opções de boa comida existem várias. São 9 restaurantes, entre eles o Salamandra, o restaurante dos gourmets, e o Bacus, onde você saboreia pratos deliciosos com um tempero especial: a paisagem branca das montanhas vista a 3.000 m de altura. Você ainda tem rotisserie, supermercado, shopping center, TV com circuito fechado, sauna, cabeleireiro, lavanderia, telefone com discagem direta e linhas internacionais, telex, sala de convenções e espetáculos, ginásio de esportes e baby sitter.

E você pode aproveitar integralmente o seu tempo, sem seus filhos ficarem grudados no seu esqui. Existe um programa especial para a garotada e, para os menorzinhos, existe o jardim de neve, onde eles se divertem aprendendo tudo sobre neve e esqui.

Mesmo que este texto não seja curto, ainda daria para escrever muito mais sobre Las Leñas. Por isto, consulte o seu agente de viagens ABAV-EMBRATUR ou a Skileñas.



Las Leñas - Mendoza, Argentina.
Temporada de junho a outubro.
Skileñas Turismo Ltda.
São Paulo - Av. Brigadeiro Faria Lima, 1570 5º a. CEP 01452
Fone: 815-1655 • Rio de Janeiro Fones: 220-1857 - 220-6457 • Belo Horizonte - Fones: 221-7475 - 221-3111 • Brasília - Fones: 248-1645 - 248-4235 • Campo Grande - Fones: 382-2636 - 383-7953 • Curitiba - Fone: 223-7635 • Fortaleza - Fone: 244-7455 • Porto Alegre - Fone: 22-7961.
Demais cidades usar o DDG (Discagem Direta Grátis): 011 - 800-7160.



Esquiar em

Las Leñas

Você já pensou?

**Para chegar à Europa,
Estados Unidos ou Japão, você
tem boas horas de vôo pela frente.
E, felizmente, um dos melhores
serviços de bordo do mundo.**



[*] Pesquisa feita pela revista "Executive Travel", Londres, set., 1987.

Sua satisfação é uma coisa muito séria para nós. Por isso fazemos tudo para que as suas horas a bordo sejam as mais agradáveis e inesquecíveis.

A Varig reconhece que quando se voa grandes distâncias, a gente necessita mais do que um bom e macio assento no avião. É preciso ter a impressão

de estar num confortável canto de nossa própria casa.

Voando pela Varig, este conforto longe de casa está representado por um dos mais categorizados serviços de bordo do mundo, com bebidas e pratos reconhecidos internacionalmente pelos mais sofisticados gourmets.

E tudo acompanhado do calor humano e do bom humor da experiente tripulação da empresa aérea que foi eleita pelos europeus como a melhor para a América do Sul.[*] Melhor, inclusive, por causa do seu serviço de bordo.



VARIG

A nossa Varig.

Guillermo O'Donnell

Excelente a entrevista do sociólogo Guillermo O'Donnell nas páginas amarelas de VEJA (13 de julho). Ficou claro que o Brasil é realmente um belo país, mas é governado por políticos extremamente ignorantes quanto às necessidades de seu povo.

Mauro Fernandes de Faria
Aracitaba, MG

Humor na TV

A reportagem "A graça grossa" (13 de julho), sobre o programa humorístico *A Praça É Nossa*, mostra com clareza o nível a que chegamos em termos de programas de TV.

Dalmir Anicio Drummond
Belo Horizonte, MG

Contas do governo

O Ponto de Vista de Jorge Vargas (6 de julho), ministro do Tribunal de Contas da União, é profundamente lamentável. Já perdi todas as esperanças que depus no futuro do Brasil. Se o TCU não tem o poder para impor a lei na administração pública, quem, então, terá?

Vicente Rizzo
Recife, PE

Cumprimento ao ministro Jorge Vargas, do Tribunal de Contas da União, por sua coragem de informar à sociedade brasileira a respeito dos critérios obscuros que norteiam as contas da União em seu artigo "Contas confusas". Nosso país precisa de muitos homens igualmente íntegros para denunciar e combater os escândalos que tanto afligem a nação.

Lúcio Altino Boppré
São José, SC

Funcionalismo

Sobre a reportagem "Os números da fantasia" (6 de julho), no que concerne ao Ministério do Exército, a funcionária Anezília de Oliveira vem realizando o curso a que se refere a revista sem qualquer ônus para a Fazenda Nacional, como consta do *Diário Oficial da União* de 6 de maio de 1988.

Hiram de Freitas Câmara
Centro de Comunicação Social
do Ministério do Exército
Brasília, DF

Norte—Sul

Excelente a reportagem "Pouco pelo social" (6 de julho). É incrível como este governo tem a ousadia de cortar os míseros recursos da educação, saúde e habitação para injetar bilhões de dólares na tal "ferrovia maldita".

José Alexandre Botelho
Belém, PA

Segundo a reportagem "Pouco pelo social", o Ministério dos Transportes abocanhará 25% das verbas da União. Gostaria de lembrar ao ministro que, além da Ferrovia Norte—Sul, existem no país inúmeras rodovias federais e estaduais intransitáveis de tantos buracos, a exemplo da BR 163 que liga Rondonópolis a Mato Grosso do Sul.

Egon Wolff
Rondonópolis, MT



IDENTIFIQUE-SE COM O ORIGINAL

A mesma avançada tecnologia utilizada na fabricação das máquinas Olivetti garantem a qualidade e a durabilidade dos acessórios originais Olivetti.

Cada fita impressora, fita corretiva ou qualquer outro acessório Olivetti é projetado cientificamente para que seu equipamento tenha sempre o melhor desempenho.

Por isso na hora de comprar acessórios para sua máquina Olivetti, identifique-se com o original. Exija acessórios originais Olivetti. É mais seguro. E no final das contas, é mais econômico, também.



ACESSÓRIOS
olivetti

SCOTLAND, THE HOME OF PASSPORT.



STRATHISLA DISTILLERY - SEAGRAM - ESCÓCIA. FUNDADA EM 1786.

Passport é um "blended whisky".

A arte de "blending" (misturar) foi desenvolvida em Edinburgo, em 1810. Então, pela primeira vez juntou-se os grains e os malt whiskies. Hoje, "blended whiskies" especiais, como Passport, contêm até 40 diferentes tipos de whiskies.



Mr. Ivan Straker.
Presidente da Seagram-Escócia

Aqui nasce Passport, a excelência em scotch whisky.

Esta é Strathisla, a mais antiga e tradicional destilaria dos Highlands escoceses. Tradição é uma parte essencial na vida da Escócia. Tradição é também o segredo da qualidade superior de Passport.

A água.

É fator decisivo para a qualidade e aroma de Passport. Por isso, Strathisla está localizada perto de fontes naturais de água. As principais características da água nos Highlands são a maciez, o frescor inigualável e a pureza.



A turfa.

É usada para secar o malte, antes da destilação. Sua fumaça contribui decisivamente para o "bouquet" e o sabor de Passport.



A cevada.

Floresce naturalmente na Escócia, graças às condições climáticas do país. Como há dois séculos, os grãos precisam ser amadurecidos e secos.

A arte.

A arte está na forma e no manuseio do alambique, no microclima da destilaria e nos armazéns onde os barris com Passport são guardados, durante anos. A arte está no conhecimento e no talento das pessoas que fazem o "blending" de Passport.



Qualidade Superior
Seagram

Proálcool

Em relação à reportagem "Um tanque furado" (29 de junho), gostaria de saber até quando o contribuinte brasileiro terá que sustentar projetos de "salvação nacional", como o Proálcool. Concordo plenamente com a opinião do senhor Amaral Gurgel, quando ele diz que a fabricação de carros a álcool deve ser interrompida. É inadmissível que um programa, a princípio, de substituição de combustível após treze anos continue sendo sustentado por toda a sociedade.

Euclides Benedito Costa
São Bernardo do Campo, SP

Pesquisa

Com referência ao Ponto de Vista "Trabalho para o futuro" (29 de junho), de Vera Allgayer Osorio, gostaríamos de esclarecer um ponto importante do artigo, com respeito à citação de que "as empresas multinacionais costumam concentrar seus investimentos em criação de tecnologia e investem em suas matrizes, nos países de origem". Nosso propósito é deixar claro que as empresas multinacionais muitas vezes são forçadas a tomar essa atitude em virtude de não existir no Brasil uma forma adequada de proteção à propriedade intelectual que resguarde os direitos do autor da descoberta através da pesquisa da possibilidade de cópias ou imitações.

Jorge Raimundo
presidente da Câmara da Indústria Farmacêutica Anglo-Americana do Brasil
Rio de Janeiro, RJ

Venda de bebês

A reportagem "Comércio de bebês" (29 de junho) deixa no ar um aparente envolvimento do Juizado de Menores de Curitiba, onde teria a senhora Arlete Hilú construído uma rede com o fim de facilitar o tráfico. A Associação dos Magistrados do Paraná repele a vaga acusação que se espalha a todos os funcionários do Juizado, alcançando, inclusive, os magistrados que lá exercem ou exerceram a judicatura com dedicação e probidade.

Francisco de Paula Xavier Neto
presidente da Associação dos Magistrados do Paraná
Curitiba, PR

A carta de Heitor Monteiro (13 de julho), que propõe a oficialização da venda de bebês, é uma exuberante prova de que papel aceita tudo. Em pleno século XX, um brasileiro defender o famigerado ponto de vista de que famílias sem recursos devem vender filhos para conseguir alguma receita é um verdadeiro absurdo.

Diniz Camara
Natal, RN

CORREÇÕES: Ao contrário do que foi publicado na reportagem "Lente aventureira" (3 de agosto), Idi Amin Dada foi chefe do governo de Uganda.

■ Na reportagem "Projeção violenta" (27 de julho), a frase correta de Maurício Pencak é "...foram jogadas pedras na política econômica do Sarney", e não "...nós apedrejamos a política econômica do Sarney".

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, CEP 01051, São Paulo, Capital. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

VIDEOSAT[®]

TV VIA SATÉLITE



Os equipamentos VIDEOSAT[®] são os mais modernos para a recepção de canais internacionais e nacionais, em qualquer parte do País. Produzidos pela ZIROK[®], empresa nacional dedicada exclusivamente a fabricação de sistemas de recepção de TV Via Satélite, os equipamentos VIDEOSAT[®] incorporam mais tecnologia e garantia.

Videosat[®] e Zirok[®] são marcas registradas.



ZIROK[®]

Eletrônica Ltda.

Rua Zirok, 500 - Embú - SP -
Rod. BR116, km 24,5 - CEP 06800 -
Fones: (011) 494-6100, 494-5422,
494-5304 - TELEX 11.71090 VSAT

REVENDEDORES:

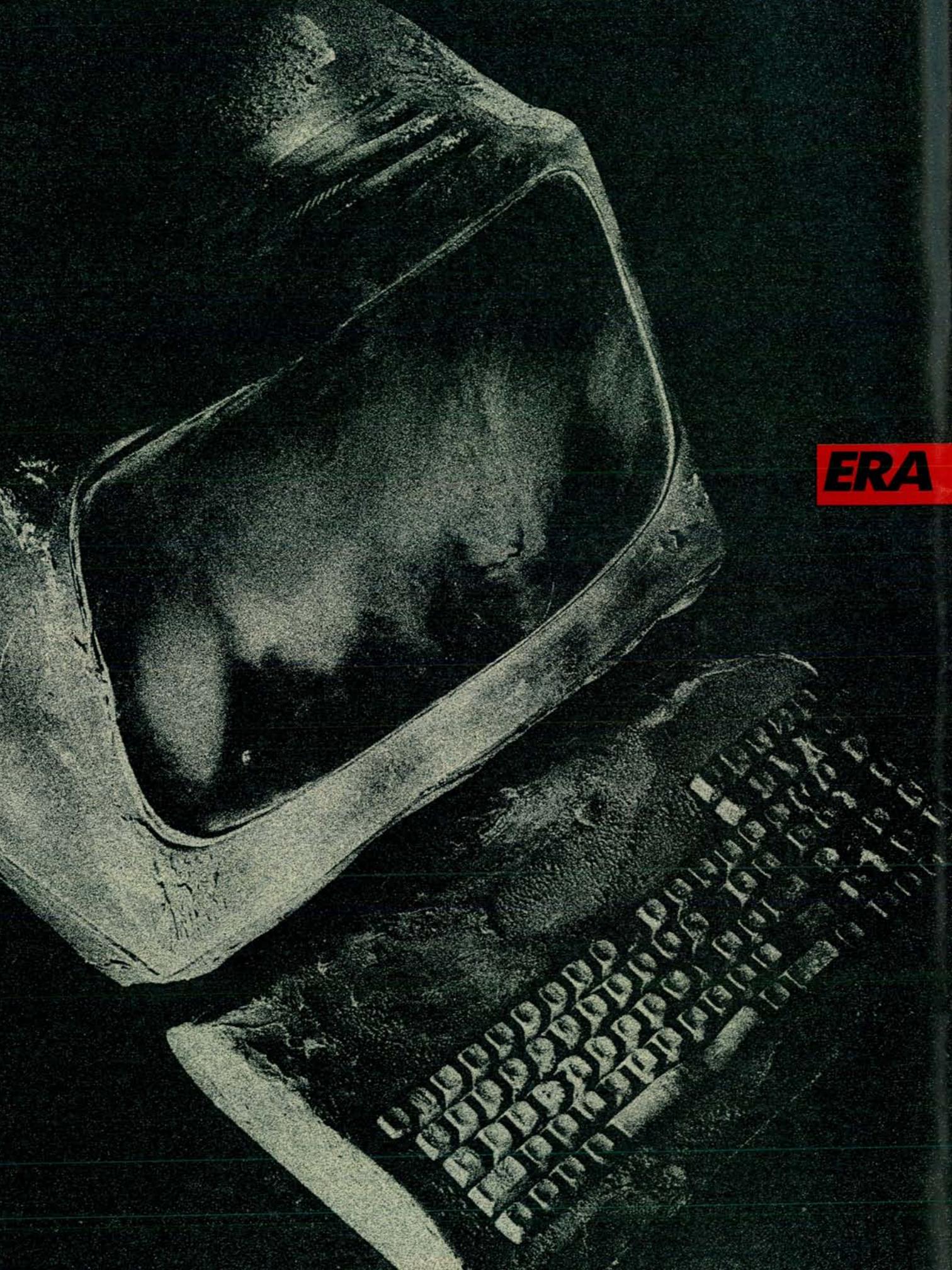
- Colatina (ES) - (027) 722-5495 • Aquidauana (MS) - (067) 241-2162 • Uberlândia (MG) - (034) 236-2000 • Teófilo Otoni (MG) - (033) 521-3097 • Itaituba (PA) - (091) 518-1625
- Barreiras (BA) - (073) 811-2215 • Fortaleza (CE) - (085) 227-3355 • Araguaina (GO) - (062) 821-2972
- Rondonópolis (MT) - (065) 421-4268 • João Pessoa (PB) - (083) 224-9021 • Salto de Itararé (PR) - (0437) 75-1278 • Porto Alegre (RS) - (0512) 43-8142 • Avaré (SP) - (0147) 22-2142

"Água de piscina precisa de muita química."

Se o filtro for Jacuzzi é necessário somente um bom bactericida.

JACUZZI[®]

SÃO PAULO: (011) 549-7688 - RIO DE JANEIRO: (021) 294-0546 - BELO HORIZONTE: (031) 226-6294
RECIFE: (081) 325-5394 - PORTO ALEGRE: (0512) 42-3286.



ERA

UMA EMPRESA MODERNA, AVANÇADA E INFORMATIZADA.

Não basta ter seguro. É preciso ter seguro bem feito, moderno, adequado às necessidades de sua empresa. Recente pesquisa feita entre empresários indicou a Vera Cruz como a seguradora tecnicamente avançada em riscos industriais. Este é o fruto de um trabalho de muitos anos de profissionais e engenheiros especialistas em sistemas de proteção de perdas.

E não importa o tamanho da empresa, tudo é analisado cuidadosamente antes de se compor e recomendar um seguro. Fale com o seu corretor e exija que ele consulte a Vera Cruz. Juntos nós vamos estudar especificamente o caso de sua empresa. Porque seguro é como computador: não basta ter, precisa ter o mais adequado.

PENA QUE O SEGURO NÃO ERA.



Vera Cruz

Seguros e Previdência Privada

Associada à SA Moinho Santista Indústrias Gerais

Surpreenda o homem que diz já ter tudo.



Malas, pastas, carteiras de couro, isqueiros, canetas, perfumes, gravatas, jóias, relógios, objetos, presentes, cores, formas, estilos. Conheça toda a variedade de acessórios masculinos Natan. A partir de Cz\$ 4.900.

RIO DE JANEIRO: IPANEMA: TEL.: 267-3515 - COPACABANA PALACE, LOJA 6 - TEL.: 255-2469 - RIO
SUL SHOPPING CENTER - TEL.: 275-0397 - BARRASHOPPING - TEL.: 325-8387 • SÃO PAULO:
AUGUSTA - TEL.: 280-2233 - SHOPPING CENTER IGUATEMI - TEL.: 815-1395 - SHOPPING CENTER
IBIRAPUERA - TEL.: 542-6844 • BRASÍLIA: PARKSHOPPING - TEL.: 233-9070 • BELO HORIZONTE:



SHOPPING CENTER INCONFIDENTES SAVASSI - TEL.: 273-3362 • PORTO ALEGRE: SHOPPING
CENTER IGUATEMI - TEL.: 34-6102 • CURITIBA: MUELLER-SHOPPING CENTER DE CURITIBA -
TEL.: 234-5021 • SALVADOR: SHOPPING CENTER IGUADEMI - TEL.: 359-5742 • RECIFE:
SHOPPING CENTER RECIFE - TEL.: 326-4702.

Brasilianas

Em Guadalajara, durante a Copa do Mundo de 1986, vivia-se sob a ameaça constante de Montezuma e sua vingança gástrica, mas isso não quer dizer que nos acovardássemos. A cidade tem muitos e bons restaurantes e não seria a simples perspectiva de morrer que nos afastaria deles. Lembro-me de uma noite em que jantamos no Copenhagen. Este, de dinamarquês, só tinha o nome, pois a comida era espanhola e a música — apesar de o pianista ter cara de juiz da terceira divisão, e o contrabaixista e o baterista, de seus bandeirinhas — era jazz da melhor qualidade. Mas, melhor do que tudo, foi a conversa. Estavam no grupo o Sérgio Cabral, já então reclamando o Romário na seleção, o João Ubaldo Ribeiro, o Juca Kfoury, o Márcio Guedes, o Marcelo Rezende, o Ruy Carlos Ostermann e eu. Foi nessa noite que o Sérgio Cabral contou a história do Antônio Maria e do Ary Barroso no seu leito de morte. Não sei se o Cabral já publicou esta história. Se publicou, vale a repetição.

Diz que o Antônio Maria foi visitar o Ary Barroso pouco antes deste morrer. Eram amigos, mas o Ary Barroso implicava com as músicas do Maria e, um notório vaidoso, tinha um pouco de ciúmes do sucesso do outro. Prostrado na cama, Ary pediu ao visitante, com voz sumida:

— Maria, canta *Aquarela do Brasil*.

O Antônio Maria olhou em volta embaraçado.

— O que é isso, Ary?

— Maria, canta *Aquarela do Brasil*.

Muito sem jeito, Antônio Maria começou a cantar. Afinal, era o pedido de um moribundo. Cantou toda a música, acompanhando-se com uma discreta batucada de palmas.

O Ary ouviu tudo de olhos fechados, com a cabeça atirada para trás. Quando o Maria terminou, ainda de olhos fechados, disse:

— Maria, me pede pra cantar *Ninguém me Ama*.

— Ora, Ary, não precisa.

— Maria — insistiu o Ary —, me pede pra cantar *Ninguém me Ama*.

Constrangido, o Maria obedeceu. Pediu:

— Ary, canta *Ninguém me Ama*

E então o Ary levantou a cabeça do travesseiro, encarou o Maria e declarou:

— NÃO SEI!

◆◆◆

O Maurão não perdia jogo do seu time. Estivesse onde estivesse o seu time, ele estava junto. Mas o Maurão não gostava de futebol. Não se interessava. Em época de Copa do Mundo, se não tivesse ninguém do seu time na seleção, o Maurão nem tomava conhecimento. O Brasil jogou, é? Contra quem? Onde?

— Mas, Maurão, você não é fanático por futebol?

— Eu?!

— Você não perde jogo do seu time.

— E quem diz que eu olho o jogo?

O Maurão não olhava para o jogo. Quando o seu time era atacado, o Maurão virava as costas para o campo. Ficava perguntando: “Já passou? Já passou?”. E quando seu time atacava, também preferia não olhar.

— Que foi que houve?

— O...

— Não me conta!

Uma vez houve um pênalti a favor do seu time. Bateram o pênalti e foi gol. Quando os companheiros se viraram para abraçar o Maurão, não o encontraram. Depois viram uma confusão no portão do estádio. Era o Maurão, que fugira para a rua na hora do pênalti, tentando

convencer o porteiro a deixá-lo entrar de novo.

— Pelo menos do seu time você gosta, não é Maurão?

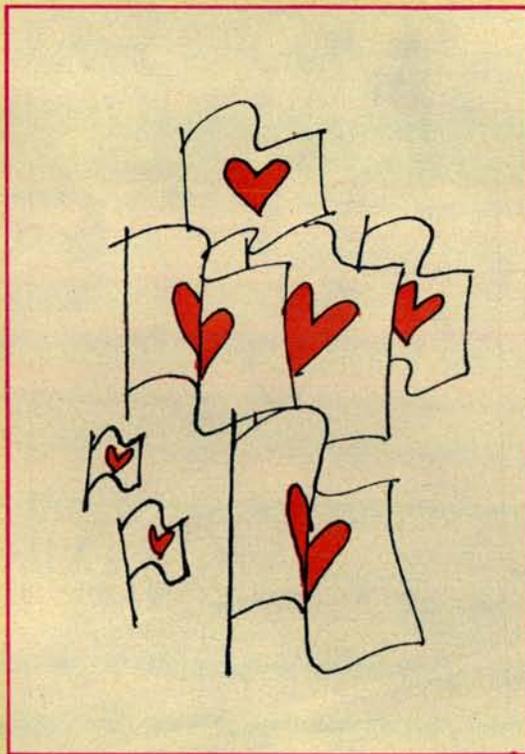
— Quem foi que disse?

O Maurão odiava o seu time. Por causa do time ele sofria. Por causa do time gastava dinheiro com entradas, com passagens de ônibus, com tratamento médico. Por causa do time ele mal convivia com a família e estava ameaçado de perder o emprego. O time ainda o mataria do coração. Como é que ele podia gostar daquele time? Torcia por ele. Era diferente.

— Mas como, Maurão?

— É o meu time, entende?

Ninguém entende. Ninguém que não é torcedor, claro.



O TELEVISOR MAIS IMPORTANT



TE DE UMA CASA É O SEGUNDO.



POR ISSO NÓS CRIAMOS O TV DE COLO.

A Semp Toshiba descobriu que o que pode acabar com um casamento ou afastar os pais dos filhos não é a televisão. É a falta de mais uma.

Para isso, ela tem a melhor solução. O Semp 10", o TV de colo. Ele é o TV portátil a cores mais leve que existe. Pesa menos de 8 quilos, quase a metade do que qualquer outro portátil.

Com a maior facilidade, você pega o Semp 10" no colinho e vai para o quarto ver seu jogo, enquanto sua mulher vê o último capítulo da novela. Com a mesma facilidade, seus filhos pegam o Semp 10" e vão curtir seus videoclipes enquanto você assiste ao jornal na TV da sala.

O Semp 10" é mais um grande exemplo da tecnologia e qualidade Semp Toshiba. Ele tem entrada para videocassete, funciona automaticamente de 90 a 240 volts e tem um desempenho de imagem que é de fazer inveja às maiores telas.

Tudo isso com 1 ano de garantia total e mais de 1000 postos de Assistência Técnica em todo o país.

Compre um Semp 10". Você vai ver que a família mais feliz é aquela que não é obrigada a assistir televisão unida.

SEMP TOSHIBA

SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.

ESTÁ NA HO EVOLUIR DE UM V PARA UM TO



Na hora em que você vê o desempenho de imagem de um Toshiba 4 cabeças você entende por que os vídeos de 2 estão sendo aposentados no Japão, Estados Unidos e Europa.

Em câmera lenta ou quadro a quadro, o Toshiba 4 cabeças eliminou os chuviscos e distorções que apareciam na imagem. Ela vai ser sempre nítida e perfeita, qualquer que seja a velocidade.

Você nunca mais vai ter que decifrar se a fita está gravada em PAL-M ou NTSC. Através de um sistema

automático de leitura, o Toshiba faz isso para você: é só colocar a fita e assistir ao filme.

E, graças a um exclusivo sistema de compensação de imagem, você tem a mais fiel reprodução de todas as cópias.

O Toshiba 4 cabeças é o melhor exemplo da qualidade e tecnologia Semp Toshiba.

Além do melhor desempenho, seu vídeo tem 1 ano de garantia total e mais de 1000 postos de Assistência Técnica em todo o país.

RA DE VOCÊ VÍDEO 2 CABEÇAS TOSHIBA DE 4.



Se você ainda tem um vídeo de 2 cabeças, mude para um Toshiba de 4. Você só evolui na vida se também tirar seu atraso de vídeo.



4 Quadro a quadro, veja tudo o que ele tem:

- Controle remoto infravermelho sem fio.
- Capacidade para sintonizar 117 canais em UHF e VHF.



- Tecla OTR, que permite com um único toque programar o vídeo para fazer gravações de até 4 horas automaticamente.
- Memória programável para gravação de 4 programas por dia em quantas semanas você determinar.
- Padrão High Quality: imagem mais clara e mais nítida.
- Back Up, um circuito que protege a memória caso falte energia.
- Possui duas velocidades (SP-EP) que permitem até 6 horas de gravação.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONEXÃO AMAZONAS

SEMP TOSHIBA

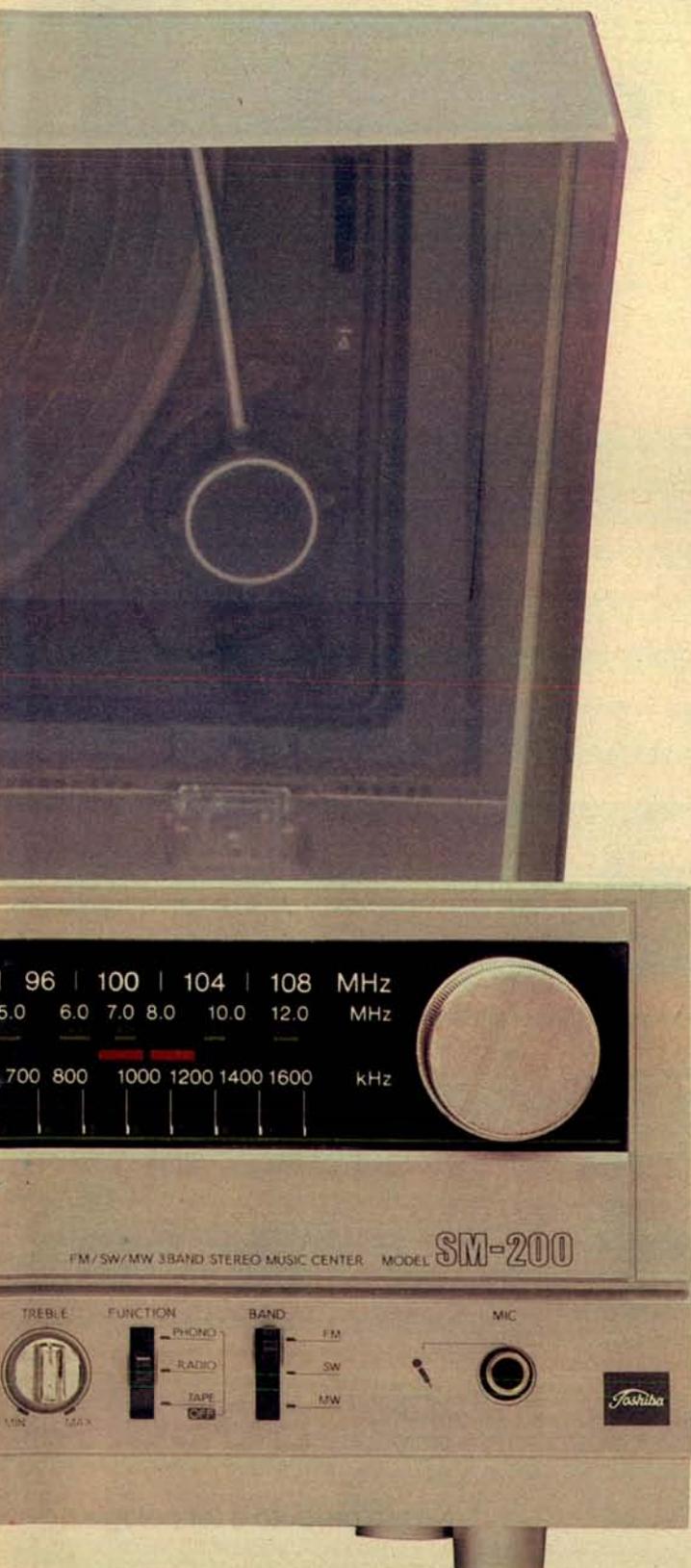
SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.

TOSHIBA

ELE CUSTA A METADE DE U FECHAR OS OLHOS NÃO VAI S



M SYSTEM. MAS SE VOCÊ ENTIR A MENOR DIFERENÇA.



TOSHIBA SM 200.

Pela metade do preço que você paga por um mero símbolo de status, você pode ter na sua casa o melhor equipamento de som: o Toshiba SM 200.

No Toshiba SM 200 você ouve seus discos, grava suas fitas e escuta suas FMs prediletas em som stereo e com 70 watts do mais puro som.

Só que o preço que você paga por ele custa bem menos do que você pagaria por um system com a mesma equivalência de potência de som.

Ou seja: o resultado final, que é o mais importante, é o mesmo. Um som de qualidade, gostoso de ouvir. A diferença é que você economiza uma grana sonora.

Pelo dinheiro que você gastaria, dá para comprar um Toshiba SM 200 e ainda levar uns 20 discos.

E, para quem gosta de ouvir boa música, esta é uma maneira muito mais inteligente de você investir seu dinheiro, é ou não é?

Você ainda tem 1 ano de garantia total e mais de 1000 postos de Assistência Técnica em todo o Brasil.

SEMP TOSHIBA

SEMPRE UMA SOLUÇÃO MELHOR.

PRODUZIDO
NA ZONA FRANCA
DE MANAUS
CORREIO DAMAZONAS

TOSHIBA

Papai, você é demais.



Det. Colin Bohrer

Homenagem das Ferramentas Elétricas Bosch a todos os pais.



BOSCH

Nosso produto é tecnologia.

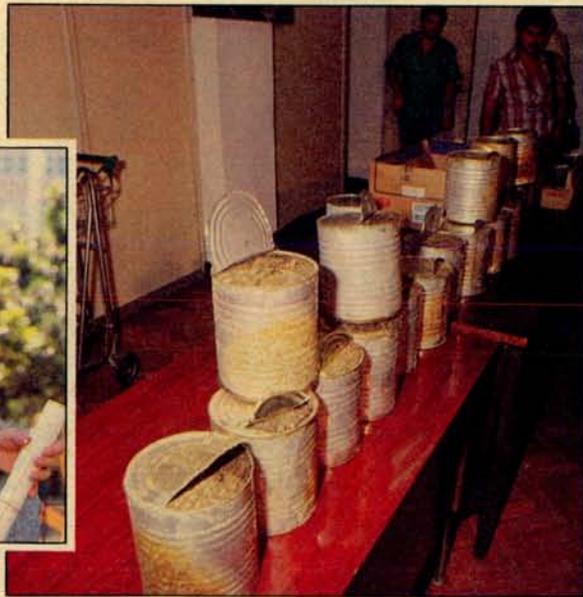
O fim das latas

Um assunto do verão passado vai virar fumaça

Um dos assuntos preferidos do último verão, um tema que esteve na boca de todos os freqüentadores das praias fluminenses e do litoral norte de São Paulo, arderá intensamente nas próximas semanas. As 4,5 toneladas de maconha encontradas dentro de 3 000 latas que aportaram no litoral brasileiro a partir de setembro do ano passado e que foram apreendidas pela Polícia Federal serão incineradas junto com 80 quilos de cocaína, apreendidos em outras ocasiões, em data a ser marcada. "Precisamos de um forno industrial para queimar tudo isso", diz o delegado Geovani Azevedo, da Polícia Federal. A maior parte das latas de maconha foi recolhida pelos freqüentadores habituais das praias e revendi-



Marcelo Carnaval
Marcos com sua camiseta e as latas apreendidas em 1987



Flavio Rodrigues

A partir daí ocorreu um fato estranho. A Marinha, a Polícia Federal e a Capitania dos Portos vasculhavam a costa brasileira à procura do iate, a respeito do qual já tinham informações, ao mesmo tempo em que o barco entrava tranqüilamente na Baía da Guanabara e atracava nas barbas da Marinha, da Capitania e da Polícia Federal. No cais, o líder da tripulação, o americano Archibald Taylor, sumiu com os outros marinheiros, deixando para trás apenas o cozinheiro Stephen Skelton, que foi preso pela Polícia Federal. A Justiça condenou toda a tripulação — julgada à revelia por não estar presente — a vinte anos de reclusão, e Skelton está, hoje, cumprindo pena no Presídio Ary Franco, em Água Santa, subúrbio do Rio de Janeiro.

O decorador Marcos Palma, 40 anos, baseou-se nessa história exótica para ganhar

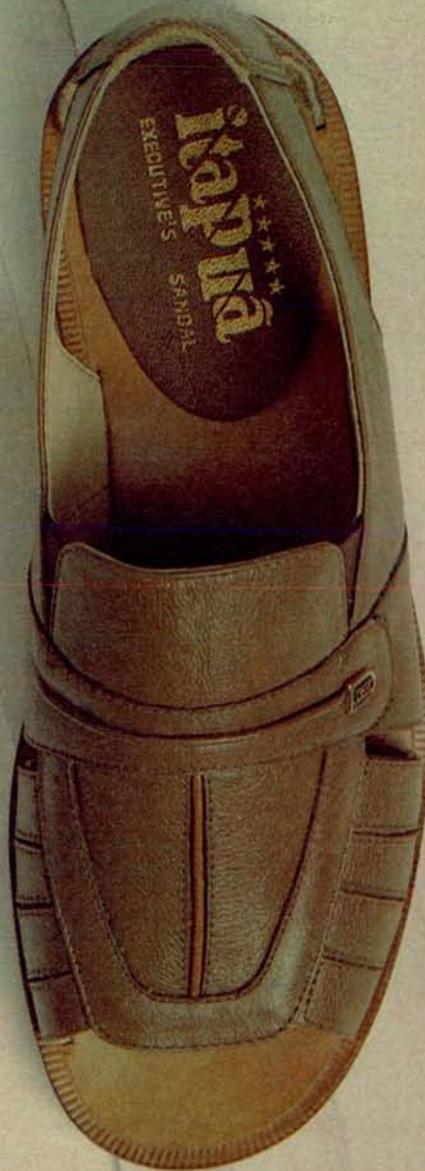
da por um preço menor aos consumidores da droga.

Essa estranha aventura começou em maio do ano passado quando o iate *Solana Star*, de bandeira panamenha, partiu da Austrália e parou em Cingapura para se abastecer com uma carga de 22 toneladas de maconha, distribuídas em 20 000 latas, lacradas a vácuo, através de um processo industrial. O destino da droga seria Miami, nos Estados Unidos, mas ao desconfiar que estava sendo investigada pelo DEA (Drug Enforcement Agency), órgão americano que cuida do combate ao tráfico de drogas, a tripulação do *Solana Star* — cinco americanos, um haitiano e um costarriquenho — se desfez das latas perto do litoral brasileiro. A carga foi lançada ao mar.

dinheiro de forma legal, lançando no mercado a "camiseta da lata", uma camisa comum de malha com o desenho de uma das latas que vieram nas ondas. "Como designer, achei a forma bonita — um cilindro raiado —, e o momento ideal", lembra Marcos. Vendidas a 650 cruzados por camelôs, nas praias e até na porta do Sambódromo, durante o *Hollywood Rock*, no início deste ano, as cerca de 1 000 camisetas estampadas por Marcos fizeram sucesso. "Quando estive pela última vez em Londres, vi uma pessoa usando uma delas", conta. Em certo momento, quando um vendedor foi detido por policiais que consideraram o produto um estímulo ao uso de drogas, houve motivo para alguma preocupação. Mas Marcos não se importou. "Afinal, a estampa é só uma lata aberta", argumenta. ●

CLÁSSICO MODERNO

TODO PAI
QUER CARINHO
E PROTEÇÃO.



MP



itapua

A SANDÁLIA
DO HOMEM.

Europa Com Os U.S.A. De Graça*?



Só Com A Pan Am.

Por que ir diretamente do Brasil pra Europa quando você pode ir pela Pan Am conhecendo Miami ou New York sem custos extras*? Aqui é muito mais inteligente não cortar caminho.

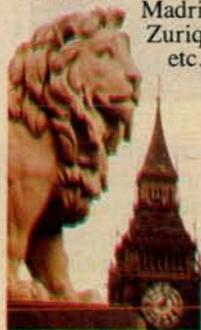


Só A Pan Am Chega A Tanto: Londres, Paris, Frankfurt, Roma, Tel Aviv E Muitas Outras Cidades Européias.

Nenhuma outra empresa aérea que sai do Brasil para a Europa oferece tantas

opções de chegada como a Pan Am. Além daquelas que a gente já disse, a Pan Am vai para Atenas, Berlim, Bruxelas, Viena, Estocolmo,

Madrid, Zurique, etc.



E você voa para todas essas cidades cercado de todo conforto, luxo e simpatia

EUROPA

que só a Pan Am sabe oferecer em suas três

classes: First, Clipper e Economy Class.



Só A Pan Am Oferece Outras Diferenças Após O Desembarque.

É só você descer em New York ou Miami, na ida ou na volta da Europa, pra você conhecer o outro lado da personalidade Pan Am: o programa "Palavra Mágica", que facilita

a sua vida nas cidades americanas, nos passeios, nas hospedagens, em tudo. Maiores detalhes desse sensacional programa você consegue com o seu Agente de Viagens. Ligue pra ele e vá arrumando as malas. Você fará uma viagem inesquecível com a Pan Am.

A única que põe os Estados Unidos no seu roteiro para a Europa sem cobrar nada* por isso.



São Paulo - Tel.: (011) 257-6655.
Rio de Janeiro - Tel.: (021) 210-3214.
Belo Horizonte - Tel.: (031) 201-9144.
Curitiba - Tel.: (041) 232-3419.
Brasília - Tel.: (061) 225-1035.

PAN AM

Número um para os Estados Unidos.

*As tarifas BHPX2M e BLPX2M não permitem paradas nos U.S.A., e as tarifas BHE3M e BLE3M permitem uma parada somente na viagem de volta.

O conforto Pan Am voa com o nosso combustível.



SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Você tem alguma dúvida sobre sua assinatura?

UTILIZE ESTES TELEFONES:

BELO HORIZONTE	Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h Fone: (031) 275-2255
BRASÍLIA	Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h Fone: (061) 226-6963
CURITIBA	Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30 Fone: (041) 263-3013
FLORIANÓPOLIS	Das 8h às 12h e das 14h às 18h Fone: (0482) 44-7980
GOIÂNIA	Das 9h às 11h e das 14h às 17h Fone: (062) 261-3311
PORTO ALEGRE	Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30 Fone: (0512) 33-9034
RECIFE	Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h Fone: (081) 224-0655
RIO DE JANEIRO	Das 8h às 18h (ininterrupto) Fone: (021) 295-5544
SALVADOR	Das 8h às 12h e das 14h às 18h Fone: (071) 247-1022
SÃO PAULO	Das 8h às 18h (ininterrupto) Fone: (011) 823-9222

VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?



Anote abaixo o seu novo endereço, cole a etiqueta, recorte este cupom e envie-o para: EDITORA ABRIL - ASSINATURAS Caixa Postal 11.830 - CEP 05090 - São Paulo - SP.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR.

Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos seu pedido.

Novo endereço: _____ CEP: _____ Telefone: _____
 Bairro: _____ Estado: _____ Roteiro: _____
 Cidade: _____ Entrega: _____

V5-1040 Não preencha este espaço.



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Sílvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

Veja

Revista Semanal de Informação

DIRETOR DE REDAÇÃO: José Roberto Guzzo

Diretor Adjunto: Elío Gaspari
 Redatora-Chefe: Dorrit Harazin
 Editores-Executivos: Mário Sérgio Conti, Tales Alvarenga
 Editores: Eurípides Alcântara, Fernando Pacheco Jordão, Okky de Souza, Paulo Moreira Leite, Vilma Gryzinski
 Editores-Assistentes: Alexu Nader, Angelica de Moraes, Carlos Dias, Daniela Charett, Debora Chaves, Eliana Sanchez, Fábio Altman Marcio Ferrari, Luciano Sussuna, Mario Rosa, Wagner Barreira

REPORTAGEM

Secretário de Redação: Julio César Barros
 SÃO PAULO - Adam Sun, Alete Salvador, Andrcia Dantas, Fabricio Marques, Fitima Cardoso, Hugo Studart, João Gabriel Santana Lima, José Eduardo Barrella, Lia Carneiro, Lourdes Sola, Marcelo Rollemberg, Neldson Marcolan, Paulo Sérgio Buscato, Sarah Coelho, Thales Guaracy, Walter Falseta Jr. - BRASÍLIA - Chefe: Laurentino Gomes, Editores-assistentes: Marco Cbaer, Odai Figueiredo Jr, Paulino Vapiana; repórteres: Eumano Silva, Expedito Filho, Marglene Galeazzi, Sandra Branco - Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9150, telex: (061) 1464 - RIO DE JANEIRO - Chefe: Alessandro Poreiro, Editores-assistentes: Ali Kamel, Mariza Tavares; repórteres: Aida Veiga, Artur Laranjeira, Dicolinda Saraiva, Elenice Bottari, Gustavo Vieira, Telma Mekler - r. da Passagem, 123, 9º andar, fone: 546-8282, telex: (021) 22674 - PORTO ALEGRE - Chefe: Marco Damiani; repórter: Thais Longen - av. Getúlio Vargas, 773, 3º andar, c. 302, fone: 33-2899, telex: (051) 1092 - FLORIANÓPOLIS - Correspondente: João Carlos de Paula - av. Osmar Cunha, 15, 1º andar, bloco C, conj. 101, fone: (0482) 22-7826, telex: (048) 1004 - CURITIBA - Chefe: Maria Luiza Mendes - r. Fernandes de Barros, 491, 1º andar, fone: 262-8942, telex: (041) 5278 - BELO HORIZONTE - Chefe: Ibsen Spartacus; repórter: Alexandre Fracal - r. Marília de Dirceu, 226, fone: (031) 275-2388, telex: (031) 1085 - SALVADOR - Chefe: Fábio Altman; repórter: Ademir Moutinho - r. Itabuna, 304, Rio Vermelho, fone: 247-3999, telex: (071) 1180 - RECIFE - Chefe: Eduardo Oliveira; repórter: Luis Falcao, Vanleek Santiago - av. Dantas Barreto, 1186, Ed. San Rafael, conj. 903/904, fone: 224-0977, assinaturas: 224-0655, telex: (081) 1184 - FORTALEZA - av. Santos Dumont, 3060, sala 418, fone: (085) 244-0410, telex: (085) 1607 - BELÉM - Chefe: Ronaldo Brasilense; repórter: Almer Jordani - av. Nazare, 272, sala 905, fone: (091) 224-2721, telex: (091) 2294 - NOVA YORK - Odílio Licetti - WASHINGTON - Flavia Sekles - PARIS - Guilherme Costa Manso, Pedro de Souza, Roberto Pompeu de Toledo - BUENOS AIRES - Mauricio Cardoso - ROMA - J. A. Dias Lopes

Colaborador: Luis Fernando Verissimo
 FOTOGRAFIA
 Editor: Jorge Rosenberg; Subeditora: Nellie Solitrenick; Fotógrafos: Antonio Ribeiro, Luis Dantas, Nani Gois (São Paulo); Flavio Cirio, Marcelo Carnaval, Oscar Cabral (Rio); Ari Lago, João Ramal, Ubirajara Dettman, (Brasília); Andre Penner (Belém); Gláudstone Campos (Belo Horizonte); Joel Rocha (Curitiba); Adolfo Gerchmann (Porto Alegre).

ARTE

Editor: Carlos Alberto Giannotti
 Subeditor: Pindaro Camarinha Sobrinho
 Diagramação: Alfredo Alberto Vaz, Carlos Mendes, Demétrios Thomas Sarantakos, Geraldo de Moura F., Sérgio dos Santos
 Ilustração: Fernando Ramos Sousa, Mauricio Tortelli, Norton Mattos, Osires Gianetti Jr., Silvio Macedo
 Produtora: Harumi Ishihara
 Produção Editorial: Gerente: Roberto Nogueira Gerosa, Supervisor: Luis Sergio Vasques, Secretárias-Chefes: Elvira Gago, Jô de Melo, Marcos A. Prestes, Milton Borgato, Pesquisadores: Alexandre Figueiroa, Araci dos Reis, Luis Estevam P. Ianhez, Mara Magaña, Revisores: Ana Maria Faustino, Ana Valéria Haddad, Clara Ywata, Gracina Ribeiro, Emanoel H. da Silva, Odria Freitas, Hilton Martins, Joseli N. Brito, M.ª Margarida Negro, Mauro Spolon, Sonia Alves, Verginia Helena Costa Rodrigues, Wagner Prado.

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press: Judith Baroni (gerente) - Nova York - Odílio Licetti - Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165 - Telex: 237670, Phone: (212) 575-5900/5993 - Paris - Pedro de Souza - 33, Rue de Miromenil, 8º arrondissement - 75008 - Paris, Tel. 42 66 31 18 - Telex: ABRILPA 660731 - Fax: simile - 42 66 13 99

Departamento de Documentação: Aura Rojas Barreto (gerente)
 Serviços Fotográficos: Pedro Martelli (gerente)
 Serviços Internacionais: Newsweek/Reuters/Associated Press/UPI/Matérias internacionais via Vang, Air France, Aerolíneas Argentinas

DIRETOR COMERCIAL: Antonio Sabino de Souza

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: René Luiz Cassettari
 Gerente de Publicidade SP: Eino Vergeiro
 Representantes: Angelo de Sá Jr., Flavio Couto de Magalhães, João Paulo P. de Oliveira, Luiz Carlos Stern, Maumilo Toni
 Gerente de Publicidade VEJA em SP: Julio Cesar Ferreira
 Gerente de Projetos Especiais: Eduardo Grana Russo
 Rio - Gerente de Publicidade: Claudio Bartolo; Representantes: Marco Antônio Saverino, Paulo Maurício de Souza, Paulo Renato Simões
 Gerente de Produção de Publicidade: João Carlos de Oliveira

CIRCULAÇÃO

Gerente: Ubirajara Romero
 ADMINISTRAÇÃO
 Gerente: Ismael José de Oliveira

GERENTES REGIONAIS

Belo Horizonte: Valtér Cruz Gonçalves; Brasília: Gilberto Amaral de Sá; Curitiba: Angelo A. Costa; Florianópolis: Geraldo Nilsson de Azevedo; Fortaleza: Ana Maria de Oliveira; Porto Alegre: Elcênio Engel; Recife: Edmilson R. de Oliveira; Campinas: Sérgio Germaldo (Supervisor); Ribeirão Preto: Intermedia; Salvador: Elizabeth Silveira (Supervisora)

ASSINATURAS

Diretor: José Antonio Soler
 Diretor de Atendimento: Eduardo Frezza
 Diretor de Vendas: Ulf Hollender
 Diretor de Marketing: Ascr Moraes
 Diretor de Criação: João Ventura Formos Neto

EDITORA ABRIL

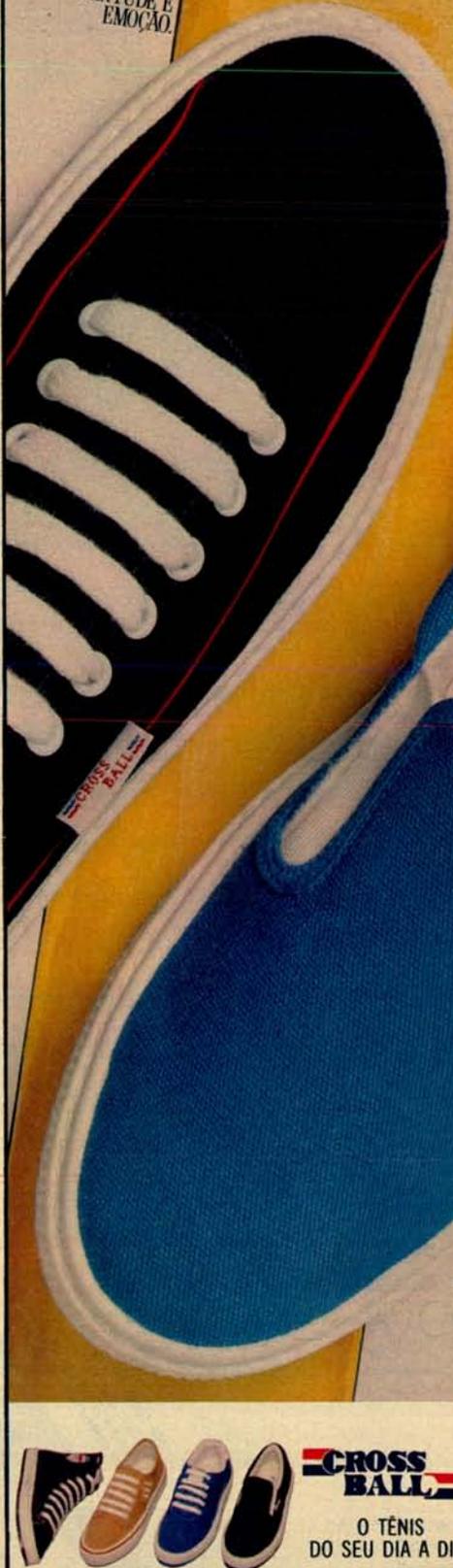
Diretor de Assuntos Corporativos: Guilherme Velloso
 Diretor de Marketing Publicitário: Julio Coa Jr.
 Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Flavio Gomes Guersoni
 Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Teófilo
 Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
 Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria
 INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES
 COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Washville, California 94082 - Telex: 33443 - Cables: GLOBADAL - TED STATES: Strubbe Coniglio Associates Inc. 112 Laurel Avenue, Lehighmore, New York 10836 (914) 934-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: MZI International Ltd. 28 Great Queen Street, London WC2B 3BB (01) 242-6346, Telex: 27105 HOLZAM G - FAX: 01-404-4276 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation Sunshokogyo Building 2-10, Kamata Jimbo-cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03) 230-41-178 - Telex: 26860 - Cables: REPJETIV

VEJA é uma publicação da Editora Abril S.A. Redação, Administração e Correspondência: Caixa Postal 11.830, CEP 05090-000, São Paulo, SP. Tel: (011) 823-9222. Para assinaturas: São Paulo, tel: (011) 22115, telex: (011) 22115, (011) 36293 e (011) 39855. São Paulo, telegramas: Abrepreza e Edlabre. Publicidade: Rua do Curume, 571, Bloco A, 5º andar, CEP 05065. Preço da assinatura: 32 semanas: R\$ 21.400,00. Departamento de Assinaturas: Rua do Curume, 569 - Bl. G, tel: 823-9222. São Paulo. Distribuição para assinantes: Distribuidora Irmãos Reis Ltda., São Paulo, 225. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva de entrega dos exemplares contratados em que para seu título dado motivo próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não foram entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das DTN verificada no período. Ao fazer sua assinatura, aceita a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Números atrasados: ao preço da última edição na banca, por intermédio de vendedor ou no departamento das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Chuaco, 132, Jardim Terço, CEP 06000, Osasco, SP, Telex (011) 33670 ABISA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

MODERNO CLASSICO

TODO PAI SONHA COM JUVENTUDE E EMOÇÃO.



CROSS BALL

O TÊNIS DO SEU DIA A DIA

CALÇADOS ITAPUÁ S.A.

Faça um bem para a pele da sua mãe.



HP 1816 - Philipsave Universal Voltage, com microtensão automática, funcionando entre 110V e 220V, sem precisar de regulagens.

HP 1800 - Philipsave Double Action, com lâminas de dupla ação, que possibilitam um corte muito mais rente.

PHILIPS



Medalhas para o Brasil



Dê um Philishave para o seu pai.



HP 1335 - Philishave recarregável com baterias parafusáveis internas que garantem o barbear por até 3 semanas, sem o fio.

HP 1822 - Philishave Tracer, com sistema pivot e duas versões de cores, preto e vermelho.

HOMEM QUE GANHA PHILISHAVE, A MULHER TAMBÉM SAI GANHANDO. É LÓGICO, ROSTO SUAVE E SAUDÁVEL NÃO IRRITA A CARAMEADE. PHILISHAVE É O MAIS AVANÇADO SISTEMA DE BARBEAR. ESCOLHA UM DESTES MODELOS PARA O DIA DOS PAIS. CARA QUE MAMÃE BEIJA, MERECE PHILISHAVE.

Philishave.
O sistema avançado de barbear.

PHILIPS

A VOLKSWAGEN E A FORD ESCOLHERAM SUPERMICROS EDISA.

A Ford e a Volkswagen, ao escolher a marca de computadores que iriam indicar aos seus distribuidores, procuraram quem melhor preenchesse vários requisitos de qualidade, tecnologia e serviços.

Todos os requisitos exigidos por elas foram preenchidos pela Edisa.

O **domínio tecnológico**, por exemplo, foi um deles. A Edisa é pioneira e líder no desenvolvimento e produção de supermicros no Brasil, trabalhando com tecnologia própria à altura das mais avançadas em todo o mundo.

Outro requisito plenamente atendido pelos equipamentos Edisa foi o **teleprocessamento**. Os supermicros ED-600 são perfeitamente conectáveis entre si, com PCs ou mainframes, o que

permite à rede de concessionários interligar-se aos CPDs da Ford e da Volkswagen.

A velocidade de **processamento** também influiu decisivamente na escolha da Volkswagen e da Ford. Desde 1981, a Edisa utiliza processadores Motorola MC-68000. Em 1984, passou a trabalhar com processadores de 10 MHz de frequência. Em 1986, adotou os 16,67 MHz, e hoje dispõe dos moderníssimos processadores de 25 MHz.

Isso permite grande agilidade no fluxo de informações entre as revendas e as montadoras.

Ao analisar a necessidade de preservar investimentos, a Volkswagen e a Ford levaram em consideração a total **compatibilidade** da Linha ED-600,

a nível de sistema operacional, linguagem e aplicativos.

A ampla biblioteca de software e manuais Edisa foi outro fator analisado pelas duas montadoras, já que permite oferecer uma ampla gama de **soluções** à rede nacional de distribuidores Ford e Volkswagen.

Para dar atendimento rápido e preciso a seus clientes, os concessionários precisavam também de um atendimento rápido e preciso em todo o País, garantido pelo **suporte permanente** de técnicos especializados da Edisa e por um moderno sistema de informações **on-line** ligado à matriz.

Finalmente, ao avaliar os equipamentos Edisa, a Volkswagen e a Ford levaram em consideração o extraordinário

desempenho da Linha ED-600, assegurado pela sua arquitetura, pelo processador central e pelo sistema operacional EDIX-5, desenvolvido e constantemente atualizado pela própria Edisa.

É por isso que distribuidores Ford e Volkswagen de pequeno, médio e grande porte já estão trabalhando com os supermicros da Linha ED-600.

Esses distribuidores integram-se a um parque de mais de 1.000 supermicros Edisa já instalados no País.

Se você quiser mais informações sobre esses e outros benefícios, procure um dos nossos escritórios. Com certeza, logo sua empresa estará entre tantas outras beneficiadas pela mais moderna e avançada tecnologia em supermicros no País.

EDISA

COMPUTADORES

DE PROFISSIONAIS PARA PROFISSIONAIS.

DIVISÕES - Marketing e Comercial - SP - Tel.: (011) 257-7788 • **MATRIZ** - Porto Alegre - RS - Tel.: (0512) 33-2144 • **FILIAIS** - Porto Alegre - RS - Tel.: (0512) 25-7166 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 257-7788 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (021) 210-2127 - Brasília - DF - Tel.: (061) 224-2116 - Belo Horizonte - MG - Tel.: (031) 221-8845 - Curitiba - PR - Tel.: (041) 233-7133 - Vitória - ES - Tel.: (027) 223-7928 - Florianópolis - SC - Tel.: (0482) 23-7133 - Recife - PE - Tel.: (081) 224-9897 - Salvador - BA - Tel.: (071) 358-7436



Carta ao Leitor

Como se vive com Aids? Como é morrer de Aids? Ao longo dos últimos dois meses, uma parte da reportagem de VEJA foi mergulhar no sombrio universo de homens, mulheres e crianças portadores do vírus da Aids para tentar retratar o dia-a-dia daqueles que tiveram sua morte anunciada por um teste sanguíneo. As primeiras investidas não foram fáceis. Marcados pela densa cortina de discriminação que irradiam a sua volta, os pacientes, em sua maioria, aprenderam a duras penas que o melhor é calar e se esconder. Coube à equipe de repórteres de VEJA fazer o seu próprio aprendizado de como se aproximar, sem ameaçar, como ouvir, sem ferir ainda mais. Em São Paulo, os repórteres Walter Falceta Júnior e Lourdes Sola, acompanhados do fotógrafo Luís Dantas, fincaram acampamento no pavilhão dos aidéticos do Hospital Emílio Ribas — hoje, o maior centro de internamento de portadores do vírus HIV em todo o mundo. Ali, acompanharam ao longo de semanas o extenuante, tenso e notável trabalho dos médicos, enfermeiros, psicólogos, atendentes, faxineiros, cozinheiros e demais profissionais que convivem diariamente com pessoas condenadas a morrer. Foi ali, também, que conquistaram a confiança dos



JORGE ROSENBERG



Eurípedes (ao alto), Dantas (esq.) e Lourdes (dir.) no Emílio Ribas

pacientes, podendo acompanhá-los em suas diversas maneiras de enfrentar o combate. Foi um mergulho fundo na essência da vida.

“Essa cobertura fotográfica teve um aspecto inédito para mim, pois nunca imaginei que fosse me convencer — e aos pacientes — de que para vencer o preconceito e o estigma da Aids o melhor que poderia ocorrer a eles era deixarem-se fotografar abertamente. Fotografados de costas, eles continuariam párias da sociedade. Vistos de frente, são pessoas”, diz Dantas, de 27 anos. “É emocionante a luta dessa gente que vê a morte de perto”, observa o baiano Ademir Monteiro. “Foi uma das coberturas mais marcantes de que já participei”, conta Artur Laranjeira, 44 anos, que cuidou da parte carioca da reportagem. O editor Eurípedes Alcântara, que coordenou e deu texto final à reportagem de capa, conclui:

“Participei de todas as reportagens sobre Aids que a revista produziu desde que a doença tornou-se alarmante”, diz ele. “Pensei que esta fosse apenas mais uma boa história, mas me enganei. Nunca antes havíamos conseguido decifrar de forma tão emocionada os sentimentos que invadem a alma de alguém que vê a morte de perto.”

Índice



CAPA

Uma incursão no cotidiano dos maiores hospitais de Aids do país mostra uma face inédita da doença.

Pág. 66



BRASIL

No artigo 5.º, a Constituinte garante as mais amplas liberdades públicas da história das Constituições do país.

Pág. 38



INTERNACIONAL

O presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, adota um novo plano para combater a inflação, que chegou a 25% em julho.

Pág. 50

AMBIENTE

Um incêndio gigantesco destrói metade dos 1 000 quilômetros quadrados do Parque Nacional das Emas, em Goiás.

Pág. 94



ECONOMIA

Os cartões de crédito são cada vez mais usados como arma contra a inflação — e o comércio tenta fugir do prejuízo.

Pág. 106



TELEVISÃO

O Primo Basílio, de Eça de Queiroz, vira uma notável minissérie, com a atriz Giulia Gam à frente do elenco.

Pág. 142



ARTE	148
CARTAS	12
CINEMA	123
COTAÇÕES	113
DATAS	105
EDUCAÇÃO	80
EM DIA	31

ENTREVISTA	5
GENTE	84
LIVROS	135
LUIS FERNANDO VERISSIMO	23
MODA	88
MUSEUS	115

MÚSICA	129
OLIMPIADA	63
POLÍCIA	91
PONTO DE VISTA	150
RADAR	49
SAÚDE	101
VIDA MODERNA	86

Um presente no capítulo das liberdades

A Constituinte aprova as mais amplas garantias públicas da História do país

A Constituinte, vista com desconfiança pelo presidente José Sarney e com um pouco de enfado por brasileiros que consideram seus trabalhos muito demorados e detalhistas, deu na semana passada uma das melhores notícias do ano ao país. Soube-se, pelo placar eletrônico da Assembléia, que a parte mais decisiva do capítulo das liberdades públicas e individuais terminou aprovada sem polêmicas pelos parlamentares. Isso significa que o Brasil já tem definitivamente uma tábua de regulamentos democráticos para gerir a vida de seus cidadãos em alguns de seus aspectos

mais essenciais. A novidade torna-se melhor ainda num país açoitado por más notícias em outros setores e, durante vinte anos, escorado contra a vontade numa Constituição antidemocrática como a de 1969, que foi decretada à força por três constituintes de farda — o general Aurélio de Lyra Tavares, o almirante Augusto Rademaker e o marechal Márcio de Sousa e Melo, membros da junta que presidia o Brasil durante o período de anarquia militar instaurado no país em 1969.

Há uma terceira qualidade na aprovação do texto da Carta na semana passada. Trata-se da melhor defesa das liberdades



Metalúrgicos na semana passada, no...



1968: estudantes contra um muro...



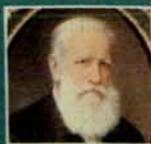
DOM PEDRO I

1822 — 1831
No início do governo, dom Pedro I aboliu a censura à imprensa e proibiu prisões sem culpa formada. O imperador convocou uma Assembléia Constituinte, mas, pouco mais tarde, fechou-a e endureceu o regime.



REGENTE FEIJÓ

1831 — 1840
O período regencial, que começou com uma anistia política, foi marcada por levantes contra o governo. O regente Feijó proibiu ajuntamentos noturnos e suspendeu algumas garantias constitucionais.



DOM PEDRO II

1840 — 1889
Durante o Segundo Império, havia direitos e garantias individuais e coletivos para homens livres. Para os escravos, restavam os castigos, o cativeiro e o trabalho forçado.



FLORIANO PEIXOTO

1889 — 1930
A República Velha, iniciada sob os quepes de Deodoro e Floriano, foi um período em que os direitos individuais e coletivos valiam apenas para a aristocracia. Entre 1922 e 1926, viveu-se sob estado de sítio. Último presidente da fase, Washington Luís achava que a questão social era caso de polícia.



GETÚLIO VARGAS

1930 — 1944
Durante a era Vargas, as liberdades públicas encolheram. A Revolução de 30 começou com liberdades mais amplas que as da República Velha. Depois da Intentona Comunista de 1935, Vargas iniciou uma fase de endurecimento que terminou na ditadura em 1937. Sua polícia política prendeu e torturou.



...Congresso: apoio aos direitos aprovados



...no Rio de Janeiro, na ditadura do AI-5

ARI LAGO

AG. JB

públicas e individuais já escrita numa das oito Constituições brasileiras. “Nesta parte, é o melhor texto da história de nossas Constituições”, aprova o jurista Raymundo Faoro. “O que estamos aprovando neste campo já justifica o fato de ter sido feita uma Constituinte”, diz o senador Carlos Chiarelli. É no capítulo dos direitos e garantias individuais e coletivos que uma Constituição assegura coisas básicas ao cidadão — que não serão torturados por combater os donos do poder no momento, que poderão fundar partidos políticos se assim o desejarem, que seus sindicatos não serão fechados por incomodar o governo ou que seus jornais ou suas TVs divulgarão livremente qualquer tema.

DICIONÁRIO MARXISTA — Pela simples observação de sua História, os brasileiros sabem que um texto legal pode ser simplesmente rasgado em momentos de ruptura institucional, como ocorreu com a Constituição do Império, em 1891, com a Carta de 1934, três anos depois, ou com o texto de 1946, no momento em que os militares passaram a sentar-se na cadeira de João Goulart, a partir de 1964. No entanto, o fato de que se produz atualmente um texto de conteúdo mais democrático que os anteriores já é um bom sinal em si — um reflexo do clima de liberdade de que o país desfruta no momento, num grau que nunca se alcançara até agora (veja quadro abaixo). “O país vive seu maior momento de liberdade”, é o primeiro a apregoar o próprio presidente José Sarney, quando o azucrinam com conversas sobre inflação, déficit público ou dificuldades com seus ministros.

Pode-se alegar que o grau de liberdades públicas do governo Juscelino Kubitschek não era menor que o de hoje. Não era — exceto para uma faixa específica de interesses que atualmente recebe proteção maior: os partidos comunistas, que vivem na legalidade. Para quem não é comunista, isso pode parecer uma diferença irrisória, mas para um militante como Salomão Malina, que todos os dias comparece ao seu escritório, no Rio de Janeiro, para despachar como secretário-geral do PCB, debaixo de uma faixa onde estão a foice e o martelo, essa diferença é tudo. Na semana passada, Armando Falcão, o homem que em 1976, como ministro da Justiça, proibiu uma apresentação do balé Bolshoi pela televisão — apenas porque o corpo de baile era russo —, deu um dicionário marxista ao ex-presidente Ernesto Geisel, que fazia 81 anos. Na dedicatória, Falcão definiu-se como um “antimarxista convicto”.

Do ponto de vista do clima geral de liberdade, o fenômeno positivo não está no gesto de Falcão, mas sim na possibilidade de que os marxistas têm hoje em dia de comprar o dicionário sem receio. Geisel, que provavelmente não compraria o livro, tem a ver com a maneira natural com que atualmente uma obra desse tipo é encarada, até mesmo por um antimarxista militante como Armando Falcão. O processo de reconquista das liberdades públicas acelerou-se a partir de 1984, mas sua trava foi retirada a partir de 1976, por Geisel, com o fim da censura e, em seguida, a demissão do general Ednardo D’Ávila Mello do co-



JUSCELINO KUBITSCHEK

1945 — 1964

É a fase mais longa de liberdades públicas já vivida pelo país. O PCB ficou na legalidade por quase dois anos. A imprensa era livre e a questão social passou a ser um caso para patrões, empregados e governo. No governo de Juscelino, o país alcançou o sonho de crescer com liberdade.



CASTELLO BRANCO

1964 — 1968

Após dezenove anos de democracia, a sociedade voltou a conviver com restrições à liberdade. O governo Castello Branco assinou cassações políticas e acabou com a liberdade partidária. Criou-se a eleição indireta para governadores e presidente da República.



GARRASTAZU MEDICI

1968 — 1976

O país mergulhou no seu período mais negro. No governo Médici, a censura calou os jornais e a TV por todo o país. Manifestações contra o regime foram reprimidas com violência. O Estado montou o seu aparelho repressivo para prender e torturar opositores.



ERNESTO GEISEL

1976 — 1984

Iniciou-se um processo de recuperação das liberdades. Em 1976, caiu a censura à imprensa, enquanto o presidente Geisel abriu combate contra os porões do regime. Caiu o AI-5, o Congresso aprovou a anistia e o fim do bipartidarismo.



JOSE SARNEY

1984 — 1988

O país desfruta o seu melhor período de direitos individuais e coletivos. A imprensa é livre, os partidos comunistas estão na legalidade e a Constituinte ainda alarga mais os avanços anteriores. Mas os Urutus saem à rua em certas greves.



Goffredo em São Paulo, em 1977: "Carta aos brasileiros"



A campanha das diretas já: na ante-sala da Constituinte

mando do II Exército, em São Paulo, no primeiro golpe decisivo contra a violência que vicejava nos porões do regime.

FIM DA CENSURA — Na semana passada, os constituintes aprovaram 27 incisos do artigo 5.º da nova Carta — todos eles tópicos referentes à garantia de liberdades públicas e individuais — e nesta semana o trabalho continua com a aprovação, tida como tranqüila, de outros cinquenta itens. Na rodada já feita, proibiu-se a censura, garantiu-se a liberdade de associação e de manifestação do pensamento e definiu-se como inviolável a comunicação telefônica — o que coloca o SNI desde já numa situação delicada. Nesta semana, serão votados itens como o habeas-corpus, o habeas-data (que garante às pessoas acesso a documentos e arquivos que falem dela), o mandado de segurança coletivo e a necessidade de ordem judicial nas prisões.

Garantias como o habeas-corpus parecem proposições óbvias, já que ninguém duvida de sua importância como ferramenta legal de proteção do cidadão contra abusos de autoridades. Trata-se porém de uma daquelas coisas simples, como a água, que se tornam mais eloqüentes na ausência. Sob a Constituição de 1969 e o AI-5, suprimiu-se o habeas-corpus para presos políticos e, ao mesmo tempo, permitiu-se a incomunicabilidade desses presos com seus familiares e advogados. Examinando-se a situação com olhos de marciano, pode-se imaginar que o Estado cortava liberdades com o nobre propósito de aumentar sua eficiência no combate à ilegalidade. A verdade constrangedora é que o

Estado fazia isso para que seu aparelho repressivo pudesse funcionar mais à vontade à sombra da ilegalidade. Numa situação em que o preso não podia ser libertado através do habeas-corpus nem falar com visitantes, estavam criadas todas as condições para que ele fosse torturado sem problemas.

SOCIEDADE CIVIL — Novidade no Direito brasileiro, o mandado de segurança coletivo permitirá, por exemplo, que uma associação de moradores entre com ação na Justiça em defesa de todos os seus integrantes. Na prática, essa medida fará com que 10 000 mutuários da Caixa Econômica Federal possam reunir-se numa única ação contra a carteira de habitação. Atualmente, para levar uma briga como essa, esse grupo teria de entrar com ações separadas, que seriam também examinadas separadamente, num processo muito mais demorado — e numa ofensiva muito menos forte.

Uma outra novidade, o mandado de injunção, serve para garantir a aplicação de

direitos existentes na Constituição que estejam ainda à espera de regulamentação. Na prática, esse dispositivo pode permitir que um trabalhador demitido sem justa causa entre na Justiça em busca de uma recompensa financeira pela perda do emprego, já que a Constituição determina que uma lei complementar irá prover uma indenização compensatória. Além disso, esse dispositivo funciona como um instrumento de pressão para a regulamentação de todas as decisões constitucionais no menor prazo possível. "Com essas medidas, a Constituinte está reconhecendo o poder da sociedade civil", afirma o jurista Miguel Reale Júnior, que assessora o deputado Ulysses Guimarães.

Na verdade, o produto final da Constituinte, no que se refere às liberdades públicas, é muito mais que o reconhecimento do poder da sociedade civil. Caminha-se, no plenário de Brasília, para a elaboração de uma democracia recheada com elementos que permitem uma maior atuação popular. "A Constituição não pode ser examinada apenas por este capítulo dos direitos individuais", alerta o professor José Alfredo de Oliveira Baracho, de Direito Constitucional da Universidade Federal de Minas Gerais. "No texto, existem ainda o referendo, a iniciativa popular e a ação popular — mecanismos que trazem um maior número de direitos à sociedade que a ela caberá mantê-los."

MANDADOS DE PRISÃO — Há também um tema erroneamente polêmico na pauta de votações desta semana: a decisão já tomada no primeiro turno de votações de só se permi-



O deputado Bernardo Cabral: muito trabalho na Carta

OLIVANDO BRITO

JOÃO RAMIRO

tir a prisão de uma pessoa em flagrante ou com a autorização de um juiz, como aconteceu recentemente no Rio de Janeiro, durante a chamada Operação Mosaico-2, na qual o juiz Alberto Motta Moraes expediu 128 mandados de prisão contra traficantes, assinando-os um atrás do outro, numa mesma noite. Os adversários dessa cautela, como o presidente José Sarney, temem que a coibição ao crime se torne mais difícil e crie um clima de impunidade por toda parte. No entanto, os constituintes apenas tratam de civilizar os costumes policiais no país, pois é muito mais fácil encontrar e punir um juiz que assine mandados de prisão levemente contra pessoas honestas do que encontrar o soldado da PM que sai para sua ronda disposto a encarcerar todo mundo que esteja sem documento no bolso.

Numa Carta acusada de conter itens tão minuciosos quanto um código de trânsito, encontram-se defeitos também no capítulo das liberdades individuais e coletivas. Num deles, pretende-se declarar imprescritível e não passível de anistia o crime de tortura. A intenção é boa, mas esse dispositivo pode funcionar como um convite ao torturador para cometer outro tipo de crime, matando a vítima, já que como assassino poderá esperar pelo benefício da prescrição e da anistia. Entende-se porque essas franjas são adicionadas ao corpo da nova Constituição — a razão é o medo. “Há dois séculos já se dizia que os ditames das constituições sobre direitos e garantias individuais simbolizam uma revolta contra violações do regime anterior”, afirma Rosah

Russomano, presidente do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional. “Na nova Carta, o exemplo mais claro disso são os itens contra a tortura”, diz Rosah.

FUNÇÃO SOCIAL — Outro ponto discutível é a declaração de que a propriedade deve atender sua função social. “Existe um tipo de propriedade privada que tem função social e deve exercê-la, mas há outros que não têm, como um quadro na parede da sala”, diz o professor paulista Goffredo da Silva Telles Júnior, que em 1977 produziu um documento famoso, “Carta aos brasileiros”, exigindo a convocação de uma Constituinte no país. Segundo Goffredo, se não se traça uma linha clara entre o que tem ou não função social, o resultado será uma sucessão de problemas, como ocorreu durante a festiva e bisonha caça ao boi gordo nos tempos do Plano Cruzado. Como faltava carne na praça, o governo decidiu que bois de certo peso tinham função social — e partiu para a captura.

Mas, para personagens como Goffredo,

que fez campanha por uma nova Constituição, o deputado Bernardo Cabral, que trabalhou nela como seu relator, e o deputado Ulysses Guimarães, que chega ao fim dos trabalhos como o grande defensor do documento diante das investidas do Executivo, o texto em fase final de elaboração em Brasília tem muitas qualidades naquilo que oferece aos brasileiros como avanços. A posse de uma Carta como esta não garantirá uma democracia perpétua nem soluções para uma montanha de problemas no país, mas ela dará sustentação e reforçará as liberdades de que os brasileiros já dispõem. Quem pensa nas ditaduras como fases problemáticas apenas para uma minoria de agitadores barateia a essência de um regime de força. Durante a vigência do AI-5, o senador José Sarney foi vetado quando se apresentou como candidato a estagiário da Escola Superior de Guerra e o ministro Delfim Netto, poderoso comandante da Pasta da Fazenda, já era objeto de investigação do SNI, que fez um dossiê sobre ele na tentativa de evitar que chegasse ao

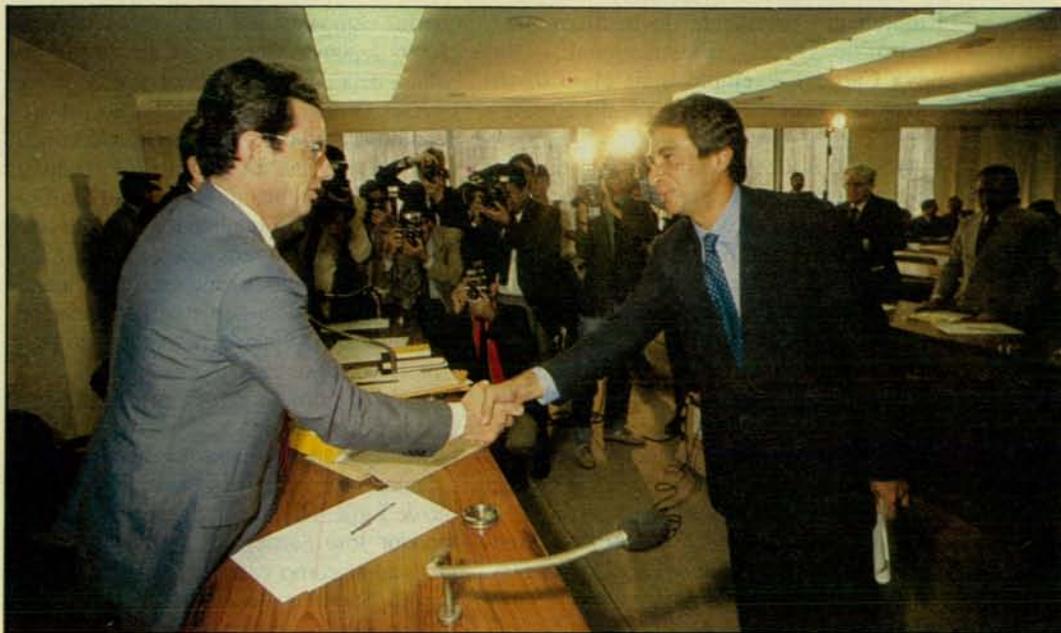
governo de São Paulo. Sob o cobertor desse regime, um alcagüete do Centro de Informações do Exército como Alexandre von Baumgarten amanhecia com um tiro na cabeça, um bispo conservador como dom Eugênio Salles tinha seus telefones grampeados no Rio de Janeiro e um empresário como Roberto Marinho, dono da Rede Globo, via estourar uma bomba em sua casa, sabia quem a colocara ali — e nada podia fazer. No regime do AI-5, a elite apenas não foi perder sangue no DOI-Codi. ●



O deputado Ulysses Guimarães: trabalho com 1 844 emendas



Os três constituintes de 1969: o general Lyra Tavares, o almirante Rademaker e o marechal Márcio de Sousa e Melo



FOTOS: ARI LAGO

O relator Chiarelli e Murad, na CPI: cumprimento amável na chegada e poucas revelações

SENADO

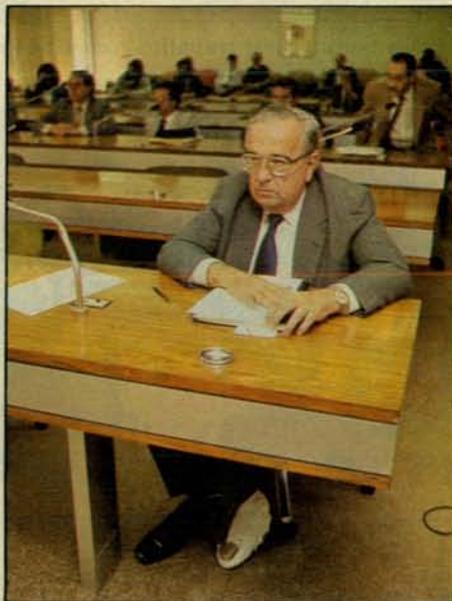
Discreto e mudo

Secretário de Sarney vai à CPI da Corrupção, que chega ao fim sem recolher provas contra corruptos

O presidente José Sarney chegou a se classificar como vítima de "terrorismo moral", quando, em abril último, um grupo de senadores decidiu convocar seu ex-genero e secretário particular, Jorge Murad, para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga casos de corrupção no governo. Temeu-se na época por um confronto entre o Palácio do Planalto e o Congresso, enquanto pairou no ar uma promessa de revelações estarrecedoras sobre os bastidores do poder. Na quarta-feira passada, Jorge Murad, 34 anos, um descendente de libaneses nascido em São Luís do Maranhão, esguio, bem vestido e discreto como uma carmelita, compareceu finalmente ao Senado para enfrentar um interrogatório na CPI da Corrupção — e a sabatina revelou-se decepcionante para quem esperava ouvir histórias constrangedoras sobre o Palácio do Planalto. "As provas que temos indicam que Jorge Murad detém ou detinha mais poder do que deveria", diz o senador Carlos Chiarelli, relator da CPI. Descobriu-se ainda, no depoimento de Murad, que o presidente Sarney pode ter liberado verbas para programas do ex-ministro do Planejamento Aníbal Teixeira sem a cobertura de fundos no orçamento.

A coleta de material para crucificar Sar-

ney e seu governo não foi, portanto, excitante. Mas, como tem ocorrido desde que a CPI começou, em janeiro deste ano, suas audiências mostram que existe algum problema em algum lugar. Acumularam 10 500 páginas de papéis, fizeram muito estardalhaço, mas as investigações não produ-



Camillo Calazans: novas acusações

ziram nomes de corruptos que possam ir para a cadeia. O acusado mais óbvio em toda a CPI, o ex-ministro Aníbal Teixeira, teve sua atuação levantada pela Polícia Federal e não pela comissão do Senado. Na semana passada, era a própria Polícia Federal, outra vez, que se encarregava de acrescentar mais um elemento às acusações contra Aníbal, num caso de liberação de verbas da Seplan para a cidade fluminense de Valença. Até agora, o ex-ministro era citado como pessoa que facilitara a ação de amigos na obtenção de dinheiro público de forma criminosa. "Tenho pleno convencimento de que o senhor Aníbal Teixeira praticou crime nesse caso", reforçava, na quinta-feira, o delegado Alcione Serafim Santana, da Polícia

Federal, ao entregar a última parte do seu relatório.

TENTATIVA DE IMPEACHMENT — Os senadores terão provavelmente muita dificuldade de encaminhar-se para a meta que está em seus sonhos. Eles querem — nada menos — decepar a cabeça do presidente José Sarney. "Houve diversos crimes de responsabilidade do presidente e de seus ministros", afirma o senador José Ignácio Ferreira, presidente da CPI. "Podemos pedir o impeachment do presidente", ameaça o relator Chiarelli, referindo-se ao dispositivo parlamentar que permite ao Congresso decretar o presidente impedido de exercer suas funções, por motivos relevantes. Essa é uma doença das CPIs — elas prometem mais do que cumprem, para descrédito delas próprias.

Na sessão em que Jorge Murad foi interrogado, depois de meses de suspense, ficou claro que nada havia de concreto contra o secretário particular do presidente da República, que sempre teve poder nas mãos, como acusa Chiarelli, mas nunca foi culpado por isso. Ministros da Fazenda, como Dilson Funaro e Luiz Carlos Bresser Pereira, costumavam passar por sua sala, mas tomavam esse caminho por iniciativa própria, interessados em saber o que o presidente Sarney pensava a respeito de determinadas questões. Murad também encontra-se freqüentemente com empresários e, se fala em nome do seu chefe José Sarney nessas ocasiões, está apenas agindo a pedido. Heitor Ferreira de Aquino, secretário particular dos ex-presidentes Geisel e Figueiredo, por uma contingência da época e do cargo, saiu com a imagem de desempenhar suas funções com certa arrogância. No caso de Murad, seu problema foi lidar com verbas.

“DECRETO SUSPEITO” —

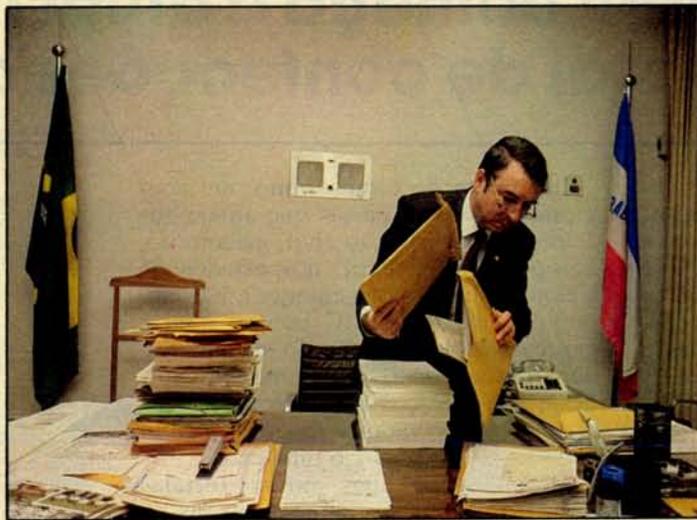
Durante o tempo em que a CPI rondou-o, respirava-se na comissão um ar persecutório. Mesmo sem qualquer corrupto claramente revelado por seus trabalhos, a CPI abriu enormemente sua pauta de investigações e chegou a viajar até a cidade natal de Sarney, Pinheiro, no Maranhão, para buscar provas de corrupção municipal facilitada pelo Palácio do Planalto. Na quarta-feira passada, mais um de uma longa fileira de depoentes, o ex-presidente do Banco do Brasil Camillo Calazans, aproveitava a oportunidade para deixar também na CPI a sua acusação. Ele contou que,

em novembro do ano passado, Sarney baixou um decreto estabelecendo que as verbas públicas para fins de investimento deviam ser depositadas em entidades financeiras públicas federais. Em dezembro, novo decreto suprimiria a expressão “públicas federais” — e alguns recursos escoaram para bancos privados. “É um decreto suspeito”, diz Calazans.

No depoimento de Jorge Murad, o senador Roberto Campos, que não faz parte da comissão, inverteu o alvo das denúncias. “Antes de lançar sua fúria contra a corrupção, o Legislativo deve conter a sua própria, que existe”, provocou o senador. “Aqui, há trens da alegria e a construção de um anexo para o Senado que em nada vai ajudar a população”, exemplificou Campos. Jorge Murad, duro de tensão em sua cadeira durante o depoimento inteiro, no qual deu as respostas mais curtas possíveis, sorriu uma única vez quando Campos fez sua interferência — para um depoente de CPI, portou-se como um mudo. “Esta CPI”, finalizou o senador, “cria escândalos na imprensa e despesas para o contribuinte, sem com isso melhorar a imagem do Congresso.” Seria mais próprio dizer que a CPI age como a Polícia Federal, que, em busca de traficantes de cocaína — que existem —, revistava todos os passageiros de vôos internacionais em vários aeroportos brasileiros na última sexta-feira.

Em sua investigação, a CPI da corrupção levantou algumas trilhas, além dos casos de Aníbal Teixeira e da história contada por Camillo Calazans. As principais são estas:

■ Reajuste de contratos governamentais com empreiteiras,



José Ignácio: 10 500 papéis e nenhum corrupto apontado

congelados durante o Plano Cruzado. Num decreto assinado por Sarney e por Funaro em abril de 1987, reajustaram-se contratos a partir de novembro de 1986 — ou seja, retroativamente —, em plena vigência do Plano Cruzado. Não se descobriu até hoje o autor desse decreto.

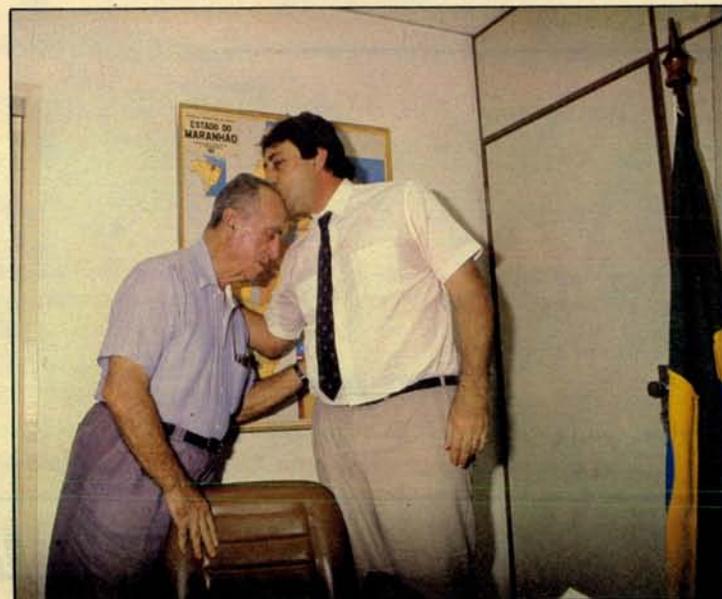
■ Favorecimento de armadores com verbas públicas. Em dezembro passado, um decreto do governo elevou de 14% para 50% a participação dos estaleiros privados no Fundo da Marinha Mercante, formado com um imposto cobrado pelo governo. Assim, os armadores, que vinham recebendo cerca de 100 milhões de dólares anuais para a compra de navios, passaram a receber 350 milhões de dólares — um quarto dessa bolada a fundo perdido.

Fora da Constituinte, mas na mesma direção, a *Folha de S. Paulo* publicou na semana passada uma reportagem segundo a qual um empréstimo de cerca de 250 000 dólares,

ou aproximadamente 63 milhões de cruzados, feito pelo Banco do Brasil à TV Mirante, pertencente aos três filhos do presidente José Sarney, está sendo pago por anúncios do banco na própria televisão. O empréstimo, contraído há dois anos, previa o pagamento em oito anos de prestações semestrais, com a correção pela variação do dólar.

Na semana passada, viu-se no depoimento de Jorge Murad que nem Sarney tinha razão para opor tantas barreiras emocionais ao comparecimento de seu secretário particular ao Senado nem os senadores para esperar com tanto empenho o momento de inquirir o funcionário mais

chegado ao presidente. “Jorginho não se casou com Roseana, casou-se comigo”, costumava dizer Sarney para expressar a afeição que tinha pelo genro. Hoje, Jorge e Roseana estão separados, mas as famílias conservam laços fortes. Murad, separado desde meados do ano passado, continuou a morar por algum tempo com os sogros e permanece ao lado do gabinete do presidente na mesma função. Sua irmã, Teresa, é casada com o filho mais velho de Sarney, Fernando, presidente das Centrais Elétricas do Maranhão, onde na semana passada a CPI era vista com desconfiança por todos os parentes do depoente, especialmente seu pai, o empresário Jorge Murad, e seu irmão, Ricardo, presidente da Assembléia Legislativa. Em Brasília, depois do seu depoimento, Murad mostrava-se tranquilo. “Me acusam de ser eminência parda”, dizia ele. “Mas eu seria um imbecil se fosse pedir a alguém para cometer ilegalidades que pudessem ser atribuídas a mim”, afirma. ●



O pai, Jorge, com Ricardo Murad (esq.), e Roseana com Fernando Sarney e Beth Murad



Uma nova força começa a atuar no segundo pólo industrial de confecções do Brasil.

O Estado do Ceará, segundo pólo industrial de confecções do Brasil, acaba de consolidar essa posição com a inauguração de sua mais avançada e moderna fábrica de jeans: a CIC - Companhia Industrial de Confeccões, que comercializará calças, bermudas e saias com a exclusiva marca Weaver.

Instalada numa área de 18 mil metros



quadrados, a nova fábrica do Distrito Industrial de Fortaleza, tem capacidade para produzir 80 mil peças/mês.

Integrante do Grupo Pinto, um conglomerado de empresas que atuam nos setores de construção civil, madeireiro, agropecuário e têxtil, nos estados do Ceará e Maranhão, gerando 2.500 empregos diretos; a CIC contou com a expressiva participação do sistema Sudene/Finor e do BNB - Banco do Nordeste nos maciços investimentos realizados, que somaram Cz\$ 1,6 bilhões.

Suas novas instalações foram visitadas na semana passada pelo governador do Ceará, Tasso Jereissati, acompanhado do Presidente em exercício do Banco do Nordeste, Agnelo Alves, secretários de Estado e jornalistas especializados, que percorreram toda a fábrica observando principal-

mente o seu dinâmico fluxo de produção.

O Diretor Presidente da CIC, empresário Hermínio Pinto, apresentou aos visitantes a nova investida do seu grupo; a implantação no Distrito Industrial de São Luiz, no Maranhão, de uma grande e moderna fábrica de fios, a CIFITEX - Companhia Industrial de Fios Têxteis, onde serão investidos cerca de US\$ 15 milhões, também com o apoio do sistema Sudene/Finor e do BNB - Banco do Nordeste.



Com o pleno funcionamento da CIC no Ceará, o segundo pólo industrial da confecções do Brasil firmará mais do que nunca a sua posição conquistada no mercado.



JEANS
weaver

Companhia Industrial de Confeccões

Rua Leste 5, 1.000 - Tel.: (085) 215-2111
Distrito Industrial de Fortaleza
Maracanaú - Ceará

Velhos rivais

Maluf e Montoro disputam cargo de Jânio

A situação política da prefeitura de São Paulo é curiosa. Dela sairá, em janeiro, o ex-governador e ex-presidente Jânio Quadros, que poderá voltar a disputar a Presidência na sucessão de José Sarney, segundo esperam seus amigos e suspeitam seus adversários. Nela poderá entrar, eleito pelas urnas de novembro próximo, um prefeito novo que também já foi governador do Estado e esteve presidenciável — caso vença qualquer um dos candidatos mais fortes na disputa, Paulo Salim Maluf, que ocupou o Palácio dos Bandeirantes de 1979 a 1982, ou André Franco Montoro, que o sucedeu no cargo. “Sinto-me como se estivesse começando de novo”, confessou Montoro ao anunciar na semana passada sua decisão de candidatar-se à prefeitura. “Vou governar com uma austeridade espartana”, comprometeu-se Maluf, com aquela fé cega que exhibe pela vitória em qualquer disputa de que participa.

A batalha deverá ser duríssima, e, por isso mesmo, os dois dispuseram-se a entrar no jogo. Montoro, que recentemente deixou o PMDB para fundar o PSDB, não queria voltar atrás em sua carreira, preferindo guardar-se para a eleição presidencial de 1989. Maluf já se conformara com o apoio do seu partido, o PDS, ao empresário e dono do Sistema Brasileiro de Televisão, Silvio Santos. No entanto, Silvio retirou-se da disputa, e o PDS ficou sem candidato. Na semana passada, diante de uma eleição que teria Montoro numa ponta da disputa e o candidato peemedebista, João Oswaldo Leiva, com o apoio do governador Orestes Quércia, na outra, Maluf finalmente decidiu-se. No seu estilo de trator de obras, já explicou como governar São Paulo. “Vou dar uma casa a cada favelado da cidade”, afirmou, numa dessas promessas de campanha que não poderá cumprir.

Pelo passado, com suas biografias diferentes, Maluf e Montoro, qualquer que seja o escolhido, tendem a fazer um bom governo na prefeitura, da mesma forma como administraram o Estado. Maluf, que tam-

bém já foi prefeito de São Paulo, tem sua assinatura numa lista enorme de grandes obras, especialmente rodoviárias. Montoro empenhou-se na descentralização administrativa, conseguindo implantá-la através da sua bem-sucedida política do “trivial variado” — pequenas obras espalhadas pelo Estado. Ambos começaram suas campanhas para a prefeitura com um compromisso de cavalheirismo. Pela própria importância da eleição, entretanto, é pouco provável que os dois sigam o compromisso até o fim. A assessoria política de Maluf já tem preparado um dossiê contra Montoro. No lado oposto, também se cava uma trincheira. “Será a seriedade e a democracia contra a corrupção e o autoritarismo”, compara o secretário-geral do PSDB em São Paulo, José Maria Monteiro. Em 1983, quando assumiu o lugar de Maluf, Montoro ordenou a seus secretários que procurassem provas de supostas irregularidades do go-

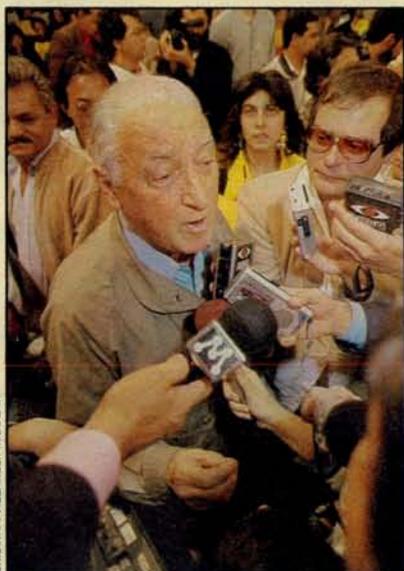
se tem dedicado a defender as reivindicações dos aposentados na Constituinte, pertence ao Partido da Juventude — com o qual já se desentendia na semana passada — e conta com o apoio de janistas do PTB. Se conseguir o voto de Jânio na eleição de novembro próximo, Maluf pode oferecer-lhe em troca seu apoio na sucessão presidencial de 1989. Seus próprios planos para a Presidência da República foram adiados. “Posso esperar até 1994”, comentou, referindo-se ao fato de estar com 56 anos e Montoro com 72.

Montoro prefere ignorar o voto de Jânio Quadros, lembrando que já o venceu na eleição para o governo do Estado em 1982. “O Jânio não tem a importância que os jornais costumam lhe dar”, acredita. Montoro também foi buscar mais tempo na televisão fechando coligação com três outras pequenas legendas, inclusive o Partido Verde. Seu vice é o deputado federal José Serra,

que foi secretário de Planejamento de Montoro e é um dos constituintes com maior índice de aprovação de propostas no plenário da Assembléia.

Os planos dos candidatos para a cidade de São Paulo repetem as fórmulas de suas administrações estaduais. Maluf pretende continuar as obras já iniciadas por Jânio Quadros e investir nos setores que considera essenciais — habitação, educação, saúde pública, criação de novos empregos e segurança. “Vou fazer uma administração com métodos empresariais

modernos”, garante. Preocupado com o endividamento da prefeitura, Montoro pretende, primeiro, equilibrar o orçamento — já contando com recursos que resultarão da reforma tributária incluída na nova Constituição — e implantar a sua política de administração descentralizada. “Vou governar com a equipe”, prometeu. Em São Paulo, dois candidatos que nem eram cogitados há seis meses entraram no páreo. Em Salvador, o cantor e compositor Gilberto Gil, considerado um nome certo do PMDB para a prefeitura, foi alijado da disputa — Gil simplesmente não tem votos nem passado político que o sustentem como um bom candidato para o partido. O governador Waldir Pires considerou-o ousado demais para o eleitorado conservador da cidade. O candidato a prefeito de Salvador é o radialista Fernando José. ●



Montoro: começando de novo



Maluf: à espera de 1994

verno anterior. Não encontrou nada. Da mesma forma, contra Montoro não há acusações nessa área.

O VOTO DE JÂNIO — Qual deles será o candidato predileto do ex-presidente Jânio Quadros? Poderá ser Maluf, se ele for junto com Montoro para o segundo turno. Mas também poderá ser Oswaldo Leiva, uma vez que Jânio mantém um bom relacionamento político com o governador Quércia. “Não sei se Jânio me apóia”, disse Maluf. “Mas sei quem ele não apóia.” Preocupado em conquistar o voto de Jânio e aumentar seu parco espaço no horário de propaganda gratuita na televisão, Maluf conseguiu fechar uma coligação com cinco pequenos partidos, que lhe cederão seus horários do TRE. Seu vice, o deputado federal Arnaldo Faria de Sá, que

A preço de banana

O presidente do Correio se mete em um negócio imobiliário e acaba perdendo o emprego

Uma farsa em três tempos para se conhecer um pouco mais da História do Rio de Janeiro e da roubalheira nacional:

I) 1926 — Copacabana e Ipanema são um só areal. O Departamento de Correios e Telégrafos, órgão da administração direta, consegue emprestado da União um terreno de marinha de 3 000 metros quadrados para construir, na ponta do Arpoador, uma estação de radiotelegrafia.

II) 1970 — Copacabana é ao mesmo tempo a mais bela praia brasileira e o bairro mais povoado do país. Ipanema tornou-se um dos metros quadrados mais caros do mundo. O Departamento de Correios e Telégrafos transformou-se em empresa. A estação de radiotelegrafia deixou de funcionar. Seu prédio está arruinado. O Serviço do Patrimônio da União pede o terreno de volta, mas a ECT, mesmo sem usá-lo, recusa-se a devolvê-lo.

III) 28 de julho de 1988 — A ECT faz um incrível negócio com a empresa Arpoador Rio-Urbanismo. Primeiro dá-lhe uma procuração para negociar a "cessão ou transferência do prédio em estado de ruínas". Negócio da China. A ECT, pelo documento, teria conseguido achar um empresário interessado em ficar com as ruínas. Com a concordância da ECT, porém, a Arpoador Rio-Urbanismo tornava-se sua sucessora como beneficiária do empréstimo do terreno de marinha. Qual o preço da operação? 490 000 cruzados, ou seja, algo em torno de 75 quilos de carne de primeira. A esse preço, a Arpoador Rio-Urbanismo pagava menos que o preço de um cachorro-queite por metro quadrado pelo usufruto de um dos terrenos mais valiosos do Rio de Janeiro.

Uma comédia em três tempos para se conhecer melhor os mecanismos por meio dos quais um terreno na ponta do

Arpoador pode sair a preço de cachorro-queite:

I) Segundo o empresário Geraldo Lima Frutuoso da Motta, sócio da Arpoador Rio-Urbanismo, em companhia do coronel da reserva Newton Leitão, ex-chefe da Polícia Federal, "todos teriam a lucrar com a transação". E explica como: a ECT passava-lhe os 3 000 metros quadrados magnificamente



Terreno do Arpoador: 3 000 metros quadrados cobiçados por políticos e empresários

localizados em troca de outro, na Barra da Tijuca, onde poderia construir um centro de treinamento, enquanto a Arpoador Rio-Urbanismo se credenciava para apresentar à prefeitura do Rio de Janeiro um projeto de urbanização da área conquistada. "A Arpoador Rio estaria credenciada para apresentar um projeto de urbanização à prefeitura do Rio e, aí sim, finalizar um empreendimento comercial e lucrativo", acrescenta Frutuoso da Motta.

II) Segundo Laumar Melo Vasconcelos, o presidente da ECT que conduziu a negociação, o negócio era bom porque a Arpoador Rio-Urbanismo pagava 490 000 cruzados pelas ruínas da antiga estação e ainda lhe conseguia outro ter-

reno na Barra. No entanto, Laumar assinou um "instrumento particular de cessão" com a Arpoador Rio-Urbanismo, pelo qual declarava que, "não tendo qualquer interesse em manter o referido imóvel no estado em que se encontra, cede-o e transfere-o". Esse papel, que jamais passou pela consultoria jurídica da ECT, não explicava se o imóvel cedido era o prédio arruinado ou o terreno que, na realidade, não pertencia à ECT. Se Laumar estivesse passando adiante o entulho de uma demolição, esse seria o primeiro caso de registro de cessão de escombros. Se estivesse passando o uso do terreno, acabava de vender o metro quadrado em Ipanema a preço de cachorro-queite. Laumar assegura que não se recorda de ter assinado essa cessão.

"Na presidência da ECT eu assinava

muita coisa, mas nem sempre participava do processo de decisão", afirma. Se esse argumento prevalecesse, só Deus sabe o que aconteceria, uma vez que, na hora em que os administradores não se responsabilizam mais pela sua assinatura, torna-se difícil imaginar o que pode suceder ao patrimônio que lhes é entregue.

O consultor jurídico da ECT, Ginaldo de Vasconcelos, aponta no documento diversas características pelas quais se percebe que ele não foi escrito na empresa. "Pelas minhas mãos, pelo menos, ele nunca passou", adverte. Ou seja, Laumar argumenta que contratou uma empresa de demolição, à qual, por coincidência, foi dado o uso do terreno,



LUZ EDUARDO TOSTES



FLAVIO CIRIO

Laumar Vasconcelos: falta de memória não impediu que Antônio Carlos Magalhães o demitisse

e que não se lembra de ter assinado num papel, por coincidência, não só aquele que vendia o metro quadrado em Ipanema a preço de cachorro-quente, como, também por acaso, não seguiu os trâmites que a burocracia da ECT determina. Muita coincidência.

Pelo absurdo que representa, a tentativa de se passar adiante a ponta do Arpoador no Rio de Janeiro pode ser comparada à oferta de um vendedor de cachorro-quente em Paris que oferecesse um pedaço da Torre Eiffel para quem levasse mais de três de seus sanduíches.

Uma tragédia em dois tempos para se ver como um terreno em Ipanema, quando cai nas mãos do governo, acaba não valendo nada.

I) Os 3 000 metros de terreno da falecida estação de radiotelegrafia estão numa área que a prefeitura do Rio de Janeiro estabeleceu como não edificável. Isso significa, sem dúvida, que não se poderia construir nele um edifício de

vinte andares. Não significa, porém, que a Arpoador Rio-Urbanismo, ao apresentar um projeto de urbanização, não pudesse propor a construção de um prédio baixo para restaurante ou boate.

II) Esse terreno, que não vale nada para as autoridades, é uma área extremamente cobiçada por políticos cariocas ligados a empresários da noite e do turismo. Contam-se às dezenas as propostas, os deputados e os lobistas que já bateram às portas do Ministério das Comunicações para propor as mais diversas maneiras de se transformar a velha estação radiotelegráfica que não vale nada num negócio que vale muito.

Um final feliz em quatro tempos:

I) A negociata armada entre a ECT e a Arpoador Rio-Urbanismo foi denunciada na

edição de quarta-feira do *Jornal do Brasil*.

II) O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, leu a denúncia às 11 horas da manhã. Às 12h30 ligou para o presidente José Sarney e informou-o do caso.

III) Às 15 horas o presidente da ECT, Laumar Melo Vasconcelos, estava demitido, e o negócio com a Arpoador Rio-Urbanismo, acabado. "A escritura final estava para sair nas próximas semanas", queixa-se Fructuoso da Motta.

IV) Às 9 horas da manhã de quinta-feira tomou posse o novo presidente da ECT, Joel Marciano Rauber.

Tudo resolvido. Fica apenas uma questão: se em 1926 o Departamento de Correios e Telégrafos obteve emprestado do contribuinte um terreno para instalar sua estação de radiotelegrafia, por que não o devolve, já que não o usa? As pessoas normais, aquelas que pagam impostos, aprendem ainda em criança que se deve devolver o que se toma emprestado. Além disso, se a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos se convencesse de que seu negócio é entregar cartas e telegramas (coisa que não vem fazendo há trinta dias), deixando transações com imóveis a cargo do Serviço do Patrimônio da União, não ficaria na ridícula situação de tentar vender o metro quadrado de Ipanema a preço de cachorro-quente. Ou, caso seja impossível, a ECT pode iniciar-se na especulação imobiliária, deixando as cartas por conta do Serviço do Patrimônio da União. ●



ANTONIO MILENA

Correio: cartas na fila

A greve chega a Curitiba

A confusão e o atraso nas entregas de correspondência que a greve dos funcionários do Correio provocava em São Paulo ganhou na semana passada um novo centro. Os 1 200 funcionários das vinte agências do Correio de Curitiba cruzaram os braços por 48 horas, impedindo que 600 000 unidades, entre cartas e pacotes, fossem distribuídas no

Paraná. No interior do Estado, a média da paralisação chegou a 50%. Na sexta-feira, o Correio de Goiânia iniciou uma modalidade diferente de apoio à reivindicação dos grevistas dos outros dois Estados — a operação tartaruga, na qual os funcionários da capital de Goiás não deixaram de trabalhar, mas realizaram suas tarefas em um ritmo mais lento.

Em São Paulo, onde a gre-

ve começou há trinta dias, estavam retidos mais de 14 milhões de cartas na semana passada. Com a greve, a entrega de uma correspondência de São Paulo no Rio de Janeiro levava em média quatro dias. Mesmo com a volta ao trabalho, o serviço postal do país demorará pelo menos três dias para que a entrega

de cartas seja colocada em ordem. A greve paulista, que reivindicava o pagamento das URPs de abril e maio e a reposição salarial de 35%, provocou a demissão de mais de 1 000 funcionários e a contratação em caráter de urgência de 800 novos empregados. O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, afirmava, no fim da semana passada, que não haveria nenhuma readmissão.

M

eias aço para o papai, acinho para o filhinho.



meias

ACO
e **acinho**

com exclusiva proteção desodorante

PHOTO: ASSOCIADOS

BC está de olho nas eleições

O Banco Central está comunicando a todos os presidentes de bancos estaduais sob intervenção federal que não aprovem novos empréstimos ou financiamentos sem sua prévia autorização. Com essa providência, o governo quer evitar que os bancos estaduais abram seus cofres para políticos engordarem seu caixa durante a campanha eleitoral do próximo dia 15 de novembro, a exemplo do que ocorreu às vésperas das eleições de 1985 e 1986. O resultado foi o rombo nas contas dos bancos que até hoje ainda não foi sanado.

Cardoso recebe dossiê de corrupção

O governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, recebeu na semana passada da coordenação sindical dos funcionários públicos do Estado uma coletânea de escândalos. O compêndio registra todas as acusações de corrupção publicadas na imprensa desde que tomou posse, como o desvio de aviões da estatal Cemig para uso particular e concorrências de construção de estradas com cartas marcadas pelo DER, num total de quinze escândalos.

Em todos esses casos, o governador prometeu apurar as denúncias com rigor. No entanto, ao contrário dos acusados de corrupção, que permanecem quase todos em seus cargos, os únicos demitidos foram dezessete funcionários que fizeram denúncias. E até hoje os mineiros desconhecem os resultados dos inquéritos administrativos requisitados pelo governador Newton Cardoso.



Cardoso: 15 escândalos

Ceris dá o perfil do episcopado

O mais completo levantamento sobre o episcopado brasileiro foi concluído na semana passada pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (Ceris). A pesquisa constatou a presença de 378 bispos e 13 220 sacerdotes, dos quais 60% são brasileiros. Entre a legião estrangeira da Igreja Católica, 34% são de nacionalidade italiana, 12% alemã, 11% holandesa e 10% espanhola. No ano em que se comemora o Centenário da Abolição, o Ceris confirmou que a participação de negros no episcopado brasileiro é francamente minoritária: existem apenas seis bispos e pouco mais de 200 padres de origem negra, isso quando negros e mestiços representam 45% da população do Brasil.

FGV vai criar novo índice de inflação

O sucesso da inflação brasileira está provocando a criação de mais um índice para sua medição na praça. Até o final do ano, a Fundação Getúlio Vargas vai lançar um novo índice para calcular a elevação de preços de uma faixa privilegiada de brasileiros: os executivos e gerentes de empresas com renda mensal entre trinta e 100 salários mínimos. Hoje, o cálculo da inflação, como o índice de preços ao consumidor ampliado (IPCA), do IBGE, atinge a um máximo de renda mensal de trinta salários mínimos (466 578 cruzados). Um índice para medir a inflação do executivo tem utilidade para as grandes empresas que querem acompanhar — e evitar — a desvalorização do salário de seus me-

lhores funcionários. Como é que um diretor de uma empresa estrangeira com sede no Brasil vai justificar um pedido de 25% de aumento para seus superiores na Suíça, por exemplo? Um dos motivos da FGV para a formação do novo índice é o fato de que a inflação atual, puxada principalmente pela alta dos preços dos alimentos, está pesando menos no bolso de quem ganha salários mais elevados, pois quanto maior a renda menor o peso proporcional do gasto com alimentação no orçamento familiar.

Bird impõe condições para empréstimo

Uma missão especial do Banco Mundial, que circulou discretamente em Brasília na última semana, mostrou às autoridades federais que é tão exigente quanto a equipe do FMI no monitoramento das contas brasileiras. As condições impostas pelo Bird para aprovar um empréstimo de 400 milhões de dólares a ser aplicado em projetos de educação básica no Nordeste podem alegrar os contribuintes brasileiros, mas irritaram a burocracia do Ministério da Educação. Elas exigem que os técnicos do Bird acompanhem a aplicação de cada centavo desses recursos, a nível estadual e municipal, para impedir que a verba seja desviada em benefício de candidatos e cabos eleitorais nas próximas eleições. Para pôr a mão nesses 400 milhões de dólares o governo deve se comprometer, por exemplo, a realizar concursos públicos para a contratação de professores e funcionários e enxugar a máquina administrativa do MEC e das secretarias estaduais e municipais de Educação. Até o momento, apenas seis pessoas têm conhecimento em Brasília dessas exigências, que são uma novidade nas negociações de empréstimos de entidades internacionais para o Brasil.

Biblioteca ganha Norte das Águas



Brossard: para chineses

A biblioteca pública do município gaúcho de Rio Grande festejou na semana passada o fim de um longo jejum. Depois de uma interrupção de três anos e meio, o governo reiniciou o fornecimento de livros para a biblioteca, uma das mais antigas do país, criada em 1846. Até o governo Figueiredo, o acervo era renovado pelo Instituto Nacional do Livro, que suspendeu a entrega depois da posse do presidente Sarney. A única e solitária novidade que chegou às estantes até agora é um exemplar de *Norte das Águas*, de autoria do próprio presidente — só que em chinês. O portador do presente de Sarney foi o ministro da Justiça, Paulo Brossard. Com exceção do casal Yen, dono do único restaurante chinês de Rio Grande, é provável que *Norte das Águas* fique estagnado eternamente na estante por falta de leitores.

TV Difusora do Maranhão muda de dono

A TV Difusora do Maranhão, afiliada da Rede Globo, está sob nova direção. O ex-deputado federal Magno Bacelar, candidato a vice-prefeito de São Luís pelo PDT, vendeu a emissora para o empresário Willian Nagen, diretor da Federação das Indústrias do Maranhão, que é amigo íntimo da família Sarney.

ALESSANDRO PORRO e LAURENTINO GOMES, com sucursais

Alfonsín tenta de novo

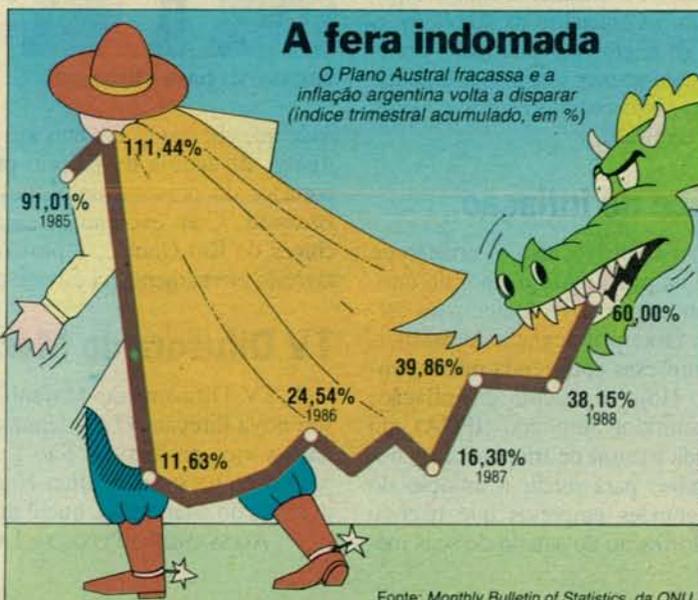
Pressionado pelos 25% da inflação de julho e pelo FMI, o presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, adota um novo plano de austeridade econômica

Depois de ter assistido ao dragão da inflação devorar 1 em cada 4 centavos do país ao longo do mês de julho, o presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, viu-se obrigado a tomar uma atitude drástica na semana passada, numa tarefa quase tão hercúlea quanto mudar de lugar no calendário as estações do ano. Alfonsín, aliás, não conseguiu disfarçar sua ansiedade diante da inflação ao lançar na última quarta-feira, em pleno inverno austral, o chamado Plano Primavera — mais uma tentativa de congelar preços desde o Plano Austral, a reforma econômica que em junho de 1985 fez os argentinos sonharem tanto quanto os brasileiros viriam a sonhar, oito meses depois, com as promessas do Plano Cruzado. Na verdade, Alfonsín pretendia anunciar seu pacote de combate à inflação em setembro — então, sim, na primavera — para melhor aproveitar seus eventuais e, talvez, passageiros efeitos na campanha de seu partido, a União Cívica Radical, nas eleições do próximo ano.

“Estamos começando hoje uma batalha decisiva contra essa inflação, que desperdiça e dilapida os esforços do povo, atravança o crescimento e provoca injustiças sociais cada vez maiores”, afirmou Alfonsín, na quarta-feira, ao seu gabinete de ministros, numa reunião convocada para dar as últimas pinceladas no plano. O presidente argentino, porém, poupou sua já desgastada imagem e mandou seu ministro da Economia, Juan Sourrouille, anunciar o novo pacote diante das



Alfonsín: “Uma batalha decisiva contra a inflação”



câmaras de televisão e de uma platéia incrédula, que só tem visto a inflação subir desde o fracasso do Plano Austral (veja gráfico abaixo). “As novas medidas visam beneficiar o trabalhador”, garantiu Sourrouille, ao final de três dias de feriado bancário e de uma onda de especulações sobre a eficácia do pacote, que pode ser desembrulhado da seguinte forma:

- Desvalorização de 11,42% da moeda em relação ao dólar, que passou a ser cotado em 12 austrais no câmbio oficial. No câmbio financeiro, que na prática é o que rege todo o mercado argentino, o dólar começou a quinta-feira cotado a 14,40 austrais.

- Com o objetivo anunciado de iniciar a unificação dos dois tipos de câmbio, todas as exportações argentinas serão pagas na média entre as duas cotações do dólar. Trocando em miúdos, para cada dólar que entrar no país como pagamento de exportações, o Banco Central repassará ao industrial ou agricultor 1 austral a menos, embolsando a diferença. Na prática, a medida é um imposto embutido na taxa de câmbio. Com isso, o governo pretende também imprimir menos dinheiro para pagar os agricultores, que exportaram este ano um excedente de 700 milhões de dólares por causa da seca nos Estados Unidos.

- Congelamento de preços até o próximo dia 15, quando serão autorizados reajustes de 1,5%. Mediante acordo com a União Industrial Argentina (UIA), ficou acertado também um novo aumento nos preços de até 3,5%. Uma comissão

SCHURICOLLECTIF

TORTELLI OSBRES

foi criada para fiscalizar a medida e está estudando formas de punição aos infratores.

■ Aumento salarial de 30% para os funcionários públicos. Os empregados do setor privado não terão seus salários congelados, mas precisarão negociar diretamente com os patrões um reajuste, que não poderá ultrapassar os 10%.

■ Diminuição para 10% das taxas de juros para empréstimos e depósitos a prazo fixo, que em julho chegaram a 30%. A elevação dos juros nos últimos meses havia sido provocada pelo próprio governo, na intenção de diminuir a procura e, conseqüentemente, a cotação do dólar. Além de não ter dado o resultado esperado, a medida acabou aumentando os juros da dívida interna, prejudicando ainda mais as contas do Estado.

■ Corte no déficit público através de várias medidas: do reajuste de 30% nas tarifas de serviços públicos — visando a aumentar a arrecadação — até a suspensão de obras — para diminuir os gastos —, como a construção da usina nuclear de Atucha II e a estrada de 50 quilômetros que ligará Buenos Aires a La Plata.

MORATÓRIA — “Todos nós temos que fazer esse esforço”, exortou o presidente Alfonsín na quarta-feira, consciente da incredulidade da sociedade argentina. “É possível fazer esse esforço agora, pois o



A notícia nas ruas: incredulidade



Sourrouille: pacote na TV



Agitação no centro financeiro de Buenos Aires: especulações

governo já fez a sua parte”, acrescentou ele, num recado implícito aos banqueiros internacionais e ao FMI. De fato, Alfonsín não teria lançado o Plano Primavera no inverno se o Fundo Monetário Internacional não tivesse dado o sinal verde. No fim de semana passado, o ministro da Fazenda, Mario Brodersohn, e o presidente do Banco Central, José Luis Machinea, voltaram

vencerá as eleições presidenciais do ano que vem se a inflação continuar nos dois dígitos. Nesse caso, a alternativa do candidato peronista, Carlos Saúl Menem, seria preocupante. “Durante cinco anos, não sairá 1 dólar sequer da Argentina”, ameaçou Menem recentemente, acenando com a possibilidade de uma moratória, caso seja eleito.

de Washington com um empréstimo de 1,2 bilhão de dólares do FMI, um claro indicio de aprovação do plano de combate à inflação, mais um entre os vários programas implementados em outros países para conter a alta desenfreada de preços (veja quadro abaixo). Afinal, até duas semanas atrás, a Argentina estava em plena crise com seus credores, por não pagar há mais de noventa dias os juros de sua dívida externa de 54 bilhões de dólares. Tanto o FMI quanto os bancos internacionais já haviam anunciado a suspensão de parcelas de empréstimos acertados no ano passado enquanto a Argentina não acertasse suas contas.

Na última quinta-feira, porém, o Tesouro americano anunciou a liberação de 500 milhões de dólares e, no dia seguinte, o Banco Mundial avisou que mandará esta semana uma “missão de apoio” a Buenos Aires. Na verdade, os credores sabem que o candidato do partido de Alfonsín, Eduardo Angeloz, não

As guerras contra o dragão



As medidas adotadas por Israel para derrubar a inflação deram certo, mas foram das mais amargas. Para reduzir a zero um índice que passava dos 400% ao ano, o governo demitiu em julho de 1985 3% do funcionalismo público — quase 10 000 pessoas —, congelou salários por três meses e aumentou alguns preços em até 100%, antes de tirar três zeros da moeda e criar

o shekel novo. Atualmente, a inflação anual oscila em torno de 20% e continua caindo.



Combalido por uma inflação anual de 250%, o cruzeiro foi morto e enterrado em fevereiro de 1986 para dar lugar ao cruzado, nome da moeda e do plano econômico que em pouco tempo reduziu a inflação no Brasil a pó. Mas a ambiciosa reforma, que congelou preços, salários e câmbio, sobreviveu menos de nove me-

ses. Manipulado eleitoralmente, o plano fracassou totalmente em novembro do mesmo ano, executado pelo Cruzado II, que deu a largada à liberação dos preços. Em julho último, a inflação foi de 24,04%.



Em setembro de 1985, a inflação na Bolívia era de 24 000%. Hoje, mal passa dos 10%. Para conseguir isso, o governo liberou os preços e juros, cortou o déficit público e facilitou a volta dos dólares da cocaína boliviana depositados no exterior.

O custo social, porém, foi alto: o maior desemprego dos últimos anos.



Há três anos, a inflação no México estava sob controle. A partir de então, ela só subiu, até que, em dezembro do ano passado, o governo adotou o Plano de Solidariedade Econômica, com controle de salários, aumento de preços e contenção dos gastos públicos. Dos 15% de dezembro, a inflação está agora em torno de 2% ao mês.

Conversa à toa

Brasileiros evitam temas polêmicos com Shultz

Um observador leigo que acompanhasse a rodada de conversas entre as autoridades brasileiras e o secretário de Estado americano, George Shultz, em Brasília, na semana passada, teria a sensação de que o Brasil alcançou afinal a condição de potência capaz de decidir os destinos do mundo sem se preocupar com questões domésticas. Nos seus vários encontros com os brasileiros, Shultz discutiu questões tão distantes como a retirada soviética do Afeganistão e o eventual retorno do Khmer Vermelho de Pol Pot ao governo do Camboja. Na prática, essa foi a fórmula que o governo brasileiro encontrou de esquivar-se de discutir com o ilustre visitante as desavenças comerciais e políticas que hoje estorvam as relações entre os dois países.

Anunciada como uma "visita de trabalho", a vinda de Shultz acusou, logo de início, a indisposição para maiores entendimentos. O secretário de Estado pediu que sua recepção fosse simplificada, prevendo o cansaço de quem chegaria às 22 horas de quinta-feira depois de ter visitado a Guatemala, a Argentina e o Uruguai. O Itamaraty foi além e, embora estivessem em Brasília tanto o ministro Abreu Sodré como o secretário-geral Paulo Tarso Flecha de Lima, o único diplomata a receber o visitante

foi o chefe do cerimonial do Ministério das Relações Exteriores, embaixador Paulo Pires do Rio. Uma gentileza às avessas.

ROTINA — A vinda do chanceler dos Estados Unidos — para quem o Brasil vendeu, no ano passado, 8,4 bilhões de dólares — foi tratada como uma visita de rotina. Mais status foi dado à viagem do presidente José Sarney à Bolívia, cujas vendas, no mesmo período, foram de apenas 240 milhões de dólares (veja quadro).

A intenção de fugir aos temas mais espinhosos foi evidente durante toda a visita de Shultz. "Sobre que tema da atualidade o senhor gostaria que eu versasse?", perguntou

Shultz a Sodré, no início do encontro entre as delegações dos dois países, na manhã de sexta-feira, depois de uma rápida menção à divergência sobre patentes de medicamentos, que o Brasil não reconhece. "América Central", respondeu o chanceler do país que há anos arrasta impasses com os Estados Unidos nas áreas de informática, tecnologia nuclear, armamentos e uma longa lista de contenciosos comerciais. "Mais de 80% das conversações foram sobre a Nicarágua e as relações Leste-Oeste", revelou, depois do encontro, o porta-voz do Itamaraty, Ruy Nogueira.

No almoço que ofereceu a Shultz, Sarney conversou sobre a situação no Camboja, no Afeganistão, na África Austral e sobre o conflito Irã-Iraque. Enquanto isso, no Palácio do Itamaraty, o representante de Washington junto à Organização dos Estados Americanos, Richard McCormack, apresentava ao Brasil uma proposta considerada "indecorosa" por diplomatas brasileiros — o adiamento da reeleição do brasileiro Baena Soares para a secretaria geral da OEA, que já está assegurada por 24 dos trinta votos válidos na assembléia.

Ao sair do Itamaraty, depois do encontro com os brasileiros, o secretário de Estado deparou com um magro grupo de manifestantes que protestava contra sua presença no Brasil. "Não é comigo", brincou o americano, apontando os cartazes em que aparece a palavra "Schultz", com a grafia errada. "No meu nome não tem c", comentou. O Itamaraty, é claro, sabe escrever corretamente o seu nome. Faltou entender o seu significado. ●



ARI LAGO

Shultz em Brasília: da Nicarágua ao Camboja

Um passeio na Bolívia

Um acordo comercial inexpressivo de compra de gás natural, cuja entrada em vigor está projetada para daqui a quatro anos, foi o único saldo palpável da modorrenta visita do presidente José Sarney à Bolívia, na semana passada. Os três dias em La Paz, no entanto, serviram para que Sarney desfrutasse uma rotina que não conhece no Brasil — a de viver nas ruas e no Congresso com aplausos calorosos e cumprimentos espontâneos. Ironicamente, foi uma evocação elogiosa ao

Congresso Constituinte — que Sarney costuma atacar duramente em solo natal — a causa da maior ovação recebida pelo presidente brasileiro dos parlamentares bolivianos, quando mencionou o artigo que defende o princípio da integração latino-americana.

A nota dissonante surgiu justamente em torno da compra de gás. O governo da Bolívia chegou até a pensar em não assinar o acordo com o Brasil. A intenção do presidente Victor Paz Estenssoro era fe-

char um contrato comercial — e não um simples acordo — pelo qual seriam vendidos até 7 milhões de metros cúbicos de gás e se acertaria a criação de uma binacional de extração do produto. Mas ele acabou se contentando com 3 milhões de

metros cúbicos. "Foi o acordo possível", disse o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, ao justificar a insistência brasileira em empurrar para 1992 a eventual efetivação do negócio, se forem frustrados os sonhos de auto-suficiência gerados pela descoberta de jazidas de gás na Ilha de Marajó, no Pará. A iniciativa não é nova: as conversações e promessas a respeito do gás boliviano se arrastam desde 1958, sem terem chegado a lugar algum.



U. DEITMAR

Sarney e Estenssoro: gás só em 1992

Fim do pesadelo

Menino seqüestrado é solto depois de 520 dias

Os dois guardas do posto florestal que o encontraram, nos arredores da pequena cidade de Cimina, a 700 quilômetros de Roma, disseram que ele parecia um "bicho do mato". Caminhava com dificuldade, tinha os olhos sobressaltados, apresentava marcas de algemas nos pulsos e cheirava mal. Terminava assim, na terça-feira passada, o mais longo seqüestro de criança da História da Itália. Sua vítima, o garoto Marco Fiora, 8 anos, filho de um casal de comerciantes de Turim, ficou 520 dias em poder de seus captores. Passou duas Páscoas, um Natal e um aniversário encarcerado numa casa velha e úmida, vigiado por homens encapuzados, cujos rostos nunca conseguiu ver, e que seguidamente lhe faziam ameaças. "Uma vez, um deles encostou o revólver na minha cabeça e disse que me mataria se papai e mamãe não lhe dessem dinheiro", contou Marco à polícia.

Imobilizado, sem jamais enxergar a luz do dia, ele passava os dias assistindo à televisão num velho aparelho preto-e-branco ou improvisando jogos com figurinhas existentes na embalagem do queijo que lhe davam para comer com pão dormido e mortadela. Agora, Marco está sofrendo de atrofia muscular, devido ao longo período de imobilização, carência de vitamina D, pela falta de sol, e hematomas nos braços, causados pelas algemas. Todos esses males, porém, são reversíveis.

CORONHADAS — O drama de Marco e seus pais, Gianfranco e Piera Fiora, comoveu a Itália. Por duas vezes o arcebispo de Turim, Anastasio Ballestrero, pediu publicamente aos seqüestradores que o libertassem. Mais de uma centena de deputados assinaram um documento requerendo uma ação mais enérgica da polícia. As conversas entre o pai do garoto e os seqüestradores, porém, não pareciam fazer progressos. Marco fora retirado à força de dentro do carro dos pais, a caminho da escola, a 2 de março de 1987. Uma semana depois, Gianfranco e Piera Fiora receberam uma foto do filho e um pedido de resgate: 4 milhões de dólares. Apesar de comerciantes prósperos, eles não tinham aquele dinheiro. Com empréstimos e hipotecas dos seus bens, juntaram apenas 230 000 dólares. A 20 de dezembro, o pai foi levar o dinheiro aos seqüestradores e eles o agrediram com coronhadas na cabeça. Acharam pouco o que recebiam e pediam mais. Levaram-lhe o dinheiro, a carteira, o relógio e o deixaram in-



Marco: maus-tratos no cativo

consciente. Na última segunda-feira, o pai foi novamente ao encontro dos seqüestradores, transportando 155 000 dólares. Mas o dinheiro não chegou a ser entregue aos criminosos. Com medo da polícia, que vasculhava a área com helicópteros, os seqüestradores saltaram o menino e fugiram.

ÁFRICA DO SUL

Elite rebelde

Branco se negam a fazer o serviço militar

O governo da África do Sul poucas vezes foi desafiado tão abertamente como na semana passada. Desta vez, não se tratou de revoltas de negros em suas cidades-dormitórios, como as ocorridas em Soweto em 1976 e 1984. Nem da agitação contra o racismo promovida por Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz. O novo protesto contra o apartheid teve origem no próprio coração da elite branca sul-africana. Na quarta-feira passada, 143 sul-africanos brancos, entre professores universitários, físicos, padres, engenheiros e estudantes divulgaram um manifesto dizendo que se recusam a

prestar o serviço militar por não concordarem com a política de segregação racial desenvolvida pelo governo.

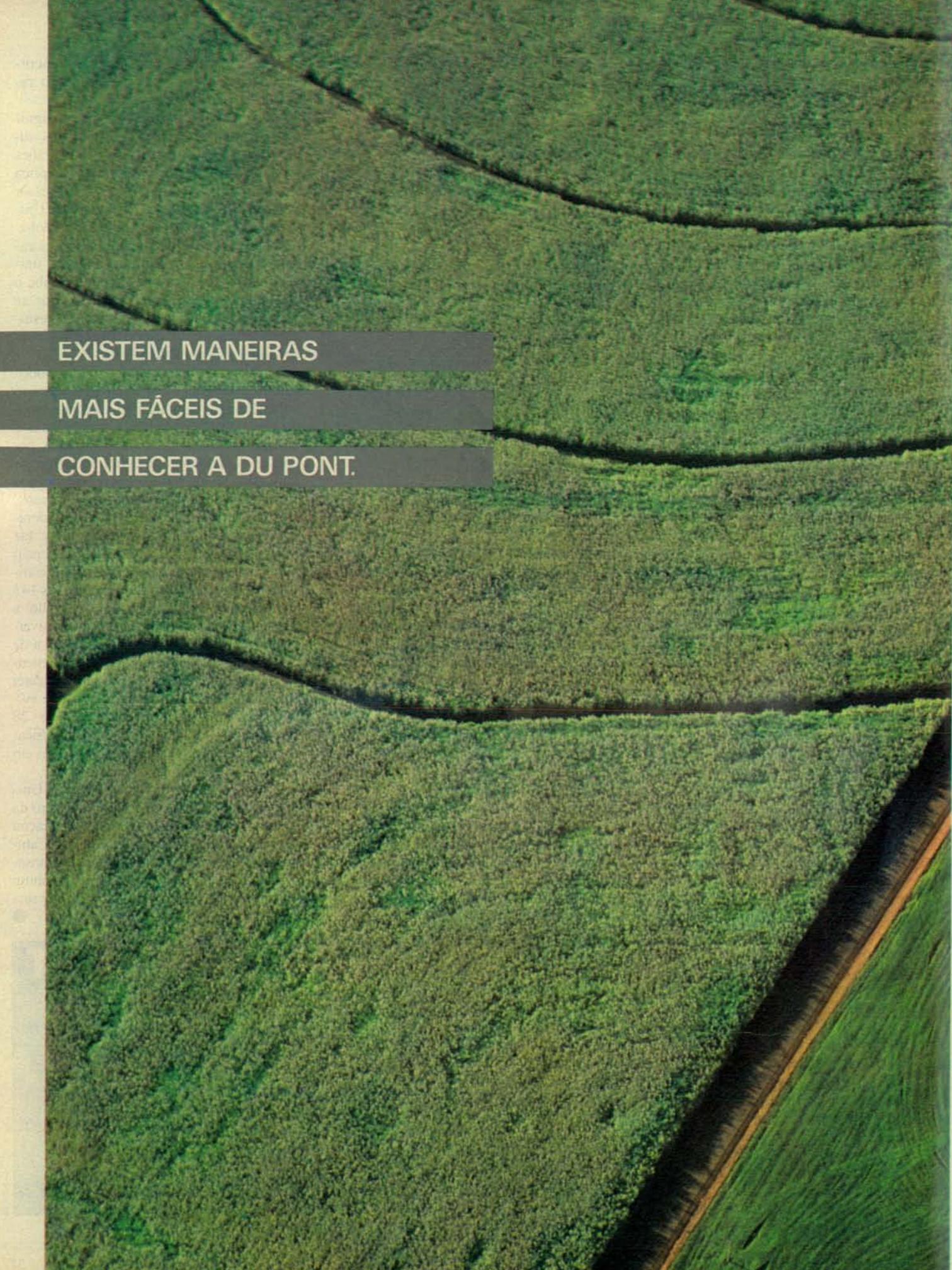
"Servir no Exército sul-africano significa patrulhar e manter a ordem nos subúrbios negros ou participar de incursões militares nos países vizinhos", explica Wilhelm Liebenberg, 39 anos, professor de Língua e Literatura Afrikaans na Universidade de Witwatersrand, em Johannesburg, e um dos signatários do manifesto, lido em ato público naquela universidade. O professor Liebenberg sabe o que o aguarda: no mês passado, por se recusar a prestar o serviço militar, o estudante universitário David Bruce foi condenado a seis anos de prisão.

Na África do Sul, o serviço militar é obrigatório para os brancos, e para os negros é voluntário. Ao completar 18 anos, um branco que não tiver matrícula universitária é obrigado a servir nas Forças Armadas por dois anos, em tempo integral. Se estiver na universidade, ele serve o Exército depois de terminar o curso, também por dois anos. Depois, durante doze anos, ele é considerado reservista, e tem duas alternativas: faz treinamento militar 28 dias por ano ou então vai para a guerra mesmo, em Angola, combatendo durante três meses por ano. Os 143 brancos que agora estão se recusando a prestar o serviço militar pedem que o governo lhes ofereça uma alternativa, como a de realizar tarefas civis em outros departamentos da máquina estatal. "Eu não arriscarei mais minha vida numa guerra injusta e inútil", declarou Andrew Zaïman, de 28 anos, um ex-capitão do Exército sul-africano que combateu ao longo de cinco anos em Angola e na Namíbia.

No dia seguinte à manifestação na Universidade de Witwatersrand, o ministro da Defesa, general Magnus Malan, ameaçou colocar na ilegalidade a organização Campanha pelo Fim da Convocação, responsabilizando-a pelo movimento. "Nenhum cidadão pode decidir quais leis ele vai respeitar", advertiu o general Malan.



Zaïman e companheiros: "Guerra injusta e inútil"

An aerial photograph of a lush green landscape. A winding river flows through the center, bordered by dense vegetation. A road or path runs diagonally across the bottom right corner. The overall scene is vibrant and natural.

EXISTEM MANEIRAS

MAIS FÁCEIS DE

CONHECER A DU PONT.



MAS A TECNOLOGIA PROVA

QUE NEM TUDO QUE

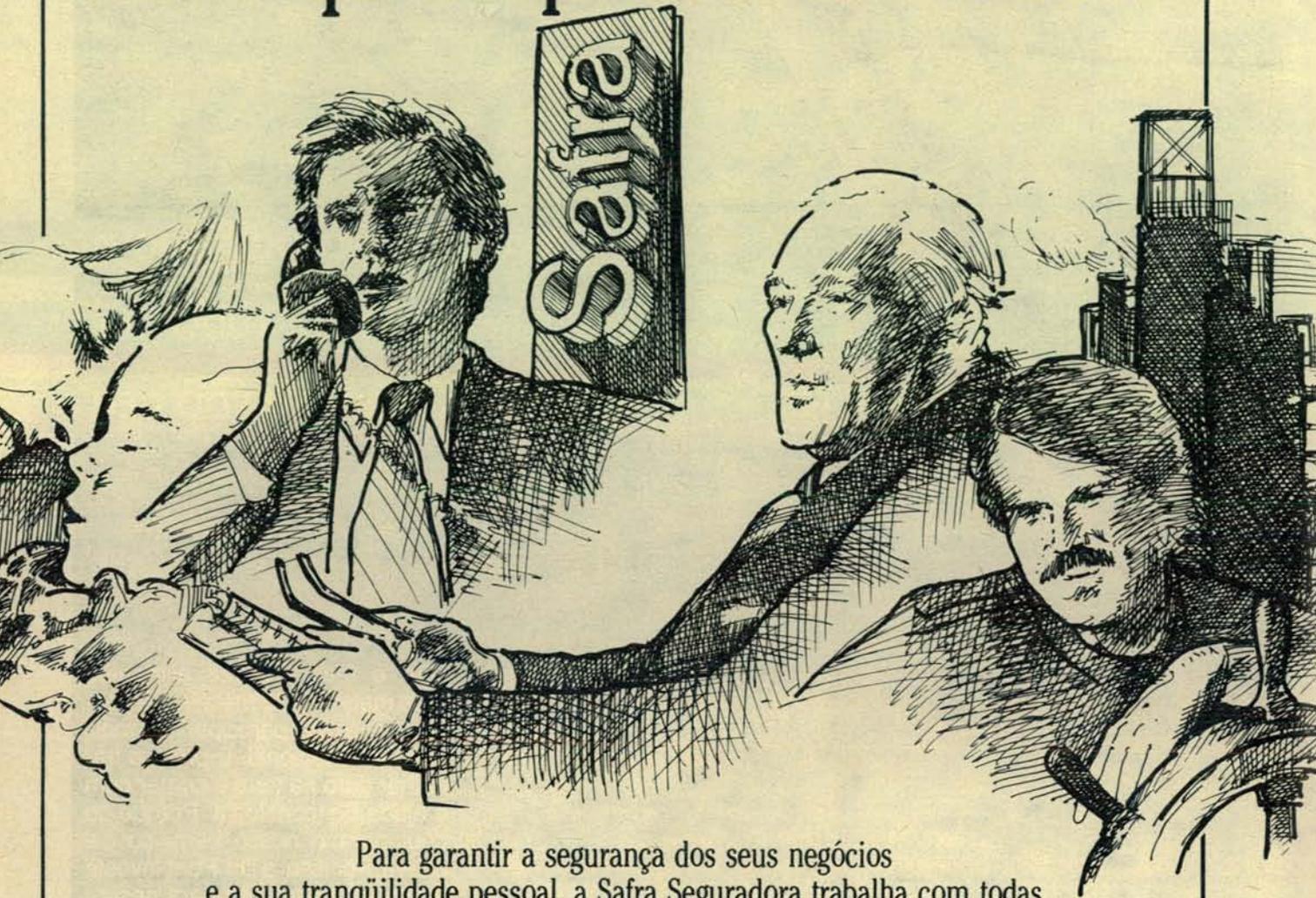
VEM DA TERRA CAI DO CÉU.

Não é fácil produzir alimentos para mais de 130 milhões de pessoas e ainda participar do mercado internacional. É preciso trabalhar duro na terra e contar com a ajuda da tecnologia. Porque do céu, para o nosso bem, só cai chuva. Por isso, a Du Pont investe muito em pesquisas para desenvolver defensivos agrícolas de última geração. Uma tecnologia de ponta que tem contribuído para uma maior eficiência e produtividade na agricultura brasileira.

Das inúmeras pesquisas à descoberta e comercialização de produtos altamente eficazes, a preocupação que a Du Pont tem em buscar novos conceitos tecnológicos para a agricultura é constante. Tão constante quanto nas comunicações, no vestuário, nos transportes. E em todas estas áreas, o objetivo da Du Pont é sempre o mesmo: melhorar a nossa qualidade de vida.

DU PONT
MARCA REGISTRADA

Seguros Safra: Para quem pensa no futuro.



Para garantir a segurança dos seus negócios e a sua tranquilidade pessoal, a Safra Seguradora trabalha com todas as modalidades de seguros, oferecendo as mais variadas coberturas para o seu patrimônio e para a sua vida.

Consulte o seu corretor
ou um especialista de seguros nas Agências Safra.

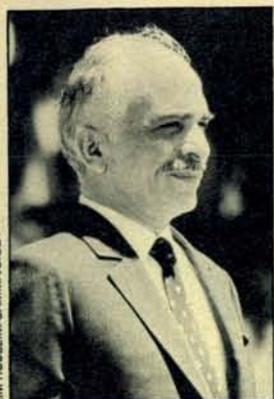
Se preferir, ligue para
os telefones (011) 234-6622 e (011) 234-6530.

A Safra Seguradora protege você trabalhando com total confiabilidade.



Banco Safra

Tradição Secular de Segurança



Palestinos em terras ocupadas: desprezo pela liderança do rei



ORIENTE MÉDIO

Saída de cena

Rei Hussein decide abrir mão da Cisjordânia

Durante pouco menos de meia hora, na noite do domingo dia 31, o rei Hussein da Jordânia expôs pela televisão uma decisão surpreendente, que obrigará todos os demais protagonistas do interminável conflito no Oriente Médio a rever suas estratégias e redefinir seus papéis: renunciou a todos os vínculos que seu país mantém com a Cisjordânia, território palestino reivindicado pela Jordânia desde 1948 e ocupado por Israel desde 1967. "Nós respeitamos os anseios da Organização para a Libertação da Palestina", declarou Hussein, ao atribuir à OLP o título de "único representante legítimo do povo palestino" e a responsabilidade pela administração de serviços públicos que custavam à Jordânia o equivalente a 30 milhões de dólares anuais, apenas para pagar os vencimentos de 24 000 funcionários.

A decisão pode ter sido bem recebida entre os 750 000 palestinos que moram na Cisjordânia — afinal, uma pesquisa feita há dois anos mostrou que só 3% deles apóiam Hussein, enquanto 93% cerram fileiras com a OLP, ainda mais fortalecida durante os últimos oito meses pelo suporte dado à *intifada*, o levante contra a ocupação israelense na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Mas o Conselho Central da própria OLP, que se reuniu às pressas por três dias no Iraque, reagiu laconicamente: "A Jordânia tomou a

medida sem consultar ou avisar a organização", afirmou o documento aprovado na reunião e divulgado quarta-feira. Além de não ter condições materiais de encampar os encargos administrativos legados pela Jordânia, a OLP teria que renunciar ao terrorismo e passar a reconhecer o direito de existência do Estado de Israel para assumir de fato o papel de representante dos palestinos frente a Israel e aos Estados Unidos. Se tomasse essas iniciativas, porém, certamente se estilhaçaria em divergências internas.

Ao desfazer-se das responsabilidades em relação à Cisjordânia, Hussein lançou por terra as propostas de paz para o Oriente Médio sustentadas pelos Estados Unidos e pela ala trabalhista da coalizão de governo israelense. Ambos rejeitavam — e continuarão a rejeitar — a OLP como interlocutora, elegendo a Jordânia como representante dos palestinos. A saída de cena da Jordânia, portanto, foi uma derrota para o líder dos trabalhistas de Israel, o chanceler Shimon Peres. Por contraste, o bloco conservador Likud do primeiro-ministro Yitzhak Shamir — que defende a incorporação definitiva de Cisjordânia e Gaza por Israel — ganhou um reforço no seu favoritismo para as eleições do novo governo, em novembro. Triunfante, Shamir interpretou a decisão de Hussein como "prova de que o povo palestino é uma invenção que serve à propaganda dos dirigentes árabes". Diante do quadro de recrudescimento de posições, o rei poderá — à distância e confortavelmente — assistir tanto a uma pouco provável afirmação da OLP quanto a pedidos de palestinos arrependidos para que voltem a ser seus súditos. ●



ESTADOS UNIDOS

Última palavra

Marinha admite falha humana no caso do Airbus

A investigação sobre a tragédia do avião da Iran Air abatido dia 3 de julho por um navio dos Estados Unidos, com a morte de 290 pessoas, concluiu pela absolvição do principal acusado: o sofisticadíssimo radar Aegis, a bordo do cruzador *Vincennes*. A versão veiculada pelo Departamento de Defesa americano, horas após o incidente, dizia que o radar confundiu um inofensivo Airbus em vôo de carreira com um perigoso caça F-14 descendo em alta velocidade em direção ao cruzador.

A falha foi humana, apurou a comissão da Marinha americana responsável pelo inquérito. De acordo com o relatório, os técnicos encarregados do radar interpretaram erroneamente as informações recebidas — acharam que o avião que acabara de decolar era hostil e se preparava para atacar o navio, quando estava em rota de subida e



Aegis: absolvido como Rogers (no alto)

velocidade normal. Um erro primário, que o relatório explica pela tensão dos tripulantes em enfrentar pela primeira vez uma situação de combate real — momentos antes, o *Vincennes* travara uma escaramuça com lanchas do Irã.

As revelações, no entanto, não alteram as circunstâncias em que o capitão Will Rogers III disparou os dois mísseis fatais. Uma vez alertado de que a embarcação corria perigo, era seu dever tomar as medidas de defesa. Sem tempo de checar todos os dados, preferiu ser o primeiro a apertar o gatilho. Numa situação parecida, em maio do ano passado, o comandante da fragata *Stark* demorou demais para se decidir. O navio americano foi atingido em cheio por um míssil Exocet, lançado por um caça do Iraque. Morreram 37 marinheiros. ●

SEGURO OBRIGATÓRIO.

VIDROS LAMINADOS.

A MONSANTO CHEGANDO COM A SEGURANÇA.

Um presente aos motoristas de todo o País: o vidro laminado seguro e, agora, obrigatório. Com a fabricação nacional do Saflex®, a película plástica do vidro laminado, a Monsanto estará contribuindo para a produção do vidro mais seguro, exigido

pele Ministério da Justiça/Contran para uso obrigatório em todos os carros nacionais, equiparando-os aos mais avançados do mundo. Mais uma medida do Governo Federal que a Monsanto atende rapidamente, respondendo com tecnologia e investimento aos estímulos da

nova política industrial. Saflex®, empregado na fabricação de vidros laminados dos automóveis mais modernos de todo o mundo, e a Monsanto, comemorando 25 anos de atuação no Brasil, agora trazem um presente para a segurança dos motoristas brasileiros e de suas famílias.



Abri Imagens/João Bitar



Il Imagens/
Crispino



T R A N S F O R M A N D O C I Ê N C I A E M B E M - E S T A R

Monsanto

CBBA/Prolog

UNIÃO SOVIÉTICA

Vôo de volta

URSS liberta o alemão que pousou na Praça Vermelha

A sorte parece acompanhar a trajetória de Mathias Rust — um piloto amador alemão-ocidental de apenas 20 anos. No dia 28 de maio do ano passado, ele se tornou uma celebridade mundial ao cruzar, solitário, mais de 600 quilômetros do espaço aéreo soviético pilotando um pequeno avião Cessna, sem ser notado nem mesmo pelos radares, terminando a aventura em plena Praça Vermelha, no coração de Moscou, onde aterrissou suavemente depois de um vôo rasante sobre o *Mausoléu de Lênin*. Preso pelos agentes da KGB minutos após o pouso, Rust acabou condenado pela Justiça soviética. Na quarta-feira passada, porém, a estrela do jovem piloto voltou a brilhar. Após cumprir numa prisão de Moscou cerca de um quarto da pena recebida — quatro anos de trabalhos forçados —, Rust ganhou inesperadamente a liberdade, graças a uma decisão do Soviet Supremo, o Parlamento soviético. No mesmo dia ele foi colocado em um vôo comercial da Lufthansa e despachado de volta para casa.

A anistia concedida a Mathias Rust é mais um lance do intrincado jogo diplomático que envolve a Alemanha Ocidental e a União Soviética. Ela começou a ser concretizada com a chegada, em Moscou, do ministro das Relações Exteriores alemão, Hans-Dietrich Genscher, no último fim de semana. Genscher reuniu-se com o seu colega soviético, Eduard Shevardnadze, para acertar detalhes da visita que o primeiro-ministro alemão, Helmut Kohl, fará à URSS em outubro próximo. Acredita-se, porém,



O Cessna em Moscou: ousadia

que a libertação do piloto foi efetuada para ajudar a normalizar as relações entre os dois países — abaladas desde 1986, quando o primeiro-ministro alemão comparou os dotes do líder soviético Mikhail Gorbachev como comunicador aos do chefe da Propaganda nazista Josef Goebbels.

SILÊNCIO LUCRATIVO — Para Mathias Rust, no entanto, os problemas diplomáticos acabaram servindo como trampolim para alcançar a liberdade. Logo após ser solto, o piloto alemão deu uma entrevista para a agência *Tass*, derramando-se em elogios aos soviéticos. “Minha libertação foi um ato humanitário”, comentou, ao reconhecer ter cometido “vários crimes”. Rust ainda se permitiu fazer gracejos. “Prometo levar o meu passaporte da próxima vez que deixar o meu país”, brincou. E



Rust: “Outra vez, só com passaporte”

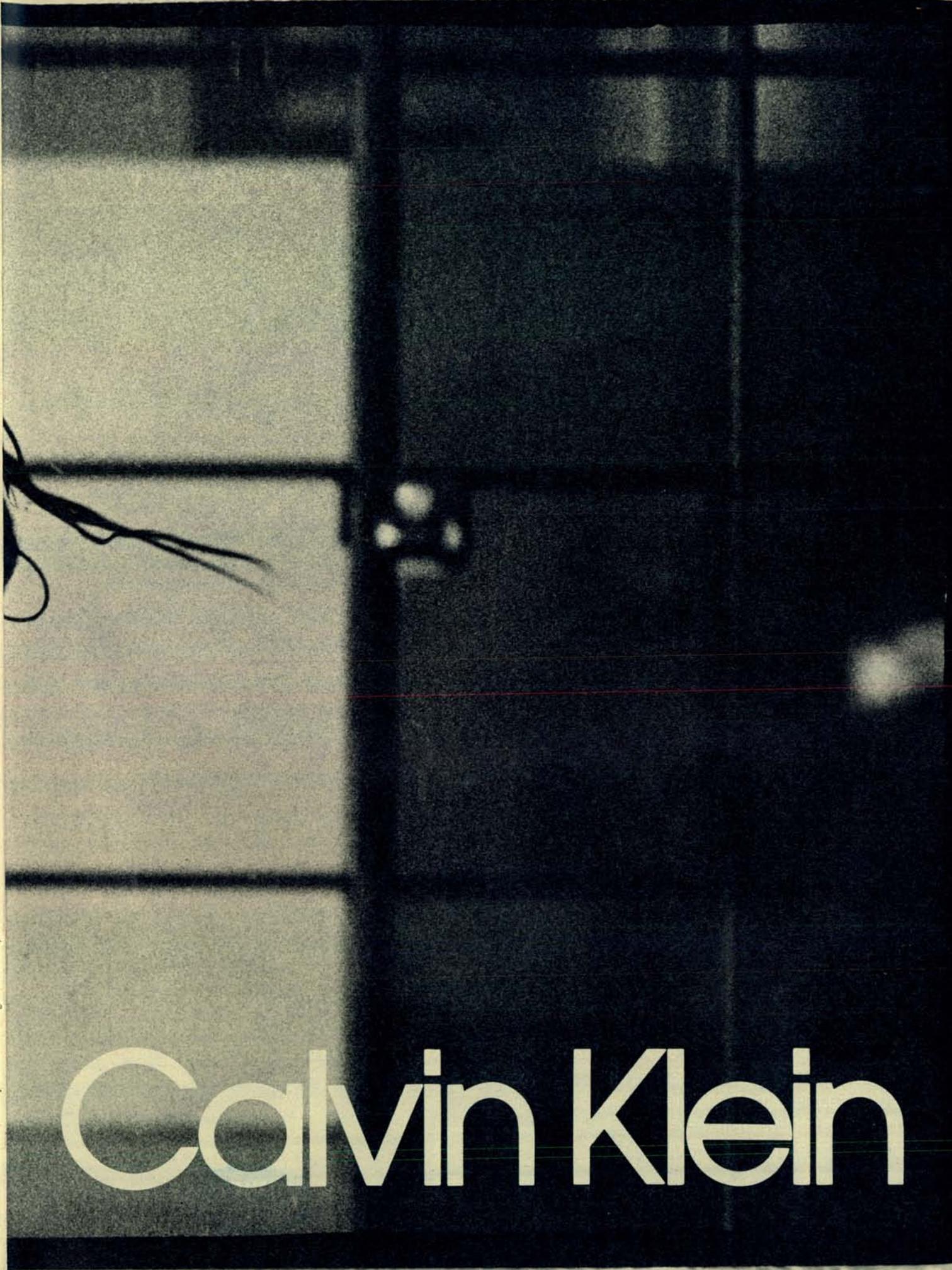
foi só. Ao desembarcar em Frankfurt, na Alemanha, o jovem piloto não pronunciou uma palavra sequer. O silêncio de Rust, porém, tem uma explicação. Em sua bagagem, ele trouxe todos os detalhes de sua incrível aventura pelos céus soviéticos a bordo do Cessna, vendidos para a revista alemã *Stern* — que pagou 1 milhão de marcos, cerca de 135 milhões de cruzados, pela exclusividade de seu depoimento. Mesmo em liberdade e com uma gorda conta bancária, os problemas de Rust ainda não acabaram. Agora, ele corre o risco de responder a processos em seu próprio país, por colocar em perigo o tráfego aéreo e mentir às autoridades, ao dar originalmente Estocolmo como destino de seu vôo a Moscou. Rust pode, inclusive, perder o seu brevê de aviador, o que o privaria de fazer o que mais gosta na vida — voar. ●



Removendo o manto do segredo

Quando fotografava um quartel soviético sem maior importância, três anos atrás, o oficial americano Arthur Nicholson Jr. foi morto com um tiro de fuzil, disparado por um sentinela, em Berlim Oriental. Na semana passada, a União Soviética desvendou alguns dos seus mais bem guardados segredos militares a ninguém menos que o secretário de Defesa dos Estados Unidos, Frank Carlucci. Em sua viagem de quatro dias, Carlucci teve acesso à fina flor dos arsenais soviéticos: inspecionou tanques de guerra de última geração, assistiu a uma batalha simulada, passou em revista marinheiros a bordo do cruzador *Slava*, o navio mais moderno da frota soviética. O grande momento foi quando ele se sentou na cabine do mais poderoso bombardeiro nuclear soviético, conhecido no Ocidente como *Blackjack*. Os anfitriões, porém, se recusaram a declinar o nome oficial do avião. “Para que assustar as pessoas?”, disseram.



A dark, moody photograph of a window at night. The window is divided into several panes by dark frames. The left side of the image is illuminated by a soft, yellowish light, possibly from a lamp or window blinds, creating a strong contrast with the deep shadows on the right. In the center-right pane, a small, dark silhouette of a person is visible, appearing to be looking out or standing near the window. The overall atmosphere is mysterious and contemplative.

Calvin Klein

IRRIGAÇÃO NO BRASIL FAZ NASCER ATÉ PRÊMIO.



I PRÊMIO "CARDRIP" DE

Este estímulo foi a melhor maneira que a Union Carbide encontrou para premiar projetos de irrigação localizada.

Os vencedores vão a Israel, com tudo pago, para ver de perto os mais adiantados sistemas de irrigação por gotejamento e micro-aspersão que fazem nascer melão no deserto.

O prêmio é destinado a agrônomos, engenheiros agrícolas, técnicos de áreas afins e estudantes que, com seus projetos, aumentam a produtividade e viabilizam uma agricultura mais segura e rentável.

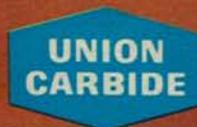
O prêmio Cardrip é um apoio à divulgação do

IRRIGAÇÃO LOCALIZADA.

sistema de irrigação localizada, colaborando com os objetivos dos planos de irrigação do Governo: PROINE/PRONI.

É também mais uma prova de que a Union Carbide acredita no elo Empresa-Universidade-Pesquisa.

"CARDRIP" é a marca que identifica a matéria-prima - Polietileno Baixa Densidade - destinada à produção de tubos especiais para irrigação localizada.



Para receber o regulamento, faça contato com:
I PRÊMIO CARDRIP DE IRRIGAÇÃO LOCALIZADA
Rua Dr. Amâncio de Carvalho, 507 - São Paulo -
CEP 04012 - Capital - Telefone: 572-5055

Química gerando idéias.

O ouro da discórdia

A quarenta dias da Olimpíada de Seul, a premiação em dinheiro aos atletas gera polêmica



A cada quatro anos, desde a primeira Olimpíada moderna realizada em Atenas em 1896, uma polêmica sobe ao pódio ao lado dos medalhistas: os atletas devem ou não receber gratificações pelas vitórias nos Jogos? Os puristas do esporte entendem que o dinheiro mancha o sagrado lema do barão Pierre de Coubertin, segundo o qual "o importante é competir". Para os mais realistas, a ajuda financeira não passa de um reforço econômico aos atletas que vivem para o esporte e não podem trabalhar — e uma simples premiação em dinheiro, muitas vezes simbólica, não seria capaz de destruir o espírito olímpico. Na semana passada, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos, o COEUA, aqueceu ainda mais esta polêmica ao anunciar que distribuirá 18 milhões de dólares diretamente a 1 000 atletas que já treinam para futuras competições.

Os atletas receberão 2 500 dólares anuais cada um entre

1989 e 1992, às vésperas da Olimpíada de Barcelona. "É impossível que um atleta de sucesso possa competir e trabalhar ao mesmo tempo", diz Robert Helmick, presidente do COEUA. O pagamento direto aos atletas irá se somar a um outro programa já existente nos Estados Unidos — a "Operação Ouro" — que ajudou, nos últimos seis meses, a 320 esportistas americanos com chances de medalha em Seul. A decisão americana não é inédita — mas, partindo do mais poderoso comitê olímpico do mundo, explodiu com a força de uma bomba.

CADERNETA OLÍMPICA — Até mesmo o presidente do Comitê Olímpico Internacional, o espanhol Juan Antonio Samaranch, engrossou o bolo daqueles que irão pagar pelos bons desempenhos em Seul. Como presidente da Caixa da Catalunha, uma instituição financeira da Espanha, Samaranch foi um dos responsáveis pelo plano "Caderneta Olímpica" — organizado para incentivar os atletas espanhóis que ganharem medalhas e quebrarem recordes. Uma medalha de ouro valerá 328 000 dólares. O portador de uma medalha de prata levará para casa 246 000 dólares e o de bronze, 205 000 dólares — valores que serão triplicados nos Jogos de Barcelona em 1992. O prêmio oferecido pela caixa ficará depositado em uma caderneta de poupança e não poderá ser movimentado até que o atleta complete 50 anos de idade. "Os esportistas dos países da Europa comunista recebem apartamentos e promoções em seus empregos quando ganham medalhas", diz Charles Palmer, presidente do Comitê Olímpico Britânico, que também decidiu premiar seus atletas seguindo o modelo francês. "Por que não podemos pagar prêmios?" O Comitê Olímpico da França dará ao medalhista de ouro 36 000 dólares, ao de prata, 18 000 dólares, e 13 500 dólares para aqueles que conquistarem o terceiro lugar.

"Não tenho nada contra o pagamento de atletas, muito pelo contrário", diz o velocista brasileiro Róbson Caetano, 24

O velocista Róbson Caetano: "Qual é o mal em sermos remunerados?"

OSCAR CABRAL



NELLIE SOLTREINICK

Masagão Ribeiro: barras de ouro para os atletas brasileiros em Seul



GAMMA SIGLA

Samaranch: pela caderneta



Medalhas de ouro, prata e bronze: "Importante é competir"

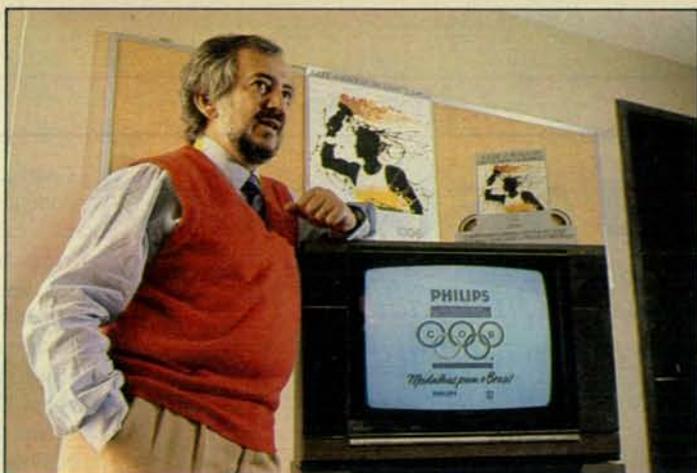


ALEXANDRE SASSAKI

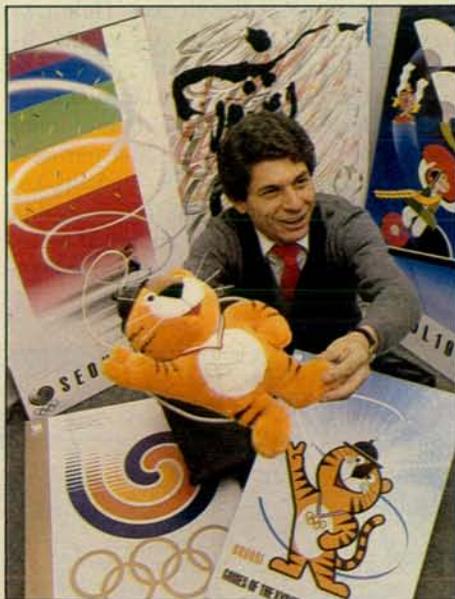
Padilha: "Não pago um tostão"

anos, dono do sétimo melhor tempo no mundo dos 100 metros rasos, com 9s99, e do tempo de 20s04 para os 200 metros rasos. “É claro que temos amor pelo que fazemos, mas qual é o mal em sermos remunerados com um prêmio?”, pergunta Caetano, que nos *meetings* — os torneios internacionais de atletismo — chega a ganhar até 5 000 dólares, o equivalente a 1,3 milhão de cruzados, apenas para se alinhar na competição. O alvo preferido de Róbson Caetano, em sua pregação pelo prêmio, é o Comitê Olímpico Brasileiro, o COB. “Seria a única coisa boa que o COB poderia fazer por nós”, diz ele.

NENHUM TOSTÃO — O major Sylvio de Magalhães Padilha, 78 anos, presidente do COB há 25 anos, costuma se entrincheirar na tese de que qualquer tipo de premiação em dinheiro aos atletas é um erro grave. “Não pago nenhum tostão”, afirma Padilha. “O Comitê Olímpico Internacional proíbe remuneração a atletas e eu o acato.” Devido a essa posição, o COB viu-se metido, nos últimos meses, num insólito duelo com a Bolsa Mercantil & de Futuros de São Paulo, a qual decidiu se promover premiando com barras de ouro os brasileiros que voltarem de Seul com medalha no pescoço. Para os medalhistas de ouro, a BM&F promete nada menos que 1 quilo de ouro, cotado em 5 milhões de cruzados na semana passada. A de prata valerá ao atleta 250 gramas de ouro e a de bronze, 100 gramas. “Associar o ouro da Bolsa ao ouro das Olimpíadas gera uma imagem simpática ao nosso negócio”, confia Luís Masagão Ribeiro, presidente da BM&F. Caso o número de medalhas do Brasil não seja



Negrini, da Philips: “O marketing esportivo é eficiente”



Campos: “Um grande negócio”

suficiente para completar os 2 quilos de ouro inicialmente previstos para serem entregues, a Bolsa Mercantil se compromete a repassá-las ao COB. “Em vez de ficarem prometendo barras de ouro para os vencedores, por que eles não ajudam o esporte

antes da competição, na fase de treinamentos?”, indaga, olímpico, o major Padilha. A questão é simples. “Premiando os vencedores, estamos ajudando os atletas a ir para Barcelona daqui a quatro anos”, responde Masagão, da BM&F.

O próprio Comitê Olímpico Brasileiro, contudo, que afasta a idéia de pagar os atletas, tem sido beneficiado por um investimento que, indiretamente, chega aos esportistas. A Philips do Brasil está patrocinando as passagens aéreas

de todas as 160 pessoas da delegação brasileira que irá a Seul. “O marketing esportivo é muito eficiente, principalmente agora, quando todas as atenções estão voltadas para a Olimpíada”, diz Ismael Negrini, gerente da Philips, que gastou 4 milhões de dólares para se associar ao COB. “O investimento não é imediato, mas vale a pena.” A Philips internacional é uma das dez empresas que formam o pool que está gerando 1,5 bilhão dos 3,2 bilhões de dólares do custo total da Olimpíada de Seul. O restante será bancado pelo governo coreano. A reunião dessas empresas — entre as quais a Coca-Cola e a Kodak — foi promovida pelo próprio Comitê Olímpico Internacional, que a partir da experiência com a Olimpíada de Los Angeles — cujo lucro ultrapassou os 600 milhões de dólares — decidiu dar carta branca à iniciativa privada. “O esporte virou um grande negócio”, afirma Luís Carlos de Campos, dono do Banco de Idéias, a empresa de São Paulo especializada em licenciamentos de marcas e que, em troca de 300 000 dólares, ficou com os direitos de reprodução das marcas e logotipos dos Jogos de Seul.

Uma história refeita

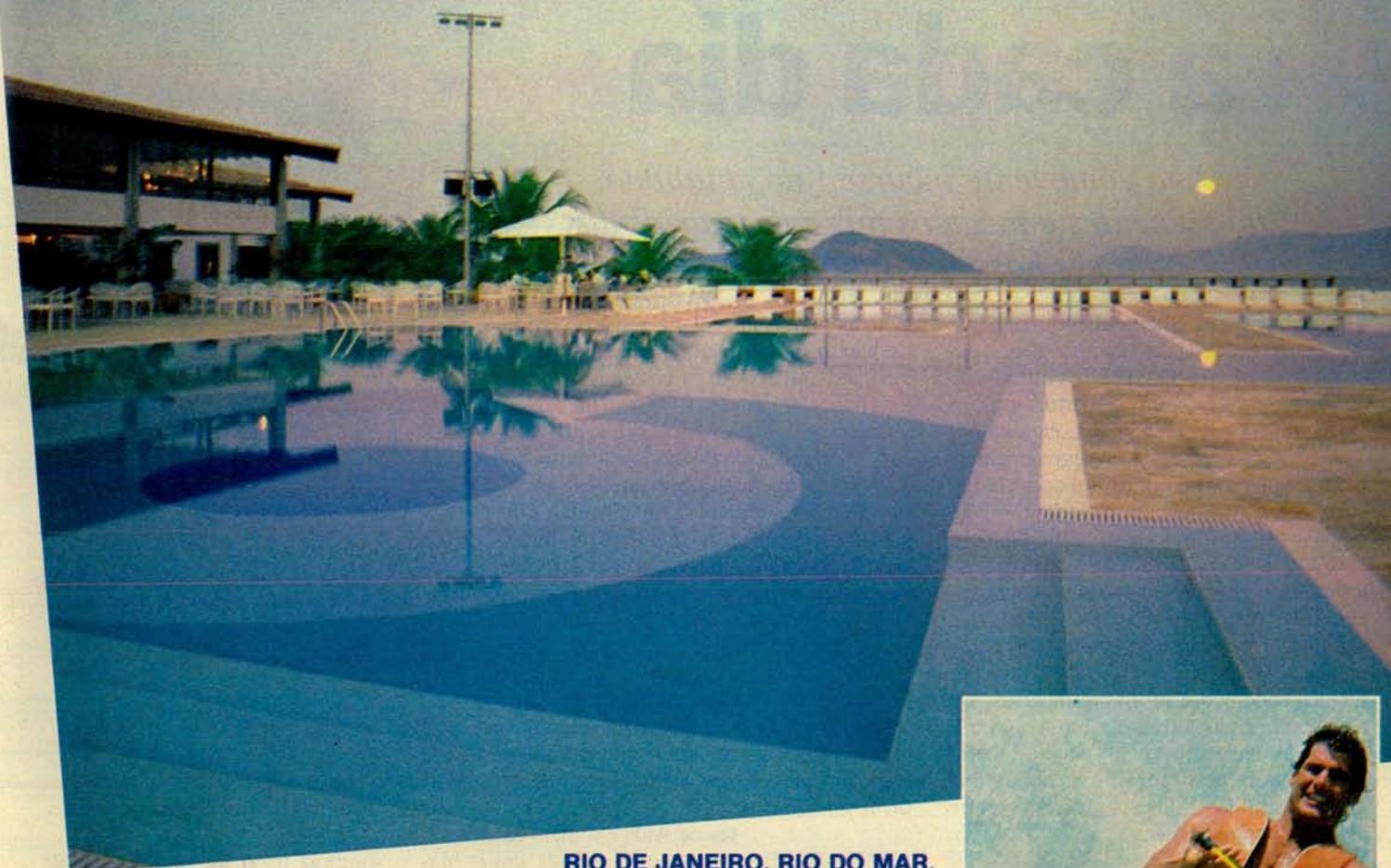
O primeiro grande mito dos modernos Jogos Olímpicos, o índio americano Jim Thorpe, vencedor das provas do decatlo e do pentatlo na Olimpíada de Estocolmo, em 1912, foi pivô de uma das histórias mais dramáticas do esporte — em que um superatleta foi condenado sob a acusação de profissionalismo, somente setenta anos mais tarde, já morto, foi reabilitado. Logo após a Olim-

píada, os dirigentes americanos descobriram que no verão de 1909 Thorpe havia participado de uma turnê de uma equipe de beisebol, em troca de 25 dólares. O atleta foi despojado de suas medalhas de ouro e teve o seu nome riscado dos registros olímpicos. Nos Jogos de Los Angeles, em 1984, em reconhecimento a sua história, Jim Thorpe foi honrado — e sua neta convidada a carregar a tocha olímpica.



Jim Thorpe: 25 dólares cassaram suas medalhas

RIO DAS PEDRAS

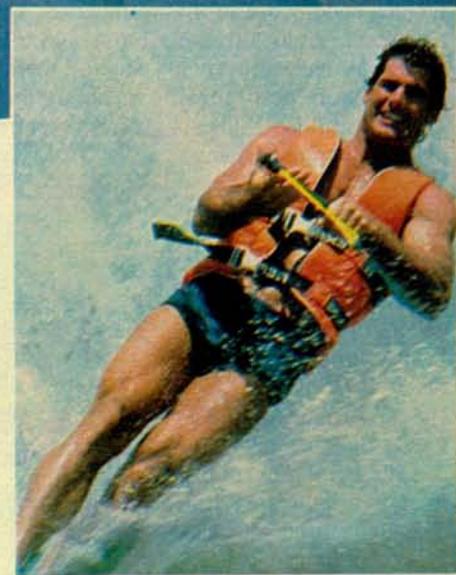


RIO DE JANEIRO, RIO DO MAR, RIO DA VELA, RIO DO ESQUI, RIO DO LUXO E DA BELEZA.

Quando você chega no Club Méditerranée, de Rio das Pedras ou Itaparica, o mundo fica lá fora. Aqui dentro, longe dos problemas e no meio de muito verde, você escolhe entre ler um bom livro, dar um mergulho, praticar windsurf, esqui, ginástica aquática, passeios marítimos, jogar uma partida de tênis, jogar squash, futebol de campo ou salão, vôlei, basquete, arco e flecha, ou simplesmente ficar batendo um papo com os novos amigos.

E por falar em amigos, os nossos G.O.s (Gentis Organizadores) estão preparados para fazer das suas férias, um dia diferente do outro, pois cada um deles é um instrutor em pelo menos duas modalidades, assim você pode aprender um novo esporte ou praticar o seu preferido. Como ninguém é de ferro, à noite você se distrai assistindo aos shows que o Club Méditerranée produz e, mais tarde, você ainda pode dar uma esticadinha até o night-club.

Programa agora as férias mais inesquecíveis da sua vida. Aqui você se desliga do mundo lá fora e se liga em você.



CLUB MÉDITERRANÉE

Procure o seu agente de viagem ou ligue Toll Free (021) 800-6965

Rio de Janeiro: Rua do Carmo, 11 - 2º andar - Tel.: (021) 297-5337 - São Paulo: Av. Rebouças, 3128 - Tel.: (011) 813-7311

Morrendo aos poucos a cada dia

Uma comovente incursão no cotidiano de pacientes e médicos nas enfermarias dos maiores hospitais de Aids do país



Sheila chegou ao Hospital Emílio Ribas em São Paulo embrulhada num cobertor trazida pela mãe, que, afobada, a entregou à enfermeira mais próxima. Aos 8 meses ela pesava 3 quilos, quando deveria ter pelo menos 10. Respirava com dificuldade e recusava a mamadeira. Os médicos a internaram e em três dias saiu o diagnóstico: Aids. A mãe disse às enfermeiras que iria buscar roupas extras para a criança e nunca mais voltou ao hospital — de identidade, endereço e profissão incertos, ela não pôde ser localizada. Com 1 ano e 9 meses de idade, a pequena Sheila, agora, recuperou o peso ideal e ganhou uma grande família. “Ela está crescendo entre

aventais brancos, macas e agulhas de injeção”, diz Marinella Della Negra de Paula, 43 anos, médica encarregada da 3.ª Unidade de Internação do Emílio Ribas, uma das muitas mães de Sheila. “Ela foi carinhosamente adotada pelo hospital e todos lhe compram roupinhas e brinquedos. Ela é a única fonte de alegria comum a todos.”

Sheila carrega no sangue o HIV, o vírus da Aids, que, sinistramente cristalizado, aguarda o momento de destruir suas defesas or-

gânicas para roubar-lhe a saúde e a vida. Enquanto isso, a menina amacia com seu olhar infantil o duro ofício de seus novos familiares — quase 1 000 médicos, enfermeiras e funcionários do Emílio Ribas, o grande pavilhão dos humilhados da Aids, a doença que mata e estigmatiza. Permanentemente, o hospital, um prédio modernista de seis andares localizado no bairro de Pinheiros, em São Paulo, abriga meia centena de aidéticos internos. Nenhum hospital do mundo trata tantos doentes de Aids em regime de internação — nos Estados Unidos e na França, únicos países que superam o Brasil nas trágicas estatísticas da doença, o tratamento é preferencialmente ambulatorial e os pacientes espalham-se por diversas instituições de saúde. “Tratar pacien-

tes de Aids é a mais angustiante missão de um médico”, diz Paulo Ayrosa Galvão, administrador do hospital, um hematologista agnóstico de 60 anos, pai de cinco filhos, dois deles também médicos. “Todos os procedimentos são caros, arriscados e frustrantes, pois não existe possibilidade de cura.” Nos 140 leitos do Emílio Ribas, que é mantido pelo Estado, internam-se também pacientes de doenças infecciosas mais brandas, como a meningite e o sarampo.



A menina Sheila, mascote entre os condenados



Uma enfermaria do primeiro andar do...

Mas o sombrio pano de fundo da Aids domina o metabolismo do hospital. Internados três a três em enfermarias isoladas do corpo do hospital, os doentes exigem cuidados especiais. “O ideal é termos oito pessoas para cada paciente internado”, diz Galvão. “Em alguns andares temos apenas dois atendentes por paciente.”

“ELE ESTÁ COM FRIO” — Boa parte dos doentes de Aids não consegue se alimentar sozinha, não anda e só pode receber visitas em períodos muito curtos — meia hora, três vezes por semana. “É doloroso para uma mãe ver seu filho por um vidro na porta”, dizia na semana passada Maria de Lourdes Moura, cujo filho, Marco Antônio, de 23 anos, contaminou-se com Aids por ser usuário de drogas injetáveis. “Ele está com frio, es-



...Hospital Emílio Ribas: um pavilhão onde pacientes, médicos e enfermeiros aprendem a ver a vida pela perspectiva da morte

tá tremendo e com dores e não me deixam cobri-lo com meu casaco”, dizia. “Tenho que brigar se quiser vê-lo.”

Os pacientes de Aids são isolados do convívio com outras pessoas pela simples razão de que seus organismos não resistem a germes simples, como a *Candida* e a *Pneumocystis carinii*, inócuos para pessoas saudáveis. O primeiro provoca lesões sérias na boca e no esôfago dos aidséticos e o segundo ocasiona pneumonias graves. “Eles podem perder a esperança de viver, mas até o fim imploram para ter alguém a seu lado, o isolamento os mata por antecipação”, diz a médica Marinella. “Não consigo esquecer até hoje a expressão estampada no rosto de um garoto hemofílico que acostumamos a chamar apenas de M. e que a Aids matou há alguns meses”, diz ela. “Ele pegou a

doença numa transfusão de sangue e tinha uma enorme capacidade de verbalizar seu sofrimento. Ele nos narrou cada fase da doença com seus olhinhos brilhantes. Não posso me lembrar dele que ainda choro.”

CASTIGO DIVINO — Até o fim do ano, a Aids deve atingir a cifra de 1 130 casos no Brasil apenas no período de doze meses. Serão quase 300 mortos da doença no mesmo período. Comparada com o ano passado, essa estatística pode sugerir que a doença arrefeceu. Para a maioria dos especialistas está em curso no país o fenômeno da subnotificação — que acomete especialmente os hospitais privados. “Pelo menos metade dos casos de Aids no país está sendo desqualificada para outro tipo de doença e, assim, desa-

parece das estatísticas”, diz o médico paulista Celso Mazza. Tratar-se de Aids num bom hospital privado paulista, como o Albert Einstein ou o Sírio-Libanês, custa cerca de 150 000 cruzados por dia. A imensa maioria dos pacientes, portanto, migra para o Emílio Ribas, em São Paulo, ou para o Gaffrée Guinle, no Rio de Janeiro, ou o Roberto Santos, em Salvador, instituições públicas onde nada se cobra pela internação. Custa ao governo, em média, 55 000 cruzados por dia para tratar um paciente com Aids. É o triplo que o Inamps gasta com um canceroso.

Por acometer um número maior de homossexuais e de viciados em drogas, a Aids obriga seus pacientes a carregarem um peso ainda maior que os transtornos físicos ocasionados pela moléstia. “Muitos médicos ainda olham o aidsético com



FOTOS LUIS DANTAS

timas posses dele”, diz Lilian Brandilla Calazans, 33 anos, encarregada do setor de internamentos do Emílio Ribas. “O paciente S.M. foi procurado por familiares que pediram sua assinatura num papel. Era um documento de transferência de posse de seu único bem, um aparelho de som. Outro dia, um parente trouxe as promissórias de uma sepultura para o paciente. É demais.” Para enfrentar essa rotina de situações limites, os funcionários do Emílio Ribas recebem assistência psicológica constante. “Além do medo de serem contaminados pelo sangue ou pela secreção dos doentes, os funcionários são submetidos a toda carga de emoções brutais”, observa a psicóloga Heloísa Helena de Araújo Campos. “Os pacientes de Aids quase sempre sofrem perturbações neurológicas, tornam-se agressivos e agredem os atendentes. É preciso prepará-los para entender a situação e lidar com os doentes de forma carinhosa”, diz a psicóloga, que conduz sessões de terapias de grupo para as equipes que lidam diretamente nas enfermarias.

O Hospital Emílio Ribas, em São Paulo: a maior clientela da Aids no mundo

Em cada detalhe, o Emílio Ribas diferencia-se de um hospital convencional. “Usamos hoje em três meses a quantidade de medicamentos que usávamos ao longo de dois anos antes da Aids”, contabiliza Tuba Milstein Kuschnaroff, diretora técnica. O consumo de antibióticos supera, por exemplo, o do Hospital das Clínicas, que é dez vezes maior em número de leitos. A cada três meses, o Emílio Ribas utiliza 8 400 comprimidos de sulfadiazina, a droga clássica no combate a um dos mais persistentes males associados à Aids, a pneumonia pelo *Pneumocystis carinii*. Até na cozinha e na lavanderia os cuidados são diferentes. Porque os pacientes aidéticos quase sempre estão acometidos de violentas disenterias,

desconfiança”, diz a doutora Marinella. No Emílio Ribas são constantes os conflitos psicológicos. “Acho o homossexualismo terrível. Os pacientes conversam com a gente e querem nos convencer de que isso é normal. Não é. Perante Deus, não é normal, e a doença é um castigo”, diz Isaura Rodrigues, auxiliar de enfermagem há 21 anos e que trabalha no Emílio Ribas. “Atendo todos como posso. Mas alguns dizem palavrões e têm um temperamento ruim. Desses quero distância. Outros são humildes e nos emocionam.” Isaura ganha 20 000 cruzeiros por mês para exercer seu trabalho de medicar os doentes com as doses prescritas e no horário certo. Por um salário um pouco menor, um atendente de enfer-

magem do Emílio Ribas cuida da higiene dos pacientes — dá o banho diário e limpa suas secreções. “É mais difícil recrutar funcionários qualificados para o hospital”, diz o administrador Galvão. “Além disso, a evasão é grande.”

LIMITES — Um dia de trabalho no Hospital Emílio Ribas deixa os médicos e funcionários com a sensação de que muito pouco foi feito. “Aprendemos a lutar contra a morte e nossa luta agora é contra o tempo”, constata Marinella. “Podemos apenas prolongar a vida do paciente.” Nem sempre — ou quase nunca — isso significa alguma coisa boa. “É triste ver que vem gente aqui não para dar uma mão ao paciente, mas para arrancar as úl-



A psicóloga Cislene com um paciente: trágica sinalização



Maria de Lourdes olha o filho pelo vidro: “Ele tem frio”

sua alimentação deve ser a mais rica possível em fibras. Como qualquer bactéria facilmente metabolizada por pessoas saudáveis pode matar um aidsético, os alimentos sofrem um rigoroso processo de esterilização. Os 1 600 quilos de roupa que são lavados a cada dia também requerem tratamento especial. Os funcionários da lavanderia usam máscaras e cada um dos 3 000 lençóis passa por três banhos — um de detergente e dois de desinfetante.

REVOLTA — Distribuídos entre o 1.º e o 6.º andar, os pacientes do Emílio Ribas, que nos momentos de maior lotação já ocuparam oitenta leitos, aprenderam a conviver com um tácito código de sinalização interna. “Quando sobe um biombo de lençol na cama ao lado, o paciente percebe que o companheiro de quarto está morrendo”, diz Cislene Gomes Heberli, uma psicóloga de 26 anos, que presta serviços no hospital. “E sempre que isso ocorre todos os doentes que testemunham a morte sofrem violentas recaídas.” Cislene nota em seu trabalho que os doentes conseguem, por exemplo, livrar-se das culpas psicológicas — e os que tinham dificuldade em falar com a família sobre a própria homossexualidade perdem a inibição. “O medo maior do sofrimento e da morte prevalece sobre tudo”, constata Cislene. “O mais difícil numa situação dessas é conviver com gente jovem condenada à morte. São pessoas que com justa razão sentem-se revoltadas contra tudo e contra todos.”

Muitas vezes a revolta é contra si próprio. A enfermeira carioca Lissonja Cacilda Santos Borba, que trabalha na enfermagem do Hospital Gaffrée Guinle, no Rio — onde pacientes de Aids são internados ao lado de cardiopatas e cancerosos —, já evitou o suicídio de pelo menos três pacientes. Dois



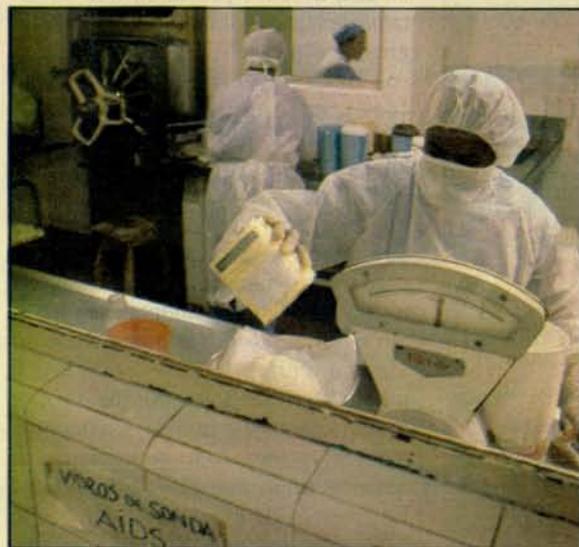
A lavanderia do Emílio Ribas: três banhos desinfetantes em 3 000 lençóis

tentaram pular a janela e ela os segurou. Um outro tentou alcançar o parapeito, mas por falta de força mal se debruçou sobre a janela. “Um paciente tentou uma vez enforcar-se nos tubos do aparelho de oxigênio”, conta Lissonja. “Nós os salvamos mas hoje me pergunto qual a utilidade de todo o esforço. É terrível, todos aqueles que salvamos já estão mortos.” A médica carioca Márcia Rachid, de 28 anos, também do Gaffrée Guinle, acostumou-se às emoções fortes. “Meu marido às vezes diz que não agüenta mais me ver tão triste, mas não consigo deixar os problemas no hospital”, diz.

Ela acaba se envolvendo com os dramas particulares dos pacientes. “Quando eles recebem alta, saio com eles, vou a shows, lançamentos de livros e até festas na casa

deles”, admite a doutora Marcia que confessa ter ela própria sofrido uma drástica mudança interior. “Meus pequenos problemas deixaram de existir — sei que não tenho mais paciência para lidar com pessoas que transformam bobagens em grandes catástrofes.” Cabelos precocemente embranquecidos, que emolduram um rosto plácido e bonito, a médica mal consegue esconder as lágrimas quando fala de seus pacientes. “No dia em que me acostumar com a morte deixo de trabalhar aqui”, conclui a jovem profissional que se especializou em imunologia e alergia.

QUEIXAS — Como uma lente invertida que faz a vida ser vista da perspectiva da morte, a concentração de pacientes como



Cuidados na cozinha: esterilização total



A psicóloga Heloísa ouve um doente: prolongamento da dor e da vida



MARIO LEITE

Aidéticos do Hospital Roberto Santos, em Salvador: ira



ALEXANDRE SASSAKI

A médica Márcia: "Não tenho mais pequenos problemas"

a que se vê no Hospital Emílio Ribas é um fenômeno pouco usual em países que registram um número de aidéticos ainda maior que o Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde já foram constatados 66 000 casos da moléstia, os pacientes não são concentrados num mesmo hospital — e mesmo que haja uma instituição de saúde mais voltada para os casos da doença os pacientes recebem tratamento ambulatorial ou de internamentos relâmpagos de dez dias. Em Nova York, onde a maioria dos aidéticos é viciada em drogas, em geral desprovida de famílias e recursos, as internações duram de 20 a 25 dias. Calcula-se que o aidético seja internado entre duas e quatro vezes durante sua luta contra a doença. "Todos os hospitais americanos são obrigados — não se recusam — a aceitar pacientes aidéticos", explica a VEJA Elaine Peters, porta-voz da Associação dos Hospitais dos Estados Unidos.

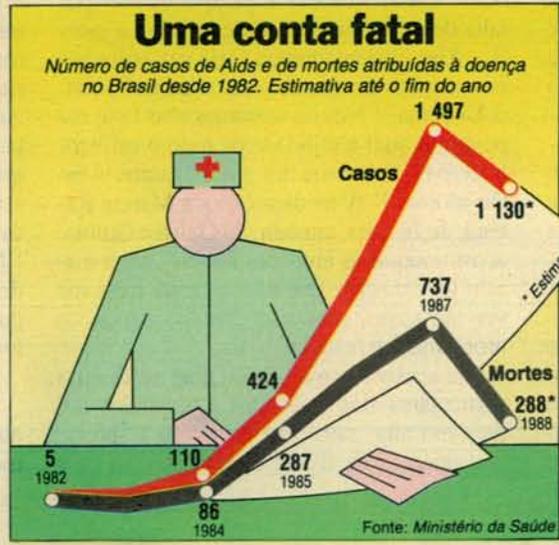
Os americanos consideram falta de ética, punida com os rigores da lei, o fato de um hospital recusar-se a tratar um paciente aidético. Há duas semanas, por exemplo, o Alfred Dupont Institute, de Delaware, anunciou que testaria todas as crianças a serem internadas ali. Caso alguma delas mostrasse ser portadora do vírus da Aids, ela seria transferida para outro hospital. A reação pública foi tão negativa que a nova política foi suspensa antes mesmo de começar a ser implementada. Além disso, criou-se nos Estados Unidos uma jurisprudência federal que considera um doente de Aids uma pessoa inválida. E pela lei americana ninguém pode discriminar um inválido. Caso o aidético se sinta discriminado pelo hospital, ao ser colocado numa ala isolada, ele pode reclamar e suas queixas serão ouvidas.

"Quando as precauções são tomadas não há qualquer risco em que pacientes de Aids fiquem em quartos comuns com outros pacientes", diz Elaine Peters.

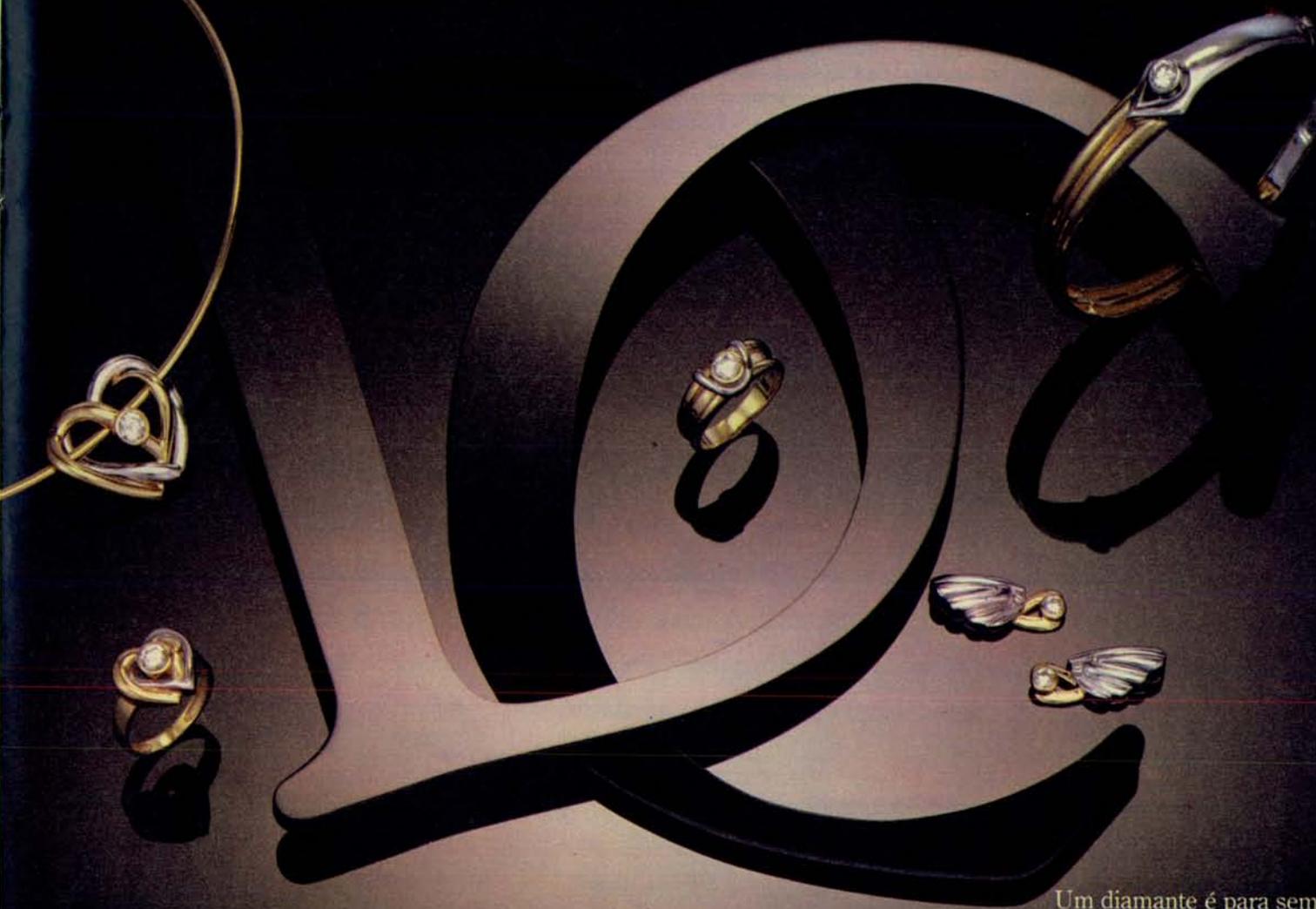
SOPRO DE VIDA — No Hospital Roberto Santos, em Salvador, não existe uma ala específica para doentes de Aids. Eles ficam na enfermaria para doenças contagiosas onde ocupavam, na semana passa-

da, treze dos dezesseis leitos disponíveis. Como se trata de um hospital público, é muito comum a presença de doentes trazidos de penitenciárias ou das unidades de recuperação de menores delinquentes. Numa noite do ano passado, três desses delinquentes juvenis internados no Roberto Santos com Aids cortaram levemente os pulsos e avançaram sobre os vigias noturnos do hospital. "Eles perceberam o pavor que provocam e simplesmente se divertiram com isso", diz Jorge Cerqueira, diretor do hospital. "A Aids é uma coisa nova para nós e só agora estamos aprendendo a lidar com a doença em todas suas facetas terríveis."

A mais assustadora das inovações sociais que a Aids impôs à convivência entre médicos e pacientes é a impotência do profissional diante da doença. "Fomos formados para curar, para garantir a vida, mas estamos falhando com a Aids", constata Grace Sanches Suleiman, médica infectologista, 31 anos, trabalhando há cinco no Emílio Ribas. "Muitos pacientes acabam pensando que só estamos criando ainda mais constrangimentos para eles." Nada mais falso. Basta viver algumas das situações que se criam no ambiente de morte adiada do Emílio Ribas. A adoção simbólica da pequena Sheila, por exemplo, e o sopro de vitalidade que ela aspergiu no hospital é algo que toda uma geração de médicos e enfermeiros jamais esquecerá. A teimosia de alguns pacientes em viver até o último sopro é uma lição que afasta a morte. "Não posso bloquear minha afetividade só porque sei que meu paciente vai morrer", conclui a médica carioca Márcia Rachid. "E quem garante que ele vai primeiro? Posso sair daqui e ser atropelada. No fundo, no fundo, temos a mesma fragilidade."



Abra a revista justamente nesta página.
Ele precisa de ajuda para ler seus pensamentos.



Um diamante é para sem

Você quer uma dessas jóias com diamantes, não quer? Então, comece a dar umas dicas para ele.

Diamond Club é uma coleção tão exclusiva, tão especial, que apenas um joalheiro em sua cidade tem o

privilegio de oferecê-la a seus clientes.

Talvez ele se pergunte por que você mostrou este anúncio para ele, mas tudo bem.

Ele já começou a ler seus pensamentos.

**DIAMOND
CLUB 88**

A mais exclusiva das coleções.

São Paulo: Julio Okubo Jóias - Shopping Ibirapuera, loja 77. Shopping Iguatemi, loja R.20. **Santo André:** Casa Tokio - Rua General Glicério, 236. **Santos:** Paulista Jóias - Rua João Pessoa, 19. Shopping Parque Balneário, loja 81. **Campinas:** Julio Okubo Jóias - Shopping Iguatemi, lojas 6/8. **Ribeirão Preto:** Frankel Joalheiros - Shopping Ribeirão Preto, lojas 43/44. **São José dos Campos:** Relojoaria Universal - Center Vale Shopping, loja S/307. **Rio de Janeiro:** Frankel Joalheiros - Shopping Rio Sul, loja 101. **Curitiba:** Arnoux Joalheiros - Rua Emiliano Perneta, 30, loja 17. **Porto Alegre:** Joalheria e Ótica Safira - Rua Marechal Floriano, 57 - Shopping Iguatemi, lojas NP 06 e JW 19 - Rua Voluntários da Pátria, 195 (Esq. Dr. Flôres). **Canoas:** Joalheria e Ótica Safira - Rua 15 de Novembro, 231. **Salvador:** Carlos Jóias - Shopping Barra, loja 257. **Recife:** Murillo Joalheiros - Shopping Center Recife, Bv 79. **Fortaleza:** Adsmame Jóias - Shopping Center Iguatemi, loja 61. **Cuiabá:** Uziel Jóias - Av. Getúlio Vargas, 1189. **Belo Horizonte:** Frankel Joalheiros - Shopping BH, lojas 02/03.

“Morrer deve ser frio como o parto”



Desde que a Aids se tornou um alarmante problema de saúde pública no Brasil, há quatro anos, a maioria

de suas vítimas também tem preferido lutar pela vida no anonimato, mais ao abrigo da discriminação que sofre. Hoje uma parte dos doentes não teme mais mostrar o rosto. Eles têm esperança de que suas histórias pessoais ajudem a combater o preconceito e a melhorar as condições de atendimento dos aidéticos nos hospitais. A seguir, algumas de suas histórias:

Uma manchete de jornal sobre a Aids despertava no teatrólogo paulista Cláudio Moraes, de 36 anos, menos curiosidade do que uma notícia sobre vôlei, esporte que praticou durante boa parte da juventude. Casado há um ano com Diva Cruz, de 21 anos, Cláudio sentia-se alheio à doença e às desgraças associadas a ela. No final do ano passado começou a sentir-se fraco, febril e com grande dificuldade para respirar. Examinado por médicos da Santa Casa de Embu, um município montanhoso da Grande São Paulo, onde morava, constatou-se uma tuberculose que foi tratada convencionalmente. Ninguém sabia — mas foi o primeiro sinal de que a Aids estava bem mais próxima de sua vida do que as manchetes de jornal. Em maio deste ano Cláudio teve certeza de que a tuberculose fora prenunciadora do mal maior. Ele sofreu uma pneumonia e os médicos de Embu o aconselharam a procurar o Hospital Emílio Ribas. “A princípio eles se recusavam a me dar o diagnóstico e insistiam em saber se eu era drogado ou homossexual. Quando percebi que minha doença só podia ser a peste moderna, insisti com os médicos e eles falaram abertamente em Aids”, conta Cláudio.

Ele ficou vinte dias internado antes de curar a pneumonia. Na semana passada ele cumpria mais um período de vinte dias de internamento, dessa vez para tratar de uma

meningite. Recebeu outra alta, mas foi instruído a frequentar por pelo menos um mês o Centro de Referência da Aids. Ali, três vezes por semana ele receberá soro e as doses de remédios que precisa tomar em casa. Ele deverá chegar de manhã, almoçar no centro — e quando for a hora de voltar para casa receberá uma ajuda de custo em dinheiro para a condução. Com 1,80 m de altura e corpo atlético de quem praticou esporte na juventude e nunca se descuidou, Cláudio foi minguando aos poucos. Pri-



Diva e Cláudio no hospital: “O riso é a única qualidade da vida que me resta”

meiro, alguns quilos — o que não o chateou, pois seu peso sempre oscilou em torno de 75 quilos. Em dezembro ele estava doze quilos mais magro e passou o Natal e o Ano-Novo com febre muito alta.

PERNAS BAMBAS — Agora, com o diagnóstico de Aids fechado, ele sente-se fisicamente ainda mais debilitado. “Tenho planos e muito pouco tempo para executá-los”, diz. Um misto de coragem dos suicidas e humor dos que brincam com o desespero para não deixar a amargura fermentar na alma marca Cláudio. Durante sua última internação, ele conseguiu uma autorização especial para que sua segunda mulher, Diva, o visitasse todos os dias. Diva sempre trazia consigo um caderno onde anotava as

idéias do marido sobre o grupo de teatro de bonecos que dirige. Cláudio idealizou a peça *Palomares*, em que retrata a saga de uma cidade vítima de um acidente nuclear. Seu maior sonho é criar um centro de pesquisa dos gestos para que o teatro de bonecos se torne mais profissional e obtenha divulgação maior. “Outro dia me veio à mente aquela frase do Gilberto Gil em que ele diz que morrer deve ser tão frio quanto a hora do parto”, diz Cláudio. “Vi o sol brilhando e achei o momento tão gostoso, tão lindo! É difícil aceitar que vou perder isso tudo a qualquer momento.”

Preso a uma cama de hospital ou tratando-se em casa, Cláudio acredita que é preciso ter disposição interior. “Rir é o pouco que me resta de qualidade de vida”, diz. Cláudio tem uma filha de 3 anos de seu

primeiro casamento. Nem a filha nem a primeira mulher estão contaminadas pelo vírus da Aids. Diva, a segunda mulher, está se submetendo a testes e ainda não obteve resposta conclusiva sobre sua situação real. “Prefiro não pensar em mim por enquanto”, diz. “Aquele hospital, muito triste, parece um cemitério vivo. É terrível.” O casal abandonou a casa do Embu e mudou-se para a residência do avô de Cláudio, no centro de São Paulo. “Afinal de contas, foi ele quem me criou de verdade”, diz. Na semana passada, recém-saído do hospital, ele quis se jogar na vida com o ímpeto de uma pessoa sadia. Tentou reativar sua antiga motocicleta CG 125. “Imaginei que a Diva, da garupa, poderia mudar as marchas e controlar o freio de pé,

enquanto eu dirigia”, explicou. “Não funcionou e caímos. Isso de não ter forças nas pernas atrapalha, mas vou dar um jeito.”

Cláudio não esconde dos amigos a doença. “Sou dragão no horóscopo chinês e dizem que esse signo faz com que as pessoas terminem em tragédia ou triunfo. Acho que meu destino está traçado”, comentava. Envergando uma alegria quase agressiva, Cláudio se comportava no hospital como se estivesse numa roda de amigos tomando cerveja. Em meio a uma sessão de exames de sua pressão arterial e batimentos cardíacos, por exemplo, vinha a inevitável tirada: “Vocês trouxeram o cianureto também? Eu quero um gole agora”. Estridência pura, pois Cláudio recusa a idéia de abreviar a vida.

Em apenas poucos dias de convívio com frequentadores do Centro de Referência da Aids, Cláudio tornou-se tão popular quanto era no Emílio Ribas. Enquanto espera os remédios, puxa assunto com todos os doentes. Sentado ao lado de um portador do vírus mais jovem, totalmente abatido, Cláudio não refreou seu humor negro. “Acho que logo teremos de colocar um anúncio no jornal assim: ‘Tenho 36 anos, 1,80 metro de altura e Aids. Gostaria de me corresponder com alguém que se interesse’.” Ele conseguiu arrancar um sorriso do colega. “Temos que tentar alguma coisa para melhorar nossa situação. Rir disso tudo pode ser uma saída. Não é uma palhaçada. É uma saída honrosa”, diz. No hospital, sentia tédio enorme. “Assim que o nível de energia orgânica cresce, era invadido por uma enorme vontade de criar. Vontade de utilizar meu tempo de alguma forma útil e não gastá-lo em lamentações dentro de um hospital. Somente a visita de minha mulher me alegrava. Receber seu afeto tornou-se uma necessidade vital para mim.”

“ELE FOI EMBORA” — A seu lado no quarto do Emílio Ribas um jovem agonizava. “Colocaram uma venda nos olhos dele e ele passou a alimentar-se apenas de soro.” Cláudio perdeu a companhia. O rapaz ao lado não morreu, mas perdeu definitivamente a consciência. “Acho que aquilo é um pre-

paro psicológico. Eles querem que eu veja como vou ficar daqui a algum tempo. Existe um limite para prolongar a vida de uma pessoa. Chega a hora, a hora em que não há mais retorno e em que se deve deixar o cara em paz. Quando meu companheiro ainda se sentia melhor eu até brigava com ele, insistia para que não se rendesse. Agora fico vendo que ele está indo embora mesmo... Não adiantam mais as palavras.”

A garra com que enfrenta a atual fase de sua doença não o impede de olhar para

Aids a reprimem. Deve ser uma confusão enorme na cabeça dessa rapaziada. Só espero que eles não deixem de amar, não percam o sentimento, pois é isso que no final realmente conta.”

“OUTRA VIDA” — Cláudio agarra-se a todas as esperanças terapêuticas. Ele vem tentando de todas as maneiras conseguir recursos para comprar a droga experimental AZT, que, em alguns casos, tem prolongado a expectativa de vida dos aidéticos. O

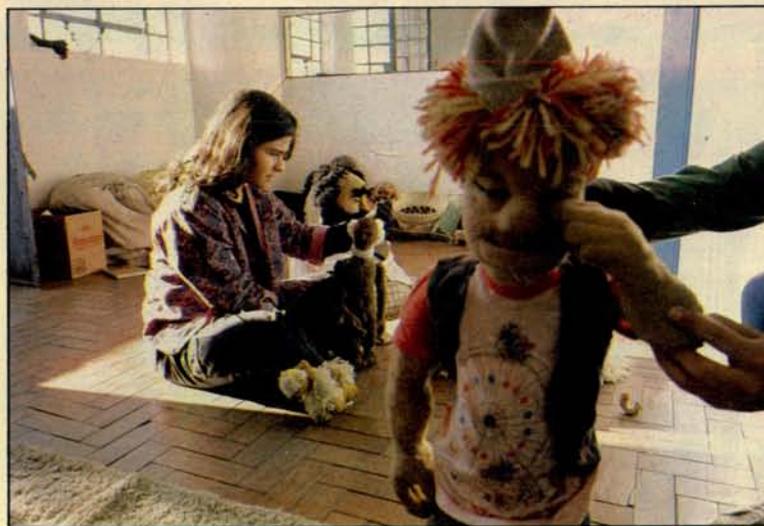
AZT é um antiviral que se mostrou relativamente eficaz no combate à pneumonia associada à Aids, uma das causas mais frequentes de morte pela doença. “Posso ganhar mais tempo de vida com esse remédio. E tempo é tudo que eu quero agora”, diz. Cláudio sempre foi um agnóstico. O convívio com a morte tem feito com que ele pense na possibilidade de existência de um ser superior. “Foi a primeira vez que me vi pensando na existência de uma inteligência acima de todas as coisas, um criador. Mas ainda não me convenci totalmente disso e tampouco estou convencido de que existe outra vida depois dessa”, divaga. “Quero marcar minha presença aqui na Terra com um trabalho que tenha meu estilo. Por enquanto é tudo quanto quero.”

Até quando Cláudio vai conseguir encarar de frente a situação impiedosa que se abateu sobre ele, ninguém sabe. Os médicos do Emílio Ribas já viram outros doentes combativos que sucumbiram depois. Mas testemunharam também consciências que se mantiveram límpidas até o desfecho. “Sei que não desejo ficar agonizando por meses a fio numa

cama de hospital. Acho que tenho direito a uma morte rápida sem muito sofrimento”, sustenta Cláudio. Ele espera viver o bastante para ver a apresentação da peça *Palomares* e a criação do Centro de Pesquisas do Gesto. Talvez ele não consiga ver seus sonhos concretizados — mas quem conviveu com ele nos momentos mais tenebrosos da enfermaria do Emílio Ribas sabe que o teatrólogo tem um empuxo vital difícil de ser abatido. Talvez ser um exemplo de esperança e coragem seja sua grande obra.



Cláudio sai amparado do Centro de Referência: “Quero mais tempo”



Diva e os bonecos do marido: “Faz muito bem cuidar dele”

trás. “Virava as noites tocando violão e bebendo com os amigos sem me alimentar. Transava com várias pessoas e acho que isso, no fundo, não era vida, era uma vida precária. Hoje tenho certeza de que a vida mesmo é algo mais bonito, mais saudável do que aquela minha época.” Cláudio acredita que os jovens de hoje devem estar vivendo sob um clima de intensa angústia. “De um lado, a televisão e o cinema incantavam, despertam a sexualidade. De outro, as notícias sobre a existência da

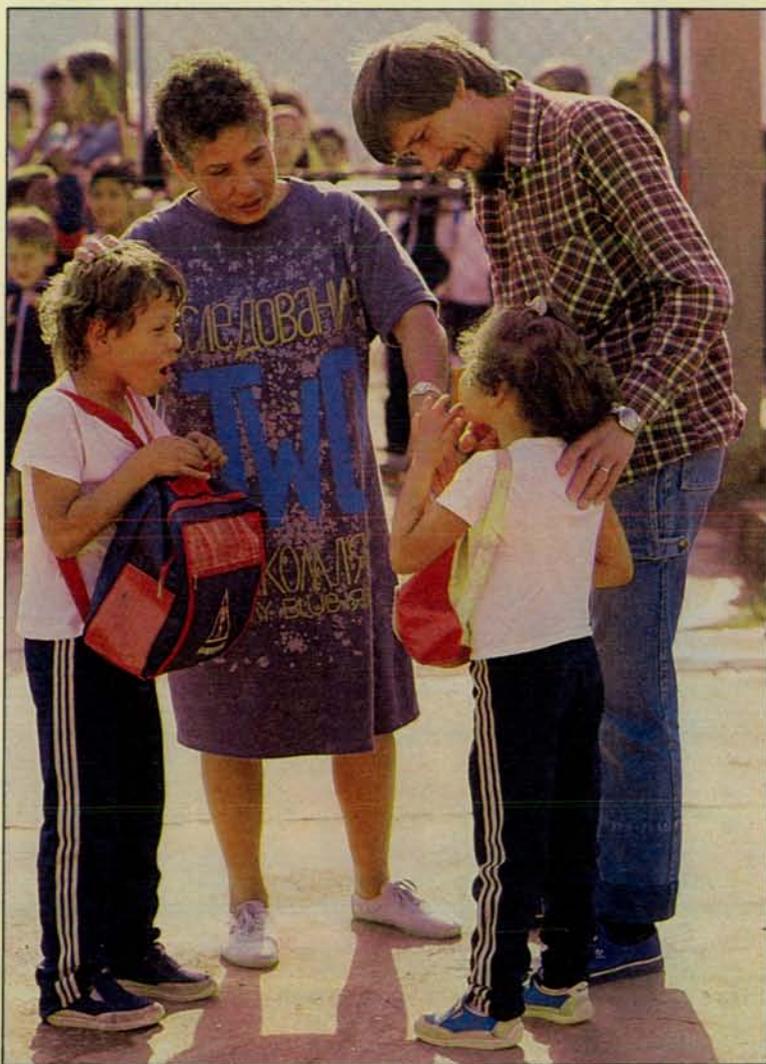
FOTOS LUIS DANIAS

“Nossa vida está no fim. E nossos filhos?”

Como fazia todas as tardes, a atendente de enfermagem paulista Ilca dos Santos Pozan, 35 anos, preparava-se para levar seu filho Marquinhos, de 7 anos, à escola. Ilca abriu a porta de seu apartamento apressadamente, quando uma criança — o filho de um vizinho — apareceu na escada do edifício e pediu para comer um pedaço de bolo igual ao que Marquinhos estava mastigando. Ilca voltou à cozinha e cortou um pedaço de bolo. Quando se preparava para dá-lo à criança, o pai do menino apareceu do nada, deu-lhe um violento soco no peito e a fez rolar pelas escadas. “Sai pra lá, mulher. Eu sei que você quer infectar meu filho”, gritou o vizinho, descontrolado. Desde agosto de 1986, quando descobriu que é portadora do vírus da Aids, Ilca tem sido obrigada a conviver com duas realidades sombrias — o inexorável desfecho da doença e o atroz preconceito que ela atrai sobre si e a família.

“Peguei Aids no trabalho, manuseando o sangue dos doentes”, afirma Ilca, que trabalhava no Centro Cirúrgico da Penitenciária do Estado de São Paulo, onde alguns dos presos estão contaminados pelo vírus. “Tive contato com o sangue de pacientes e me piquei umas cinco vezes com agulhas usadas”, lembra ela. O drama pessoal de Ilca saltou para uma tragédia familiar. Seu marido, Marcos Makarewicz, que também é atendente de enfermagem, submeteu-se a testes anti-Aids quando soube que Ilca estava contaminada — e os resultados também foram positivos. Marcos e Ilca já desenvolveram alguns sintomas da doença. Ele teve uma severa pneumonia e ela esteve internada com problemas neurológicos associados à presença do vírus no cérebro. “Sinto-me muito mal por ter passado a doença para

meu marido, uma pessoa que tanto amo”, diz Ilca. “É o destino que vai pagar a conta dos nossos filhos. Estamos no fim da vida e não podemos deixar nada para eles”, completa Marcos. Além do garoto Marquinhos, o casal ainda tem uma menina, Larissa, de 5 anos, e outra filha do primeiro casamento de Ilca, hoje com 16 anos.



Ilca com o marido, Marcos, e os filhos: “Vivemos exilados”

EXTRACONJUGAL — Ilca descobriu que estava com Aids por acaso. Em maio de 1986, ela doou sangue no Hospital Waldomiro de Paula, em São Paulo. Dias depois da doação, foi chamada a repetir a coleta de sangue, com a desculpa de que a amostra para exames se perdera. Foi o bastante para o banco de sangue confirmar a contaminação por Aids. O

veredicto saiu no mês de agosto. “Acho que perdi a razão no dia em que me contaram que eu estava com Aids. Saí correndo, desmaiei na rua e fui levada para casa por policiais que me encontraram encolhida na rua”, lembra. De volta a sua casa, a atendente apanhou dois de seus filhos no meio da madrugada fria e foi procurar o marido no terminal de ônibus próximo ao hospital onde ele trabalhava. “Quando Marcos recebeu o choque pôs-se a chorar e saiu correndo pela estação de ônibus”, conta.

Desde então, a vida do casal tem sido um abismo. Ilca nunca mais recebeu a visita de nenhum de seus nove irmãos, com os quais se criou no interior de São Paulo. “Meu pai, nas raras vezes que vem me visitar, se recusa a usar o meu banheiro com medo de contrair a doença”, diz ela.

Na penitenciária onde trabalhava, Ilca ainda é alvo de insinuações por parte de vários de seus ex-colegas que não acreditam ter ela sido contaminada no trabalho. “Eles afirmam que eu devo ter tido algum contato extraconjugal”, conta ela. “Nunca me alertaram para os riscos de contrair Aids em meu trabalho. Preciso manter minha dignidade e deixar um bom legado para meus filhos, senão não morro em paz”, diz. Afastados de seus empregos, Ilca e Marcos vivem com 73 000 cruzados mensais que recebem do Inamps, a título de auxílio-doença. Além do dinheiro minguado para enfrentar o abismo, restalhes, ainda, o duro isolamento. “Eu me sinto presa e exilada dentro desse apartamento. Os vizinhos fogem de medo quando nos vêem. Os médicos nos tratam como se fôssemos drogados ou homossexuais. Passei a vida ajudando a curar as pessoas. Hoje, ninguém me ajuda em nada e o meu futuro é sombrio.”

LEGADO — O preconceito contra os aidéticos golpeia Ilca e sua família nas situações mais cotidianas. Poucos meses atrás, ela deu uma entrevista a uma emissora de televisão de São Paulo e

LUIS DANTAS

contou seu drama. Se Ilca tinha a intenção, ainda que remota, de conseguir ajuda, o tiro saiu pela culatra. No dia seguinte ao da entrevista, ela tomou um ônibus urbano acompanhada pelo filho e foi reconhecida por um dos passageiros. O passageiro alertou os outros e em poucos minutos o ônibus estava vazio. Só Ilca, seu filho, o motorista e o cobrador não abandonaram o ônibus, que cumpriu seu itinerário até o centro da cidade.

O episódio do ônibus repetiu-se com cores mais sombrias na Escola Pública Professora Margarida Maria Alves, na periferia de São Paulo, onde estudam os filhos do casal. Segundo conta Ilca, os pais dos alunos fizeram

um abaixo-assinado exigindo que os garotos fossem expulsos na escola. “Fiquei estarecada”, diz. Foi então que ela submeteu os dois filhos menores aos testes anti-Aids, mostrou os resultados negativos à direção da escola e conseguiu manter as crianças matriculadas. “Ninguém quer brincar comigo. As crianças quebram minhas pipas na rua”, queixa-se Marquinho, filho do casal. Um desejo de Ilca e Marcos é que seus filhos sejam adotados por outras famílias o mais cedo possível. “Não quero que meus filhos me vejam morrer. Se eles forem adotados por outra pessoa, vão guardar uma boa lembrança da mãe”, diz. Para livrar sua família e muitas outras dos preconceitos de que são vítimas, Ilca não vislumbra outra saída senão a do aidético falar abertamente sobre a doença. “Precisamos parar de sombrear as coisas e esclarecer as pessoas sobre o que é a doença e como se pega. Se não fizermos isso, o contágio e o preconceito vão aumentar.”

Ilca tem passado seus dias fazendo bonecos de espuma e pano, que costuma guardar ou presentear às poucas pessoas que a visitam. “Eles não são para vender. São um legado para meus filhos e um presente para as pessoas que se importam conosco. Eles guardam um pouco da vida que eu vou perder em breve”, diz Ilca. Criada na cidade de Rancharia, no interior de São Paulo, Ilca conserva o sonho de ver o mar. “Aos 35 anos de idade, nunca pisei numa praia”, diz ela.



O ex-radialista Ari na casa do pai, em Santo André: “Fico olhando os discos que já lancei”

“A doença é um castigo de Deus”

A voz grave, pausada e de entonação límpida ainda é a mesma dos tempos em que suas fâs ouvintes contavam-se às centenas em Santo André, cidade da Grande São Paulo. Só a voz. O radialista Arinaldo de Souza, que com o nome de Ari Souza fez carreira em emissoras de boa penetração em São Paulo, como a Rádio do Grande ABC e a Rádio América, foi abatido pela Aids. Em dezembro do ano passado, quando já longe do rádio produzia shows de música sertaneja em Rondônia, ele foi acometido de um violento desarranjo intestinal. Atendido pelos médicos em Porto Velho, Ari recebeu como diagnóstico anemia, problemas de fígado e o início de artrite, a inflamação das juntas. De volta a São Paulo, como os sintomas não cedessem, Ari procurou de novo orientação médica no Hospital São Paulo, de onde foi encaminhado ao Emílio Ribas com suspeita de câncer ou Aids. Os exames de sangue mostraram a presença do vírus da Aids. “Quando soube, pensei em me matar”, diz Ari. “E para ser sincero acho que estou só adiando isso.”

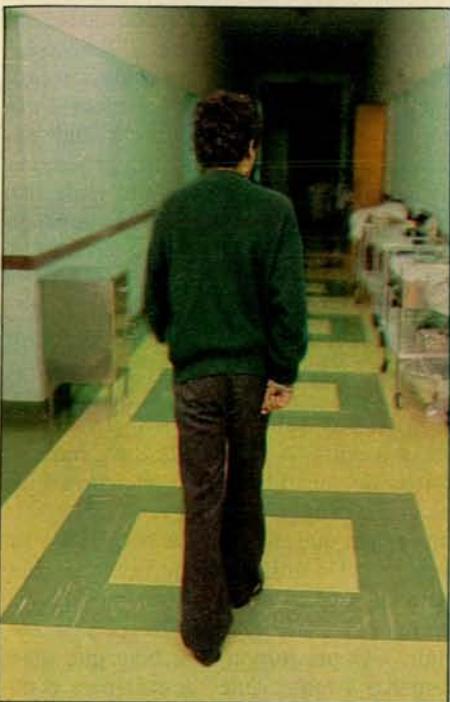
Desde abril, quando soube que estava infectado, a vida de Ari Souza está em frangalhos. Sem forças para continuar produzindo seus shows e para tentar de novo uma vaga como locutor de FM, ele teve que

abandonar o sobrado de dois andares em que vivia em Santo André e refugiar-se na casa de um único cômodo que seu pai tem na periferia da cidade. Ainda mais magro — ele sempre foi de complexão franzina —, com a artrite agravada e tosses constantes, Ari precisou ficar internado quase um mês no Hospital Emílio Ribas. “Tenho saudades do tempo em que comandava o programa *Juventude Sertaneja*”, lembra. “Era um tempo em que o dinheiro e a saúde sobravam. Tinha meu carro e adorava reunir os amigos para jantarmos fora. Hoje fico olhando os discos que lancei e não tenho dinheiro nem para comprar os remédios.” Seu pai, Juvêncio Pereira de Souza, fiscal de jardins da prefeitura de Santo André, sustenta o filho com o minguado salário de 32 000 cruzados mensais.

NO COLO — O pai de Ari pouco sabe sobre a Aids — além de que ela mina as forças de seu filho — e está convencido de que a doença pode ser revertida. “Tenho fé em que ele vai ficar bom”, diz Juvêncio. “Da última vez que ele teve de ir para o hospital foi no colo porque não conseguia andar. Agora ele já está melhor.” O pai tornou-se a bóia que mantém Ari à tona. Antes de sair para o trabalho às 5 da manhã, Juvêncio prepara o

café do filho e deixa tudo arrumado para ele numa pequena bandeja sobre a cama. “Já disse para o meu pai que ele pode preparar o caixão”, diz Ari. “Mas ele teima em acreditar que vou ficar bom.” Um irmão de Ari ocupa um cômodo no fundo da casa e, para entrar, evita usar a porta da frente para não cruzar com o radialista. “Tive uma irmã que morreu de meningite em fevereiro e meu irmão acha que fui eu que passei a doença para ela”, conclui Ari. “Eles são ignorantes e nem sabem o que é Aids. Nunca tive meningite.”

Ari não acredita que possa se curar. “A doença é um castigo de Deus”, diz. “É um castigo para acabar com a homossexualidade e a imoralidade do mundo.” Em sua ficha no Emílio Ribas consta que Ari teve relações homossexuais esporádicas. Ele foi seguidor da Congregação Cristã do Brasil, mas sente-se muito desanimado até mesmo para manter acesa a chama da fé. Uma única de suas centenas de fãs, Enedina Gonçalves, mantém-se fiel ao ídolo. “Ela reuniu alguns conjuntos sertanejos e organizou um show beneficente para mim”, diz Ari. “Sou muito grato a ela, pois quando você fica por baixo ninguém te ajuda.” Depois que ficou doente, Ari conseguiu apenas em uma ocasião rever a mulher com quem foi casado — e teve um filho, Diego, hoje com 6 anos — e de quem se separou há dois anos. “Ela levou uma única vez o Diego ao hospital e desapareceu, e nem sei se ela fez testes para saber se está contaminada”, diz Ari. “Rever meu filho me daria mais ânimo para enfrentar essa situação.”



Ari no Emílio Ribas: longe do filho



José Washington, em Salvador: “As crianças só vão ter os avós velhinhos”

“Eu pensei que ‘positivo’ era bom,”

Como estivesse sofrendo uma hemorragia severa durante o trabalho de parto, a dona de casa baiana Elizabete Zampiere recebeu uma transfusão de sangue em 1985 que garantiu o nascimento de seu quarto filho. A mesma transfusão que deu a vida selou de forma trágica o destino de Elizabete e de toda a sua família. O sangue estava contaminado com vírus da Aids e hoje, três anos depois do parto, ela está internada num hospital em Santos, São Paulo, na fase terminal da doença. Seu marido, o operador de máquinas José Washington Nascimento de Araújo, não teve sorte melhor. Ele foi infectado pela esposa e já apresenta os primeiros sintomas da doença — perdeu doze quilos nos últimos meses e, afastado do trabalho, cuida dos quatro filhos do casal em Salvador. O drama de Elizabete e Washington começou há menos de um ano. Em volta de sua boca começaram a surgir “sapinhos” — conhecidos como “candidíase” —, cuja reprodução se tornou incontrolável, e já chegavam ao esôfago.

“Ela não agüentava sequer se alimentar”, lembra o marido. Elizabete foi internada num hospital e os exames apresentaram uma baixa imunológica acentuada, logo diagnosticada como Aids. Os médicos recomendaram a Washington que também se submetesse a um teste anti-Aids. “Fiquei alegre por que pensei que o termo ‘positivo’ indicava que eu estava livre da doença. Le-

vei um choque quando, no laboratório, me avisaram que se tratava do contrário”, re-memora. Elizabete foi transferida, em março passado, para o Hospital Roberto Santos, em Salvador, o único no Estado da Bahia que dispõe de uma ala de aidéticos. No hospital público, Elizabete começou a viver outra face do drama dos aidéticos. Ela tomava um antibiótico muito forte que lhe causava calafrios — mas o hospital não oferecia cobertores que lhe esquentassem o corpo. Washington precisou sair à cata de aventais para cobrir a esposa.

Certa madrugada, o casal foi acordado por um policial militar que, de arma em punho, procurava um menor delinqüente aidético que fugira de sua ala e ameaçava contaminar enfermeiras com uma seringa usada. Há poucos meses, Elizabete transferiu-se para São Paulo em busca de um tratamento mais adequado, mas seu quadro terminal tornou inútil a tentativa. “Meu Deus, não desampare meus filhos”, grita Elizabete quando seus filhos correm para abraçá-la e ela é obrigada a pedir que eles se afastem. “A cena é chocante porque ela não pode explicar por que rejeita os filhos que ama”, conta, derrotado, o marido. O filho caçula do casal, cujo parto exigiu a transfusão fatal e que foi amamentado pela mãe já infectada, não contraiu Aids. “Quando eu e Elizabete não estivermos mais aqui, as crianças só terão os avós velhinhos para cuidar delas”, conclui Washington. ●



Através do Sistema Verde-Amarelo, o banco do seu estado se associou aos demais bancos estaduais, formando o maior banco brasileiro.

Isso faz com que o cliente de um banco estadual seja bem atendido em qualquer uma das 4.600 dependências dos 25

bancos estaduais, em todo o Brasil.

E faz com que o banco do estado seja o parceiro ideal para pessoas físicas e também para empresas

de todo porte.

Mas não é só. Através do Sistema Verde-Amarelo, você pode descontar seu cheque em qualquer agência de banco estadual. Ter seus cheques garantidos no comércio. Enviar ordens de



pagamento para todo o território nacional, inclusive de um banco para outro. Fazer

O maior banco brasileiro é o banco do seu estado.

Em qualquer ponto do País



depósito na sua conta corrente através de outro banco estadual, mesmo estando longe de sua cidade.

Além disso, você pode centralizar a cobrança bancária de sua empresa em uma

única agência, que ela cobra e recebe para você em todo o País.

De norte a sul, de leste a oeste, utilize os serviços do maior banco brasileiro. O banco de seu estado, um banco essencial.



BANACRE - Acre / BANDEPE - Pernambuco / BANDERN - Rio Grande do Norte / BANEB - Bahia / BANERJ - Rio de Janeiro / BANESE - Sergipe / BANESPA - São Paulo / BANESTADO - Paraná / BANESTES - Espírito Santo / BANPARÁ - Pará / BANRISUL - Rio Grande do Sul / BANRORAIMA - Roraima / BEA - Amazonas / BEC - Ceará / BEG - Goiás / BEM - Maranhão / BEMAT - Mato Grosso / BEMGE - Minas Gerais / BEP - Piauí / BERON - Rondônia / BESC - Santa Catarina / B.R.B. - Brasília / CREDIREAL - Minas Gerais / PARAIBAN - Paraíba / PRODUBAN - Alagoas.

ASBACE

Associação Brasileira dos Bancos Comerciais Estaduais

SISTEMA VERDE-AMARELO

**Desde 1827 o poder muda de mão
não muda de camisa.**

→ Arrow →
O caminho mais rápido para chegar ao poder.



OS mas

O avô do seu avô ainda nem tinha nascido e a camisa Arrow já era um símbolo de elegância e prestígio em todo os Estados Unidos.

A marca Arrow sempre foi uma garantia de colarinhos perfeitos, caimento anatômico e acabamento nobre.

Como a produção das camisas era pequena, as pessoas faziam fila nas lojas pelo direito de possuírem uma.

Logo a fama de Arrow se espalhou pelo mundo, atraindo a atenção daqueles homens acostumados a ver na elegância um passaporte para o prestígio e reconhecimento social.

No Brasil, até pouco tempo, os executivos compravam suas Arrow no exterior, pagando em dólar.

Hoje ela já é fabricada no Brasil, sob a supervisão direta da Arrow americana, e mantém o mesmo padrão de elegância que o nome Arrow carrega no mundo todo.

A maioria dos executivos bem-sucedidos já descobriram isso.

Logo, logo, seus herdeiros também vão.

Sheaffer.
Uma verdadeira
emoção



FOTOS NELLIE SOLLITRECK

Centro de Aperfeiçoamento em São Paulo: turno integral

Educação

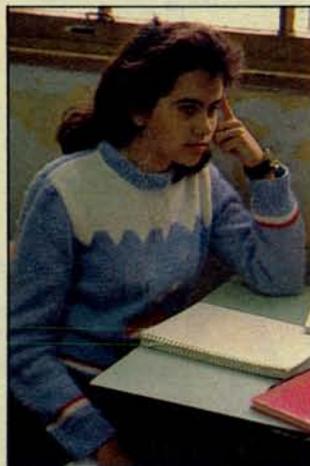
Volta às aulas

Escolas reforçam a formação de professores do 1.º grau

A formação precária dos professores de 1.ª a 4.ª séries nas escolas públicas — um problema que compromete a educação da criança logo em seus primeiros passos e que tem raízes fincadas na extinção das antigas escolas normais — começou a ser combatida, com êxito, em pelo menos três regiões do país. Em São Paulo, por exemplo, a Secretaria Estadual da Educação implantou, desde o começo do ano, dezenove Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, os Cefam, um projeto em que estudantes de 2.º grau vindos de escolas públicas recebem uma formação reforçada para o magistério ao longo de quatro anos. Eles estudam em turno integral e recebem uma ajuda de custo mensal equivalente a um salário mínimo. No primeiro ano do curso, os alunos dos Cefam repassam todo o currículo do 1.º grau. “Muito do que está sendo dado como revisão é novidade para mim”, admite a estudante Denise Cantieri, 15 anos, que estuda no Cefam Marisa de Mello, no bairro da Penha, em São Paulo.

“Não fosse a revisão, eu acabaria levando deficiências de formação a meus futuros alunos”, diz a estudante Luciana de Sousa.

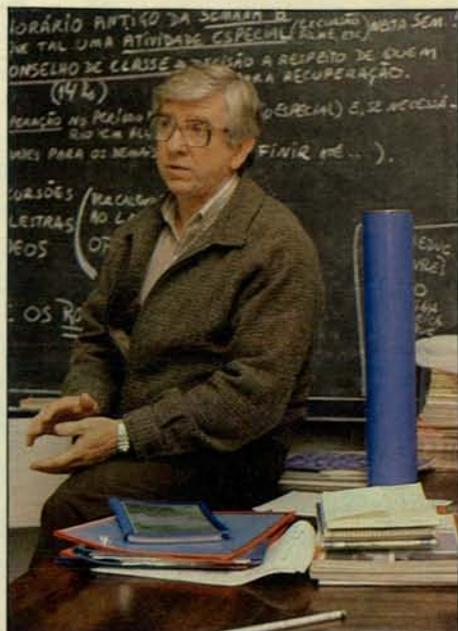
“Aqui, os professores dão aula a sério. Nas escolas públicas em que eu estudei era comum os professores faltarem às aulas e deixarem o programa pela metade”, conta a aluna Cláudia Aguiar Lima. A seriedade dos professores selecionados para o projeto e o esforço dos alunos já começaram a render bons resultados. No Cefam Marisa de Mello, por exemplo, 80% dos alunos foram reprovados num teste de conhecimentos de 1.º grau realizado no primeiro mês de curso. Após quatro meses de revisão das matérias do 1.º grau, a reprovação caiu para 30%. “Nosso projeto não chega a ser arrojado. Ele apenas recupera cuidados básicos na formação de professores que foram abandonados nos últimos anos”, diz Marcos Lorieri, coordenador pedagógico de um dos centros. Na semana passada, um decreto do governo paulista criou 25 novos Cefam no Estado.



ADOLFO GERCHMANN

Maria Alice: segurança

PATOLOGIA CLÍNICA — A formação de professores de 1.ª a 4.ª séries começou a decair em 1971, quando a lei federal que fixa as diretrizes e bases da educação criou o ensino profissionalizante no 2.º grau. Como resultado prático da lei, a educação de professores deixou de ser privi-

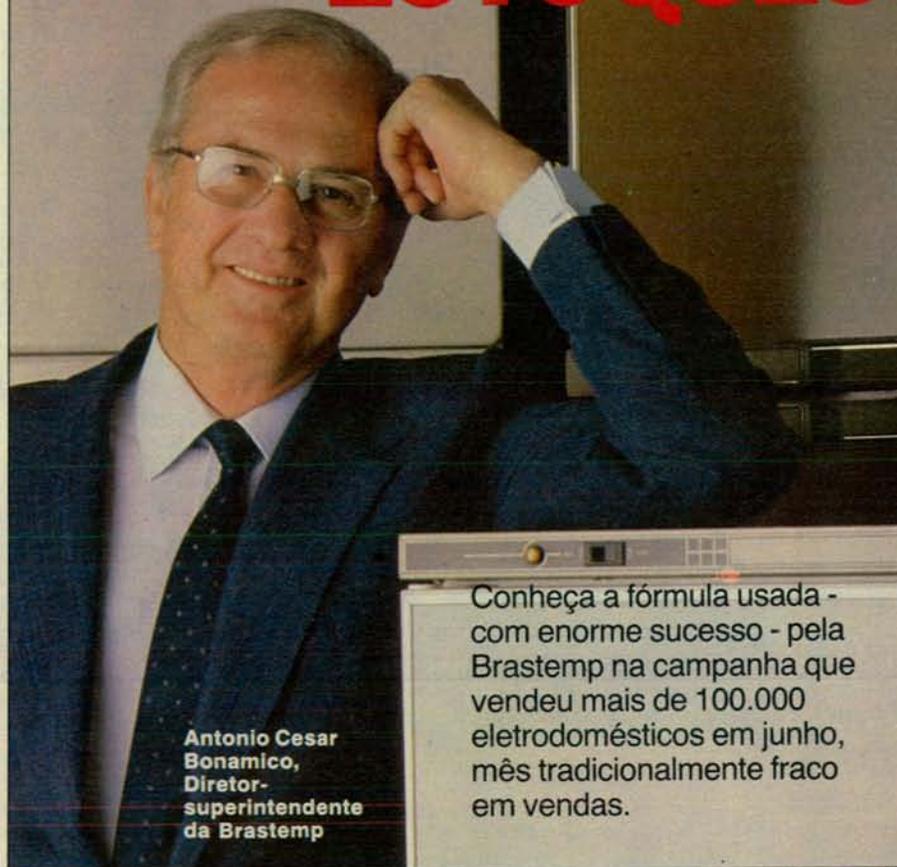


Lorieri: "Tomamos cuidados básicos"

légio das tradicionais escolas normais — instituições que, com um corpo docente especializado, vinham formando gerações de professores — e passou a ser incumbência de qualquer escola de 2.º grau. Assim, a formação em magistério tornou-se apenas mais uma habilitação profissional, como a de técnico em patologia clínica ou em contabilidade — e perdeu qualidade. No ano passado, a Secretaria de Educação de Santa Catarina promoveu um concurso para efetivar professores em caráter temporário e descobriu que os conhecimentos de alguns beiravam o analfabetismo. No Nordeste, 40% dos professores de 1.ª a 4.ª séries têm apenas formação incompleta no 1.º grau.

As sete escolas públicas de formação para o magistério do Distrito Federal também adotaram o turno integral para elevar a qualidade do ensino. "Vamos melhorar os rendimentos desses alunos, que serão os responsáveis pela alfabetização de nossas crianças", afirma Maria Luíza Coroa, da Fundação Educacional do Distrito Federal. Num país como o Brasil, onde há 40 milhões de analfabetos, projetos como os de São Paulo e Brasília desempenham papel fundamental. No Rio Grande do Sul, o Instituto de Educação General Flores da Cunha, uma escola pública de Porto Alegre, usou de outro expediente para melhorar a formação dos futuros professores. Em vez de durar apenas três anos e meio, o curso para o magistério teve sua carga horária aumentada e, a partir deste ano, passou a ter quatro anos e meio de aulas. "Com mais um ano, nós sairemos da escola mais maduras e com segurança para sermos boas professoras", diz a estudante Maria Alice Moura. ●

QUEIMANDO ESTOQUES



Antonio Cesar Bonamico, Diretor-superintendente da Brastemp

Conheça a fórmula usada - com enorme sucesso - pela Brastemp na campanha que vendeu mais de 100.000 eletrodomésticos em junho, mês tradicionalmente fraco em vendas.

OS EXECUTIVOS AGENTES DE MUDANÇAS

Como são estes profissionais, disputados a peso de ouro pelas empresas, que têm a função de renovar, de alto a baixo, uma companhia.

O QUE SERIA DO AMARELO, SE TODOS GOSTASSEM DO AZUL?

Exemplos e dicas que mostram como a escolha da cor da embalagem é fundamental, aqui e no exterior, para o sucesso de um produto.

ENTREVISTA: ALVIN TOFFLER

O autor do best-seller "A Terceira Onda" diz o que pensa sobre o Brasil e expõe suas idéias sobre o futuro das grandes potências.



GRÁTIS: EXAME INFORMÁTICA

- As novidades da 8ª Feira Internacional de Informática no Rio • Ônibus controlados por computador em Campina
- Vitrine de produtos em hard e software • E muito mais.

EXAME

JÁ NAS BANCAS

ENGENHARIA DA

ADVANCED IMAGE ART

Para reagir ao ambiente, dois imperativos: constante desenvolvimento e evolução sem imperfeições.

Para competir com o ambiente é necessário pensar como a natureza: em perfeita sintonia com as necessidades e as respostas.

O Gruppo Agusta, integrando a tecnologia das máquinas e a inteligência dos sistemas, sabe encontrar as soluções mais idôneas para as exigências do mercado.

No setor dos aviões, helicópteros e sistemas aeroespaciais, o Gruppo Agusta é a empresa onde a potência da evolução determina a resposta ideal, capaz de competir a nível internacional. A resposta vital para o sucesso.

GRUPPO
AGUSTA

Pesquisa e Tecnologia Aeroespacial.

EVOLUÇÃO



Nautilus, seção da concha



Maradona com a mulher, Cláudia, e a filha Dalma, no Taiti: segunda lua-de-mel

Gente

Depois que seu time, o Napoli, perdeu o título de campeão italiano de futebol para o Milan, o argentino **Diego Maradona**, 27 anos, decidiu aproveitar as férias de verão europeu para esfriar a cabeça. O craque argentino deixou a Baía de Nápoles e partiu rumo ao Taiti, na Polinésia, levando sua mulher, Cláudia, e a filha do casal, Dalma Nerea, além dos irmãos Raul e Hugo, com as respectivas mulheres. Para completar o time, tam-

bém seguiram os pais de Cláudia, um casal de amigos e um sobrinho de Maradona. Ao todo, doze pessoas para usufruir as maravilhas tropicais. "Essa é a minha segunda lua-de-mel e quero que todos os meus amigos a compartilhem comigo", afirmou o campeão mundial de 1986, que passou no Taiti a sua primeira lua-de-mel. Trocando o calção de futebol por uma ousada tanguinha, Maradona tem planos. "Eu e Cláudia voltamos ao local da nossa primeira lua-de-mel para tentarmos um irmãozinho para Dalma."



Os entusiastas do teatro comemoraram na semana passada a chegada ao país do inglês radicado em Nova York **Eric Bentley**, de 72 anos, um dos grandes críticos teatrais do mundo, autor de mais de uma dezena de livros e cantor bissexto de músicas de Bertolt Brecht. A partir desta semana, ele fará uma série de conferências

entre São Paulo e Salvador. Por pouco, porém, Bentley não cancela seu périplo brasileiro. Avisado de que o consulado brasileiro em Nova York o esperava para lhe conceder um visto especial, sem

bem, mas por favor espere na fila". Bentley preparava-se para voltar para casa e telefonar a seus anfitriões brasileiros — a Associação Alumni — cancelando a visita, quando foi reconhecido pelo adido cultural do consulado. Junto com o visto imediato, recebeu um reconfortante cafezinho.

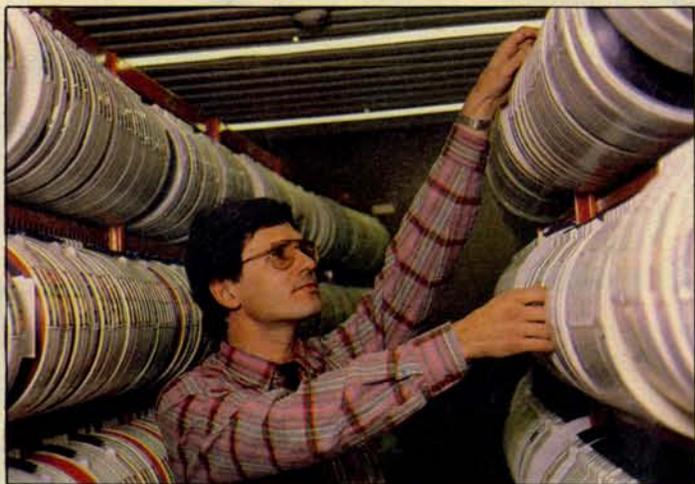


Envolvido em um projeto destinado a atualizar o cadastro de associados do Instituto de Previdência do Rio Grande do Sul, o analista de sistemas e professor **Luís Roque Klering**, 32 anos, descobriu que não estava sozinho. Movido pela curiosidade, ele cruzou informações sobre os 968 000 nomes de associados — 11% da população gaúcha — para estabelecer uma relação entre os nomes mais comuns no Estado. Cinco meses depois, obteve sua resposta: nada menos do que 327 778 pessoas cadastradas no RS têm Luís, com z ou com s, em seus nomes. Para quem achava que a maioria dos brasileiros é composta de Josés ou Joãos foi uma sur-



Bentley: visto e cafezinho

ANTONIO RIBEIRO



ADOLFO GERCHMANN

Luís Roque: "Eu sabia que Luís era um nome comum"

burocracias, destinado a personalidades de ponta em missões culturais, Bentley amargou 2 horas numa fila em meio a um ruidoso bando de turistas que requisitavam vistos comuns. A cada vez que tentava explicar seu caso ao funcionário de plantão, ouvia a mesma resposta: "Tudo

presa. Não para o analista Luís. "Eu já imaginava que o meu nome fosse o mais comum", sustenta ele. Se nos nomes masculinos houve surpresa, o mesmo não aconteceu com relação aos femininos. Uma em cada cinco gaúchas se chama *Maria*, o que na projeção de Luís Roque dá

um total de 735 120 *Marias* no território gaúcho.



Acostumado a adoçar o coração da platéia com suas canções românticas e piadas ingênuas, o cantor espanhol **Manolo Otero**, 41 anos, se viu a contragosto encarnando o papel de vilão. Dias atrás, após dar uma "canja" no Mar Hotel do Recife, onde estava



LUIS DANTAS

Otero: sem os óculos

hospedado, Otero viu-se envolvido numa briga que não entende até hoje. Irritada com uma piada que o cantor soltou em meio à apresentação, a direção do hotel decidiu cancelar o contrato que havia fechado com o empresário responsável pelos shows de Otero em Pernambuco.

Como o acordo previa a realização da "canja" em troca da hospedagem de Otero e seus músicos, o hotel, que não gostou da "canja", decidiu cobrar a conta de 1,2 milhão de cruzados. Otero não pagou e acabou tendo suas malas "apreendidas" pelo hotel, junto com 250 000 cruzados que ele e seu produtor, Cláudio Fiorito, tinham na carteira. "Para mim, tudo não passou de um roubo porque o problema era entre o hotel e o tal empresário local. "Eu cumpri minha parte, não tinha nada a ver com isso", afirma. Pelo sim, pelo não, Otero teve que embarcar para São Paulo apenas com sua agenda e documentos pessoais. Nem os três óculos de grau foram incluídos em seu salvo-conduto. "Puro Kafka", diz o cantor.



A jornalista **Valéria Monteiro**, 23 anos, apresentadora do *RJ-TV 2.ª* edição, o jornal local da Rede Globo no Rio de Janeiro, está prestes a deixar o posto de musa carioca para se tornar uma estrela nacional. Desde o último domingo, Valéria co-apresenta o programa *Fantástico*. "Nunca esperei aparecer em rede nacional tão rápido", diz Valéria, que iniciou sua carreira



GLADSTONE CAMPOS

Susanne em Belo Horizonte: com medo

jornalística em Campinas, no interior de São Paulo. "Vou para o *Fantástico*, mas continuo a apresentar o *RJ-TV*. Gosto do corre-corre do jornalismo diário." Convidada pessoalmente pelo vice-presidente de operações da Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o "Boni", Valéria já é dona de alguns truques para aparecer na televisão. "Com a pele muito bronzeada, a imagem fica ruim na TV", ensina.



Desembarcou na semana passada no Brasil, mais precisamente em Belo Horizonte, a bailarina e coreógrafa alemã **Susanne Linke**, 44 anos, que por duas vezes já levou o público brasileiro ao encantamento. Desta vez, veio preparar uma coreografia que o grupo mineiro Corpo deverá apresentar a partir de setembro, e volta em seguida para Essen, na Alemanha, onde vive. A bailarina, que corre o mundo viajando sempre sozinha, não tem maior interesse em conhecer as belezas de nossos trópicos. "No Brasil, ando sempre preocupada em

não ser assaltada", admite ela. Susanne apenas lamenta não ter mais tempo para se familiarizar com o artesanato do país. "Trabalho tanto que nem sei o que é fim de semana", diz, durante uma das raras escapadas a uma loja de artigos turísticos.



Depois de atormentar a cabeça de crianças e adultos com o seu "Cubo Mágico" — um quebra-cabeça colorido em forma de cubo que vendeu mais de 120 milhões de unidades —, o inventor húngaro **Erno Rubik**, 44 anos, resolveu voltar a testar a paciência de seus admiradores. A sua mais nova engenhoca, apresentada dias atrás em Londres, é também um quebra-cabeça chamado de "Relógio de Rubik". O brinquedo consiste numa placa de duas faces, com nove pequenos relógios de cada lado e uma série de botões e comandos. O objetivo do torturante jogo de Rubik parece simples: colocar todos os dezoito relógios mar-



GAMMA-SIOLA

Rubik e o relógio: "Questão de tempo"

cando meio-dia. Só que, para se chegar a essa finalidade, é preciso mais do que paciência. Há 43 quintilhões de combinações possíveis entre os botões e os comandos para se terminar o jogo. "É apenas uma questão de tempo para que todos o dominem completamente", garante o inventor.



MARCELO CARINAVAL

Valéria: "Com a pele bronzeada, a imagem fica ruim na TV"

Homem na linha

Cosméticos para homens ganham as prateleiras

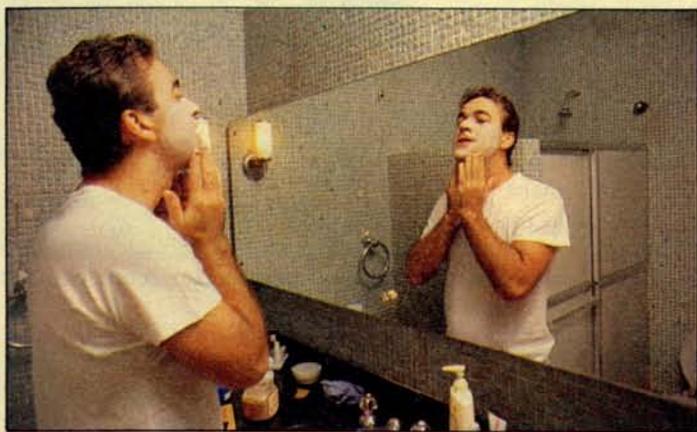
Nas prateleiras das lojas de cosméticos, um novo fenômeno está em curso. As linhas masculinas, com seus potes e bisnagas de cores sóbrias e essências secas e cítricas, começam a abrir espaço entre as dezenas de linhas femininas, tradicionais donas do mercado. A idéia de que o único ritual diário de beleza masculino se restringe à loção após-barba vai longe. Hoje em dia muitos homens passam horas diante do espelho por conta da infinidade de loções, emulsões, sprays, máscaras de beleza, tinturas e cremes variados que as indústrias de cosméticos lançaram especialmente para eles. A crescente valorização da aparência bem cuidada contribuiu para desinibir os homens. Não são mais apenas as mulheres que se preocupam em cuidar da pele e adiar os efeitos da passagem do tempo. Até mesmo aquelas bolsinhas plásticas recheadas de cosméticos que só as mulheres ousavam carregar já foram incorporadas ao dia-dia masculino.

O publicitário carioca Sérgio Cardoso, 34 anos, por exemplo, usa diversos cremes, a maioria importada. "Tenho esses cuidados não por ser extremamente vaidoso, mas chega um momento em que não podemos mais nos dar ao luxo de deixar de lado a estética. É uma questão de saúde", afirma Cardoso. Além dos cremes específicos para a hora da barba, o publicitário usa ainda todas as noites um creme hidratante da L'Ancome — marca estrangeira que já brindou os homens com uma linha especial, ao lado da Estée Lauder, Chanel, Ralph Lauren, Perry Ellis e Calvin Klein. Nos Estados Unidos, o mercado masculino de cosméticos movimenta 100 milhões de dólares por ano — número insignificante perto da cifra de 2,7 bilhões de dólares do mercado feminino, mas que cresce sensivelmente.

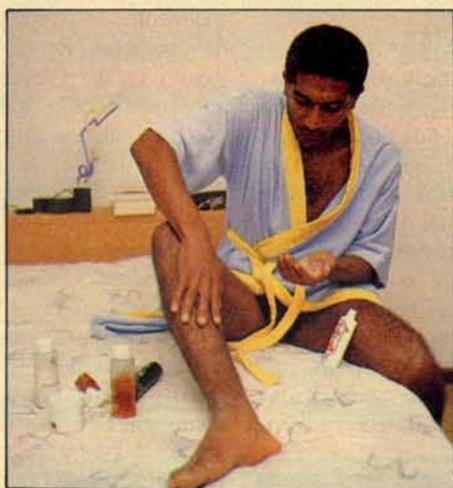
SEM PRECONCEITO — Outro que embarcou nessa onda é o meio-campista do Grêmio de Porto Alegre, Cristóvão Borges dos Santos, 29 anos. "Desde que vim para São Paulo, em 1985, senti necessidade de passar cremes no rosto por causa da poluição", diz o baiano Cristóvão, que manteve o hábito ao mudar-se para Porto Alegre, há dois anos. O jogador de futebol apressa-se a avisar que

tantos cuidados com a pele nada têm a ver com a masculinidade. "O preconceito certamente diminuiria se existissem mais produtos específicos para os homens", garante Cristóvão, que já conseguiu a adesão de Lima, centroavante gremista, no uso dos cosméticos. O kit de beleza de Cristóvão leva a assinatura da Natura, de São Paulo, a primeira indústria nacional a lançar, dois anos atrás, um creme de barbear não espumante e uma loção após-barba não alcoólica. A novidade agora é o creme reconcondicionador facial, um dos únicos produtos, ao lado dos da Payot, da Anna Pegova, da Avon e do Boticário, a ostentar a indicação "para homens". As outras linhas ainda não modificaram suas embalagens, com um design marcadamente feminino, limitando-se a indicar alguns produtos da linha feminina que mais se adequam à pele masculina.

"O homem não gosta de se sentir lambuzado, ele quer aplicar o creme e senti-lo penetrar na pele quase que magicamente, sem deixar rastros", diz a esteticista Janine Goossens, dona de uma rede de oito centros de beleza em São Paulo. Daí a maioria dos cremes faciais masculinos, na verdade, ser do tipo gel. "A vantagem do gel começa por sua aparência, transparente, por sua sensação de frescor e por suas características de rápida penetração e de assepsia", afirma Janine. Na Itália, as indústrias têm a mesma preocupação para não ferir a suscetibilidade do macho. Nada de cremes pastosos, engorçados. Todos se apresentam na forma de gel, emulsão ou líquido. "Os italianos compram cada vez mais cosméticos, mas exigem que eles sejam diferenciados dos produtos femininos", explica Mariella Pagliano, porta-voz da divisão que a Yves Saint Laurent possui em Roma. A verdadeira paixão dos italianos, porém, é a tintura de cabelos. Entre as personalidades que não apenas pintam os cabelos como ainda usam um pó não compacto, como se fosse uma areia fina, que é passado no rosto com um pincel e confere à pele uma aparência bronzeada, estão o ator Vittorio Gassman e o cantor espanhol Julio Iglesias.



O publicitário Cardoso: cuidados com a estética

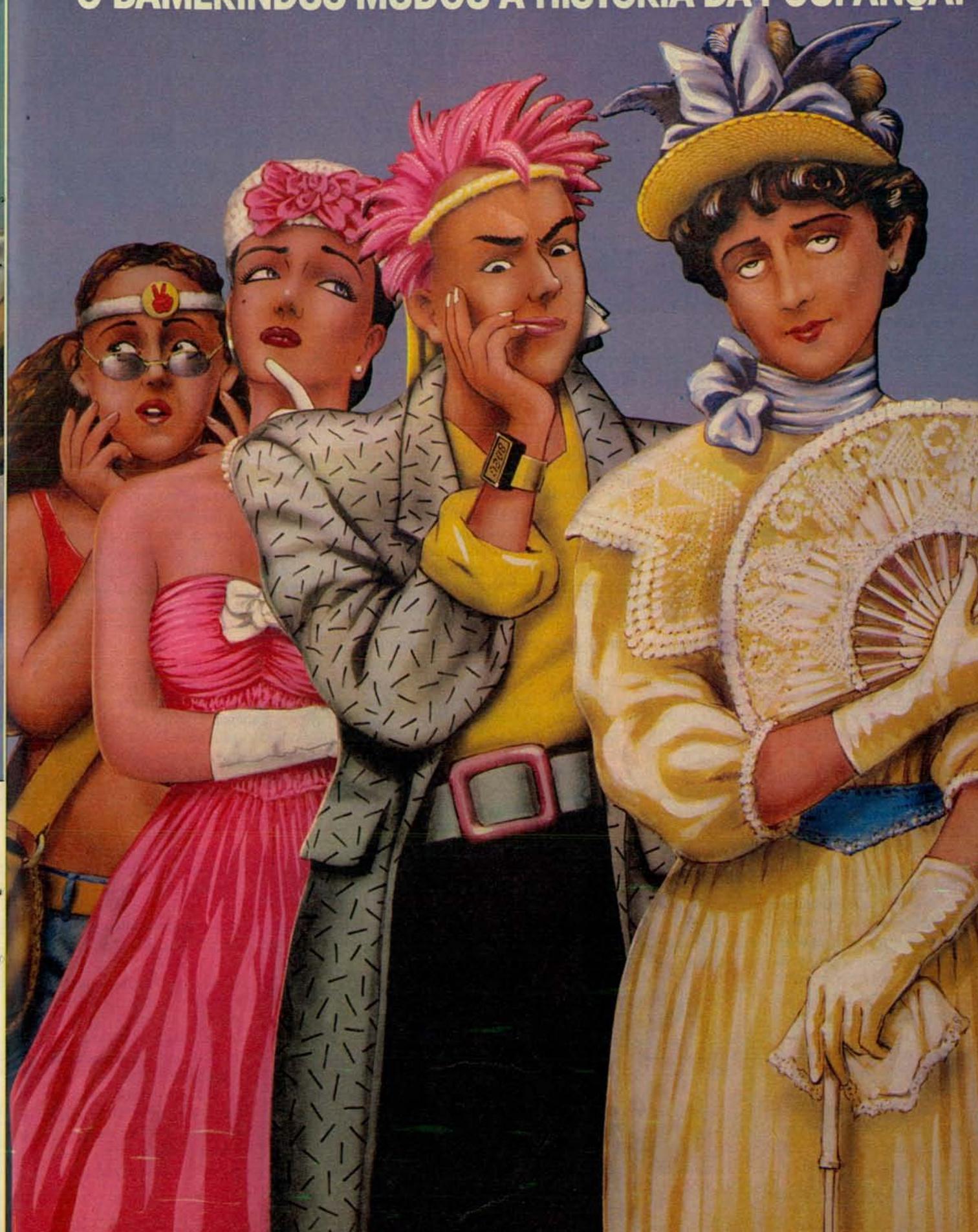


Cristóvão: sem preconceito



Produtos nacionais para homens: bisnagas de gel e sem gordura

O BAMERINDUS MUDOU A HISTÓRIA DA POUPANÇA.

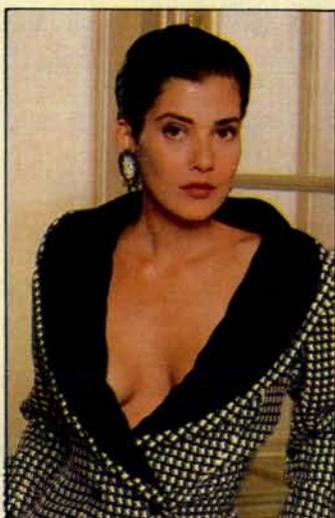




J.R. BADIN



J.R. BADIN



FOTOS J.C. SAUER/PARIS MATCH

Criações de Per Spook, Saint Laurent, Ungaro e Lacroix: colo bem torneado e seios fartos

Moda

De peito aberto

A moda sensual domina as coleções de outono

Quando os estilistas japoneses foram destronados, no início da década, pela sensualidade transbordante das coleções do tunisiano Azzedine Alaïa e atualmente pelo traço do megacostureiro francês Christian Lacroix, as roupas que davam um ar andrógino às mulheres cederam a vez a um estilo ultrafeminino. Primeiro, foram as pernas, reveladas pelas saias cada vez mais curtas. Depois, vieram as cinturinhas de vespa e as formas sinuosas do corpo, valorizadas pelo corte colado à pele e também pelas novas alquimias da indústria da tecelagem, que criou fios híbridos de algodão, linho e seda com lycra — o fio *stretch*. Agora, a ousadia chegou aos seios, revelando-os em seu esplendor. Todas as linhas da moda deste ano que as casas de alta-costura francesa lançaram nas últimas duas semanas, em Paris, apontam e valorizam uma parte do corpo feminino: o colo. “Adoro as mulheres com busto grande, quadris largos e traseiros bem proporcionados”, diz o francês Lacroix, que escolheu a dedo manequins de formas arredondadas para apresentarem sua coleção. “Preferi não trabalhar desta vez com certas modelos, muito nórdicas e de estilo quase ascético”, afirmou. Emmanuel Ungaro fez a

mesma opção. Preferiu mulheres cheinhas para exibir sua coleção para a temporada outono/inverno europeu. “A alta-costura, para mim, é um discurso amoroso e não um exercício de estilo. Por isso, escolhi manequins que fizessem com que as mulheres se reconhecessem nelas”, diz Ungaro. A celebração da sensualidade via seios fartos também encontra eco entre as criações de Marc Bohan, Yves Saint Laurent e de Per Spook, três nomes de primeira linha no circuito internacional da moda. “Hoje em dia, o importante é deixar à mostra um ombro mais roliço, com seios de contornos mais cheios”, revela Bohan, o estilista responsável pela griffe Christian Dior. “A moda já não é mais andrógina.”

VOLUPTUOSAS — Se a mulher deste fim de década for extremamente sensual e voluptuosa como predizem os mestres da alta-costura, os fãs das divas Marilyn Mon-

roe e Jayne Mansfield, as grandes sensações dos anos 40 e 50, quando seios fartos eram meio caminho andado para a rota do sucesso, podem ficar tranquilos. Até entre as manequins, símbolos da elegância tradicionalmente ligados a uma silhueta frágil e longilínea, já começam a aparecer mulheres redondas, donas de um colo roliço, para desfilar as grandes coleções. Há até uma agência de manequins francesa, a Marilyn Gauthier Agency, que já criou um departamento de “gordinhas”. Lá, regime alimentar é uma palavra proibida e qualquer gulodice é bem-vinda. “Elas estão sempre com a agenda lotada”, garante Marilyn Gauthier, diretora da agência.

No Brasil, o resultado desse caminho novo e original poderá ser visto nas vitrines a partir de setembro, quando a temperatura começa a aumentar e as roupas a diminuir. “A moda sensual é um fato consumado em todo o mundo”, diz a estilista carioca Márcia Pinheiro. Em sua coleção de verão, Márcia vai trazer a roupa íntima para o lado de fora, com sutiãs meia-taça, corpetes e espartilhos em laise fazendo conjunto com saias, minissaias e shorts. A paulista Claudete Chammas Daud, da etiqueta Claudete & Decca, anunciou uma coleção inspirada nos superdecotes dos anos 60. “Pena que a brasileira tenha mais quadril e menos busto que a europeia”, lamenta Claudete. Nora Sabá, da griffe carioca Spy and Great, também vai abusar dos decotes profundos em forma de coração e dos vestidos ultracurtos. “A mulher brasileira adora exibir o corpo e essa moda sensual é ideal para isso”, avisa. ●



Marc Bohan: “A moda já não é mais andrógina”

SAIA DA FILA.



Desde os tempos em que a mulher não tinha liberdade de movimentos a Poupança é igual. Você tem que ir todo mês ao banco e enfrentar filas pra depositar. O Bamerindus mudou essa história. Com a Poupança Automática Bamerindus, você não entra em filas e poupa todo mês sem depositar. Basta autorizar uma única vez e o Bamerindus transfere, todos os meses, a quantia que você determinar da conta-corrente pra Poupança. Aproveite melhor o seu tempo. No Bamerindus o computador trabalha pra você.

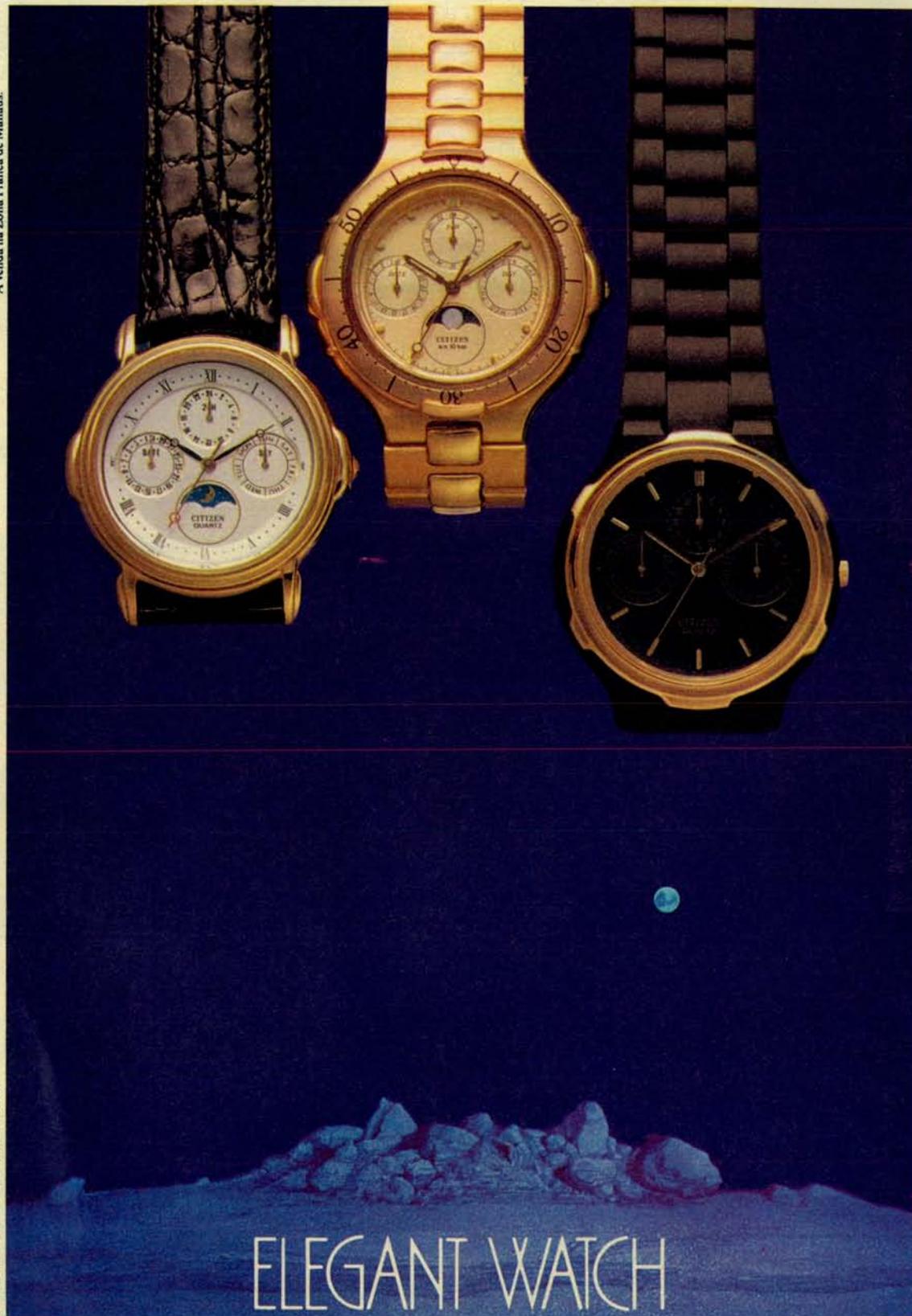
POUPANÇA
AUTOMÁTICA

 **BAMERINDUS**

Uma força pro seu dinheiro.

È TEMPO DE ESTILO

A venda na Zona Franca de Manaus.



Representante
exclusivo no
Brasil:
Tropical
Equipamentos
Foto Audio S/A.
MODELOS
MULTI MOON
Registrados da
esquerda para
a direita:
AA 8002 - 08A
AA 8022 - 51P
AA 7015 - 52E

ELEGANT WATCH

Um Citizen
autêntico
tem este
selo
tridimensional.



CITIZEN

CITIZEN É UMA MARCA REGISTRADA DA CITIZEN WATCH CO. JAPAN



Brincadeira fatal

Modelo brinca de assalto e é morta por soldado

Na noite da última segunda-feira, a modelo carioca Cláudia Barreira, 23 anos, que fazia fotos de moda e pretendia ser cantora, teve uma idéia infeliz. Entrou no destacamento da Polícia Militar de Búzios, o famoso balneário ao norte do Rio de Janeiro, aproximou-se do balcão de atendimento e, com um revólver na mão, anunciou um assalto. Ao ver a garota apontando-lhe uma arma, o soldado Roberto Teixeira, 23 anos, o único policial na sala de plantão naquela noite, assustou-se com a ameaça. Pegou um revólver e a matou com um tiro no coração. Só mais tarde, depois que a polícia prendeu o soldado, é que se revelou a face absurda de um episódio que começou aparentemente como uma tola brincadeira.

A jovem modelo não pretendia assaltar ninguém. Sua arma não passava de uma bem-feita imitação de plástico de uma pistola Magnum 44, que ela carregava sempre na bolsa para pregar peças em seus amigos e até em pessoas desconhecidas. "Ela usava a arma para brincar da forma mais inocente possível", diz Ana Cristina Costa, uma das amigas. "Não acredito que a garota quisesse assaltar ninguém", afirma o delegado local, Uruguandy Braga. "Mas ela foi ingênua por imaginar que o policial não fosse se assustar com a arma", acrescenta.

"MUITO FELIZ" — A modelo Cláudia Barreira, que começou sua carreira há três anos fazendo fotos para revistas, mas que desejava ser famosa cantando, era



Cláudia Barreira: morta com um tiro no coração

muito conhecida em Búzios e chegou a ser apelidada de "Cláudia Tititi" por saber de todas as fofocas que circulavam em seu meio. Apesar de morar com a mãe em um apartamento de três quartos no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro — o pai mora na cidade mineira de São Lourenço —, Cláudia passava grande parte do tempo em Búzios, onde se hospedava na casa de amigos. "Ela não tinha lugar certo para ficar", revela um desses amigos, Márcio Abreu. "Dormia em lugares diferentes todas as noites." No dia de sua morte, a modelo passou várias horas na praia e só apareceu na boutique da amiga Mercedes Aguado no fi-

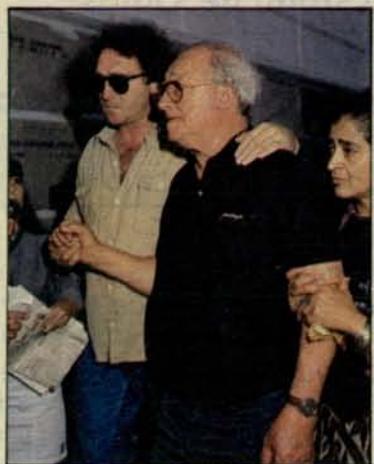
nal da tarde, onde ficou experimentando algumas roupas. Por volta das 21 horas, tomou um banho e convidou Mercedes para ir ao Chez Michou, um dos bares de que gostava. Mercedes preferiu ficar em casa assistindo à televisão com o marido. Às 22h30 Cláudia saiu da casa da amiga muito animada. "Ela me disse que estava muito feliz e que naquela noite arranjaria um 'gato'", lembra a amiga. "Chegou a me dizer que aquele seria o seu dia D."

Ainda na noite de segunda-feira, a morte de Cláudia Barreira ganhou um lado polêmico quando as autoridades responsáveis pelo caso começaram a tropeçar em coisas banais. Primeiro foram os funcionários do Instituto Médico Legal, para onde

ALBUM DE FAMILIA



Hayde, a mãe: "Minha filha tinha a cabeça no lugar"



Lício, o pai: "Quero justiça"

foi levado o corpo, que jogaram no lixo a camiseta que ela estava usando e recortaram a área onde estava o furo provocado pela bala, o que dificulta a definição da distância entre revólver e alvo. Depois, foram as declarações contraditórias oferecidas pela Polícia Militar. Numa, o soldado teria se jogado no chão e depois disparado o revólver. Noutra, apenas teria pulado para trás.

Devido a essa confusão e ainda chocados com a maneira brutal com que a filha foi morta, os pais da modelo entrarão com uma ação contra o Estado para receber uma indenização. Eles suspeitam de que ela tenha sido assassinada pelo soldado depois de uma tentativa frustrada de estupro. "Se a Justiça não esclarecer a morte, vou fazer justiça com as próprias mãos", dizia durante o enterro Lício Barreira, o pai de Cláudia. A mãe, Hayde Valadares Barreira, também rejeita a versão de que ela tenha entrado no destacamento armada com a pistola de brincadeira e de que sua morte se deva a um equívoco trágico. "Minha filha era muito extrovertida, mas tinha a cabeça no lugar", diz Hayde. ●

OSCAR CABRAL

FLAVIO CIRIO

Bandepe.

Antes de tudo um forte.

Desempenho global

Soma de pontos obtidos pelos bancos
nas seis tabelas de desempenho*

1 - Brasil	44
2 - Banespa	35
3 - Bandepe	27
4 - Banrisul	26
5 - Amazônia	23
6 - Estado do Amazonas	23
7 - Estado de Alagoas	23
8 - Estado do Paraná	22
9 - Estado de Santa Catarina	19
10 - Estado de Goiás	19

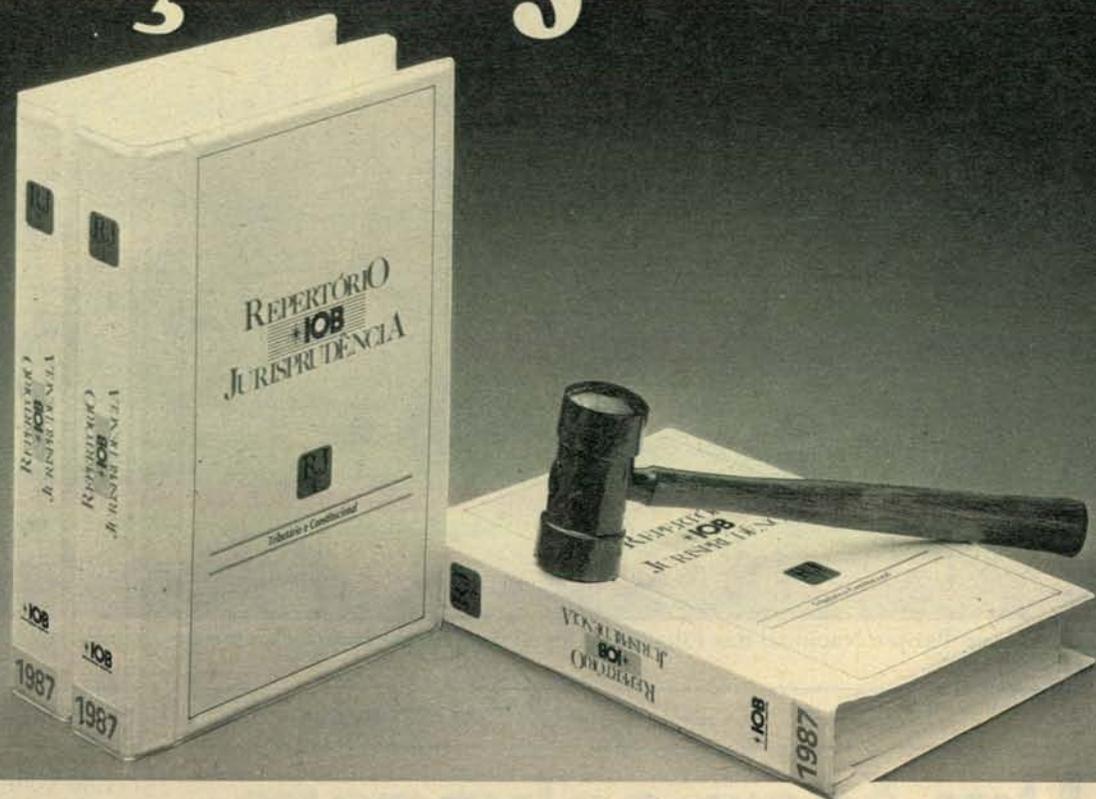
Revista Exame.
Publicado dia 03.07.88

* Critério: 10 pontos para a primeira colocação, 9 pontos para a segunda e assim sucessivamente, até a décima colocação que vale 1 ponto. Em caso de empate, prevalece o mais rentável pelo patrimônio

■ Saneamento. ■ Esta foi a primeira palavra de ordem da atual diretoria ao assumir a administração do Bandepe. ■ Desempenho foi a segunda. ■ E em pouco mais de um ano de trabalho intenso, e com o total apoio do Governo de Pernambuco, funcionários e diretores receberam a recompensa: na mais minuciosa análise do setor financeiro já realizada pela revista Exame, o Bandepe coloca-se, em desempenho global, como o segundo maior banco estadual brasileiro. ■ Um bom resultado para qualquer banco brasileiro. ■ Um excelente resultado para uma instituição financeira que luta com a realidade de um estado nordestino.

Bandepe
Ajudando Pernambuco
a mudar

Justiça seja feita.



Repertório IOB de Jurisprudência. Há 1 ano facilitando as decisões jurídicas de milhares de profissionais.

Em 1 ano de existência, o Repertório IOB de Jurisprudência alcançou a confiança de milhares de advogados e demais profissionais ligados às áreas legal e trabalhista das empresas.

E não é por acaso: em seus 3 cadernos, enviados quinzenalmente, estão as principais posições jurídicas dos mais diversos Tribunais do país, com a mais objetiva seleção de ementas, realizada por especialistas. Ou seja, são cerca de 40 ementas por caderno, a cada edição, que resultam em aproximadamente 2.880 ementas por ano, sempre que possível com citação da fonte oficial.

Além disso, o Repertório IOB de Jurisprudência traz artigos exclusivos de renomados juristas a respeito de assuntos da atualidade, que merecem ser destacados. Bem como a íntegra dos acórdãos de maior relevância.

Se você já é assinante do Repertório IOB de Jurisprudência, parabéns.

E lembre-se da renovação da sua assinatura, para continuar tendo ao lado o seu mais avançado ponto de vista jurídico.

Se ainda não é, faça justiça: assine já, através do telefone (011) 285-6244 ou enviando o cupom ao lado para IOB.

Aproveite a sensacional promoção de aniversário: assinatura ampliada, descontos e condições especiais de pagamento


IOB
informações objetivas

CAIXA POSTAL 45.323 (CEP 04092)
04004 - Av. Bernardino de Campos, 352
(Paraisópolis) - Tel.: (011) 285-6244
Telex 1125503 IOBE BR - São Paulo - SP

Solicito maiores informações, sem compromisso,
sobre o Repertório IOB de Jurisprudência.

Nome: _____

Empresa: _____

Cargo: _____

End. Comercial: _____

Tel.: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Data: _____ Assinatura: _____



JOAO RAMID

O incêndio no Parque Nacional das Emas, em Goiás: uma frente incandescente de 60 quilômetros de extensão

Ambiente

Um fogo selvagem

Incêndio gigantesco destrói metade dos 1 000 quilômetros quadrados do Parque Nacional das Emas

O incêndio foi tão grande que poderia ser visto da Lua. Num ponto do planeta situado no sudoeste do Estado de Goiás, quase na divisa com o Mato Grosso do Sul. Eram os sinais de um dos maiores incêndios florestais já registrados no Brasil — uma frente incandescente que, entre o sábado 30 e a manhã da quinta-feira da semana passada, chegou a ter 60 quilômetros de extensão. Ao final do incêndio, metade dos 1 000 quilômetros quadrados do Parque Nacional das Emas — o equivalente à área da Baía de Guanabara — havia sido consumida pelo fogo, matando boa parte de um dos mais ricos mananciais de fauna e flora do país. Ironicamente, o fogo foi visto inicialmente por um grupo de estudantes da Universidade Católica de Goiás e de jornalistas que faziam um passeio de pesquisa científica e turismo ecológico na área do parque.

“No início, tentamos debelar o fogo com folhas de coqueiro”, diz Altair Sal-

les, professor do Instituto de Antropologia e Pré-história da Universidade Católica de Goiás. “Um vento irregular e forte, às 5 horas da manhã, porém, fez com que o fogo tomasse direções diferentes.” O incêndio, que chegou a exibir, nas regiões mais próximas à mata, labaredas de até 6 metros de altura, ultrapassou aceiros — espécies de estrada construída como barreira contra incêndios — de mais de 50 metros de largura. Auxiliado pela alta quantidade de nitrogênio que o solo do parque apresenta nos meses de seca, o fogo se propagou com um vigor extraordinário. “Como o nitrogênio é altamente combustível, o fogo teve facilidade para se espalhar”, afirma o professor Salles.

SINDICÂNCIA — “Tudo indica que foi um incêndio proposital”, diz Jadson de Araújo Pires, superintendente de política ambiental da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente de Goiás. “Além do mais, o IBDF foi ne-

gligente com as medidas de segurança para evitar incêndios florestais.” O delegado do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) em Goiás, João Raymundo Costa Filho, afasta a hipótese de descaso do órgão onde trabalha. “Somente no ano passado, abrimos 650 quilômetros de aceiros”, defende-se Costa Filho. “Desta vez, o clima seco e ventos



O resultado do fogo: a vegetação...

de até 60 quilômetros por hora ajudaram a propagar o fogo”, diz Eloizio de Almeida, também do IBDF. Decidido a abrir uma sindicância para apurar as reais causas do incêndio, o IBDF não afasta a possibilidade de o fogo ter sido provocado pelos próprios fazendeiros da região, que costumam se utilizar de queimadas para renovar solos desgastados. Especialistas em preservação de matas e florestas defendem a tese de que essa tradição de atear fogo pode ser canalizada para o bem da vegetação. Segundo eles, pequenas queimadas controladas, provocadas periodicamente, podem evitar incêndios de proporções gigantescas como o da semana passada.

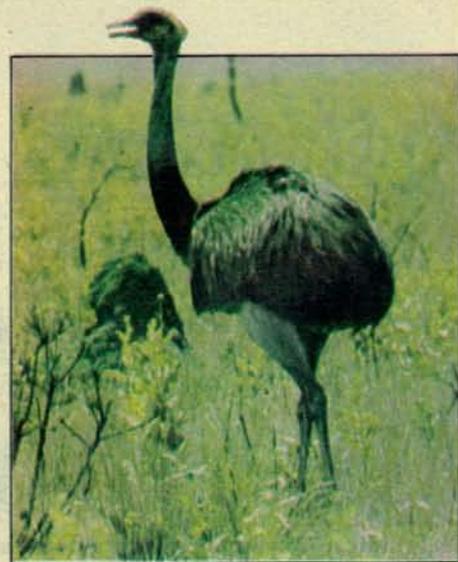
“Os incêndios florestais no Brasil têm crescido numa base de cinco vezes a mais de ano para ano”, afirma José Carlos de Carvalho, que responde pela secretaria-geral do IBDF. “Além dos danos óbvios para a ecologia, temos prejuízos em torno de 2 bilhões de dólares.” Segundo pesquisas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, que municia de informações científicas o recém-criado Sistema Nacional de Controle, Prevenção e Pesquisas sobre Incêndios Florestais, do IBDF, apenas a Amazônia queimou, nos últimos doze meses, 20 milhões de hectares — dos quais 40% são áreas florestais. Nesse mesmo período, num único dia, em vários focos diferentes — conforme registrou o satélite —, houve frentes de fogo que juntas somariam 400 000 hectares queimando.



O trabalho para debelar o incêndio no Parque Nacional das Emas foi prejudicado pela falta de infra-estrutura de segurança e combate a queimadas. Existem ali apenas três guardas florestais para cuidar de toda a área. O único carro-pipa que se dirigiu para a região em chamas, com uma guarnição de sessenta homens do Corpo de Bombeiros de Goiânia, esteve, na manhã da quarta-feira — quando 35% do parque já ardia em labaredas —, quase o tempo todo atolado. E, para reabastecê-lo, o motorista tinha que percorrer 40 quilômetros até a nascente do Rio Formoso, já que a administração do parque não dispõe de bombas de sucção. “Perdemos horas preciosas na tentativa de abrir aceiros”, conta Jefferson Soares Frazão, do 1.º Grupamento de Incêndio do Corpo de Bombeiros de Goiás. “Além do mais, o único trator que o parque possui estava com defeito.” Moradores da região, auxiliados pelos bombeiros e homens da defesa civil, foram obrigados a apelar para métodos precários de combate ao fogo: agitavam folhas de buriti para espantar as chamas.

MUNDO HARMONIOSO — O fogo selvagem que tomou conta do Parque Nacional das Emas deixou um saldo trágico para a ecologia. A vegetação, composta de 774 espécies arbustivas e arbóreas, entre elas as palmeiras-buriti, as guabirobas e as mangabeiras, tornou-se um mar de cinzas. Enquanto animais, como os porcos-queixadas, caminhavam em círculos, desorientados diante do novo cenário, tamanduás com filhotes, torrados no chão, eram uma amostra da dolorosa tragédia. As emas, numerosas no parque, foram as mais atingidas pelo fogo, já que ele coincidiu com seu período de reprodução. Em pânico, abandonaram seus ninhos e, junto com manadas de veados, pularam as cercas que circundam o parque à procura de alimento e segurança nas fazendas vizinhas, onde migrantes do sul do país plantam soja.

Cegadas pelo calor do fogo, as seriemas voavam desorientadas em direção às labaredas. Nascentes de rios e riachos transportavam por suas águas troncos de árvores transformados em carvão. “O Parque das Emas é um mundo harmonioso que merecia mais cuidado”, diz o fotógrafo Jesco von Puttkamer, neto do chanceler Bismarck, o unificador da Alemanha, que vive no Brasil pesquisando e fotografando para revistas internacionais e universidades. “Sua riqueza ecológica é uma verdadeira lição da natureza.”



Emas: pânico e fuga dos ninhos



Porco-queixada: em círculos



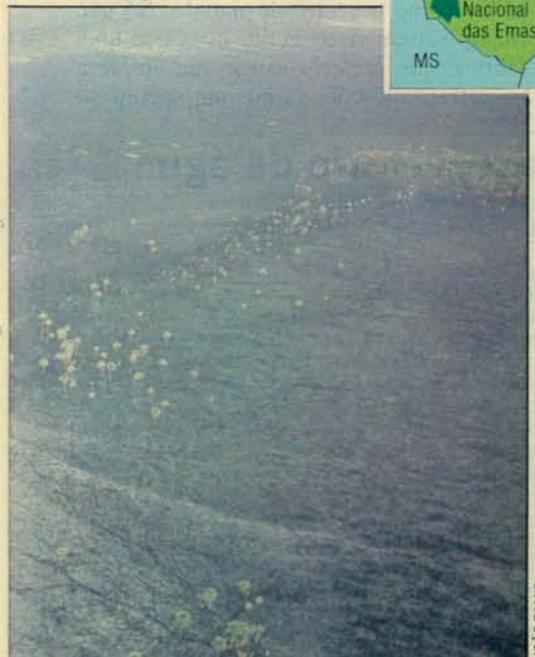
Tamanduá: queimado no chão



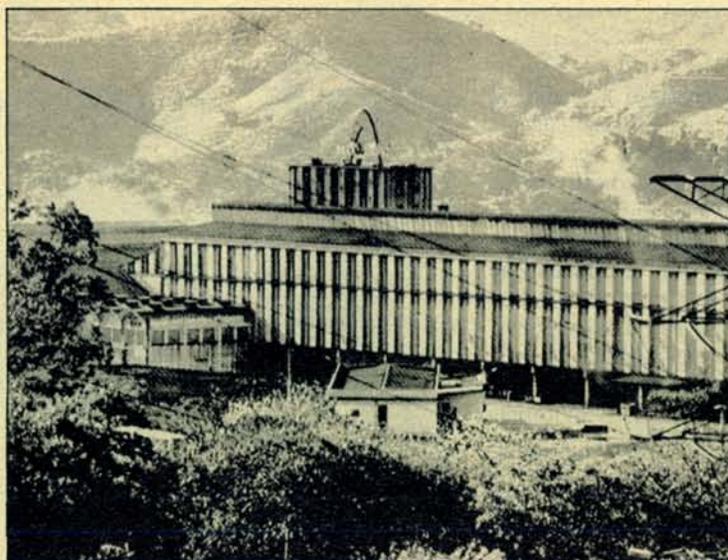
Seriema: vôo cego no fogo



Veado: à procura de alimentos



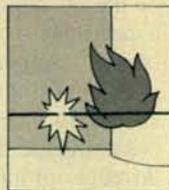
...transformada num mar de cinzas



A Fundação Thyssen, em Barra do Piraí: óleo poluente

O rápido processo de poluição do rio

Um incêndio mal controlado libera 120 litros de óleo ascarel no rio e uma mancha de poluição navega ao longo das cidades em direção ao mar



1- As 16h20 de quinta-feira, um curto-circuito incendiou um dos três fornos da Fundação Thyssen. O sistema de proteção do forno explodiu e vasaram 120 litros de óleo ascarel, que funcionavam como isolante térmico.

Veneno na água

Inépcia de empresário quase provoca tragédia ecológica no Rio Paraíba do Sul

Durante pouco mais de 1 hora, na última quinta-feira, dia 4, a população carioca esteve na iminência de ver a sua principal fonte abastecedora de água vítima de um desastre ecológico. Nesse período de tempo — das 16h20 às 18 horas — o Rio Paraíba do Sul acabou sendo minado pelo óleo ascarel — cujo nome químico é pentaclorodifenil —, tóxico. O óleo vazou de um dos fornos da Fundação Thyssen, em Barra do Piraí, e foi parar no rio. O desastre foi evitado graças à pronta ação da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente, Feema, e da Cedae, a companhia de águas do Rio de Janeiro. Avisar imediatamente a Feema

do desastre ecológico que sua empresa provocou foi a única atitude acertada que o presidente da fundição, o alemão Benno Mang, praticou. De resto, a sua inépcia em lidar com o incêndio da Thyssen conseguiu o que se poderia achar improvável: que o Rio Paraíba do Sul ficasse poluído de uma forma desastrosa. A atitude de Mang só encontra paralelo no recente caso da cápsula de césio-137 que foi aberta a bordo das em Goiânia e contaminou 42 pessoas. Tanto o césio quanto o ascarel são elementos venenosos e devem receber cuidado especial.

Mas o desastre da semana passada com o ascarel tem cores muito mais fortes do

que o do césio goianiense. Se em Goiânia a cápsula foi manuseada por pessoas semi-analfabetas, que ignoravam o seu teor de periculosidade, o mesmo não aconteceu em Barra do Piraí. Quem autorizou a liberação do produto tóxico para o rio que mata a sede de 10 milhões de cariocas foi um empresário de formação superior, que deveria saber lidar com os produtos que a sua empresa utiliza. A desculpa de Mang para que o líquido fosse jogado no rio é simplista. "Imaginei que o óleo fosse inflamável, o que poderia aumentar a proporção do incêndio", afirma. No entanto, o empresário portou-se como um jogador de futebol que desconhece uma bola. O ascarel é altamente tóxico, mas de forma alguma é inflamável.

PRIMEIRO A FÁBRICA — Ao optar pela sua fábrica, Benno Mang agiu da forma racional que um empresário vê a sua empresa: como o centro do mundo. Só que Mang pôs em risco muito mais que uma fábrica. Ele preferiu salvar sua empresa — certamente coberta por um seguro —



1- Pelos cálculos da Feema, durante 40 minutos, antes que as comportas fossem fechadas, o Rio Paraíba do Sul levou água envenenada para o reservatório de onde saiu o canal que vai abastecer o sistema do Guandu.

2- Como as comportas de saída da água da barragem da Santa Cecilia não podem ser fechadas, o Rio Paraíba do Sul continuará levando veneno em direção ao norte. A água contaminada chegou na quinta-feira a Vassouras, chegará no domingo a Cantagalo e espera-se que esteja em Campos na terça-feira. Depois, ela será lançada na Praia de Atafona. Não ficarão seqüelas nesse caminho. Só no trecho próximo à Thyssen é que o lodo ficará permanentemente contaminado e poderá haver morte de animais.

A caminho do reservatório de água

Técnicos examinam a cada hora a poluição do Guandu para cortar o fornecimento de água do Rio caso o veneno apareça

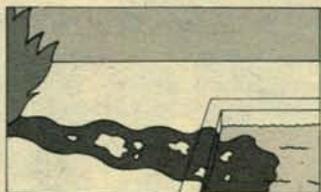
3- Há uma distância de cerca de 50 quilômetros entre a boca do Canal do Guandu em Santa Cecilia e a entrada da estação da Cedae. Assim, a água contaminada na tarde de quinta-feira pela Thyssen só poderia chegar à estação na manhã de domingo. No reservatório o veneno passaria por um processo de diluição e poderia entrar nas tubulações de água que seguem para o Rio de Janeiro.

4- A Cedae instalou um posto de observação da água cerca de 12 quilômetros a montante da estação. Lá, turmas de técnicos recolhem amostras e, a cada hora, remetem lotes de frascos para exames de laboratório. Entre o momento em que a água é retirada do rio e o instante em que o exame fica pronto, passam-se 5 horas. Como a água envenenada levaria 9 horas para percorrer o pedaço do canal que vai do posto de observação à entrada do reservatório, a Cedae, até a manhã de sábado, mantém as comportas de entrada do Guandu abertas. Caso o posto de observação registre a passagem de água contaminada, os técnicos dispõem de 9 horas para fechar as comportas, operação que leva menos de 30 minutos.

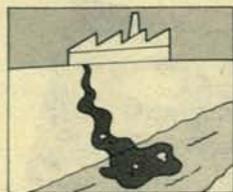
5- A Cedae detecta uma mancha de contaminação na água do Canal do Guandu. Determina-se o fechamento das comportas da estação de tratamento e a água segue seu curso, indo parar na Praia de Sepetiba, onde se mistura ao mar. Como o veneno chegou diluído, a água contaminada não traz riscos depois de jogada na praia. O fechamento das comportas não deverá passar de 12 horas, o que não provocará seqüelas no fornecimento do Rio de Janeiro.



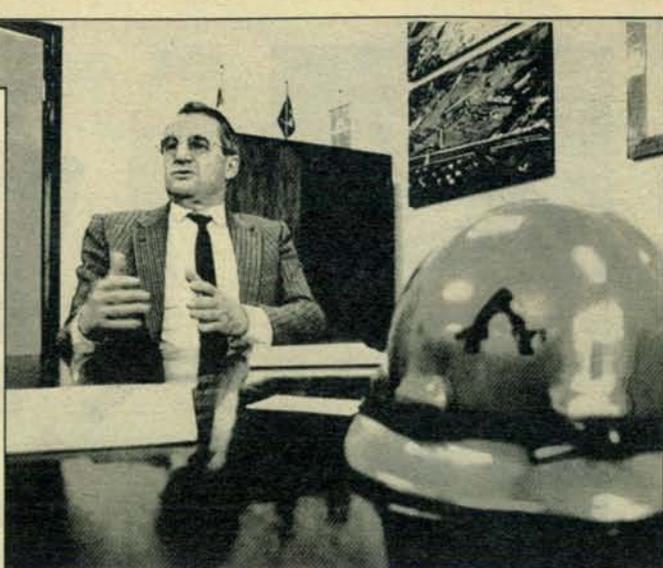
2- A brigada anti-incêndio da Thyssen não conseguiu apagar o incêndio com extintores. Resolveram então usar água. Com isso, o óleo foi tirado de dentro do forno e, misturado com a água, escorreu por canaletas de drenagem.



3- A água impregnada de óleo correu para o reservatório de poluentes da Fundação. Se tivesse ficado lá, conforme manda o manual, nada teria acontecido. O presidente da empresa, Benno Mang, autorizou que a água envenenada fosse bombeada para o Rio Paraíba do Sul. Há cerca de três meses, a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente pediu à Thyssen que ampliasse esse tanque. A empresa achou que a obra era cara e desnecessária.



4- Estava feito o acidente ecológico. Mang (na foto) achou preferível jogar o veneno no rio que abastece de água uma cidade de 10 milhões de pessoas, pois temia que o ascarel depositado no seu tanque explodisse. O presidente da Fundação Thyssen esqueceu-se de que o ascarel é venenoso, mas não é inflamável.



O empresário Benno Mang: atitude inconseqüente

e contaminar um rio que não dispõe de nenhuma forma de indenização por atos insanos. "Foi um erro lamentável dos técnicos", afirma, desconsolado, Carlos Alberto Muniz, presidente da Feema. Muniz autou a Thyssen em 1 000 UFRJs, cerca de 2,3 milhões de cruzados, pelo despejo inadvertido do ascarel. A Thyssen tinha autorização da própria Feema para estar em funcionamento às margens do Paraíba do Sul, apesar de utilizar materiais tóxicos em suas máquinas. "Nós nunca tivemos problemas com a fundição", explica Muniz. "A culpa por esse acidente é da inconseqüência dos técnicos e da direção da fábrica, que nada fizeram para impedir que substâncias tóxicas fossem jogadas no rio."

O grande risco que a população carioca e a fluminense correram pode ser avaliado pela toxicidade do ascarel. O produto não é biodegradável, permanecendo no meio ambiente, e contém substâncias cancerígenas. Em contato com a pele ou ingerido, provoca lesões dermatológicas sérias, além de alterações no fígado e nos

rins. Mundialmente, o ascarel é conhecido como PCB e em todos os países — inclusive no Brasil — o seu uso é contraindicado, mas ainda há empresas que o utilizam como isolante térmico. No ano passado, o Rio de Janeiro teve experiências com o ascarel. A Light usava o produto em 300 de seus transformadores e teve que retirar o óleo e enterrá-lo, depois que uma explosão em um dos transformadores da subestação de Furnas, no Grajaú, liberou 1 000 litros do óleo.

CIDADE COM ÁGUA — O desastre com o ascarel, contudo, não deixará o Rio de Janeiro e suas regiões próximas sem água. Com a rápida ação da Cedae e da Feema, a cidade se livrou de um racionamento compulsório. A captação de água nos reservatórios da Cedae, no interior do Estado, deverá durar apenas 12 horas, para que se possa avaliar se a água foi ou não contaminada. "O abastecimento de água no interior e no Grande Rio não deve ser comprometido", explica Muniz, da Feema. "Apenas fizemos um apelo à

população para que racionalize o consumo de água no final de semana como uma medida de extrema segurança. A água que a população está consumindo não está poluída. O racionamento é apenas para que nenhuma região tenha problemas de abastecimento." Apesar de a água contaminada ter passado durante quase 1 hora para o Rio Guandu, a Cedae afirma que não há risco de contaminação. "Mesmo que o produto entrasse no Guandu, seriam 120 litros de óleo para um fluxo de 160 000 litros de água por segundo do rio", esclarece Aloísio Clóvis dos Reis, diretor de operações do órgão para a região carioca. "Com isso, a diluição, caso a contaminação se efetivasse, seria tão grande que os efeitos no organismo seriam mínimos. Mas não queremos correr riscos", afirma Aloísio dos Reis. Com o risco de envenenamento afastado das torneiras do Rio de Janeiro e seguindo em direção ao mar, o carioca pode respirar aliviado. Mas seu alívio é bem diferente do experimentado pelo empresário Benno Mang, que salvou sua indústria e envenenou um rio. ●

Um grave erro de avaliação

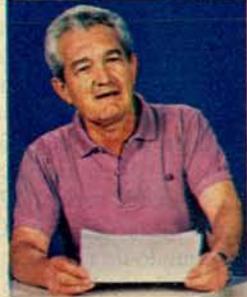
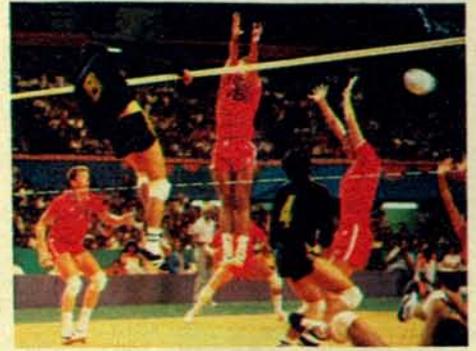
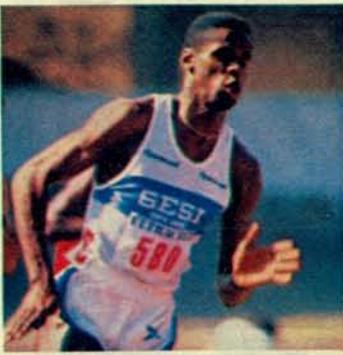
Durante todo o período que durou a polêmica sobre a responsabilidade do óleo ascarel ter sido jogado no Rio Paraíba do Sul, o presidente da Fundação Thyssen, Benno Mang, escudou-se atrás de explicações inconseqüentes, às vezes mentirosas. Principal peça do desastre ecológico em Barra do Pirai, Mang em nenhum momento admitiu a culpa de sua empresa. Negou que existisse qualquer

tanque para represar material poluente em sua fábrica. No entanto, a existência do tanque foi constatada por técnicos da Feema. "Nossos equipamentos não têm tanques de proteção. A água que apagou o fogo caiu no chão e simplesmente foi parar no córrego", tentou explicar-se, negando a evidência. Com relação ao incêndio e ao método usado para contê-lo, o empresário apresentou igualmente uma versão que causa surpresa.

Para ele, o importante era

apagar o fogo, não importando as conseqüências. "Tínhamos um incêndio a controlar. O que podíamos fazer, se os extintores não adiantaram? Tínhamos que usar a água", afirmou. Estava em questão a possibilidade de um desastre ecológico, mas a empresa parecia lidar apenas com um problema de segurança interna e mais nada. "Eu não deixaria minha fábrica queimar toda, nem mesmo se houvesse só três galpões ameaçados, afirma Mang. "Se a sua casa pega fogo, o que você faz?", diz ele, ao examinar as possíveis saídas

para o desafio que enfrentou na última quinta-feira. O empresário tomou uma decisão que o livrou de prejuízos na própria carne, mas que colocou um risco para o meio ambiente e uma multidão de pessoas. Acha que agiu corretamente ao salvar a Fundação Thyssen do fogo e poluir o Rio Paraíba do Sul. Para ele, tanto o curto-circuito que provocou o incêndio quanto o envenenamento do rio estão reunidos numa mesma retórica fatalista: "Acidentes acontecem".



O POVO SABE TORCER.

Na hora de assistir aos mais emocionantes programas de esporte, o telespectador prefere o time da Globo.

A Globo cobre todos os esportes no Brasil e no mundo.

Tem exclusividade na Fórmula 1 e na Copa União.

Transmite as Olimpíadas e as Copas do Mundo sempre com os

melhores profissionais, especializados nas mais diversas modalidades esportivas.

Por isso, a Rede Globo emplaca os maiores índices de audiência.

Como se vê, não há um segundo lugar. Não existe vice-liderança.

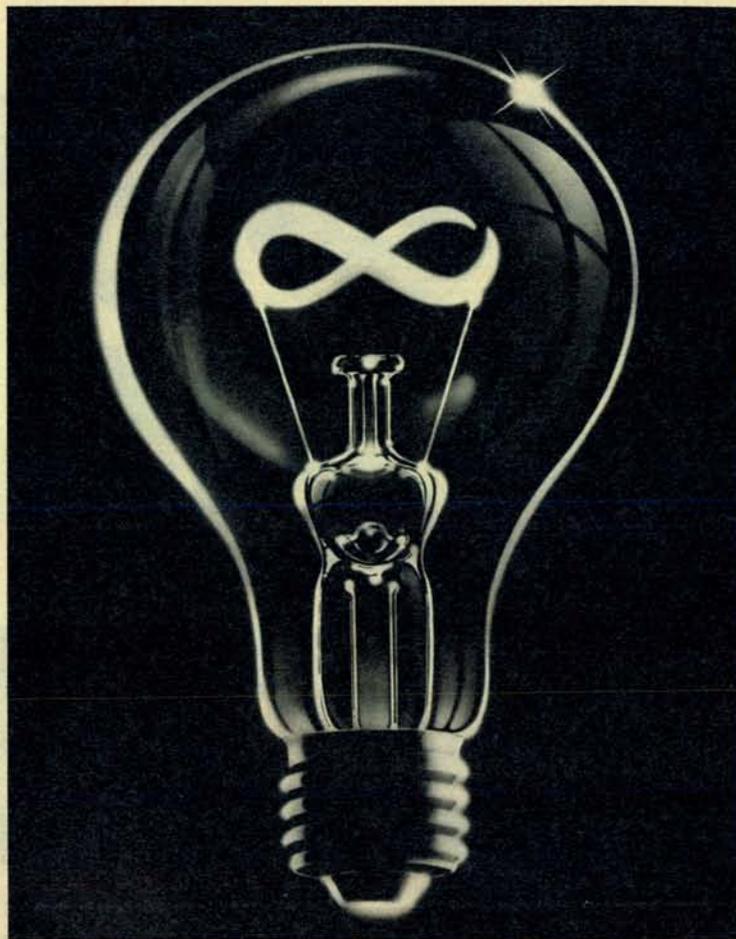
O povo não é bobo. O povo sabe que na hora de escolher o melhor nem precisa de competição.

PROGRAMA	CANAL	RJ/SP*
ESPORTE ESPETACULAR	GLOBO	1.337
GP DE FÓRMULA 1	GLOBO	1.334
GLOBO ESPORTE	GLOBO	959
CAMP. PAULISTA (Só SP)	GLOBO	637
COPA RIO	MANCHETE	342
CAMP. PAULISTA	BANDEIRANTES	257
SHOW DO ESPORTE	BANDEIRANTES	166
DESAFIO	BANDEIRANTES	154
MANCHETE ESPORTIVA/ 1º TEMPO	MANCHETE	110
TOQUE DE BOLA	MANCHETE	91
MANCHETE ESPORTIVA/ 2º TEMPO	MANCHETE	71

* Milhares de domicílios atingidos - Grande São Paulo/Grande Rio
Fonte: Audi-TV, Divisão Audi Midia Ibope - Maio/88



**O POVO NÃO É BOBO.
PREFERE A REDE GLOBO.**



Uma luz para suas idéias

A Massey Perkins está patrocinando a primeira edição do Prêmio Iochpe de Tecnologia que visa descobrir e estimular novos talentos e idéias voltadas para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de tecnologias.

Este prêmio, criado pela Companhia Iochpe de Participações, será patrocinado, anualmente, em esquema de rodízio entre suas coligadas, de forma a incentivar a pesquisa nos diversos setores de atividade do Grupo Iochpe.

Em sua primeira edição, neste ano de 88, o Prêmio Iochpe de Tecnologia tem como tema central "Aperfeiçoamento Tecnológico de Motores de Combustão Interna".

Poderão participar alunos e professores de universidades, faculdades e escolas técnicas e pesquisadores vinculados a centros de pesquisa ou de engenharia, apresentando teses de natureza teórica e projetos com ou sem comprovação experimental. Os temas poderão versar sobre

combustíveis alternativos, desempenho, economia de combustível, controle de poluição ambiental, conceitos de projetos, métodos de fabricação, etc., abrangendo ou não itens específicos como: eletrônica aplicada, usos de novos materiais, aplicação de turbo-compressores, utilização de novos óleos lubrificantes, redução da relação peso/potência e outros pertinentes.

Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de março de 1989, nas unidades da Massey Perkins ou nas Concessionárias Massey Ferguson e Distribuidores Perkins, onde você encontrará maiores informações e o regulamento detalhado.

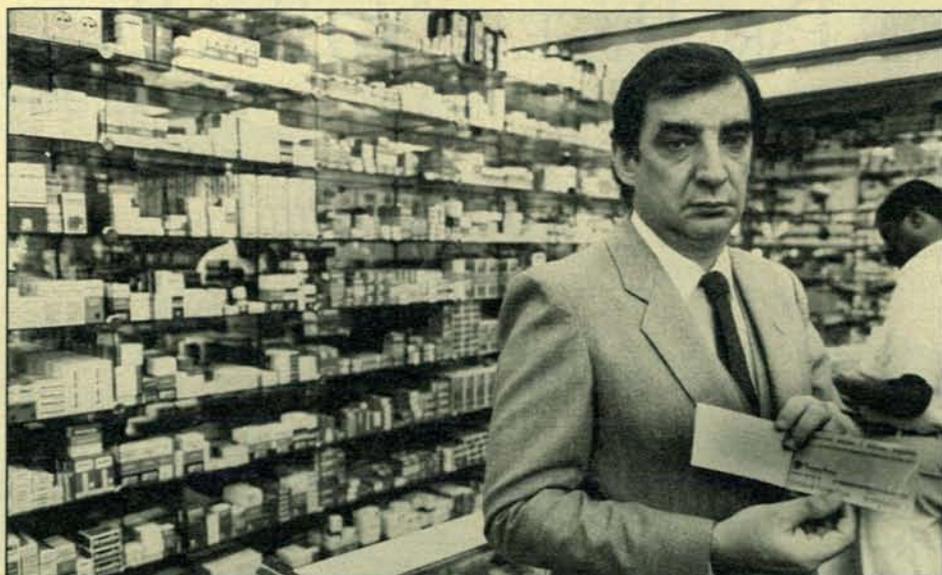
Estão estipulados prêmio em dinheiro no valor de 2.500 OTN's, bolsas de estudos e estágios no país e no exterior, conforme disposto no Regulamento. Participe.

Maiores informações pelos telefones:
São Paulo-SP: (011) 815-6644
S. B. Campo-SP: (011) 448-1499
Canoas-RS: (0512) 76-4433

**PRÊMIO IOCHPE
DE TECNOLOGIA**

Massey Perkins S.A.

EDIÇÃO 1988



MARCELO CARNAVAL

Rodrigues: "O Cheque-Farme vai fechar o circuito da assistência médica"

Saúde

Receita copiada

Empresa lança tíquete para compra de remédios

Se os vales de refeição, que em doze anos reuniram mais de 2 milhões de usuários em todo o país e hoje movimentam um negócio de 1 bilhão de dólares por ano, deram certo, que tal tentar uma fórmula parecida com a compra de remédios? Uma empresa recém-formada no Rio de Janeiro acha que vale a pena e, nesta semana, passa a experimentar a nova fórmula. A partir de terça-feira, começa a ter validade nas farmácias cariocas, para depois ser distribuído no resto do país, o Cheque-Farme — um tíquete que o empregado obtém a preço subsidiado na firma onde trabalha e se destina à aquisição de remédios. O custo do talão, da mesma forma que o vale-refeição, será descontado parcialmente em seu salário, cabendo à empresa pagar o restante. Também como ocorre com os tíquetes de restaurante, trata-se de um sistema de adesão voluntária — ou seja, é a empresa que decide se vai participar dele.

Para evitar o uso indiscriminado do novo cartão — a exemplo do que aconteceu com os vales para restaurantes, que se transformaram numa moeda de troca aceita no pagamento até de compras em supermercados —, os idealizadores do Cheque-Farme pretendem adotar algumas restrições em seu manuseio. A princípio, o fornecimento pelas empresas ficará condicionado à apresentação, pelos funcionários, da receita médica acompanhada do orçamento. Em qualquer caso, porém, as empresas que en-

tregarem carnês de Cheque-Farme a seus funcionários terão compensações. Da mesma forma como ocorre hoje com os tíquetes de refeição, elas poderão abater os custos com o Cheque-Farme em sua declaração do imposto de renda.

"O tíquete para farmácias tem um forte apelo social e vai fechar o circuito dos planos de assistência médica, que não apóiam o assalariado na compra de remédios", diz o economista Válder Rodrigues, um dos sócios do Cheque-Farme. A idéia surgiu há dois anos, quando o administrador de empresas Hélio Motta, na época funcionário da Golden Cross, percebeu que os usuários dos planos de saúde nem sempre conseguiam completar seus tratamentos. "Faltava dinheiro para aviar as receitas", diz Motta, hoje um dos donos do Cheque-Farme, ao lado de mais três sócios.

Do outro lado do balcão, pelo menos dez estatais e quarenta empresas privadas, segundo Motta, estão em negociação para fornecer o novo tíquete a seus funcionários. O cheque pode trazer um alento para o comércio varejista de medicamentos, que vive uma das piores crises de toda sua história. Nos últimos doze meses, o faturamento das farmácias brasileiras caiu 34% em termos reais, como consequência dos reajustes de até 600% ocorridos nos preços dos remédios. "A idéia é boa para todo mundo", avalia Pedro Navarro, presidente da Associação Brasileira dos Proprietários de Farmácia. "Os empresários vão contar com uma mão-de-obra mais saudável, os consumidores terão condições de se medicar melhor e as farmácias poderão sair do atoleiro em que se encontram." ●

E O BOM HUMOR ONDE É QUE FICA?



Todo mês nas bancas.

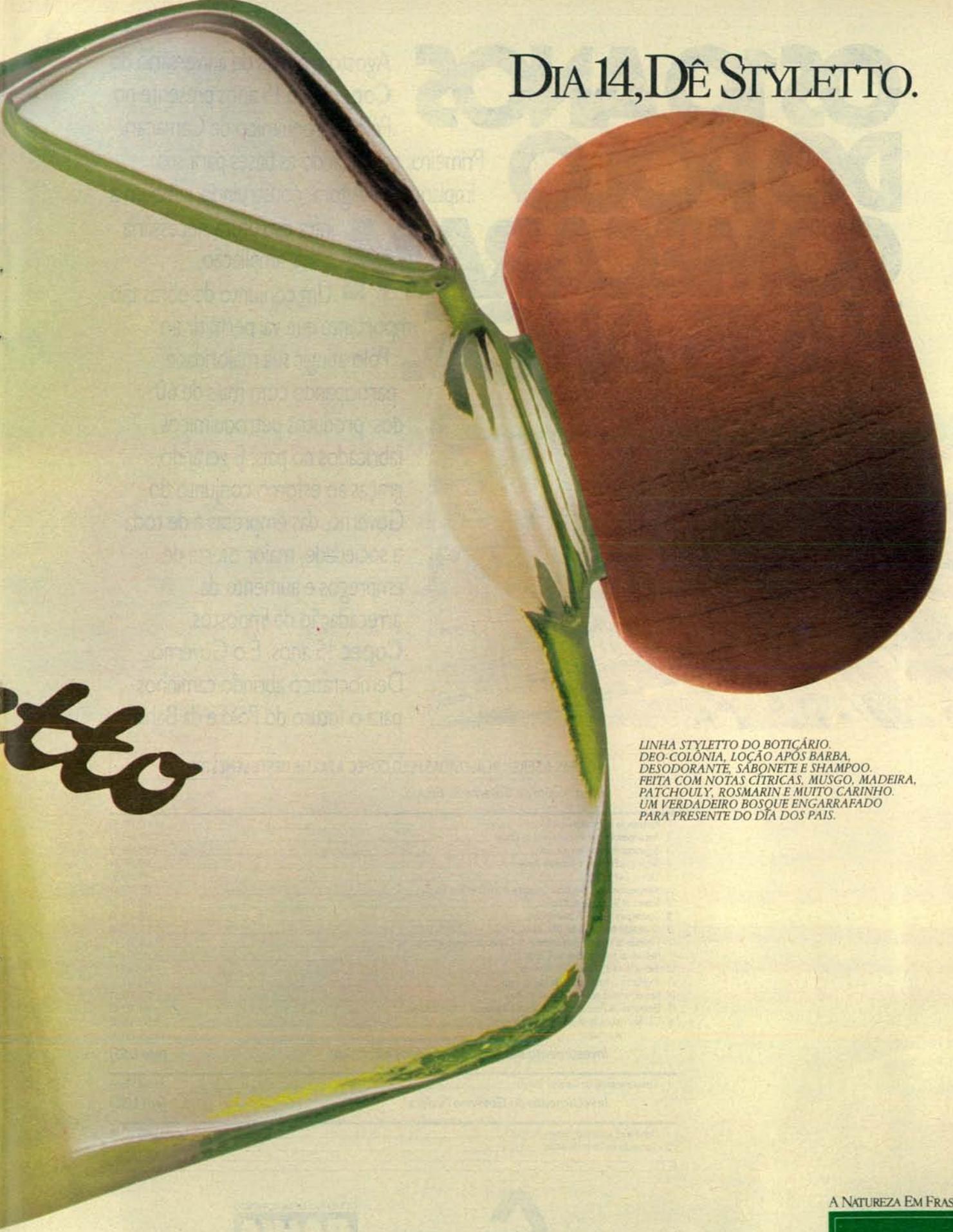


LEVE O BOSQUE PARA PASSEAR NO SEU PAI.

Style
Deo-Colônia

Contém 80 ml.
O Boticário

DIA 14, DÊ STYLETTO.



*LINHA STYLETTO DO BOTICÁRIO.
DEO-COLÔNIA, LOÇÃO APÓS BARBA,
DESODORANTE, SABONETE E SHAMPOO.
FEITA COM NOTAS CÍTRICAS, MUSGO, MADEIRA,
PATCHOULY, ROSMARIN E MUITO CARINHO.
UM VERDADEIRO BOSQUE ENGARRAFADO
PARA PRESENTE DO DIA DOS PAIS.*

A NATUREZA EM FRASCOS

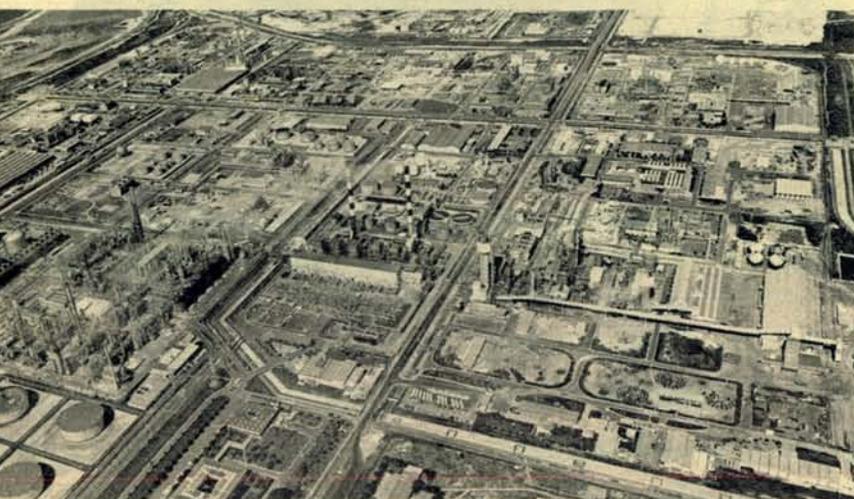
O Boticário

OS 10 ANOS DO POLO COMEÇARAM HÁ 15 ANOS.

Agosto é o mês de aniversário do **Copec**. São 15 anos presente no Pólo Petroquímico de Camaçari.

Primeiro, construindo as bases para sua implantação. Agora, construindo também a infra-estrutura necessária à sua ampliação.

Um conjunto de obras tão importante que vai permitir ao Pólo atingir sua maioridade, participando com mais de 60% dos produtos petroquímicos fabricados no país. E gerando, graças ao esforço conjunto do Governo, das empresas e de toda a sociedade, maior oferta de empregos e aumento da arrecadação de impostos. **Copec** 15 anos. É o Governo Democrático abrindo caminhos para o futuro do Pólo e da Bahia.



OBRAS A SEREM REALIZADAS PELO COPEC A PARTIR DESTES SEMESTRE

Investimento do Governo do Estado

(em US\$)

1 - Manutenção e Complementação do Florestamento	11.422.192,97
2 - Recomposição Pedológica da Área do Copec	9.097.868,67
3 - Segurança do Pólo Petroquímico	3.308.063,23
4 - Sistema de Proteção e Controle Ambiental	397.697,74
5 - Defesa Civil	99.505,50
6 - Remanejamento de População Ocupante de Áreas de Alto Risco	497.201,61
7 - Sistema de Sinalização do Copec	132.595,27
8 - Central para Seleção de Mão-de-obra	50.209,38
9 - Duplicação da Rodovia BA-093, até Pojuca	27.894.110,84
10 - Expansão da Infra-estrutura em Rede do Copec (drenagem, efluentes, etc.)	27.622.312,19
11 - Melhoria do Sistema Viário do Copec	14.352.414,38
12 - Execução da 3ª Faixa da Via Parafuso	4.419.569,95
13 - Ampliação da Rede de Distribuição de Água	1.472.811,05
14 - Reordenamento na Infra-estrutura em Rede	276.174,05
15 - Eliminação dos Pontos Críticos Relativos a Transporte de Cargas Perigosas	161.733,87
16 - CETREL (ampliação da estação de tratamento) (incinerador)	9.377.538,00
	13.671.924,00

Investimento dos Governos Federal e Estadual

(em US\$)

1 - Complementação do Canal de Tráfego	82.866.936,58
--	---------------

Investimento do Governo Federal

(em US\$)

1 - Melhoria e Expansão do Sistema Ferroviário	153.403.272,00
2 - Ampliação do Porto de Aratu	



15 anos garantindo o futuro do Pólo.

GOVERNO DEMOCRÁTICO



SECRETARIA DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TURISMO

Datas

MORRERAM: José Hugo Castelo Branco, aos 62 anos, ministro da Indústria e do Comércio, político mineiro de tendências reformistas, que começou sua carreira política em 1946, em Lavras, ao eleger-se vereador pelo PTB. Foi deputado estadual e serviu aos governos Jânio Quadros e João Goulart, sempre filiado ao PTB, partido que abandonou em 1985, para ingressar no PMDB. Amigo do falecido presidente Tancredo Neves,



José Hugo: o caixa

José Hugo foi o responsável pelo recolhimento de fundos junto a empresários para viabilizar a candidatura de Tancredo à Presidência da República — a famosa "caixinha do Tancredo", que acumulou dezenas de milhões de dólares. Antes do MIC, José Hugo foi chefe do Gabinete Civil do governo José Sarney. Dia 4, de câncer generalizado, em Brasília.

■ **Ylton Veloso**, aos 25 anos, piloto de motocross conhecido como **Paraibinha**,

ocupava a liderança do Campeonato Brasileiro de Motocross, na categoria 250 cilindradas. Estava internado desde o dia 16, quando sofreu uma queda durante os treinos para o Hollywood Motocross, em Petrópolis, fraturando duas vértebras da coluna cervical. Dia 3, de parada respiratória e peritonite por úlcera perforada, em Campinas.

■ **Raymond Carver**, aos 50 anos, poeta e contista americano. Com um trabalho voltado para a miséria dos trabalhadores dos Estados Unidos, Carver viveu o que pôs no papel. Foi porteiro, lavrador e entregador, escrevendo nas horas de folga, sempre tendo operários como seu tema principal. O conto *Will You Please Be Quiet, Please?* (*Cale a Boca, por Favor*) foi selecionado para a coletânea *Os Melhores Contos Americanos*, em 1976. Dia 2, de câncer, em Port Angeles, Washington.

■ **John Dearden**, aos 80 anos, cardeal

americano, que foi arcebispo de Detroit entre 1959 e 1981, um dos mais ativos participantes do Concílio Vaticano II, fundou em 1966 a Conferência Nacional dos Bispos Católicos dos Estados Unidos — que se notabilizou pelo combate à discriminação racial. Dearden obrigava as empresas que mantinham negócios com a Igreja a provar que não praticavam discriminação contra os negros. Dia 1.º, de câncer no pâncreas, em Detroit.

■ **Francisco José**, aos 64 anos, cantor de fados português, que fez muito sucesso no Brasil e em Portugal nos anos 60. Francisco José morou no Brasil por 24 anos, fugindo da ditadura salazarista. Dia 31, de derrame cerebral, em Lisboa.

CONDENADO: **Alexander Posevin**, ex-soldado do Exército soviético na II Guerra Mundial que durante o conflito mudou de lado e liderou um batalhão nazista na Ucrânia, responsabilizado pela morte de mais de 4 000 pessoas. Julgado por crimes de guerra. Dia 5, à pena de morte, em Moscou.

HOSPITALIZADA: A atriz americana **Elizabeth Taylor**, 56 anos, em decorrência de uma fratura na primeira vértebra lombar. Dia 28, em Santa Mônica, na Califórnia, Estados Unidos.

A Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e a Z&P Consultoria de Marketing apresentam para Candidatos a Cargos Eletivos e seus Assessores, Sociólogos, Prefeitos, Vereadores, Deputados, Publicitários, Executivos de Empresas Públicas e Interessados em Política e Administração Pública, o Primeiro

CURSO INTENSIVO DE

Marketing

POLÍTICO E ELEITORAL

(Conceitos e Técnicas do Marketing, da Propaganda e do Planejamento Estratégico, Aplicados ao Processo Político, a Pleitos Eleitorais e à Administração e Atuação Públicas)

DATAS 29/08 das 13 às 21 hs e
30/08 das 9 às 18 hs.

LOCAIS:

Do Hotel Maksoud Plaza em SP para todo Brasil. Este evento será transmitido ao vivo e diretamente para os auditórios da Embratel nas 45 principais cidades do país, pelo Sistema TV Executiva codificada da Embratel, via satélite, onde os participantes poderão formular perguntas e debater ao vivo com o

Não se trata de um Seminário de Marketing, onde diversos palestrantes expõem suas idéias de forma não encadeadas entre si. Não! Trata-se de um **Curso Intensivo**, Completo e Prático de Marketing, aplicado ao Processo Político/Eleitoral e à Administração Pública, ministrado por um **único professor**, onde o participante vai aprender os conceitos e técnicas do Marketing, da Propaganda e do Planejamento Estratégico, para planejar e executar sua campanha eleitoral para vencer eleições, para cumprir seu mandato público ou realizar uma administração em Empresas ou Órgãos Públicos com sucesso, garantindo com isto crescimento, promoção ou reeleição.

PROFESSOR: ROBERTO PEDROSO

- Ex-Diretor de Propaganda da Editora Abril.
- Ex-Professor de Marketing e Propaganda da ESPM-SP.
- Diretor de Marketing da SPACE Telecomunicações.
- Professor de Cursos Intensivos de Marketing, Propaganda e Planej. Estratégico p/Executivos, da Z&P Consultores Assoc. (mais de 30 cursos já ministrados).
- Autor de diversos artigos e textos em Marketing, Propaganda, Planej. Estratégico e Marketing Político.
- "Mestre" em Marketing pela FGV - SP.
- Pós-Graduado em Marketing e Management pelo IMEDE na Suíça.
- Consultor de Marketing de diversas Empresas.
- Diversos Cursos de Especialização em Marketing, Propaganda e Planej. Estratégico nos EUA.

PREÇOS Em São Paulo-Capital - 60 OTNs (inclui refeições)
Outras cidades - 55 OTNs (não inclui refeições)

OBS.: Serão fornecidos Certificados de Conclusão e apostilas aos participantes.
- Desconto de 10% para grupos de 10 ou mais.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Diretamente em SP. pelos TELS.: (011) 211 1425 • 814 0998 • 814 234 815 1730 • 701 1852 • 701 735 701 9241 • 702 9349

VAGAS LIMITADAS
Faça já sua inscrição.

—APOIO:—

- JORNAL O ESTADO DE S. PAULO
- BANDEIRANTE Gráfica e Editora
- FÊNIX Assess. de Imprensa
- CEBRAVI
- EMBRATTEL
- CRISTAL Líquido
- REVISTA Prefeitura Municipal
- SPACE Telecomunicações

Os juros esquentam o preço

Uma geladeira, que à vista custa 120 000 cruzados, fica mais barata com cartão de crédito em quatro vezes: os juros são mais baixos ou não contam no primeiro mês



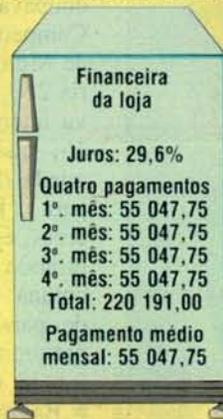
Juros: 32,9%

Quatro pagamentos
1º. mês: 30 000,00
2º. mês: 51 586,73
3º. mês: 51 586,73
4º. mês: 51 586,73
Total: 184 760,19
Pagamento médio mensal: 46 190,05



Juros: 20%

Quatro pagamentos
1º. mês: 54 000,00
2º. mês: 48 000,00
3º. mês: 42 000,00
4º. mês: 36 000,00
Total: 180 000,00
Pagamento médio mensal: 45 000,00



Juros: 29,6%

Quatro pagamentos
1º. mês: 55 047,75
2º. mês: 55 047,75
3º. mês: 55 047,75
4º. mês: 55 047,75
Total: 220 191,00
Pagamento médio mensal: 55 047,75



Juros: 27,7%

Quatro pagamentos
1º. mês: 50 331,58
2º. mês: 50 331,58
3º. mês: 50 331,58
4º. mês: 50 331,58
Total: 201 326,32
Pagamento médio mensal: 50 331,58



Juros: 30,9%

Quatro pagamentos
1º. mês: 30 000,00
2º. mês: 50 184,25
3º. mês: 50 184,25
4º. mês: 50 184,25
Total: 180 552,75
Pagamento médio mensal: 45 138,19

Economia & Negócios

Mais uma ficha no jogo

O consumidor tira partido do cartão de crédito contra a inflação, enquanto o comércio reage para não arcar com os prejuízos

No caminho para buscar os filhos no colégio, na tarde da quarta-feira passada, a professora Márcia Felton, que leciona Inglês numa escola de São Paulo, parou em frente a uma vitrine de supermercado, no bairro dos Jardins. O que chamou sua atenção, estampados no vidro e no balcão da loja, foram os adesivos indicando que ali se aceitavam cartões de crédito como pagamento das compras — coisa que praticamente nenhum supermercado está fazendo. Márcia não teve dúvida. Menos de 20 minutos depois, ela saiu do supermercado com um pacote de compras no valor de 5 000 cruzados e a certeza de ter feito um ótimo negócio. Pelos seus cálculos, e exclusivamente pelo fato de ter usado um cartão de crédito, cuja fatura só vai pagar depois de quarenta dias, Márcia economizou 1 300 cruzados. Resultado: a compra acabou saindo por apenas 3 700 cruzados, e, pelo

menos nessa, ela conseguiu tomar um dinheirinho da inflação.

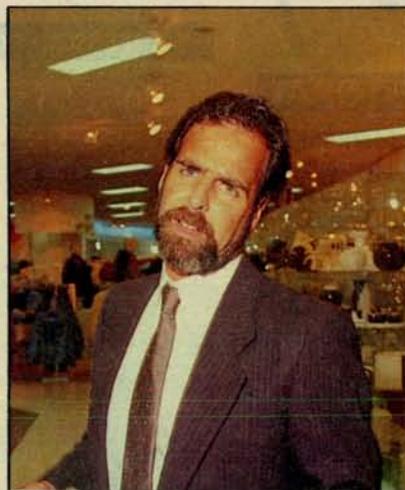
A matemática de Márcia é a mesma que estão fazendo os cerca de 3,7 milhões de usuários no Brasil do cartão de crédito, que permite ao consumidor fazer as compras na hora, mas só desembolsar o dinheiro até quarenta dias depois, quando a fatura chega pelo correio para ser paga numa agência bancária. É só prestar atenção ao calendário. As faturas dos cartões, enviadas men-

salmente, em geral têm data de pagamento nos dias 9 ou 10 de cada mês e só incluem as compras feitas até o dia 30 — não do mês anterior, mas do mês precedente. Assim, concentrando suas compras no dia 31 de julho, por exemplo, o cliente só vai pagá-las no dia 10 de setembro, sem juro algum — a menos que decida parcelar a liquidação da fatura.

Com a subida vertiginosa da inflação, esse prazo de pagamento tornou-se uma grande vantagem para o consumidor, que assim encontra mais uma utilidade para o velho instrumento do cartão de crédito. Num país como a Suíça, por exemplo, onde a inflação é praticamente zero, o cartão é apenas um item de conforto: com ele no bolso, não é preciso carregar dinheiro nem talões de cheques. Num país como o Brasil, que em julho realizou a proeza de registrar uma inflação de 24% — igual à da Suíça em vinte anos —, o car-



ANTÔNIO RIBEIRO



NANI GOIS

Elvaristo (esq.) e Gouvêa: a Credicard fica sem a Susa e vice-versa

tão de crédito transforma-se rapidamente em mais uma ficha lançada pelo consumidor no jogo contra a inflação. "Com a inflação pelas alturas, usar o cartão é a melhor forma de fazer as compras", diz Márcia Feldon.

Assim como ela, milhares de consumidores vêm recorrendo de forma crescente ao cartão de crédito. Os computadores da Credicard — a maior empresa do ramo no país, que administra 1,5 milhão de cartões — registraram em sessenta dias uma explosão de compras com cartão de crédito, o chamado "dinheiro de plástico". Só nos últimos dois dias de julho, os clientes que possuem os dois cartões da Credicard — o Credicard Master Card e o Diners Club — gastaram cerca de 1 bilhão de cruzados em compras com cartão, uma cifra igual à do Natal, o período tradicionalmente mais agitado do comércio. Em dois meses, só a Credicard vendeu 140 000 novos cartões — um recorde. Além disso, quem já possuía cartão passou a usá-lo mais vezes. No primeiro semestre do ano passado, cada cartão passava em média onze vezes pelos guichês do comércio a cada mês. Este ano, a média é de quinze compras mensais.

DESCONTO À VISTA — Com a febre do uso do cartão, era de esperar que comesçassem a surgir dificuldades — e elas já estão aí. Na verdade, se a inflação continuar num galope descontrolado, o cartão de crédito pode se tornar uma coisa simplesmente inviável no Brasil — como, de resto, outros negócios que repousam em pagamento a prazo e sem correção. "Pagar em quarenta dias é um grande negócio e um benefício extra do cartão, além da sua comodidade", diz o presidente da Credicard, Elvaristo Amaral. "Mas a alta da inflação está criando muitos problemas junto ao comércio, pois é ele, no fim das contas, que recebe no fim da linha." As lojas passaram a queixar-se do prejuízo dos trinta dias que levam até receber o pagamento da compra em dinheiro da empresa que administra o cartão — e hoje começam a reagir das mais variadas formas.

O caso mais drástico foi o do grupo Susa, que controla as cadeias de lojas Dillard's, Sandiz e Ultralar. Depois de uma reunião com a Credicard no último dia 1.º de julho, a Susa decidiu não aceitar mais em



Márcia Feldon: supermercado mais barato



Nyaya Philomena: "Pago tudo com cartão"



Simões: três cartões para driblar a inflação



Roberta: "É melhor pagar depois que com desconto"

suas lojas pagamentos de compras com cartão de crédito. "Já não dava para suportar os prejuízos", diz o diretor de lojas da Susa, Marcos Gouvêa de Souza. As lojas do grupo passaram a aceitar somente o cartão próprio, e ainda assim com uma condição — nas compras com o cartão de crédito Dillard's, a loja cobra 12% mais caro. Na Sears e na Sandiz, o aumento é de 16%. "Essa foi a única fórmula possível para viabilizar a venda com cartão de crédito", diz Gouvêa. Para a Credicard, que não aceita a cobrança de preços majorados nas compras com seu cartão, a saída hoje é uma só. "Quem cobrar a mais em compras com Credicard será descredenciado", diz Elvaristo Amaral.

A cobrança de preços maiores não é o único expediente tentado pelas lojas para escapar aos prejuízos do cartão. A Ellus do Shopping Iguatemi em Porto Alegre, por exemplo, aceita cinco cartões — Credicard, Nacional, American Express, Bradesco e Diners Club —, mas premia quem desembolsa dinheiro vivo ou assina um cheque. "Quando o cliente paga à vista, o desconto é de 15%", conta a gerente da loja, Cristina Backes. "Se ele paga com o cartão, o desconto baixa para 5%." Outras lojas não dão desconto algum — só se a compra for à vista.

TRUQUES DO CARTÃO — Mesmo com descontos para o pagamento à vista, existem clientes que ainda preferem utilizar o cartão de crédito, como a paranaense Roberta Cruz. "As promoções não compensam a inflação de um mês como o cartão de crédito", acredita. Na dança da inflação, os consumidores inventam truques os mais variados para poder tirar vantagem do cartão de crédito. O consultor de empresas carioca Marco Simões, por exemplo, que fazia suas compras numa loja de roupas do Rio de Janeiro na semana passada, tem três cartões com datas de vencimento diferentes. "Dessa forma faço minhas compras o mês inteiro com um cartão ou com outro sem perder os quarenta dias de prazo para o pagamento."

Os cartões de crédito estão sendo utilizados também como forma de financiamento de compras a prestação, em condições mais camaradas que as oferecidas pelas financeiras das lojas. Todos os cartões, de fato,

oferecem a possibilidade de se saldar a fatura — em várias prestações — cobrando juros inferiores aos do comércio. Na terça-feira passada, por exemplo, as vinte maiores financeiras do país cobravam, em média, uma taxa de juros de 29,6% ao mês. A compra de uma geladeira no valor de 120 000 cruzados em quatro prestações, com essa taxa, sairia no final por 220 000 cruzados (veja tabela à pág. 106). Pelo financiamento do cartão de crédito Bradesco, a taxa de juros cobrada no mesmo dia era de 20% — e no final o dono do cartão gastaria somente 180 000 cruzados.

Alguns cartões de crédito dispõem também do chamado financiamento rotativo, pelo qual os juros parecem mais caros, a princípio — mas no final a compra a prazo também sai mais barata que nas financeiras. A vantagem é de que, pelo sistema rotativo, o dono do cartão de crédito só paga a primeira prestação da compra em quarenta dias, no valor de 25% do preço total do produto e sem os juros. Só a partir do segundo mês da compra é que os juros começam a ser cobrados. No caso da compra de 120 000 cruzados em quatro prestações, o consumidor pagaria, ao final, também cerca de 180 000 cruzados. Se preferir, o dono do cartão pode liquidar a fatura restante de uma vez em qualquer das prestações.

PRAZOS MENORES — “Pago tudo com o cartão”, diz a gaúcha Nyaya Philomena, sócia de uma produtora de comerciais em Porto Alegre, que fez em julho passado uma viagem de quinze dias a São Paulo e ao Rio de Janeiro sem tirar do bolso um tostão. Ao



Supermercado em São Paulo: expulso da Apas por aceitar cartão

todo, ela gastou 80 000 cruzados em despesas com restaurante, compras e até no aluguel de um carro, tudo com o cartão Credicard, que ela possui há um ano. É justamente essa liberdade que torna o cartão de crédito atraente para os consumidores e um chamariz de consumo — mas ao ritmo atual da inflação começa a ser uma ameaça de perdas para o comércio. Para os comerciantes, o dilema hoje é: como preservar os cartões, que servem para atrair a freguesia, e fugir do prejuízo?

Na sexta-feira passada, cinco comandantes de restaurantes e casas de espetáculo de luxo reuniram-se em São Paulo para estudar uma maneira de sair do vermelho sem prejudicar os clientes nem afugentá-los. “Do jeito que está, é impossível continuar trabalhando com o cartão, mas não queremos ficar sem ele”, diz um dos sócios da churrascaria The Place, Eduardo Inácio, um dos participantes da reunião. Uma de suas idéias tinha sido a de oferecer um desconto de até 20% aos fregueses que pagassem a conta com dinheiro ou cheque, mas isto vio-

laria os termos dos contratos com as empresas de cartões. O grupo resolveu afinal negociar esta semana, com as administradoras de cartões de crédito, prazos menores para o reembolso das despesas. “Tirar o cartão é uma medida muito antipática”, pondera o empresário José Victor Oliva, dono da boate Gallery e de vários restaurantes em São Paulo, também presente à reunião. “Se você diz ao cliente que não trabalha mais com cartão, ele te responde que não volta mais.”

“O cartão de crédito ainda hoje é um bom negócio, porque o comércio tem a garantia de receber o dinheiro e oferecer um atrativo para o cliente”, diz José Garcia de Souza, vice-presidente do American Express, o terceiro maior administrador de cartões no mercado brasileiro. Na verdade, alguns comerciantes também já estão procurando tirar partido da situação para conquistar novos clientes. É o caso do supermercado onde a professora Márcia Feldon fez suas compras na semana passada. Trata-se de um dos poucos que fugiram ao acordo firmado depois do Plano Cruzado pelos grandes supermercados para suspender as vendas com cartão de crédito. Por essa decisão, o supermercado foi expulso da Associação Paulista dos Supermercados, a Apas — mas nem por isso está descontente. Hoje, 40% de suas vendas são com cartão de crédito. “Sustentamos o prejuízo com o cartão no corte da verba de publicidade”, diz o diretor do supermercado, José Eduardo de Souza. “Aceitar o cartão hoje nos permite sobreviver na concorrência com os grandes supermercados.”



Inácio: “Vamos negociar prazos de pagamento menores”



Victor Oliva: “Tirar o cartão seria muito antipático”

Ventos pela proa

Sarney vê mar revolto, mas não muda a rota

“**E**stamos enfrentando mar força 10, com vento de proa.” A frase foi dita quinta-feira passada pelo presidente José Sarney, numa conversa com um grupo de sindicalistas no Palácio do Planalto, para descrever os percalços da economia, açoiada pela ventania da inflação de 1% ao dia útil. No jargão dos marinheiros, “mar força 10” é quase o ponto máximo de turbulência numa travessia — ondas de grande porte, ventos que sopram a mais de 80 quilômetros por hora e pouca ou nenhuma visibilidade, ou seja, uma situação de plena tempestade. Dois dias depois, em seu programa radiofônico semanal *Conversa ao Pé do Rádio*, Sarney reiterou que, apesar da tormenta e da desorientação da tripulação do barco, a rota não será alterada. “Nada de fórmulas mágicas, nada de congelamentos”, afirmou o presidente, fechando mais uma semana em que justamente a perspectiva de fórmulas mágicas alimentou uma nova série de boatos voltados na mesma direção — o abandono da atual política econômica, para a qual o presidente prometeu resultados “dentro de alguns meses”, e a substituição dos timoneiros da economia, os ministros Mailson da Nóbrega, da Fazenda, e João Batista de Abreu, do Planejamento, nos quais Sarney garantiu outra vez ter plena confiança.

A boataria que assaltou Brasília logo no começo da semana, enquanto o presidente ainda estava em viagem pela Bolívia, tinha sua central não nos porões, mas no próprio convés de comando do barco. “O presidente está nervoso com o índice de inflação de julho”, informava, assustado, um dos assessores-mais próximos de Sarney. “Se nenhuma medida for tomada, vamos descambar para a hiperinflação até o final do ano.” Das medidas alternativas que já estariam em estudo, a mais cotada continuava sendo a fórmula sugerida pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen — a aplicação de um redutor mensal de preços e salários para tentar forçar uma baixa gradativa da inflação. Quarta-feira, a cotação do redutor na bolsa de boatos cresceu graças a uma longa audiência noturna de Sarney com o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães — uma conversa que durou 3 horas. Ma-



Mailson e Costa Couto, à espera de Sarney: boatos no convés de comando

galhães não tem feito declarações em público, mas em particular não esconde sua simpatia pelo plano de Simonsen.

“**UMA LOUCURA**” — “Parece uma loucura: acho que estamos vivendo o efeito Argentina”, afirmou o chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, referindo-se à coincidência dos boatos correntes em Brasília com o anúncio das novas medidas antiinflação pelo governo argentino. O ministro Mailson da Nóbrega, é certo, também se manifesta claramente preocupado. “Estamos andando sobre o fio da navalha”, disse ele, na semana passada. Mailson, porém, garantiu mais uma vez que o disparo da inflação para acima de 24% em julho não forçaria nenhuma mudança de curso na sua política do feijão-com-arroz — que prescreve para a economia uma seqüência de ajustes graduais, baseados no controle dos gastos públicos e na gerência racional das atividades do Estado.

O combate ao déficit público, por sua vez, passa por uma nova palavra, que, no final da semana, se incorporava ao vocabulário político e econômico de Brasília — “desmorte”, vocábulo utilizado já há algum tempo pelo ministro João Batista de Abreu para ilustrar a redução dos encargos do governo federal. O desmorte, que vem sendo armado há meses em estudos feitos no gabinete de Abreu, consiste na extinção de órgãos federais que perdem função com a redistribuição tributária aprovada pela Constituinte, destinando aos Estados e municípios verbas e serviços atualmente de responsabilidade da União. “Os cortes no orçamento serão profundos”, disse o ministro Abreu, calculando que só a perda da arrecadação dos impostos únicos sobre energia elétrica, minerais, combustíveis e lubrificantes representará uma diminuição de 17% nas estimativas de receita do governo federal. Abreu alerta que a Operação Desmorte teria de ser combinada com uma

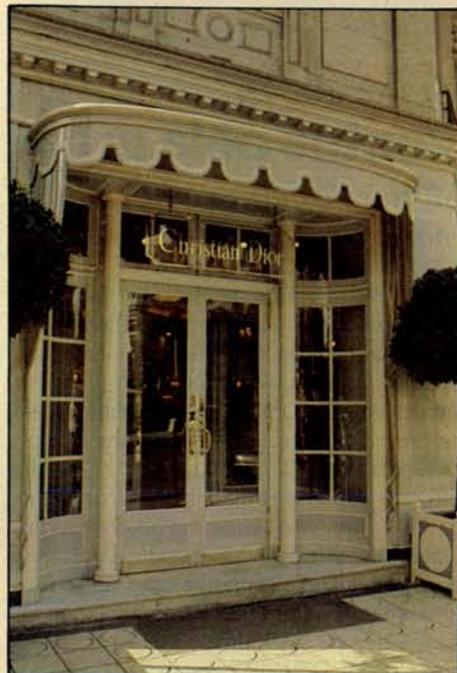
reforma administrativa que afetaria cerca de 100 000 funcionários públicos, a serem demitidos ou deslocados de órgãos condenados à extinção — uma proposição realmente espantosa nas suas ambições, diante da feroz hostilidade do governo Sarney a qualquer corte de pessoal, mesmo em repartições que não existem mais. O BNH, por exemplo, foi extinto sem que se demitisse um único de seus 8 000 funcionários, e um ministro que quis acabar com o IBC, Roberto Gusmão, foi expressamente contrariado pelo presidente Sarney — saiu ele, Gusmão, e o IBC continua até hoje, com 10 000 pessoas em sua folha de pagamentos. ●



Abreu e o desmorte: “Os cortes serão profundos”



PITOS/REA



GAMMA/SIGLA

Uma das 98 butiques da Vuitton no mundo: distribuição seletiva do luxo

Dior: o LVMH só tinha os perfumes

FRANÇA

A guerra das griffes

Os acionistas do LVMH, o maior grupo de artigos de luxo do mundo, brigam pelo poder

Uma assembléia de acionistas, divididos por rivalidades entre 35 famílias de sobrenomes dos mais aristocráticos da Europa e disputando fatias consideráveis de um movimento de vendas que chega a 7 bilhões de dólares por ano, decidirá no mês que vem o futuro do maior conglomerado de artigos de luxo do mundo — o grupo francês Louis Vuitton Moët-Hennessy, um conjunto de nomes que ao longo das décadas transformou-se em sinônimo do que existe de mais requintado e caro entre as coisas boas da vida. No dia 22 de setembro, depois de vários meses de negociações e transações milionárias nas Bolsas de Valores européias, os acionistas decidirão quem deve ficar pelos próximos quatro anos no comando do grupo LVMH, que enfeixa marcas de prestígio invencível em todos os cantos do planeta — os champanhes Don Pérignon e Veuve Clicquot, as bolsas e malas Vuitton, os cosméticos Roc, os perfumes Christian Dior, Givenchy e Guerlain. As vendas do LVMH no ano passado chegaram a 7 bilhões de dólares — praticamente o que faturam juntas as três maiores multinacionais em operação no Brasil, a Shell, a Volks e a Souza Cruz.

Nesse império do luxo há interesses familiares, negócios disseminados pelo mundo todo, prestígio, tradição e muito dinheiro. Mas, na cúpula, as coisas vão mal.

A disputa pelo poder no LVMH começou há um ano. Em junho de 1987, no apropria-

do ambiente do Hotel Plaza Athénée, de Paris, os clãs Moët-Hennessy, cuja fortuna se origina nos champanhes, e Vuitton, que tem sua origem nos couros finos, resolveram unir suas forças numa única sociedade e formar o maior grupo mundial de artigos de luxo. Surgiu, então, o LVMH — e, quase em seguida, começaram os problemas para o maior conglomerado de um setor cujo acervo mais valioso é um know-how de séculos para itens de consumo restrito cujos centros de produção se localizam muitas vezes em castelos e antigas propriedades mais no interior da França. No comando da Moët-Hennessy, uma empresa que no ano passado produziu mais de 27 milhões de garrafas dos champanhes Moët Chandon, Ruinart e Mercier e que domina os mercados americano, inglês, italiano e alemão, estava Alain Chevalier, um empresário habituado a gerenciar as finanças de mais de 100 herdeiros acionistas. Chevalier assumiu a presidência do LVMH. A vice-presidência coube a Henry Racamier, um executivo que fez carreira no setor siderúrgico até assumir há doze anos os negócios do clã Vuitton, no qual ingressou pelo casamento com uma das netas do fundador da fábrica de malas, Gaston-Louis Vuitton. Tanto Chevalier como Racamier são executivos bem-sucedidos, mas com estilos de administração diferentes. Os dois não se entendem.

As assinaturas mal haviam secado sobre o contrato que celebrava a criação do LVMH e começaram as divergências. Racamier acredita que o grupo precisa imprimir mudanças para proteger a identidade dos produtos Vuitton, uma marca de malas e bol-



SIPA PRESS

O clã Vuitton: preocupação com a tradição



MOËT CHANDON

Castelo da Chandon em Reims: know-how centenário em champanhes

sas que nasceu em 1853. Da lista de clientes famosos da Vuitton constam a mulher de Napoleão III, a imperatriz Eugênia, o legendário aviador americano Charles Lindbergh, primeiro piloto a cruzar o Atlântico dos Estados Unidos à Europa, as atrizes Marlene Dietrich e Mary Pickford e a estilista Coco Chanel. Racamier afirma que os champanhes e conhaques do grupo, trazidos pela Moët-Hennessy, são produtos de luxo, mas dependem do que ele chama de "marketing de massa". Para os artigos Vuitton sua estratégia é diferente. Ele quer resguardar o caráter de exclusividade da griffe, mantendo-a apenas nas 98 butikques Louis Vuitton que existem no mundo. "A distribuição de artigos de luxo deve ser limitada e seletiva", argumenta Racamier. "O champanhe, mesmo o de melhor marca, é um produto de massa e pode ser encontrado em qualquer supermercado."

100% NA BOLSA — O presidente do LVMH, Alain Chevalier, discordou. Daí começaram as disputas táticas pelo controle acionário do LVMH, as divergências passaram às Bolsas de Valores e novos personagens entraram em cena. Até então, as famílias do grupo LVMH — as mais conhecidas são os clãs Mercier, Chandon, Moët, Hennessy e Vuitton — detinham perto de 35% das ações do conglomerado, e o resto estava na Bolsa de Valores, para quem quisesse comprá-las. Racamier, da Vuitton, tentou dar o golpe em Chevalier aliando-se à financeira francesa Agache. O objetivo era estimular a Agache a comprar uma quantidade signifi-

ficativa de ações do LVMH na Bolsa e, com isso, apoderar-se do controle da companhia. A proposta interessou à Agache, que também controla marcas de luxo, como a alta-costura Christian Dior. As negociações sigilosas começaram em janeiro, provocaram um volume recorde de transações na Bolsa e valorizaram as ações do LVMH, em apenas dois meses, em 100%.

Chevalier, por sua vez, procurou se defender e também foi buscar um forte aliado — a britânica Guinness, mais conhecida pela cerveja preta que fabrica em Du-

blin, na Irlanda, há mais de 200 anos, mas que também tem ramificações na indústria de bebidas mais caras. Pertencem à Guinness as marcas do uísque Johnnie Walker e do gin Gordon's. Quando Racamier e a Agache quiseram dar seu bote final sobre o conglomerado, Chevalier já estava financeiramente bem escorado pela Guinness, e os planos de afastá-lo ruíram. Como solução, juntaram-se Agache e Guinness numa holding com ações do LVMH. A briga interna no LVMH, entretanto, não assentou.

O que existe agora por trás das griffes famosas do LVMH são três fortes blocos de acionistas. O primeiro é o das famílias Moët e Hennessy, comandado por Chevalier. O segundo, da família Vuitton, tem à frente Racamier. Os maiores acionistas serão a Agache e a Guinness, que a curto prazo terão 30% do capital da empresa. Se o bolo acionário está dividido e sob controle, o mesmo não acontece com a briga pelo poder da gigante do luxo. No próximo dia 22 de setembro, os acionistas elegerão, em assembléia, doze executivos que formarão um conselho de administração. Esse conselho, por seu turno, escolherá quatro diretores-executivos e serão eles que comandarão o LVMH daqui para a frente.

MALA DE 5 000 DÓLARES — A sorte do maior império de artigos de luxo do mundo, assim, já está lançada — e pode tomar dois rumos bem distintos. "A rixa entre as famílias poderá terminar num divórcio empresarial", especula um analista do mercado de capitais de Londres. A outra alternativa é de que, assentada a poeira, o LVMH se transforme num império industrial de artigos de luxo ainda mais poderoso do que jamais foi. Lá estarão, juntas, as marcas de prestígio da Vuitton e da Moët-Hennessy, somadas às da Guinness e às da Dior, através da Agache.

Brigas à parte, nem Chevalier nem Racamier têm queixas sobre o desempenho ou a rentabilidade do LVMH. No ano passado, foram consumidos no mundo todo 25 milhões de garrafas de champanhe Moët Chandon Brut Imperial, a um preço equivalente a 5 000 cruzados cada uma. E fiéis consumidores das griffes tradicionais continuaram não hesitando em pagar quase 5 000 dólares — 1,5 milhão de cruzados — pelos modelos clássicos das malas Vuitton. As mais caras, feitas sob encomenda, não têm preço e podem chegar ao requinte de incluir bandejas para transportar caviar.



As malas da Vuitton: prestígio desde 1853



Johnnie Walker: da Guinness



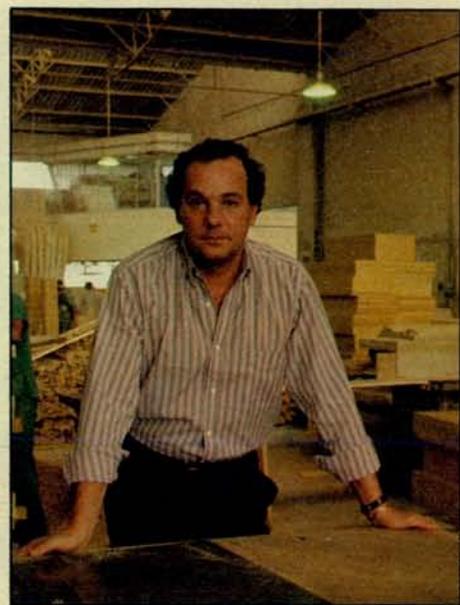
Perfumes: outro braço do império



Champanhes: um domínio mundial



Feira de móveis em São Paulo: negócios de 7 bilhões de cruzados em uma semana



Wajnsztejn: "Estamos engatinhando"

MÓVEIS Troca de estilo

Indústria usa o design para melhorar a qualidade

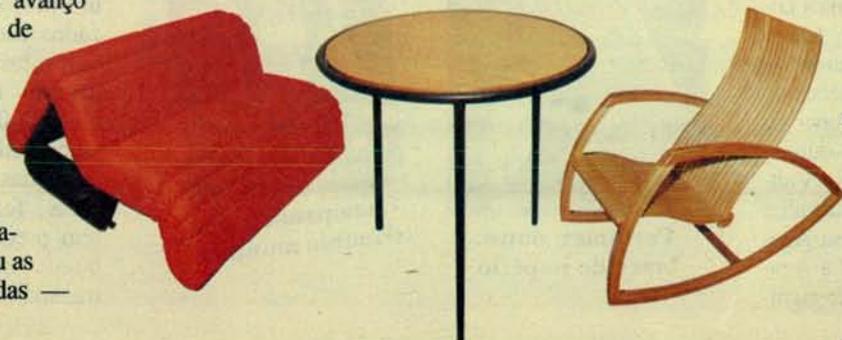
Uma velha anedota corre entre os fabricantes brasileiros de móveis — a de que "em móveis nada se cria, tudo se copia". Pedro Wajnsztejn, presidente da Associação das Indústrias do Mobiliário de São Paulo, espera que a anedota tenha começado a perder força na semana passada, por uma iniciativa inédita do setor. Pela primeira vez, 280 fabricantes inscritos na Feira Nacional de Vendas e Exportação de Móveis participaram de um evento paralelo, o Salão de Design do Móvel Brasileiro, organizado justamente para estimular a criatividade na indústria e promover um novo personagem. "A indústria começa a abrir campo para o designer brasileiro de móveis", diz Wajnsztejn. "Ele descobre alternativas de matérias-primas, cria tecnologia e força a empresa a se renovar."

No encerramento da feira, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo, os fabricantes podiam contabilizar, além de um sucesso de vendas — negócios no total de 7 bilhões de cruzados foram fechados em uma semana —, um avanço considerável no desenho de móveis. "Estamos anos-luz na frente do que éramos quatro anos atrás", constata Olga Krell, diretora de grupo da revista *Casa Claudia* e membro do júri do Salão de Design, que premiou as melhores peças apresentadas —

uma cadeira de balanço laminada de mogno e ipê, um sofá curvilíneo, que o toque de um pedal transforma em cama de casal, e uma mesa de estrutura tubular com três pés e tampo de mogno. Segundo Olga, a valorização do trabalho do designer junto à produção será um dos fatores para aumentar as exportações brasileiras de móveis, que hoje têm uma presença inferior a 1% no rico mercado internacional — apesar das excepcionais condições que o Brasil teria para competir na área, pelos preços de sua matéria-prima e mão-de-obra, o design nacional não está à altura das exigências do consumidor externo. "Faltam também sensibilidade para as exigências do mercado internacional e tecnologia", diz ela. Por enquanto, os números indicam o Brasil muito mais como exportador de matéria-prima — toras, madeira serrada e compensados — do que de móveis acabados, em que está o filé do mercado. Nos últimos três anos, enquanto as exportações de madeira quase triplicaram, chegando a 327 milhões de dólares em 1987, as de móveis tiveram um aumento inferior a 13%, completando no ano passado pouco mais de 39 milhões de dólares. Boa parte da matéria-prima é consumida pela Inglaterra, que está entre os maiores importadores de madeira e os maiores exportadores de móveis do

mundo. "Estamos vendendo madeira para os ingleses venderem móveis para os americanos", resume Wajnsztejn.

AUTOMAÇÃO DO ARTESANATO — Luiz Antônio Pastore, presidente da Associação dos Fabricantes de Móveis do Brasil, acha que, para reverter essa tendência, o Brasil precisa em primeiro lugar atualizar sua tecnologia. "Continuamos com máquinas importadas há mais de quinze anos e cuja vida útil no exterior não passa dos cinco anos", diz ele. Nessas condições, fica difícil concorrer com exportadores como a Inglaterra ou a Itália, com móveis de linhas muito mais avançadas. "Estamos engatinhando", afirma Wajnsztejn. "Enquanto os europeus trabalham com uma produção 50% automatizada, no Brasil isso não chega a 10%." Os italianos, sobretudo, trabalham com alta tecnologia — o que torna o móvel não apenas mais bonito, mas também mais barato —, conseguindo produzir em série com aperfeiçoamento da qualidade do design. "Eles conseguiram a automação do artesanato", diz Wajnsztejn. Percival Lafer, diretor de desenvolvimento da indústria de móveis Lafer, que exporta 25% de sua produção de poltronas e sofás, diz que o potencial brasileiro de exportação é grande, porém mal aproveitado. "Temos matéria-prima abundante e mão-de-obra a custo ainda razoável", afirma Lafer. "Só falta um desenho criativo, porque não dá para competir com produtos copiados da concorrência." ●



Os premiados: sofá, mesa e cadeira de linha de produção

Fios e cabos elétricos Siemens
A qualidade que sobe pelas paredes.



COTAÇÕES

AÇÕES mais negociadas em São Paulo e no Rio Sexta-feira, 05 de 08/88			
Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador
Acesita - pp	26,57	—	RJ
Aços Villares - pp	4,70	-0,4	SP
Agrocereis - pp	7,57	-7,1	SP
Alpargatas - on	530,00	1,9	SP
Alpargatas - pp	274,84	-8,3	SP
Aracruz - ppb	1 299,53	4,0	SP
Artex - pp	—	—	SP
Bco. do Brasil - on	201,06	—	SP
Bco. do Brasil - pp	100,00	—	SP
Banespa - pp	6,37	0,6	SP
Bardella - pp	—	—	SP
Belgo Mineira - op	535,94	-9,4	SP
Belgo Mineira - pp	400,00	-1,3	SP
Bradesco - on	59,99	15,3	SP
Bradesco - pn	60,00	11,6	SP
Brahma - pp	43,58	-5,3	SP
Brasmotor - pp	980,00	-18,3	SP
Cacique - pp	255,22	-1,3	SP
Caemi - op	—	—	SP
Café Brasília - pp	2,14	-8,9	RJ
Casa Anglo - pp	470,00	1,8	SP
Cat. Leopoldina - pp	3,11	-41,0	RJ
CBV - pp	4,10	-8,6	SP
Cemig - pp	0,84	2,4	RJ
Ceval - pn	10,45	-12,4	SP
Cia. Hering - pp	44,98	2,2	SP
Cimento Itaú - pp	—	—	SP
Cobrasma - pp	8,80	1,1	SP
Cofap - pp	168,26	9,8	SP
Confab - pp	89,61	-6,6	SP
Copene - pp	123,65	3,6	SP
Cosigua - pn	4,03	0,7	SP
Cruzeiro do Sul - pp	19,63	22,6	SP
Duralex - pp	25,82	6,4	SP
Eluma - pp	11,95	-2,1	SP
Engesa - ppa	6,99	44,4	SP
Ericson - pp	—	—	SP
Estrela - pp	3,99	-2,9	SP
Ferbasa - pp	65,21	-0,1	SP
FNV - ppa	9,15	32,8	SP
Ferro Brasileiro - pp	58,01	-17,0	SP
Ferro Ligas - pp	5,57	-13,3	SP
Fertilis - pp	2,39	-11,8	RJ
Frigobrás - pp	8,00	-1,8	SP
Guararapes - op	—	—	SP
lodge - pp	120,00	-4,0	SP
Itaubanco - on	36,50	4,2	SP
Itaubanco - pn	38,10	5,9	SP
Itausa - pn	65,84	-1,2	SP
Klabin - pp	379,99	3,8	SP
Lam. Nacional - pp	1,77	-7,3	RJ
Lojas Americanas - on	685,00	-0,5	SP
Luxma - pp	5,72	-10,6	SP
Manah - pp	68,84	—	SP
Mannesman - op	2,09	1,4	SP
Marcopolo - pp	39,17	-6,7	SP
Massey Perkins - pna	39,00	3,7	SP
Mendes Junior - ppa	5,48	-2,4	RJ
Mendes Junior - ppb	6,87	-8,1	SP
Mesbla - pp	10,03	0,3	SP
Metal Leve - pp	54,77	5,5	SP
Met. Barbár - op	20,05	—	SP
Met. Gardau - pp	8,80	—	SP
Moinho Fluminense - op	268,84	-11,9	SP
Moinho Santista - pp	300,01	-3,0	SP
Moinho Santista - op	370,00	2,7	SP
Muller - pp	1,79	0,5	RJ
Oliveira - pp	29,06	-3,3	SP
Papel Simão - pp	22,76	-6,6	SP
Paraibuna - pp	8,80	-5,6	SP
Parapanema - pp	27,74	-6,7	SP
Persico - pp	3,71	-11,8	SP
Perdigão - pp	12,79	-5,3	SP
Petróleo Ipiranga - pp	7,00	3,2	SP
Petrobrás - on	—	—	RJ
Petrobrás - pp	529,44	-14,4	SP
Pirelli - op	14,94	—	SP
Polipropileno - ppa	25,00	-3,6	SP
Prometal - pp	10,87	-12,0	SP
Real - pp	67,95	-5,6	SP
Refrifar - pp	11,96	-12,5	SP
Rheem - pp	14,00	-10,1	SP
Ripasa - pp	75,16	-1,1	SP
Sadia Concórdia - pn	5,93	-5,4	SP
Samitri - op	225,00	-1,5	SP
Sharp - pp	7,43	-9,0	SP
SID Informática - pp	7,00	12,1	SP
Sid. Riograndense - pp	6,61	-4,7	SP
Souza Cruz - op	429,34	7,6	SP
Suzano - pp	519,57	4,2	SP
Transbrasil - pp	0,59	5,3	SP
Tupy - pn	38,07	-12,4	SP
Unibanco - pna	19,03	-7,1	SP
Unipar - ppb	4,72	—	RJ
Vale do Rio Doce - op	311,85	-3,1	RJ
Vale do Rio Doce - pp	657,4	-5,9	RJ
Varig - pp	25,00	-5,4	SP
Vid. Santa Marina - op	210,16	9,8	SP
Weg - pp	—	—	RJ
White Martins - op	5,07	10,4	SP

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador; pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador. Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo.

FUNDOS DE AÇÕES

Nome	Valor da cota em 05/08/88 (em Cz\$)	Rentabilidade — em %		
		Na semana de 28 a 03/08	No mês de 1.º a 31/07	No ano de 1.º/01/88 a 31/07/88
Alfa-Unibanco	67,28	2,19	6,37	279,9
América do Sul	24,30	2,16	5,10	331,4
Bamerindus	27,36	3,28	8,45	296,2
Bandeirantes	13,30	1,17	7,68	271,31
Banespa	13,17	2,67	6,96	348,1
BB Ações Ouro	110,58	4,23	6,35	356,1
BCA Banerj	0,72	6,29	1,62	402,1
BNL Denasa	—	—	—	—
Boavista	16,03	4,61	4,70	265,1
Boavista CSA	90,01	6,65	7,87	312,6
Boston Sodni	0,11	1,53	3,29	247,6
Bradesco	70,59	2,91	10,83	310,0
Chase Flex Par	323,21	2,06	12,06	480,6
Citibank	2,62	2,42	4,09	251,7
Credibanco	—	—	—	—
Credibanco FBI	9,23	1,83	5,65	337,6
Crefisul (ex-157)	18,63	4,16	7,35	295,9
Crescimo Unibanco	30,28	3,01	13,58	270,6
Econômico	3,50	2,46	11,42	258,9
Fan Nacional	30,61	6,62	9,46	292,5
Fic Bradesco	21,58	7,62	15,37	324,4
Finasa	52,77	4,39	11,43	294,7
FMALB	11,01	2,55	8,50	426,1
Itaú Capital Market	87,71	2,81	11,06	274,3
Itaúações	61,16	4,14	5,40	295,5
Mercantil do Brasil	9,11	3,12	5,44	262,0
Meridional	16,73	3,28	9,03	333,9
Multiplic	7 398,21	3,32	12,35	311,1
Pillainvest	104,52	3,54	6,29	405,9
Real	38,45	4,05	12,73	354,6

FUNDOS AO PORTADOR

Nome	Valor da cota em 05/08/88 (em Cz\$)	Rentabilidade — em %		
		Na semana de 28 a 03/08	No mês de 1.º a 31/07	No ano de 1.º/01/88 a 31/07/88
América do Sul	15,52	6,01	24,13	240,7
Bamerindus	16,20	6,16	24,48	246,9
Bancociedade	161,56	6,06	24,24	239,5
Bandeirantes	16,33	6,02	24,31	245,0
Banespa	13,71	6,07	24,33	243,6
Banorte Renda Rápida	105 891,17	5,99	24,21	241,3
Bank of Boston	10,24	6,05	24,33	240,2
BB Conta Ouro	57,34	5,97	24,31	244,6
BCN	1 711,91	5,96	24,19	241,7
BFB	149,29	6,06	24,44	244,4
Boavista	16 296,50	5,89	24,07	240,8
Bozano, Simonsen	16,54	5,87	24,20	241,9
Bradesco	14 881,20	5,90	23,92	234,5
CCF Fixinvest	16 979,86	5,89	24,21	240,4
Chase	11 022,15	6,00	24,11	237,0
Citibank	15 509,04	6,02	24,16	239,8
Conta BMC	158,69	6,00	24,12	238,6
Crefisul	1 695,52	5,84	24,00	240,6
Finasa	1 534,36	6,02	24,16	237,9
Genial do Comércio	5,23	6,03	24,26	239,5
Itaúvest	302 366,75	5,98	24,04	238,0
Lloyds	763,27	6,04	24,26	240,5
Meridional	153,01	6,04	24,50	240,7
Nacional	10 530,52	5,51	24,19	238,3
Noroeste	514,68	5,87	23,91	232,2
Real	16 558,11	5,87	23,82	236,4
Safra	17,00	6,02	24,20	239,0
Sogeral	10 645,88	5,95	24,38	240,5
Sudameris	11,41	5,95	24,21	241,5
Unibanco	16,32	6,07	24,34	236,5

Fundos: listas dos trinta maiores; Fonte: Anbid

TAXAS DE JUROS

	Taxa bruta	Taxa líquida (descontado o imposto de renda)
LBC	25% ao mês	— ao mês
CDB* (nominativo)	17,5% ao ano	11,55% ao ano
CDB* (ao portador)	17,5% ao ano	9,62% ao ano

* Títulos pós-fixados para aplicações em 60 dias

OURO

(US\$ por onça-troy ou 31,1g)	
Londres	433,50
Nova York	431,10
São Paulo	Cz\$ 5 140,00

(grama)*
*Fonte: Bolsa Mercantil e de Futuros

DÓLAR

Câmbio oficial em 8 de agosto (Cz\$)	
Compra:	282,86
Venda:	254,12

Câmbio livre (Cz\$)
Rio: 380,00
São Paulo: 382,00

PISO SALARIAL

Cz\$ 15 552,00

OTN

Cz\$ 1 982,48

manequim



EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

A revista *Manequim* está completando 29 anos! Vamos comemorar essa data com uma edição linda, repleta de modelos para festas, vestidos para a noite, inspirados nas criações de Christian Lacroix, o novo papa da alta costura. Todos lindos demais! Confira!

Manequim traz ainda:

- Vestidos românticos e muito brancos, criados especialmente para um inesquecível Baile de Debutantes.
- Uma ótima sugestão para o Dia do Papai: camisas muito elegantes, feitas por você. Tem molde!
- Beleza: tudo sobre perfumes e penteados de "virar a cabeça", sofisticados, com flores e arranjos, ideais para a noite.
- Tricô estilo irlandês, receitas deliciosas, bordados em ponto Richelieu, pintura em tecidos e a arte de estampar em linóleo.

Especial! Participe da promoção "A MANEQUIM DE MANEQUIM", que mais uma vez promete agitar o Brasil inteiro, e seja capa da sua revista *Manequim*!



Nas bancas



Domingues, diretor do MAB: anúncio para recuperar as telas de 350 000 dólares



ANTONIO RIBEIRO

Museus

A arte em perigo

O roubo de onze telas do MAB, em São Paulo, expõe a conservação precária dos acervos brasileiros

Às 2 horas da manhã do domingo, dia 31, três homens armados com facas e um revólver saltaram o muro baixo nos fundos do prédio da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo, que abriga várias faculdades, um teatro e o Museu de Arte Brasileira — com um acervo de 3 000 obras dos principais artistas do país. No pátio interno, renderam um vigilante e o obrigaram a abrir a porta de acesso ao edifício, onde não tiveram dificuldade para prender outros três vigias. Depois de trancar os funcionários numa saleta, fizeram uma rápida incursão no museu, que lhes rendeu bons frutos. Os assaltantes saíram da Faap com onze obras de arte, entre elas óleos de pintores acadêmicos do século passado, como Antônio Parreiras e Antônio Ferrigno, quadros de Anita Malfatti, Pancetti, Cícero Dias e Portinari — avaliadas em 350 000 dólares. “Pensei que fosse uma brincadeira e que as

telas reapareceriam dias depois”, diz Walter Domingues, diretor do Museu de Arte Brasileira. Como telas roubadas não costumam reaparecer sozinhas, Domingues esperou em vão. Na quinta-feira, publicou nos jornais um anúncio prometendo recompensa a quem desse pistas sobre o paradeiro das obras.

Para os ladrões, o trabalho não parece ter sido árduo. Eles simplesmente foram retirando as telas, em seqüência, da pare-



de esquerda do museu. No escuro, valeram-se de fósforos para iluminar as obras e revelaram gosto pelo figurativismo — desprezaram um Volpi da fase concreta, avaliado em

150 000 dólares, um óleo do pintor Ismael Nery e outro de Di Cavalcanti.

O roubo do Museu de Arte Brasileira é apenas o mais recente de uma série de episódios que põem a nu a precariedade da maioria dos acervos do país. Os seguranças do museu incrustado na Faap não andam armados, não existem alarmes nem dispositivos eficientes contra incêndios. O único vigia que se ocupa do museu durante o horário de funcionamento não fica sequer dentro da sala de exposição.

CAIXA-D'ÁGUA — Na Europa e nos Estados Unidos, é comum os grandes colecionadores enviarem seus acervos aos museus para protegê-los de roubos e incêndios e para que sejam mais bem conservados. No Brasil, a situação é inversa — as obras são mais bem guardadas nos apartamentos de seus donos do que em instituições culturais. No ano passado, uma gravura de Osvaldo Goeldi foi roubada no dia seguinte à inauguração da exposição de que fazia parte, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A proprietária da obra, Patrícia Mendes Caldeira, retirou todos os outros trabalhos que cedera à mostra — e acabou criticada por proteger o que é seu. Os ladrões não são os únicos vilões no panorama de precariedade dos museus brasileiros. O artista plástico Rubens Gerchmann, depois de visitar o Museu de Arte da Bahia, no ano passado, pediu de volta o objeto *Elevador de Serviço*, doado à instituição na década de 60. A obra estava em péssimo estado de conservação e os diretores não responderam a seu pedido de restaurá-la.

A falta de pessoal especializado é um dos principais problemas das instituições de arte. No início deste ano, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul foi roubado em quatro gravuras de impressionistas franceses, avaliadas em 2,5 milhões de cruzados — na hora do roubo, o único guarda do museu havia deixado a sala para fechar o registro de uma caixa-d'água. Foi tempo suficiente para o professor Robert Levonian retirar as gravuras da moldura de vidro e escondê-las sob a

Telas roubadas: retrato, de Malfatti, Parreiras (cima) e Ferrigno



 **FireBall**
(016) 724 2800

VACANCES ART. DE COURO LTDA.
R. Minas Gerais, 1889 - Tel (016) 724.2800
Dep. 14.400 - Ffatos - SP

jaqueta. O roubo do Margs foi um dos raros casos de dilapidação de acervos resolvido pela polícia. "Foi uma paixão fulminante que me fez roubar as gravuras", justificou Levonian, que pode ser condenado a até quatro anos de prisão. Possuir uma segurança própria e bem treinada é uma necessidade de qualquer museu. O Museu de Arte Contemporânea — MAC — de São Paulo, um dos mais bem protegidos do país, oferece aos funcionários cursos de História da Arte, e os professores simulam situações de trato com o público.

CURTO-CIRCUITO — O alto risco a que estão expostas as obras de arte nos principais museus do país pode ser explicado por uma razão simples: falta dinheiro, não apenas para pagar funcionários mas também para preservar os acervos. Muitas são as empresas que investem em cultura, porém poucas delas se dispõem a investir em setores vitais para a vida de uma instituição mas que não aparecem para o público, como obras de manutenção ou sistemas de vigilância. É louvável que as empresas queiram patrocinar grandes exposições ou que tragam astros da música ao país — eventos que associam seus nomes a ícones do mundo cultural. O investimento mais importante, porém, muitas vezes está longe do brilho dos refletores das salas de exposições ou dos palcos. A Lei Sarney, de incentivo à cultura, prevê benefícios a investidores, mas ninguém parece interessado em sustentar salas desumidificadas ou empresas de segurança. As 100 principais obras do acervo do Museu de Arte de São Paulo estão longe do público brasileiro desde o início do ano. Elas foram enviadas à Suíça para fugir das goteiras do museu, que hoje, depois de vinte anos de sua inauguração, passa pela primeira reforma.



Museu de Arte do Rio Grande do Sul: furto tranquilo

O exemplo mais dramático de descaso ainda é o do Museu de Arte Moderna — MAM — do Rio de Janeiro. Em 1978, num incêndio que não durou mais que 30 minutos, todo o acervo foi perdido. O fogo começou com um curto-circuito na sala de som, que, mostrou-se depois, apresentava uma fiação precária e diversos problemas estruturais. O MAM perdeu obras de Picasso, Klee e Magritte. Uma exposição retrospectiva do pintor uruguaio Joaquín Torres-García, o detonador do movimento construtivista, com oitenta telas, foi totalmente consumida pelo fogo. Passada uma década da tragédia, o museu ainda se debate com a mesma sorte de problemas.

"Nosso sistema de segurança é realmente muito precário, mas não gosto de falar nisso para não fazer propaganda para os ladrões", diz Paulo Estelita, coordenador do MAM. Esconder defeitos é a tônica entre os diretores de museus brasileiros, algo repudiado pela vice-presidente do Comitê Internacional de Segurança em Museus, a carioca Maria Cristina Gonçalves Ferreira Mendes. "Ninguém quer encarar o problema", diz ela. É necessário reverter essa política, sob o risco de o Brasil perder — para ladrões, incêndios ou descuidos — boa parte de sua memória cultural. ●



O MAM do Rio incendiado: descuido

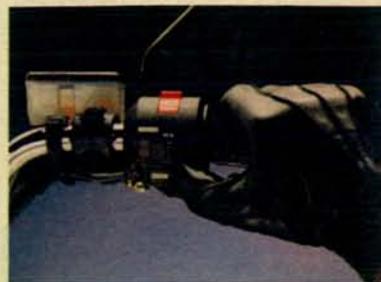
CBX 150 AÉRO. BOM SENSO E BOAS SENSações.

A Honda está lançando na street a moto que tem o seu número.
CBX 150 Aero. A única 150 do Brasil.

A CBX 150 Aero é como
você: aerodinâmica.
Desenhada e calibrada
para a dinâmica do
seu dia-a-dia. Reúne
estilo, porte, aceleração,
velocidade, agilidade
e conforto.



Pode ficar ligado.
A CBX 150 Aero
é a primeira de sua
categoria de sua
partida elétrica.
Um toque para
as emoções.



Ela tem rodas
em liga leve e freio
dianteiro
a disco
hidráulico.

Aerorapazes e
aerogarotas:
aerotransportem-se.



Pilote grátis
esta emoção nas
concessionárias
Honda até
20 de agosto.

A CBX 150
Aero é top
model.
Atração à
primeira vista.
Trânsito fácil
em todos
os lugares.
Rápida como
a sua cabeça.
Bonita como
a sua maneira
de ser.



**AERO
150
CLUB**
HONDA

Pertencer ao Aero Club 150
é acompanhar o ritmo de
hoje, agir rápido, escolher
o certo e olhar sempre à frente.

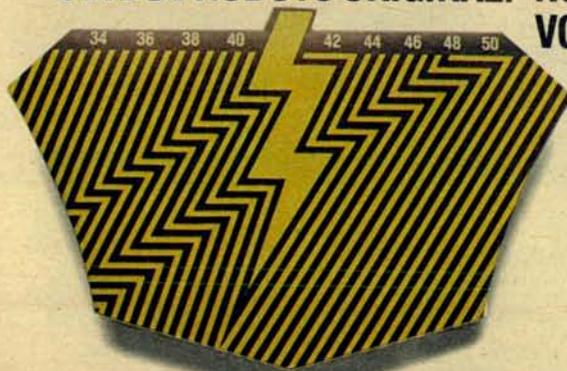
A aeroforça vem do motor
de alto rendimento,
com potência progressiva.
Você anda mais com
menor consumo.

HONDA
Asas da liberdade.

ORIGINA

PARA IDENTIFICAR O VERDADEIRO ZOOMP BASTA SEGUIR ESTAS PISTAS:

DENTRO DO BOLSO DE TODA ROUPA ZOOMP VOCÊ ENCONTRA A NOSSA ETIQUETA DE GARANTIA ATESTANDO A PROCEDÊNCIA DO PRODUTO ORIGINAL.



NOSSOS REBITES VOCÊ SABE QUE SÃO NOSSOS. VEJA O NOME ZOOMP GRAVADO NO METAL.



O JEANS ZOOMP VOCÊ CONHECE NUM BATER DE OLHOS. A QUALIDADE DAS COSTURAS E PESPONTOS, A COR DO MAIS AUTÊNTICO ÍNDIGO BLUE E A LAVAGEM ESPECIAL, ENTRE AS MUITAS LAVAGENS QUE A ZOOMP DESENVOLVE PARA OS SEUS JEANS, NÃO DEIXAM SOMBRA DE DÚVIDA.



L ZOOMP.

**OUTRA PISTA INFALÍVEL:
O RAIO DA ZOOMP
COLOCADO ESTRATEGICAMENTE NO
BOLSO DE TRÁS
DAS CALÇAS.
PARA SER VISTO
NAS BUNDINHAS MAIS
COBIÇADAS DO PAÍS.**



**HÁ TAMBÉM
O CARIMBO,
QUE VOCÊ**

**ENCONTRA EM TODAS AS
NOSSAS CAMISETAS.
AS ÚNICAS CARIMBADAS
COM A QUALIDADE ZOOMP.**

**NÃO ESQUEÇA DE VERI-
FICAR O BOTÃO.
ELE TRAZ SEM-
PRE GRAVADO
O NOME ZOOMP.**



**AGORA, SE VOCÊ NÃO
QUISER OLHAR PARA NA-
DA DISSO, NÃO PRECISA.
TEM UMA PISTA QUE NUN-
CA FALHA: VISTA A ROUPA.
VOCÊ FAZ ISSO DE OLHOS
FECHADOS: SEU CORPO
NINGUÉM ENGANA.**



ORIGINAL



O ORIGINAL ZOOMP VOCÊ ENCONTRA EM TODAS ESTAS LOJAS. SÃO AS LOJAS ZOOMP E TODOS OS NOSSOS PONTOS

DE VENDA AUTORIZADOS. EM TODOS ESTES ENDEREÇOS VOCÊ ENCONTRA O LUMINOSO COM O RAI DA ZOOMP INDICANDO QUE SÓ ALI ESTÁ À VENDA O ZOOMP VERDADEIRO. A ZOOMP GARANTE QUE, FORA DESTES LUGARES VOCÊ PODE ENCONTRAR A ZOOD, A ZAP, A ZOO OU OUTROS BICHOS FEIOS.

SÃO PAULO: EL DORADO, MORUMBI, IBIRAPUERA, IGUATEMI E OSCAR FREIRE.
BREVE ZOOMP JUNIOR.
RIO DE JANEIRO: BARRA SHOPPING E RIOSUL
BREVE ZOOMP JUNIOR.
FORTALEZA: SHOPPING IGUATEMI.
BREVE PRAÇA PORTUGAL.
CAMPINAS: SHOPPING IGUATEMI.
GOIÂNIA: RUA 18, 484S. OESTE.
BREVE FLAMBOYANT SHOPPING CENTER.
BELO HORIZONTE: SAVASSI E BH SHOPPING.
RECIFE: AV. CONSELHEIRO AGUIAR, 2814 E SHOPPING RECIFE
RIBEIRÃO PRETO: RIBEIRÃO SHOPPING

BRASÍLIA: SCLS 305 E PARK SHOPPING
SALVADOR: SHOPPING IGUATEMI
STO. ANDRÉ: RUA SENADOR FLAQUER, 42
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: BREVE RUA BERNARDINO DE CAMPOS, 4119
BELEM: BREVE SMALL SHOPPING AV. PRÁS DE AGUIAR
NATAL: BREVE AV. AFONSO PENA, 425

WANDA MODAS - ACESSITA TIMOTEO (MG)
MIMA - AGUDOS (SP)
MINA'S - AMPARO (SP)
LOJAS BOX - ARAÇATUBA (SP)
DON LUI - ARAGUARI (MG)
NEW MAN - ARAGUARI (MG)
SCORPIUS BOUTIQUE - ARAGUAI (MG)
TOCA DO COELHO - ASSIS (SP)
CORINE BOUTIQUE - AQUIDAUNA (MS)
STILLU'S BOUTIQUE - AVARÉ (SP)
JOANINHAS MODAS - ABAETÉ (MG)
PORTO E AREIA - BEBEDOURO (SP)
ALGO MAIS - BAMBUI (MG)
GOOG'S BOUTIQUE - BAURU (SP)
AQUARIUS - BAURU (SP)
STOP MAGAZINE - BAURU (SP)
XOK JEANS - BAURU (SP)
PEPA MODAS - BARRA BONITA (SP)
ANNA LUIZA - BARRA MANSÁ (RJ)
MAZÉ BOUTIQUE - BARUERI (SP)
MARIA ERMIDA - BARRETOS (SP)
BOUTIQUE LEILA - BUENOPÓLIS (MG)
NAIR BOUTIQUE - BIRIGUI (SP)
GARAGE - BOA ESPERANÇA (MG)
FLASH - BOM DESPACHO (MG)
HAPPY BOUTIQUE - BLUMENAU (SC)
HAPPY MAN BOUTIQUE - BLUMENAU (SC)
CASA FLAMINGO - BLUMENAU (SC)
CASA FÁTIMA - CATANDUVA (SP)
MARIANA BOUTIQUE - CAÇAPAVA (SP)
PIGGY - CAMPINA GRANDE (PB)
IZABELLA BOUTIQUE - CAPELINHA (MG)
TRAPOS ETC - CAMPESTRE (MG)
CAMILLU'S - CAMPOS ALTOS (MG)
DINGA'S - CAMPO GRANDE (MS)
KANTEIROS BOUTIQUE - CARUARU (PE)
ULTRA VIOLETA - CAMPINAS (SP)
STILLO - CONCORDIA (SC)
ÁGUA NA BOCA - CONS. LAFAIETE (MG)
TRAMA - CURITIBA (PR)
SPELL - CURITIBA (PR)
MAHAVIUS - CURITIBA (PR)
SILVANA CALHÃO DESIGNER - CUIABÁ (MT)
GIO MODAS - CUIABÁ (MT)
MAG'S BOUTIQUE - CAXAMBU (MG)
MODINHA - DIVINÓPOLIS (MG)
LEQUE - DIVINÓPOLIS (MG)
5ª AVENIDA - DIVINÓPOLIS (MG)
AVENIDA CINCO - DIVINÓPOLIS (MG)
BERLY MODAS - DOURADOS (MG)
SSIL MODAS - DOURADOS (MG)
BOUTIQUE ROSA CHOQUE - FLORIANÓPOLIS (SC)
BECO - FLORIANÓPOLIS (SC)
VIA 80 - FORMIGA (MG)
ESPIADELA MODAS - FOZ DO IGUAÇU (PR)
BLU SHOP - FRANCA (SP)
JULIETA BOUTIQUE - GUARULHOS (SP)
PAPUCHE - GUARUJÁ (SP)
LONDON MODA FEM. - GUAXUPÉ (MG)
LONDON MODA MASC. - GUAXUPÉ (MG)
VIA EXPRESSA - GOV. VALADARES (MG)
TROPICAL LINE SPORTSWEAR - ITATIBA (SP)



S ZOOMP.

YACI MODAS - ITABIRA (MG)
B. VIVE LA VIE - ITAJAÍ (SC)
THIARA - ITAUANA (MG)
PARIS BOUTIQUE - ITAPETININGA (SP)



BOUTIQUE MINHOCA - ITAJUBA (MG)
ELIDA BOUTIQUE - ITUMBIARA (GO)
BOUTIQUE NANA - ITUVERAVA (SP)
MARIA IVONE MODAS - ITUIUTAVA (MG)
RELUZ PRESENTES - IBITINGA (SP)
RELUZ - ITAPOLIS (SP)
NIMBUS - IPATINGA (MG)
BLITZ - JATAI (GO)
BETTY BOUTIQUE - JATAI (GO)
BUTIKTAK - JACAREÍ (SP)
SINHAZINHA - JAÚ (SP)
JEANS TRADER - JABOTICABAL (SP)
HAPPY MAN BOUTIQUE - JOINVILLE (SC)
MAFIA - JUIZ DE FORA (MG)
LOJAS CLARA - JOAIMA (MG)
XILIK BOUTIQUE - JOÃO MONLEVADE (MG)
KIKININHA - JOÃO MONLEVADE (MG)

CRAVO E CANELA - JOÃO PESSOA (PB)
KARINA MODAS - JOÃO PINHEIRO (MG)
PIEPER - JOINVILLE (SC)
KATTA BOUTIQUE - JUNDIAÍ (SP)
CASAS VITÓRIA - LAVRAS (MG)
MICHELAS BOUTIQUE - LIMEIRA (SP)
KIKO'S - LONDRINA (PR)
RECO'S - LONDRINA (PR)
PAPOULA BOUTIQUE - MANAUS (AM)
LIALÔ BOUTIQUE - MANAUS (AM)
SINHÁ MOÇA BOUTIQUE - MATÃO (SP)
MIKA MODAS - MANHUMIRIM (MG)
LOC STROC - MARÍLIA (SP)
LELE DA CUCA - MARÍLIA (SP)
MONA - MACEIÓ (AL)
PRETINHA BOUTIQUE - MACEIÓ (AL)
ANGUE - MOGI DAS CRUZES (SP)
VERDE LIMÃO - MOCOCA (SP)
BOUTIQUE MARISE - MONTE CARMELO (MG)
EUNICE BOUTIQUE - MONTES CLAROS (MG)
ANDRÉA BOUTIQUE - MANUQUE (MG)
MARIA JOÃO - NITERÓI (RJ)
JEITO NATIVO - NOVO HAMBURGO (RS)
BUM BUM - NOVO HAMBURGO (RS)
MARA BOUTIQUE - OSASCO (SP)
CASA FREITAS - OURINHOS (SP)
JIRAU - OURO PRETO (MG)
ALTO ESTILO - PARACATU (MG)
PORTINHOLA - PARÁ DE MINAS (MG)
GABRIELA - PATOS DE MINAS (MG)
EMANUELLE - PASSO FUNDO (RS)
BOUTIQUE FETICHE - PASSOS (MG)
BOUTIQUE PAULISTA - PIUNHI (MG)
IKEBANA - PINDAMONHANGABA (SP)
NEW SHOP - PIRACICABA (SP)
BIDIA BOUTIQUE - PITANGUI (MG)
TITA BOUTIQUE - PEDRA AZUL (MG)

ARAGUAIA BOUTIQUE - POÇOS DE CALDAS (MG)
CONFEC. CARVALHO - POMPEU (MG)
BADANA - PONTA GROSSA (PR)
ILIZINA - PONTE NOVA (MG)
MUSA - PORTO ALEGRE (RS)
CASA LÚ - PORTO ALEGRE (RS)
KIPAMAY - PORTO ALEGRE (RS)
SER MASCULINO - PORTO ALEGRE (RS)
LEVA JEITO (FEM.) - PORTO ALEGRE (RS)
GRIFE BOUTIQUE - PRES. PRUDENTE (SP)
LELE DA CUCA - PRES. PRUDENTE (SP)
BETTY BOUTIQUE - RIO VERDE (GO)
MISTURA FINA - SANTOS (SP)
SORELLA - S.B. DO CAMPO (SP)
GRYPHUS - SÃO CARLOS (SP)
JEANS REY - STA CRUZ DAS PALMEIRAS (SP)
FOFINHA BOUTIQUE - S. CAETANO DO SUL (SP)
SINHANINHAS BOUTIQUE - SÃO GOTARGO (MG)
DANYELA BOUTIQUE - SÃO JOÃO DEL REI (MG)
ZEN - SÃO JOÃO DEL REI (MG)
CRIZ E PEPA - SÃO JOÃO DA BOA VISTA (SP)
NEUSA MODAS - SÃO JOSÉ DO RIO PARDO (SP)
BIA BOUTIQUE - SÃO JOAQUIM (SC)
STUDIO - SÃO LUIZ (MA)
XOK - SÃO LEOPOLDO (RS)



CHARME - STA RITA P. QUATRO (SP)
LOJA DO BETO - SÃO SEBASTIÃO DA GRAMA (SP)
MINA'S - SERRA NEGRA (SP)
MINA'S MODAS - SERRA NEGRA (SP)
STYL'S MODAS - SUZANO (SP)



JEANS - TAQUARITINGA (SP)
TRAJES ACESSÓRIOS - TATUI (SP)
JEANS WALLEY GRYFFES - TAUBATÉ (SP)
VITRINE - TERESINA (PI)
DAKINI - TERESINA (PI)
COQUETE - TERESINA (PI)
SCHAFF'S - TEOFILO OTTONI (MG)
MODA JOVEM DAMASÇO - TEOFILO OTTONI (MG)
BOUTIQUE TETÉIA - TRÊS LAGOAS (MS)
DETALHE - TRÊS PONTAS (MG)
DESACATO - TUPÁ (SP)
BERLY - TUPÁ (SP)
CARNABY - UBERABA (MG)
GAIOLA MODAS - UBERLÂNDIA (MG)
TRAMA E CIA DE VESTIR - UBERLÂNDIA (MG)
ZEM - UBERLÂNDIA (MG)
CASAS VITÓRIA - VARGINHA (MG)
AMEIXA VERMELHA - VITÓRIA (ES)

ZOOMP[®]

ATUALMENTE SE FALA MUITO EM VINHO VARIETAL.
CHÂTEAU DUVALIER JÁ ERA FALADO, ANTES MESMO
DE LANÇAR SEUS VARIETAIS.



HOJE EM DIA DIZEM QUE É MODA TOMAR VINHO VARIETAL. A LINHA VARIETAL DO CHÂTEAU DUVALIER TEM AS MESMAS QUALIDADES QUE FIZERAM O CHÂTEAU DUVALIER SER UM DOS VINHOS MAIS APRECIADOS DO BRASIL. INDEPENDENTE DE TER VIRADO MODA. LINHA VARIETAL CHÂTEAU DUVALIER: CABERNET FRANC, GAMAY, RIESLING, ST. EMILION, CABERNET FRANC ROSÉ, MERLOT ROSÉ.

CHÂTEAU DUVALIER
MAIS QUE UM MODISMO.

Músculos e riso

Em Crocodilo Dundee II, um herói durão e engraçado

Metido numa apertada jaqueta de couro de crocodilo, botas de cano alto, jeito de caipira recém-chegado à cidade grande, o caçador Mick Dundee não é exatamente o tipo de personagem em que se confiaria para salvar uma dama em perigo. Capaz de feitos notáveis, no entanto, o personagem, encarnado pelo ator Paul Hogan, foi alçado à categoria de super-herói no filme *Crocodilo Dundee*, que no ano passado alcançou nos Estados Unidos uma bilheteria de 380 milhões de dólares e — de produção australiana — se tornou o filme estrangeiro de maior sucesso até hoje entre o público americano. A partir desta semana, Dundee, uma espécie de Rambo de bom humor e maneiras mais afáveis, engraçado ao se meter e ao sair de grandes encrencas, está de volta nos cinemas de todo o país em *Crocodilo Dundee II* (*Crocodile Dundee II*, Austrália, 1988).

No primeiro filme, o personagem trocava os sertões australianos pela selva de concreto de Nova York. Desta vez, faz o caminho inverso — parte da cidade grande para se tornar uma versão semicivilizada de Tarzan. A história começa quando Dundee, hospedado no apartamento da namorada, a jornalista Sue Chalton (Linda Kozlowski, no mesmo papel que desempenhava na primei-



Hogan no papel de Mick Dundee: às voltas com suicidas em arranha-céus

ra aventura da série), tenta ocupar o tempo com atividades que considera corriqueiras. Para começar, improvisa uma pescaria no Rio Hudson — seu equipamento são duas bananas de dinamite, com as quais arranca os peixes da água. Depois, com a naturalidade de quem passeia num parque, escala o parapeito de um prédio para evitar que um rapaz se suicide.

ARTIMANHAS — A tediosa “rotina” de Dundee se interrompe quando Sue recebe um pacote de fotografias que incri-

minam Rico, um chefão colombiano das drogas, enviadas por seu ex-marido, que fora assassinado pelo bandido. A dupla passa a ser perseguida por Rico e sua gangue e tenta se esconder na Austrália. Os traficantes vão atrás deles, mas desconhecem as artimanhas do caçador, que, movendo-se no campo, os submete a toda sorte de reverses, garantindo boas gargalhadas para o público. Dundee imita o canto dos pássaros, fantasia-se de crocodilo, toma os aborígenes como aliados e se entrega a ritos de magia.

Mick Dundee disputa hoje com Rambo o título de maior dos heróis do cinema. Como o personagem de Sylvester Stallone, ele parece invencível. O que o diferencia de Rambo é que ele parece ter, entre a montanha de músculos, um coração que bate como o de qualquer mortal. Dundee é capaz de sorrir e de ter uma namorada. Embora violento e duro na queda com os inimigos, enxerga o mundo por outra perspectiva que não a mira de uma arma. É justamente essa combinação entre o real e o imaginário, entre o cidadão de sentimentos comuns e o herói poderoso, que faz de Mick Dundee um personagem cativante e de *Crocodilo Dundee II* uma boa atração.

A vitória do ex-calouro

Na primeira vez em que *Crocodilo Dundee II* foi exibido na Inglaterra, numa pré-estréia beneficente, em junho, dois espectadores se diferenciavam na platéia — o príncipe Charles e a princesa Diana. O casal, ao final da projeção, cumprimentou o ator Paul Hogan e lhe fez entusiasmados elogios. Para Hogan, um australiano de 47 anos, o cumprimento teve sabor de vitória.

Até 1972, Hogan trabalhava como pedreiro e morava num subúrbio de

Sidney, na Austrália, com a mulher e cinco filhos. Certo dia, por brincadeira, aceitou participar de um programa de calouros na televisão, num número em que sapateava e atirava facas num alvo ao mesmo tempo. O diretor John Cornell viu o número e achou que Ho-

gan tinha talento. Acertou. Em poucos meses Hogan ganhou seu próprio programa de TV e passou a estrelar comerciais de cigarros e cerveja. Foi como garoto-propaganda que ele aportou nos Estados Unidos, em 1984, e fez pontas em filmes inexpressivos até ganhar o papel de Mick Dundee. Recentemente, separou-se da mulher e vive um romance com a atriz Linda Kozlowski, com quem contracenou nos dois filmes da série.



Com Lady Di: cumprimentos na pré-estréia

QUALI

FAZ 70 ANOS QUE A VILL

A Villares Indústrias de Base – VIBASA é a única empresa, em toda a América Latina, capaz de fabricar peças de aço gigantescas, forjadas ou fundidas, com a mais elevada qualidade. Bom exemplo disso são os eixos para as turbinas de Itaipu, cada um pesando 128 toneladas.

O mais rápido laminador de aço do mundo é brasileiro.

E é Villares. Construído por Equipamentos Villares, tem velocidade de processamento de 507km/h, conseguindo laminar 450 mil toneladas de aço por ano. A mesma empresa fabrica uma ampla variedade de equipamentos – desde os destinados à prospecção de petróleo, até guindastes, pontes rolantes e truques para trens de metrô.



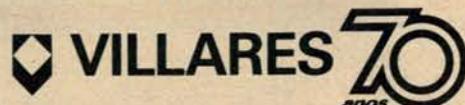
Com pouco mais de 10 anos de atividade, a Divisão de Produtos Ferroviários já está exportando locomotivas – diesel e elétricas – para países da América Latina e África. A Ferrovia Carajás utiliza locomotivas diesel-elétricas produzidas pela Villares.

O Setor de Engenharia de Sistemas atua no controle do meio ambiente e na preservação da qualidade de vida. Seja criando sistemas para tratamento de água e efluentes ou para o controle da poluição do ar, seja implantando usinas térmicas que utilizam o lixo como combustível.

DAADE

ARES SÓ PENSA NISSO.

Quando
pensar em Villares,
pense em qualidade.
Pense no seu
próprio bem-estar.
É a isso que ela vem
se dedicando nestes
70 anos de vida.



Idéias gerando progresso

INSTINTO EM LIBERDADE.



Verland. Misteriosa e sensual.
Verland. Uma novíssima linha de
desodorantes, colônia, cremes de
barbear e loção após barba.
Verland. Masculinamente criada
para os homens.
Verland. Atração homem e mulher.
Verland. A verdadeira essência do
instinto em liberdade.

VERLAND



Cenário íntimo

Em *A Família*, Scola faz um retrato do cotidiano

O diretor italiano Ettore Scola é conhecido no Brasil principalmente por dois filmes: *A Noite de Varennes*, uma imponente aventura histórica passada à época da Revolução Francesa, e *O Baile*, um filme sem palavras rodado num único cenário. Seu mais recente filme, *A Família* (*La Famiglia*, Itália/França, 1987), em cartaz no Rio de Janeiro a partir de quinta-feira, segue a trilha aberta por *O Baile*. A ação é lenta, os personagens parecem não levar a história à frente e as cenas se sucedem sem aparente ligação entre si. Das sutilezas acumuladas por essas seqüências, no entanto,

RETRATO INACABADO — A idéia que sustenta o filme de Scola é a de filtrar fatos relevantes do século através da vida cotidiana de personagens desprovidos de poder, com pouca consciência dos acontecimentos que os cercam, e que invariavelmente acabam arrastados pelos fatos. Esse método indireto de conduzir a narrativa é uma das marcas da criatividade do diretor italiano — mas pode deixar órfão o espectador com pouca familiaridade em história européia deste século. O que traz interesse a esse inventário sobre a banalidade é a maneira delicada de se contar os dramas íntimos dos personagens — que vão desde tias solteiras e solitárias à empregada que consegue casar com o patrão de classe média.

Da mesma forma que as alusões aos

Fogo de palha

Mickey Rourke decepciona em *Prece para um Condenado*

As primeiras cenas de *Prece para um Condenado* (*A Prayer for the Dying*, Inglaterra, 1987), em cartaz em São Paulo a partir de quinta-feira, fazem supor que se está diante de um filme com uma série de ingredientes de sucesso. Um ônibus repleto de crianças explode no meio de uma estrada. O atentado, com alvo errado, é de autoria do IRA — o Exército Republicano Irlandês — e logo aparece em cena Mickey Rourke, um ator consagrado em filmes como *Coração Satânico* e *9 1/2 Semanas de Amor*. A ação prometida, porém, é puro fogo de



PARIS FILMES

Stefania e Gassman: a História contada por personagens comuns



ALVORADA

Rourke: de assassino a herói sentimental

surge um filme de grande beleza, em que Scola leva ao extremo sua obsessão pelos acontecimentos cotidianos, observados sob o ponto de vista de pessoas comuns.

A ação se passa dentro de uma casa, ao longo de oitenta anos, entre 1906 e 1986, e não existe uma única seqüência externa durante as duas horas de filme. A Guerra Civil Espanhola, a ascensão do fascismo na Itália e as 2 guerras mundiais chegam aos ouvidos dos protagonistas como ecos distantes. Carlo (Vittorio Gassman), o personagem principal, nada faz de importante ao longo de sua vida. Leva uma monótona rotina de casado com a apagada Beatrice (Stefania Sandrelli), nutre um amor não correspondido pela cunhada Adriana (Fanny Ardant) e sua tranqüilidade só é abalada pela chegada de Jean Luc, o namorado francês de Adriana, com quem, na cena mais movimentada de *A Família*, sustenta uma discussão violenta ao redor da mesa de jantar.

acontecimentos reais são cobertas de sutilezas, o espectador descobre os problemas da família de Carlo através de detalhes discretos. Para mostrar a morte de Beatrice, Scola prefere apresentar um retrato inacabado iniciado por Carlo. Para abarcar o período de oitenta anos, o diretor entregou cada personagem a vários atores. Carlo, por exemplo, é interpretado pelo menino Emmanuele Lamaro, mais tarde por Andrea Occhipinti e, na velhice, por Vittorio Gassman. O ator consegue engrandecer o personagem quando passa a encarná-lo e convence plenamente no papel de velho. O mesmo não ocorre com Fanny Ardant, algo forçada no papel da idosa Adriana. Apesar da lentidão natural, *A Família* mostra que Ettore Scola, com sua direção intimista, cheia de soluções inesperadas, é um dos grandes autores do cinema europeu da atualidade. ●

palha. À medida que se desenvolve, o filme se torna lento e inverossímil, e mesmo os fãs mais entusiasmados do ator não acharão graça em sua atuação.

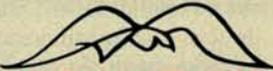
Martin Fallon (Rourke) é um terrorista do IRA que se arrepende da militância, mas, para deixá-la e conseguir um passaporte, é obrigado a cometer um último assassinato para o gângster Meehan (Alan Bates). O padre Da Costa (Bob Hoskins) testemunha o crime, mas acaba por se tornar confessor e amigo de Fallon, que se apaixona por sua sobrinha cega. A partir daí, o filme deságua numa sucessão melodramática. Fallon, de perigoso assassino, passa a ser o bonzinho da história, e o padre defende sua impunidade com a perseverança que dedicaria a um santo. Para um ator de carreira em ascensão como Rourke, o filme, que fez carreira modesta na Inglaterra e nos Estados Unidos, é uma ducha de água fria. ●

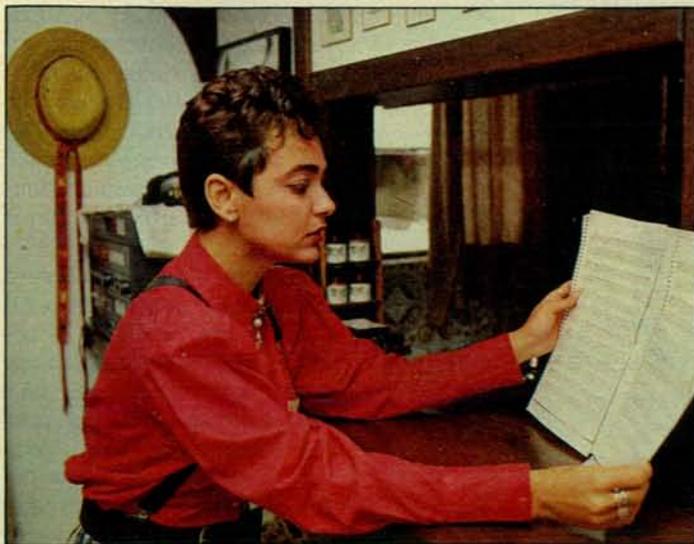
*Lambrusc. Mais do que uma garrafa térmica,
uma obra de arte.*



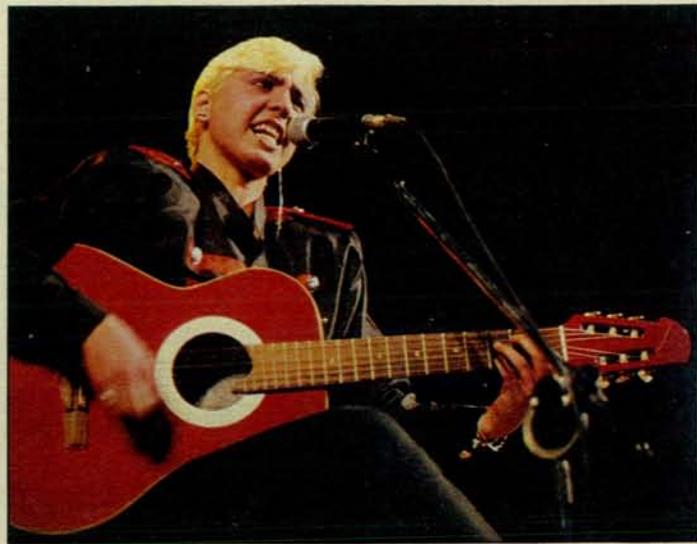
Lambrusc é Lambrusc, uma autêntica Invicta. Trata-se de uma obra de arte do Século XXI.
Lambrusc revolucionou o conceito de garrafa térmica. Repare como suas linhas são modernas,
seu design arrojado. E, também, como suas cores são leves e atuais. Lambrusc tem três versões:
branca, cinza e preta. Uma para cada gosto.
Lambrusc tem estilo e fica bem em todos os ambientes. De casa ao escritório.
Lambrusc tem capacidade de aproximadamente 1.000 ml e ampola a vácuo com isolamento térmico,
que proporciona à sua bebida preferida a temperatura ideal.
Mais do que uma garrafa térmica, Lambrusc é uma obra de arte com a assinatura Invicta.
Lambrusc. O futuro está esperando você nas lojas de presentes, grandes supermercados e magazines.




INVICTA[®]
Conserva mais, por mais tempo



Glória: "No início, era incapaz de gravar ao vivo"



Adriana: "Gosto de mudar a divisão das músicas"

Música

A turma do estudo

Uma nova geração de cantoras busca o apuro técnico em lugar da "escola da emoção" que rege a MPB

De Aracy de Almeida a Elba Ramalho, dos anos dourados do rádio à era do compact-disc, a MPB sempre cultivou uma tradição de cantoras populares — poucas formas musicais parecem falar tão de perto à sensibilidade do brasileiro quanto a voz feminina. As cantoras da MPB carregam uma segunda tradição além do sucesso popular: dediquem-se elas ao samba, ao baião ou ao rock, pertencem todas a uma mesma escola, a "escola da emoção". Reza a cartilha dessa escola que se despreze a educação musical em troca da espontaneidade e da brejeirice, que se supere as deficiências técnicas com interpretações exuberantes e com a intuição. A escola da emoção forneceu intérpretes inesquecíveis à MPB, mas, nos últimos tempos, uma leva de cantoras tem optado por um caminho diferente. Alunas aplicadas de técnica vocal e musical, capazes de ler uma partitura de trás para frente antes mesmo de pensar em pisar num palco, elas têm colocado por terra a noção de que estudar música é coisa para prima-donas de ópera.

A primeira cantora notável dos tempos modernos que, para perseguir o sucesso, preocupou-se em aprimorar sua técnica foi Elis Regina, que chegou a ser criticada por isso: alguns ouvidos confundiram sua precisão com frieza. Depois, uma leva de cantoras, como a carioca Olivia Byington, a pa-

raense Leila Pinheiro e a paulista Ná Ozzetti, aportou nos palcos exibindo atuações vocais assombrosas para cantoras principiantes. Estava fundada a "escola da técnica" na MPB. O pioneirismo de Elis e de suas discípulas rendeu bons frutos. Nos últimos meses, uma novíssima geração de cantoras, donas de vozes que se diferenciam pela afinação impecável e pela riqueza de nuances inter-



Titane: arranjos elaborados

pretativas, tem reunido platéias entusiasmadas em várias regiões do país. Fazem parte desse grupo a carioca Marisa Monte, as gaúchas Adriana Calcanhoto e Glória Oliveira, a paulista Vânia Bastos e a mineira Titane.

AGUDOS PRECISOS — O fato de lançar mão das lições tradicionais de música não significa que essas cantoras sejam menos espontâneas ou brasileiras que suas colegas da escola da emoção. Significa apenas que elas cantam melhor e, auxiliadas pelo tempo e pela experiência, têm uma arma a mais para que seu caminho até o estrelato seja menos espinhoso. Em seus repertórios cabem tanto Villa-Lobos quanto Roberto Carlos. Para Titane, de 28 anos, que enche teatros em Minas Gerais apresentando músicas de raízes folclóricas revestidas por arranjos cuidadosamente elaborados, o que essas cantoras têm em comum é que, em seus trabalhos, não há distinção entre popular e erudito. "A técnica melhora a música popular e a fronteira com a música erudita se fragmenta", diz Titane, que já gravou dois LPs, vendidos apenas pelo reembolso postal. A paulista Vânia Bastos, de 32 anos, que surpreende seus fãs cantando, em shows, canções do compositor contemporâneo italiano Luciano Berio, concorda com a colega mineira: "Meu interesse pelo canto começou em 1975, quando assisti a uma bial de música erudita. O estudo da técnica aproxima os dois gêneros". Sem pressa de começar a cantar sozinha ou gravar discos, Vânia começou a estudar música enquanto aperfeiçoava-se em corais ou participando dos vocais de fundo de astros da MPB — chegou a integrar a banda de Rita Lee. Quem ouve os agudos precisos de Vânia Bastos em seu único LP, gravado em 1986, com seu nome no título e disponível nas lojas de São Paulo, ou nos comerciais da televisão — é dela a voz do personagem Bond Boquinha e do

jingle do McDonald's —, não imagina que, nos tempos de coral, Vânia tinha a voz feminina mais grave: ela era contralto. "Foi o estudo de técnica vocal que fez com que eu desenvolvesse meus agudos", revela.

TINTAS TEATRAIS — Não são os malabarismos vocais, contudo, que fazem a marca registrada das cantoras da escola da técnica. Afinal, música não é atletismo, e não basta ter uma voz que vai das profundezas dos graves ao brilho dos agudos para conseguir um bom resultado sonoro. Um exemplo disso é Adriana Calcanhoto, de 22 anos, que, por sua ascensão fulgurante, na jovem música gaúcha, é considerada a Marisa Monte de Porto Alegre. Adriana lota qualquer teatro em que se apresenta em Porto Alegre e, há duas semanas, encantou os paulistas numa curta temporada. Seu principal trunfo não é a exuberância vocal ou sequer o visual inusitado. Os estudos de música, no caso de Adriana, lhe conferiram uma extraordinária capacidade de mexer com a estrutura das canções. Acompanhada apenas de violão, ela vira do avesso músicas conhecidas, como *Namoradina de um Amigo Meu*, de Roberto e Erasmo Carlos, ou *Quase que eu Disse*, de Sílvio Caldas e Orestes Barbosa. "Gosto de mudar a divisão das músicas e, às vezes, levo à loucura a banda que está me acompanhando", diverte-se Adriana.

Essas duas qualidades — capacidade de passear sem problemas pela escala musical e criatividade na interpretação — são algumas das vantagens que os alunos de Vera Maria do Canto e Mello, professora de técnica vocal de Léo Jaime, Marília Pêra e Paula Toller, entre outros, buscam nas aulas de canto. "A função da técnica não é inibir a emoção, mas dar condições para que ela se expresse plenamente", sentencia Vera, que é professora de Leila Pinheiro, premiada como melhor intérprete no Festival dos Festivais da Rede Globo, em 1985. Leila faz coro: "Hoje, que tenho mais técnica, a emoção flui bem melhor". O domínio da voz permite, além da diversificação do repertório, o enriquecimento da própria interpretação, inclusive com tintas teatrais. Vânia Bastos, por exemplo, exibiu notável desenvoltura ao trocar de personagens no show *Clara Crocodilo*, de Arrigo Barnabé, que rodou o Brasil em 1983.



FLAVIO CIRIO

Marisa: do sucesso nos palcos à gravação do primeiro LP



JORGE ROSENBERG

Vânia: agudos desenvolvidos



OSCAR CABRAL

A professora Vera Maria: "A técnica não inibe a emoção"

"DONOS DA BOLA" — Adriana Calcanhoto já fez trilhas sonoras e participou de uma montagem da peça *O Balcão*, de Jean Genet. Outra cantora gaúcha, Glória Oliveira, fez o caminho inverso: intensificou seus estudos musicais após estreiar como atriz de teatro em 1981, em Porto Alegre. "Cantava apenas uma música na peça, mas era sem microfone — como as pessoas precisavam me ouvir, resolvi aperfeiçoar minha voz." Glória é uma das mais bem-sucedidas desta nova geração de cantoras: já lançou um LP em 1986 e está com outro pronto, que foi gravado ao vivo e será lançado em outubro. Esta é outra proeza que, segundo afirma,

deve às aulas de técnica vocal: "No início de minha carreira eu seria incapaz de gravar um disco ao vivo, ficaria completamente rouca, pois costumava fazer sete shows em cinco dias", conta.

Aclamadas em shows, as cantoras da escola da técnica ainda não encontraram o caminho do sucesso no disco — e aí se incluem mesmo as mais experientes. Como Olívia Byington, protagonista de cinco LPs, dos quais pelo menos dois são formidáveis — *Melodia Sentimental* e *Encontro*. "Acho que nem Elis Regina faria sucesso atualmente se tivesse que enfrentar os donos da bola, que programam as trilhas de novelas", queixa-se, reclamando da pouca execução de suas músicas no rádio e na televisão. Olívia atualmente aposta num projeto — ir ao Japão, em busca do mercado internacional. Eis aí um projeto de difícil realização por qualquer cantora da escola da emoção, cujo sucesso no exterior se deve invariavelmente ao exotismo das músicas e de suas atuações do que aos dotes vocais. Na verdade, é impossível se montar um repertório internacional com limitações técnicas. Marisa Monte assinou, na semana passada, um contrato para gravar seu primeiro LP, num grande selo — a Odeon —, mostrando que a novíssima geração das cantoras técnicas já desperta a atenção do mercado de discos. A persistirem os ventos favoráveis, essa nova geração de intérpretes tem condições para herdar não a desilusão de Olívia Byington, mas a tradição de sucesso das cantoras do rádio — recompensa merecida para as muitas horas que o estudo diário lhes consome. ●

A PROV

As grandes emoções e as grandes vitórias do homem.

TODO O CORPO
Desodorantes com
fragrâncias
modernas seguindo
as tendências
internacionais. Nas
versões Silver e Gold.

TODO DIA
Shampoo com PH
neuro, que trata,
protege, e não danifica
os cabelos mesmo
com uso diário.



Lobão e o novo LP: mistura pouco convencional de rock e samba

Dardo afiado

Em *O Eleito*, Lobão traça um perfil irônico de Sarney

A nova travessura do mais irrequeto roqueiro do país, o carioca Lobão, é um dardo com endereço certo: o Palácio do Planalto. O dardo é desferido pela música *O Eleito*, uma das nove faixas do quinto LP do compositor, *Cuidado!*, que chega às lojas esta semana. Na faixa, que há três semanas foi distribuída às rádios e vem sendo maciçamente executada em todo o país, Lobão critica e ironiza o governo do presidente Sarney, fala de seus versos, que classifica de "mal escritos" e, no refrão, diz que "ele é o que dá certo", numa escancarada alusão ao lema "Tem que dar certo" do malfadado Plano Cruzado (veja o quadro ao lado).

A música poderia passar despercebida entre o torvelinho de críticas que se faz à administração do país não fosse por um detalhe — a sua qualidade. Na faixa, como em todo o novo disco, Lobão continua a provar que é um dos grandes talentos da música jovem brasileira, um dos poucos da geração do rock que alcançou um estilo próprio e o aprimora a cada disco. A música de Lobão tem a urgência de quem parece improvisá-la num palco, a irreverência — às vezes desequilibrada — que o próprio autor cultivava na vida real e um dos naipes de guitarras menos convencionais entre os que fazem a trilha sonora do rock.

DROGAS — Em *Cuidado!*, além da certeira *O Eleito*, um rock rápido e dançante, Lobão leva à frente seu projeto de fusão entre rock e samba. Na faixa-título,

um insólito diálogo entre dois "pingentes" de trens sobre racismo, a experiência é amplamente bem-sucedida. "Entre meus discos, este é o que mais carrega meu sotaque", diz o compositor. O disco deveria ser lançado apenas em novembro, já que Lobão preparava uma excursão por casas noturnas americanas. O projeto naufragou porque o artista responde atualmente a processo por porte de drogas e está impedido pela polícia de deixar o país. Dizendo-se afastado das drogas, Lobão aproveitou o hiato na agenda para fazer boa música. ●

O pito do cantor

Trecho da música *O Eleito*, de Lobão e Bernardo Vilhena:

*Ele é esperto e persistente
Acha que nasceu pra ser
[respeitado
Ele é incerto e reticente
Acha que nasceu pra ser
[venerado
O palácio é o refúgio mais
[que perfeito
Para os seus desejos mais
[que secretos
Lá ele se imagina o eleito
Sem nenhuma eleição por perto
Ele é o esperto, ele é o perfeito
Ele é o que dá certo
Seus ternos são bem cortados
Seus versos são mal escritos
E tudo parece estar errado
Mas nesse caso o erro deu certo
Foi o que ele disse ao pé
[do rádio
Com a honestidade pelo avesso*

Rei da mistura

Boas canções e capa polêmica no novo LP de Prince

Não há forma mais batida de um compositor definir seu trabalho, na música pop de hoje, do que dizer que ela é uma mistura de ritmos. Há um compositor, no entanto, que promove essa mistura com um brilho e uma originalidade que nenhum outro consegue — o americano Prince. Um bom exemplo disso é o novo LP do compositor, *Lovesexy*, que chega às lojas esta semana embalado numa capa que, nos Estados Unidos, causou polêmica. Nela, Prince aparece sem roupa.

A capa é apenas uma travessura de um compositor cuja verdadeira ousadia está na música. Prince não apenas mistura ritmos, ele constrói verdadeiras sinfonias carregadas de instrumentos, mudanças de climas, reviravoltas no andamento e intervenções sonoras variadas. Suas canções são sempre dançantes e baseadas no funk. À exceção dessas duas constantes, porém, nada há nelas de previsível. Em seus arranjos alternam-se momentos em que todos os instrumentos tocam juntos com passagens em que bateria, voz ou guitarra aparecem sozinhos. Não há aí nenhuma novidade. Pela cartilha de Prince, no entanto, essa alternância entre conjunto e solistas é feita por critérios absolutamente próprios.

A chegada de *Lovesexy* às lojas foi precedida de um período atribulado em que o compositor parecia indeciso sobre o que mostrar ao público. No final do ano passado, ele gravou o LP *Black Album* e, um mês antes de seu lançamento, decidiu guardá-lo na gaveta. Gravou um disco inteiramente diverso — que seria a gênese de *Lovesexy*. Um mês antes de lançá-lo, mudou de idéia novamente e fez todos os arranjos do disco. *Lovesexy* é um trabalho mais melodioso que os anteriores de Prince. Há momentos abertamente românticos no disco, como a faixa *When 2 R In Love*. Sem abrir mão de sua usina sonora, percebe-se que o compositor procura uma opção aos funks dançantes, uma moldura menos experimental a suas letras, que combinam misticismo e sensualidade. Em meio a essas mudanças sutis, o talento de Prince para a invenção continua a pleno vapor. ●



PÉ FEITO À MÃO.



Ref.
01633

*Composição de um clássico: couros selecionados,
leves e macios. Estilistas requintados, exigentes.
Artesãos caprichosos, perfeccionistas.
Costura manual.
Ponha seus pés no mais alto nível internacional.*

Ref.
01631

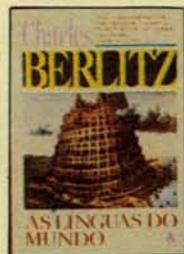


Ref.
01625

SAMELLO
O melhor sapato deste país.
E de outros.

Você sabia que...

AS LÍNGUAS DO MUNDO, de Charles Berlitz; Nova Fronteira; 316 páginas; 2 700 cruzados.



Ninguém duvida que, ao criar a linguagem e, mais tarde, a palavra escrita, o homem empreendeu dois dos maiores avanços na História da civilização. Poucas vezes se nota que, no mesmo tempo em que inven-

tava a comunicação, ele inventava a reboque os terríveis mal-entendidos e erros de interpretação. Até hoje o homem aprendeu a falar em 2 796 idiomas e 8 000 dialetos, multiplicando na mesma proporção a dificuldade de se transmitir mensagens de uma cultura para a outra. O escritor e linguísta americano Charles Berlitz colecionou durante anos os exemplos mais hilariantes desse desencontro entre os idiomas, e outras tantas saborosas curiosidades sobre a linguagem, e os reuniu em *As Línguas do Mundo*. O resultado é um livro delicioso, repleto de surpresas e que pode ser aberto em qualquer página, a exemplo dos antigos almanaques distribuídos nas farmácias.

O autor não tem qualquer compromisso com análises filológicas ou objetivos didáticos. O que orientou a reunião dessa colcha de retalhos foi apenas o prazer que poderia proporcionar ao leitor saber as armadilhas contidas nos idiomas. No capítulo "Traduções pouco diplomáticas", por exemplo, Berlitz alinhava um punhado de divertidas confusões recolhidas em reuniões de delegados à Organização das Nações Unidas (ONU). Se uma palavra crucial para o debate dos delegados da ONU for traduzida de forma incorreta, conta Berlitz, precisa ser revista ao longo da discussão, "sob o risco de transformar as conversações numa festa do Chapeleiro Louco, o personagem de *Alice no País das Maravilhas*".

BESOUROS — Uma dessas confusões monumentais ocorreu quando um representante de um protetorado britânico na África pediu que a Inglaterra lhe auxilias-

se no combate aos besouros-rinoceronte, uma praga da madeira. O intérprete russo compreendeu a palavra rinoceronte, mas esqueceu o besouro, o que levou o delegado soviético a intervir na questão, alegando que fornecer apenas produtos químicos para combater os bichos era nítida manifestação da má vontade colonialista. Deveriam, isso sim, oferecer armas de fogo aos africanos para se defenderem dos ferozes animais. Foi quando o delegado britânico retrucou que os tais bichos existiam aos milhões e voavam em enxames na primavera, comendo as cascas das árvores. Fez-se o caos no debate.

Berlitz tem duas grandes curiosidades em sua própria biografia. A primeira delas é que nasceu em uma casa onde se fa-

lavam habitualmente cinco línguas. A mãe falava com ele apenas em francês, o pai em inglês, seus avós em alemão e uma prima em espanhol, enquanto a cozinheira e a arrumadeira se expressavam em gaélico. Poliglota desde tenra idade, Berlitz acreditava então que cada pessoa tinha um modo diferente de falar. Boa parte dessas excentricidades da família devia-se ao avô, Maximilian Delphinus Berlitz, que fundou a Escola Berlitz de idiomas em 1878, em Nova York, e inventou um método de aprendizado até hoje seguido nas milhares de escolas que levam seu nome espalhadas pelo mundo. Maximilian falava 58 línguas, o neto fala doze e consegue expressar-se razoavelmente em outras doze. Mas seu campo de atividade estende-se ainda à arqueologia, ao mergulho submarino e a tudo o mais que possa auxiliá-lo a pesquisar mistérios e formular teorias como a que desenvolve em seus dois livros mais conhecidos, *O Triângulo das Bermudas* e *O Mistério de Atlântida*.

ALTARES — *As Línguas do Mundo*, escrito num tom que desperta a curiosidade em que o autor parece perguntar "você sabia que...", desafia incontáveis pérolas. Ser cínico, explica ele, significava originalmente, no grego antigo, ser como um cão (*kunikos*). Ao rir, estamos, ao mesmo tempo, dizendo *mãe* em japonês (ha-ha). A Praça Vermelha, em Moscou, nada refere de revolucionário, pois seu nome, em russo, significa apenas Praça

Bonita. Os idiomas orientais também se prestam a constatações curiosas. O ideograma chinês para repouso une os caracteres de porta e lua. O hebraico constitui um exemplo de língua da Antiguidade como língua moderna, após ter caído em desuso na época do retorno dos judeus do cativeiro na Babilônia. Uma das histórias mais saborosas conta como, na ONU, um intérprete distraído traduziu a declaração de um delegado africano. O delegado afirmou que "A África já não erige altares aos deuses". O intérprete confundiu *autels aux dieux* (altares aos deuses) com *hôtels odieux* e lascou: "A África já não constrói hotéis horríveis". O episódio, pode-se apostar, por pouco não cria um incidente diplomático. O intérprete, de qualquer forma, garantiu um lugar nessa saborosa coleção de curiosidades e disparates reunida por Berlitz.



A índia traduz Cortez: traição

Trecho

- "A conquista do império asteca por Cortez foi facilitada pela índia Malintzín, que falava espanhol, servindo de intérprete para o conquistador, de quem era namorada. No México moderno, o termo *malincher* significa mexicano devotado aos interesses estrangeiros."
- "O sapatinho de cristal de Cinderela, na versão original em francês, era feito de pele (*vair*) e não *verre* (vidro), que tem o mesmo som e causou a confusão."
- "O honrado sobrenome irlandês O'Hara, pronunciado em japonês, significa 'honrado estômago' (*o-hara*)."



Banco em desempenho global em 1987.

Acaba de sair na Revista Exame: O BMC - Banco Mercantil de Crédito teve, em 1987, o melhor desempenho global entre todos os bancos em operação no Brasil. Este é um resultado de um balanço do setor financeiro que aquela revista publica todos os anos. Uma análise detalhada do crescimento de depósitos e empréstimos, rentabilidade das operações e do patrimônio, bem como o custo das operações dos 30 maiores bancos no Brasil, aponta o BMC como o número 1 na avaliação do desempenho global. O atendimento personalizado, o alto nível dos profissionais do banco e o perfeito entrosamento com os clientes são os principais motivos que deram ao BMC a posição que ocupa hoje. Um banco brasileiro com o primeiro lugar em desempenho entre bancos nacionais e estrangeiros. Sua empresa merece um banco assim.

Fonte: Rev. Exame - edição de 13/07/1988

BMC**BANCO MERCANTIL DE CRÉDITO S.A.**

Matriz: Av. Paulista, 302 - Tel.: (011) 283-7844 - SP

BMC
GRUPO FINANCEIRO

BMC - Banco Mercantil de Crédito S.A./Banco BMC de Investimentos S.A./BMC Cia. de Crédito, Financiamento e Investimento/
BMC - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários e Câmbio Ltda./BMC - Corretora e Administradora de Seguros Ltda./
BMC - Processamento de Dados Ltda./ BMC - Promotora de Negócios e Assessoria Financeira S/C. Ltda./BMC - Turismo Ltda./
Fundo BMC de Investimentos-Ações/ Fundo BMC de Aplicações de Curto Prazo/Conta BMC de Renda Fixa/
Clube de Investimento em Condomínio BMC Ouro

1

Semestre de 1988 do Grupo Financeiro BMC.

Um balanço que demonstra o desempenho dos profissionais do BMC e a confiança de nossos clientes.

BMC - Banco Mercantil de Crédito S/A

Balanço Patrimonial Sintético encerrado em 30.06.88

ATIVO	Em Cz\$ Mil	PASSIVO	Em Cz\$ Mil
CIRCULANTE E REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	96.510.507	CIRCULANTE E EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	95.427.133
Disponibilidades	19.314	Depósitos	37.535.933
Aplicações Interfinanceiras de Liquidez	17.920.469	Captação no Mercado Aberto	11.241.790
Títulos e Valores Mobiliários	9.301.066	Relações Interfinanceiras e Interdependências	16.451.985
Relações Interfinanceiras e Interdependências	6.561.705	Obrigações por Empréstimos	18.018.259
Operações de Crédito	51.033.304	Repasses do País - Instituições Oficiais	1.200.990
Outros Créditos	11.674.649	Outras Obrigações	10.978.179
PERMANENTE	4.407.749	RESULTADOS DE EXERCÍCIOS FUTUROS	30.029
Investimentos	3.102.651	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	5.461.089
Imobilizado de Uso	762.231	Capital Social	1.540.000
Diferido	542.867	Reservas	2.642.718
TOTAL	100.918.256	Lucros Acumulados	1.278.371
		TOTAL	100.918.256

LUCRO LÍQUIDO DO SEMESTRE (em Cz\$ mil) 1.181.902

Banco BMC de Investimentos S/A

Balanço Patrimonial Sintético encerrado em 30.06.88

ATIVO	Em Cz\$ Mil	PASSIVO	Em Cz\$ Mil
CIRCULANTE	7.431.965	CIRCULANTE	6.356.298
Disponibilidades	10	Depósitos	6.337.883
Aplicações Interfinanceiras de Liquidez	87.000	Outras Obrigações	18.415
Operações de Crédito	7.299.663	RESULTADOS DE EXERCÍCIOS FUTUROS	284
Outros Créditos	45.292	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	1.076.720
PERMANENTE	1.337	Capital Social	556.176
Investimentos	1.337	Reservas	513.578
TOTAL	7.433.302	Lucros Acumulados	6.966
		TOTAL	7.433.302

LUCRO LÍQUIDO DO SEMESTRE (em Cz\$ mil) 9.774

BMC - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Balanço Patrimonial Sintético encerrado em 30.06.88

ATIVO	Em Cz\$ Mil	PASSIVO	Em Cz\$ Mil
CIRCULANTE E REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	1.025.148	CIRCULANTE	284.773
Disponibilidades	40	Outras Obrigações	284.773
Aplicações Interfinanceiras de Liquidez	555.000	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	767.119
Títulos e Valores Mobiliários	373.596	Capital Social	71.100
Outros Créditos	96.512	Reservas	177.176
PERMANENTE	26.744	Lucros Acumulados	518.843
Investimentos	9.718	TOTAL	1.051.892
Imobilizado de Uso	17.026		
TOTAL	1.051.892		

LUCRO LÍQUIDO DO SEMESTRE (em Cz\$ mil) 148.459

BMC - Companhia de Crédito, Financiamento e Investimento

Balanço Patrimonial Sintético encerrado em 30.06.88

ATIVO	Em Cz\$ Mil	PASSIVO	Em Cz\$ Mil
CIRCULANTE E REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	5.371.395	CIRCULANTE E EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	4.432.116
Disponibilidades	284	Depósitos	2.665.900
Títulos e Valores Mobiliários	150	Recursos de Aceites Cambiais	1.586.986
Operações de Crédito	5.285.146	Outras Obrigações	179.230
Outros Créditos	31.988	RESULTADOS DE EXERCÍCIOS FUTUROS	196
Outros Valores e Bens	53.827	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	970.313
PERMANENTE	31.230	Capital Social	330.480
Investimentos	25.719	Reservas	544.950
Imobilizado de Uso	1.046	Lucros Acumulados	94.883
Diferido	4.465	TOTAL	5.402.625
TOTAL	5.402.625		

LUCRO LÍQUIDO DO SEMESTRE (em Cz\$ mil) 83.438

A DIRETORIA

A íntegra das demonstrações financeiras foram publicadas no Jornal "Gazeta Mercantil", em 04.08.88.

Yochio Kuratani - Contador

CRC-SP-120.277

Retrato sonoro

A MÚSICA CLÁSSICA, de Julian Rushton; Jorge Zahar Editor; 185 páginas; 2 490 cruzados.



Música clássica é expressão que comporta dois sentidos. No jargão popular, trata-se de sinônimo de "música erudita". Na linguagem técnica, trata-se da música erudita composta entre metade do século XVIII e 1830,

isto é, entre o fim do período barroco e o início do romantismo. O livro de Rushton, professor de Música da Universidade de Leeds, na Inglaterra, resume a história da música clássica nesse sentido mais restrito. O livro não pretende ser uma enciclopédia sobre a música composta no período clássico. Como tal, supõe que o leitor conheça, pelo menos superficialmente, a biografia dos maiores compositores da época. E presume algum conhecimento da música clássica, sem o que é impossível saborear seus comentários. O livro, em suma, é fascinante para os amadores bem informados, mas não se destina a principiantes.

O que há de mais atraente no livro é a ordenação lógica de sua análise. O primeiro capítulo situa a estética clássica no contexto social e intelectual da época. Não se trata de nenhuma barretada a Marx, mas de uma análise na linha de Taine. Entre 1750 e 1830 o mundo transformou-se com a Revolução Industrial, com a filosofia dos enciclopedistas, com a Revolução Francesa e o período napoleônico. A arte e a música, em particular, refletem essa transformação. No campo social, os músicos passaram da condição de empregados da nobreza e do clero para a de profissionais independentes. Entre os três gigantes da época, Haydn preferiu continuar como criado da família Esterházy. Mozart optou pela independência, mas teve que

amargar enormes dificuldades financeiras. Beethoven foi o primeiro compositor independente a conseguir patrocinadores capazes de pagar bem pelas suas obras.

TECLADO — Os três capítulos seguintes descrevem a evolução da ópera no período clássico. A descrição é admirável nos pormenores, mas, para realmente entendê-la, o leitor deve ter ouvido pelo menos uma ópera séria, no gênero de *Orfeo ed Euridice*, de Gluck (considerado o marco da reforma da ópera), e *As Bodas de Fígaro* ou o *Don Giovanni*, de Mozart. A evolução não é apenas a eliminação das camisas-de-força da ópera séria, mas a transformação da ópera num sistema dinâmico que acasala a palavra à música.



Beethoven, Mozart e Schubert: análise atraente da obra dos gênios musicais

MARQUE COM UM X O DIA 14 DESTES MÊS.

AGOSTO

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Está chegando a hora de você se lembrar do presente dele. E depois ser lembrado por ele a toda hora. Dê um relógio de parede Philips Quartz no Dia dos Pais.

Com design moderno e exclusivo, os Philips Quartz funcionam com uma simples pilha (autonomia de até um ano) e são garantidos pela tecnologia Philips.

Escolha ao lado o modelo que mais combina com o jeitão do seu pai. E fique imaginando a cara dele, olhando as horas, toda hora, orgulhoso de você.

PHILIPS



Os três capítulos seguintes dedicam-se à música instrumental e de teclado no período clássico. Rushton exhibe a sua imensa erudição ao mostrar a evolução dos trios, quartetos, quintetos e demais combinações instrumentais. Não hesita em afirmar que o prestigioso quarteto de cordas deve-se apenas à indulgência dos músicos, opinião sujeita a muita controvérsia, e apresenta uma análise convincente da evolução da sinfonia. O capítulo 8 do livro é particularmente atraente ao discutir a música religiosa na época dos enciclopedistas. A religiosidade dos clássicos nada tem a ver com a de J.S. Bach, mas produziu algumas obras-primas, começando pelas missas de Mozart e culminando com o oratório *A Criação*, de Haydn.

O capítulo 9 volta à ópera, agora no período napoleônico. Rushton analisa extensamente a evolução do gênero lírico e, como seria inevitável, presta suas homenagens a Carl Maria von Weber, fixa-se no gênio de Rossini e detém-se num ponto singular da história da ópera: *O Fidélio*, de Beethoven. O capítulo 10 cuida da canção e, como seria inevitável, conclui que, no gênero, ninguém se igualou a Franz Schubert, enquanto o capítulo 11 concentra-se na música instrumental do tempo de Beethoven.

MÁRIO HENRIQUE SIMONSEN

Nuvens negras

RAINHA DA TEMPESTADE, de Marion Zimmer Bradley; *Imago*; 343 páginas; 2 300 cruzados.



Lançado nos Estados Unidos em 1978, *Rainha da Tempestade* está longe de apresentar os mesmos atrativos de *As Brumas de Avalon*, o megassucesso da autora americana Marion Zimmer Bradley de 1982. O livro possui todos os ingredientes de *Avalon*: clima medieval, rituais místicos e personagens femininas dominadoras. A dosagem, porém, é errada e Bradley força a mão no misticismo desenfreado que beira o humor, como quando prevê que, para se praticar asadelta, são necessários dotes psíquicos para se sentir as correntes de ar. Primeiro dos 22 livros de ficção científica de Bradley traduzido no Brasil, *Rainha da Tempestade* conta a história de uma menina dotada de poderes sobrenaturais que vive no planeta Darkover. Uma história que, da forma como é narrada, só irá interessar aos fãs incondicionais da escritora.

•

OS MAIS VENDIDOS

Ficção

- 1 Operação Cavalo de Tróia, J.J. Benítez (1-20)
- 2 As Brumas de Avalon, Marion Zimmer Bradley (2-108)
- 3 A Bicicleta Azul, Régine Deforges (4-43)
- 4 O Incêndio de Tróia, Marion Zimmer Bradley (3-23)
- 5 Vontade de Viver, Régine Deforges (5-41)
- 6 O Sorriso do Diabo, Régine Deforges (6-35)
- 7 Acima de Qualquer Suspeita, Scott Turow
- 8 Turbilhão, James Clavell (7-7)
- 9 Tempestade Vermelha, Tom Clancy (8-10)
- 10 A Jangada de Pedra, José Saramago (9-13)

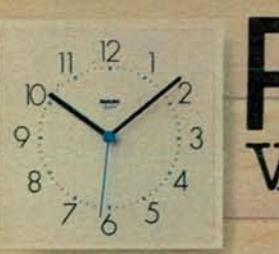
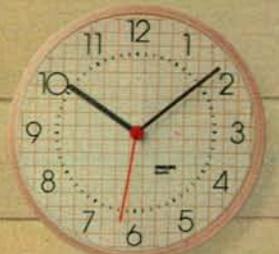
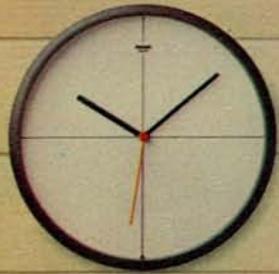
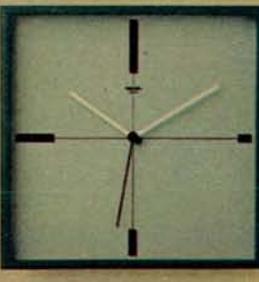
Não-ficção

- 1 Uma Vida para Seu Filho, Bruno Bettelheim (1-3)
- 2 A República dos Padrinhos, Gilberto Dimenstein (2-6)
- 3 She, Robert A. Johnson (3-40)
- 4 Virando a Própria Mesa, Ricardo Semler (6-14)
- 5 He, Robert A. Johnson (4-40)
- 6 A Vida É um Palco, Shirley MacLaine (5-13)
- 7 O Livro dos Insultos, H.L. Mencken (9-2)
- 8 We, Robert A. Johnson (8-31)
- 9 Perestroika, Mikhail Gorbachev (7-37)
- 10 A Cidade das Redes, Otto Friedrich (4*)

Fontes: Livrarias Brasiliense, Cultura, Laselva, Saraiva, Siciliano (SP); Argumento, Eldorado, Siciliano (RJ); Eldorado, Van Damme (MG); Sulina, Papyrus, Globo (RS); Livro 7 (PE); Ghignone (PR); Aeroporto, Civilização Brasileira, Freitas Kanitz (BA); Sodiler, Presença e Casa do Livro (DF).

Os números entre parênteses indicam: a) colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista. Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.

MARQUE COM OUTRO X O PRESENTE DO SEU PAI.

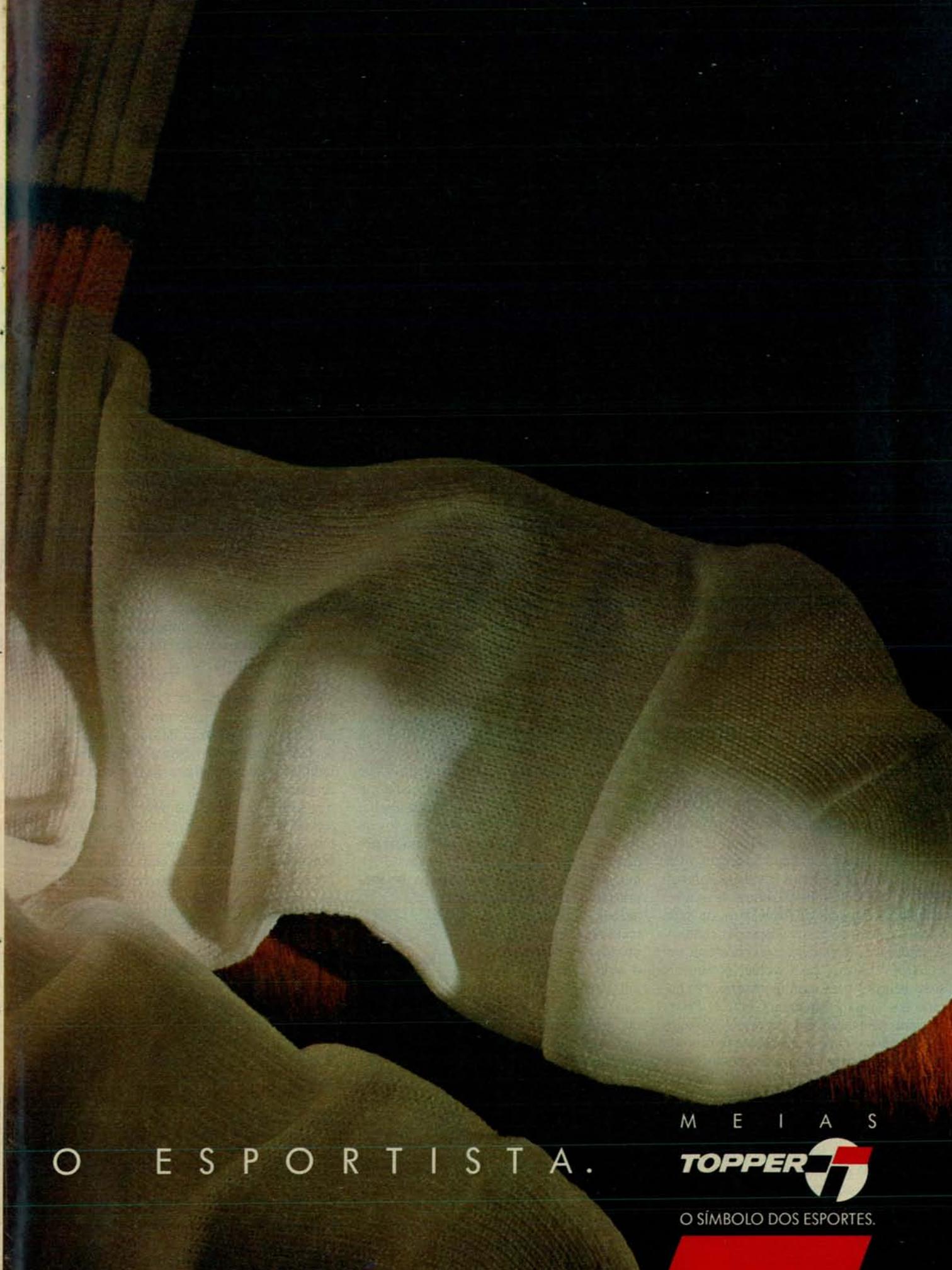


PHILIPS QUARTZ
VALORIZAM O AMBIENTE NA HORA.



Standard

DETALHES QUE FAZEM



O ESPORTISTA.

M E I A S



O SÍMBOLO DOS ESPORTES.





Giulia Gam como Luísa: a revelação das novelas em seu primeiro grande papel



Marcos Paulo, o Basílio: um dândi...

Televisão

Folhetim irresistível

O Primo Basílio, clássico de Eça de Queiroz, vira uma minissérie de ritmo ágil e interpretações notáveis

A televisão brasileira tem oferecido bons motivos para se sintonizar em programas humorísticos, novelas e filmes. O mesmo não se pode dizer, nessa receita, das minisséries de produção nacional, que em anos anteriores proporcionaram momentos marcantes como *O Tempo e o Vento*, *Rubio de Saiz* e *Anos Dourados*. A última delas a ser exibida, *O Pagador de Promessas*, da Rede Globo, perdeu-se numa adaptação confusa. A partir desta terça-feira, o público tem um excelente motivo para voltar novamente suas atenções para uma minissérie. No horário das 22h20, estreia na Globo *O Primo Basílio*, adaptação em dezesseis capítulos — que irão ao ar de terça a sexta-feira — do célebre romance homônimo do escritor português Eça de Queiroz (1845—1900). Pela série de acertos que coleciona do primeiro ao último capítulo, *O Primo Basílio* pode ser incluído desde já entre os melhores momentos da teledramaturgia nos últimos tempos.

O primeiro desses acertos é a atuação notável de duas atrizes, Marília Pêra e Giulia Gam. Da veterana Marília espera-se sempre, no mínimo, competência. No papel de

Juliana, a criada perversa e chantagista que parece carregar todo o rancor do mundo, a atriz está excepcional. A estrelinha Giulia, que já havia mostrado talento como a jovem Jocasta da novela *Mandala*, encontra na minissérie sua primeira oportunidade de brilhar no papel da doce Luísa, vítima das próprias fraquezas. As duas atrizes trabalham em meio a um elenco afinado. Marcos Paulo, como o sedutor Basílio, criou um dândi do tipo que tem o rei na barriga e que pode ser considerado o melhor papel de sua carreira. E Tony Ramos, como Jorge, o marido traído, é um coadjuvante correto. O êxito de *O Primo Basílio* se completa com a adaptação de Gilberto Braga e Leonor Bassères, que explora sem exageros o tom folhetinesco da obra de

Eça, e pela direção de Daniel Filho, que alia agilidade cinematográfica a uma minuciosa carpintaria teatral na composição dos personagens. A minissérie inteira se desenvolve com ritmo e interesse.

CONFIDÊNCIAS — *O Primo Basílio* foi publicado originalmente em 1878 e o próprio Eça de Queiroz o definiu como "um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa". Para tecer sua crítica de costumes a essa sociedade que pintava como conservadora e machista, o escritor conta a história da jovem e bela Luísa, que vive um casamento sem sobressaltos com Jorge até que o coração a trai. Certo dia, enquanto Jorge



Marília Bueno (à direita): impagável como dona Felicidade



...cínico e com mania de sedutor



Marília Pêra como Juliana: personagem tão terrível que a atriz quase o recusou

está viajando, retorna a Lisboa, depois de longa ausência, seu primo Basílio, de quem fora namorada na adolescência. Na época, o pai de Basílio fora à falência e obrigara o filho a tentar a sorte no Brasil. Cínico e sedutor, Basílio volta acompanhado do visconde Reynaldo (Walney Costa), a quem confidencia suas inúmeras conquistas. A próxima, ele pretende, será a prima.

Basílio é envolvente e Luísa não demora a ceder diante de suas investidas. Passam a se encontrar furtivamente numa casa de cômodos que batizam de Paraíso, onde ele lhe oferece a oportunidade de fugir da rotina do casamento. A certa altura do romance, descuidados, deixam cair em mãos de Juliana, a criada de Luísa, duas cartas comprometedoras. Juliana vive movida pela inveja e pelo ódio às patroas a quem tem que servir, e tem um sonho — descobrir, de alguma de-

las, algum segredo que lhe traga vantagens. Com Luísa e Basílio, finalmente a oportunidade de ouro lhe cai às mãos. Ela acredita que, em troca do silêncio, possa conseguir dos primos a tão sonhada independência financeira, mas não conta com a partida apressada de Basílio, que teme as conseqüências do romance. Sem dinheiro para calar a chantagista, Luísa é obrigada a conviver com uma Juliana que, pouco a pouco, vai-se tornando a senhora da casa.

AULAS DE BALÉ — Ao longo dos capítulos de *O Primo Basílio*, pode-se apostar que o público não deixará de tomar partido na história, primeiro recriminando o comportamento inconseqüente de Luísa e depois partilhando de seu sofrimento. Essas emoções não serão exclusivas do telespectador. Nas gravações, também os atores se viram às voltas com um envolvimento fora do comum com seus personagens. Marília Pêra admite que chegou a chorar copiosamente entre as gravações de algumas cenas. “Juliana é tudo de negativo que existe no ser humano, ela me fazia sofrer terrivelmente”, conta. Coberta por uma maquiagem que a deixa com o rosto macilento e profundas olheiras, a atriz, aos 45 anos, considera que esse processo de enfeamento foi

um sacrifício a mais no desempenho do personagem. “Quando se tem 20 anos, isso não é nada, mas com o tempo começa a incomodar”, reflete.

Giulia Gam, por sua vez, identificou-se a tal ponto com Luísa que, segundo conta, quase adoeceu. “Era como se meu corpo estivesse se entregando à fragilidade de Luísa”, avalia. Para espairer, Giulia transferiu para o local das gravações as aulas de balé clássico que normalmente toma em casa. Três horas antes de entrar no estúdio dedicava-se às aulas, com professora e tudo.

Segundo o elenco, o maior mérito por esse envolvimento da equipe cabe a Daniel Filho, conhecido pelo perfeccionismo com que capitaneia seus projetos. A idéia de adaptar *O Primo Basílio* para a televisão surgiu há dois anos. “Se os americanos filmam tão bem as obras inglesas, por que deveríamos ficar com medo de cruzar o Atlântico e buscar nossas raízes?”, ele sustenta. Daniel não mediu esforços para ter a equipe que queria. “Foram dez meses dedicados ao script”, lembra Gilberto Braga. “Já havia adaptado clássicos para novelas, como *Helena*, de Machado de Assis, e *Senhora*, de José de Alencar, mas partindo da idéia central e criando quase uma outra obra — em *O Primo Basílio*, não há nada que não seja Eça”, diz ele com razão.

LUZ DOURADA — A linguagem a ser usada pelos personagens foi questão amplamente discutida. Não se queria adotar o português com sotaque de Portugal, que soaria falso. “Optamos por uma recriação de linguagem, em que se pudesse sentir que a história não se passa no Brasil”, comenta Bra-



Zilka Salaberry (ao centro): a tia dos maus conselhos

ga. Os personagens se tratam na segunda pessoa do singular — o tu — e utilizam algumas palavras pouco correntes no Brasil, mas o resultado soa natural. A professora Elemir Aguilera de Barros, professora de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, assistiu a alguns capítulos da minissérie e considera que a língua que se fala não trai portugueses ou brasileiros. “Os diálogos, apesar de fêis, foram adaptados para o português que se fala no Brasil, mas de forma que fica claro que a história se passa em Portugal”, avalia. O perfeccionismo de Daniel Filho imprimiu ao elenco uma

rotina diferente daquela de apenas decorar as falas e entrar no estúdio para gravar. Em outubro do ano passado, diretor e atores praticamente se isolaram no Teatro Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, durante um mês e meio, para leitura dos capítulos e ensaio das cenas mais importantes. Quando, em dezembro, começaram as gravações, a equipe estava mais do que azeitada.

Giulia Gam é um exemplo perfeito do empenho do diretor e dos atores em fazer de *O Primo Basílio* uma produção caprichada. Das cerca de 600 cenas que compõem a minissérie, a atriz participa de pelo menos 450. Daniel cobriu-a de fotos, filmes e referências diversas para tirar suas dúvidas sobre o romance e seus personagens. Todo o elenco teve aulas de empostação de voz e expressão corporal



Daniel Filho, o diretor: minuciosa carpintaria teatral

com vistas em seus papéis. Para interpretar Jorge, Tony Ramos engordou 4 quilos — “Eu o queria pesado, envelhecido”, diz Daniel. Marcos Paulo não tem dúvidas do êxito de seu personagem. “Este é o papel mais rebuscado que já fiz, moldado em cada minúcia”, avalia. A partir da metade da minissérie, quando se dá a virada na trama e Juliana começa a pressionar Luísa, o telespectador acompanhará as mudanças nos personagens também através de sutis alterações na fotografia e nos figurinos.

CORTES — Embora a minissérie seja quase totalmente calcada no triângulo Luísa/Basilio/Juliana, há espaço para solos eficientes de todos os personagens. Marilu Bue-

no, como a fogosa dona Felicidade, é responsável por alguns deles. Cultivando a avassaladora paixão pelo conselheiro Acácio (Sérgio Viotti), que a trata apenas cortesmente, consome-se em suspiros e arranca boas risadas do público ao divagar sobre o prazer que lhe daria tocar a calva do conselheiro. Zilka Salaberry, como a tia Vitória, mentora das trapaças de Juliana, atua como uma feiticeira caricata sempre pronta a dar um mau conselho e a alimentar a inveja da chantagista. As cenas de amor entre os dois primos foram elaboradas com bom gosto, mas chamaram a

atenção da Censura Federal, que, ao todo, determinou treze cortes na minissérie. Depois de três meses de negociação em Brasília, esse número reduziu-se a três — sem perdas para o entendimento.

Apesar de a produção de *O Primo Basílio* ter exigido viagens a Portugal e ter se estendido por quase um ano, além de ter arrematado uma equipe de 100 pessoas, as cifras que envolvem a minissérie não chegam a ser exorbitantes. Os dezesseis capítulos custaram 800 000 dólares — cerca de 200 milhões de cruzados —, soma mais modesta que a dispendida em *O Pagador de Promessas*, que custou 1 milhão de dólares. Em termos de qualidade, cada centavo do investimento foi recompensado —

O Primo Basílio é um momento de grandeza da televisão brasileira. ●

Escândalo de época

Quando foi lançado, em 1878, *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, foi motivo de escândalo entre a sociedade portuguesa. A história de Luísa, que durante uma viagem do marido o trai com o primo Basílio, deixou em polvorosa as famílias de Lisboa. No romance, Eça descreve o adultério com cores fortes e realistas, e logo após sua publicação surgiram folhetos que alertavam as mães sobre os riscos que a leitura do livro poderia trazer à moral e aos bons costumes das jovens. Passados

110 anos, *O Primo Basílio* figura no Brasil como um dos livros de maior sucesso entre os clássicos da literatura portuguesa.

“Eça vende um volume de livros semelhante a Machado de Assis e Manuel Bandeira”, afirma Cláudio Lacerda, da Editora Nova Aguillar. “É um autor de venda lenta, mas constante.” Calcula-se que, desde o início dos anos 60, quando a obra de Eça de Queiroz começou a merecer edições regulares no Brasil, tenham sido vendidos 260 000 exemplares de *O Primo Basílio*. Agora, aproveitando a estréia da minissérie na te-



Eça: sucesso e controvérsia

levisão, seis editoras preparam novas fornadas da obra. Entre elas estão a Nova Cultural e a Tecnoprint, que a partir da próxima semana colocam nas bancas de jornal de todo o país, cada uma, 30 000 exemplares do

livro. “As vendas certamente aumentarão em função da televisão — as pessoas se interessam em ler o romance para acompanhar melhor o desenvolvimento da história”, diz Osmar Teles, relações-públicas da Tecnoprint. Até o final do ano, os leitores também encontrarão nas livrarias uma versão mais lujosa da obra de Eça. A Nova Aguillar relançará uma coletânea de seus romances e novelas — incluindo *O Primo Basílio* — em livros de capa dura e papel-bíblia.

EDIÇÕES manequim

Arte em Casa

PRIMAVERA

É TEMPO DE CRIAR!
Flores para você desidratar, pintar, aplicar, decalcar, modelar e espalhar a alegria da estação pela casa toda

É TEMPO DE APRENDER!
As técnicas especiais de tingimento, corrosão de metais, laminação, cerâmica com areia, e do estilo florentino rústico

EXTRA
Os mais lindos panos de prato

ESPECIAL: POR DENTRO DE UMA DELEGACIA DA MULHER

CLAUDIA

ANO 17 N.º 8 AGOSTO 88

PRESENTES PARA O PAI!
Dicas para ele viver sem culpa, com o coração em ordem, uma moda superversátil e pequenos gadgets para o hobby dele

EXCLUSIVO
LIÇÕES DE SEXO PARA SEUS FILHOS
Do novo livro de Marta Suplicy

CASA

CLAUDIA

A revista para morar melhor

ARMÁRIOS PARA SUA CASA

- Gaveteiros práticos
- Divisões internas mais racionais
- Revestimentos atraentes

Móveis antigos valorizam os espaços de hoje

Os novos modelos em talheres que realçam a mesa

Todas as dicas para contratar um marceneiro

Um sonho de casa ao seu alcance

Guia Rural

ANO 2 N.º 138

VAMOS SOLTAR OS CAVALOS!

Preparo da terra: como manter o solo vivo

O mundo fantástico dos peixes ornamentais

Mamona, o bombril da agricultura

Uvas do Nordeste para o mundo

A indústria da soja cresce no Cerrado

AS REVISTAS DA SEMANA



Veja aqui as revistas da Editora Abril que já estão à venda em todas as bancas.



SÓ MESMO A MENOR DE PARA AGRADAR A MI



Você é nosso convidado para uma viagem. Vamos conhecer Edradour, a destilaria que produz o malt whisky de House of Lords. Para isso, teremos de ir à Escócia. E voltaremos 160 anos no tempo. Prepare-se, partimos no próximo parágrafo. Estamos na Estrada de Blaiogowrie, A 924, atravessando a aldeia de Moulin, no Norte da Escócia. A região é montanhosa, uma neblina fina e pastores de ovelhas são presenças constantes na paisagem. Já podemos ouvir um regato borbulhante sob uma pequena ponte de madeira. Estamos em Edradour, a menor destilaria de toda a Escócia.

O Século XIX vive aqui.

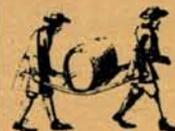
Em 1825, um grupo de lavradores fundou uma pequena destilaria, dando-lhe o nome do regato que a atravessa. Edradour.

De lá para cá, praticamente nada mudou. Para você ter uma idéia, até muito pouco tempo atrás, a rodad'água continuava sendo a única fonte de energia. A construção da destilaria permanece fiel aos tempos da Rainha Vitória, com suas paredes caiadas de branco e telhado de ardósia cinzenta.

Lá dentro, temos o brilho suave de dois alambiques de cobre – minúsculos comparados aos alambiques das destilarias mecanizadas.

O aroma de turfas e cereais é permanente. E três funcionários – apenas três – produzem o malt whisky artesanalmente, em pequenas quantidades, como seus antepassados há mais de 160 anos.

Edradour. Exclusividade de House of Lords.



Todo o malt whisky produzido em Edradour tem um endereço exclusivo: House of Lords. Nenhum outro produtor de blended whisky tem acesso a esse malt whisky. Certamente essa é uma das razões de House of Lords ser o único



STILARIA DA ESCÓCIA NORIA BRITÂNICA.

whisky servido na Câmara dos Pares – a mais alta câmara do Parlamento Britânico.

House of Lords.
Exclusividade de House of Lords.

O Parlamento Britânico é dividido em duas câmaras: a Câmara dos Comuns e a Câmara dos Lords, também conhecida como House of Lords. A Câmara exclusiva dos nobres do Reino. Apenas 1000 lords têm o direito de assistir e votar nas suas sessões. Ninguém mais. No final das sessões especiais, apenas um whisky é servido: House of Lords. Nenhum outro.

Para entrar na House of Lords você precisa ser um lord. Mas para abrir um House of Lords você só precisa querer um whisky realmente exclusivo.

HOUSE OF LORDS



A TRULY EXCLUSIVE
SCOTCH WHISKY.



Poesia feita a mão

Uma mostra organizada pelo governo catalão traz ao Brasil 67 obras da fase madura de Joan Miró

Tendo como pretexto uma precoce comemoração dos 500 anos do descobrimento da América, patrocinada pelos reis da Espanha e cujo marco histórico é 1992, o governo da Catalunha vem promovendo exposições itinerantes de seus maiores artistas ao redor do mundo. Até o dia 4 de setembro, no Museu de Arte de São Paulo, e de 14 de setembro a 9 de outubro, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, o público brasileiro será brindado com uma escala dessas festividades — e de forma magistral. Dois símbolos da Catalunha poderão ser apreciados: o artista Joan Miró e o arquiteto Antoni Gaudí. São mostras com concepções diversas. A de Gaudí é formada por grandes painéis fotográficos, algumas maquetes e projetos do inventor do modernismo na Espanha, permeada por um caráter didático. Quanto a Miró, os organizadores reservaram obras da fase madura do pintor, escultor, ceramista e tecelão, morto em 1983, aos 90 anos — uma rara possibilidade de se avaliar suas obras mais recentes. Apesar das qualidades da exposição Gaudí, são as cores vivas e as imagens telúricas de Miró o ponto alto da mostra. A exposição inclui 67 obras, enfileirando diversas técnicas de um dos artistas mais singulares da história da arte moderna. Durante sua vida, o artista catalão soube antecipar tendências e apontar caminhos como poucos. No início da década de 30, um período que batizou de “assassinato da pintura”, ele criou estranhas colagens utilizando chaves, conchas e toda sorte de objetos. Anos depois, pesquisou novos suportes para seus trabalhos e começou a pintar sobre folhas de lixas, caixas de papelão e cartão, acoplando às suas cores explosivos pedaços de arame, gesso e carvão — materiais até hoje considerados pouco nobres por muitos artistas. A radicalidade de Miró chegou ao ápice em 1969. Em uma exposição batizada *Miró otro*, no Colégio de Arquitetos de Cata-

lunha, o artista, animado pela discussão sobre o caráter efêmero da obra de arte, pintou sobre o vidro do colégio um imenso mural — apagado ao final da exposição.

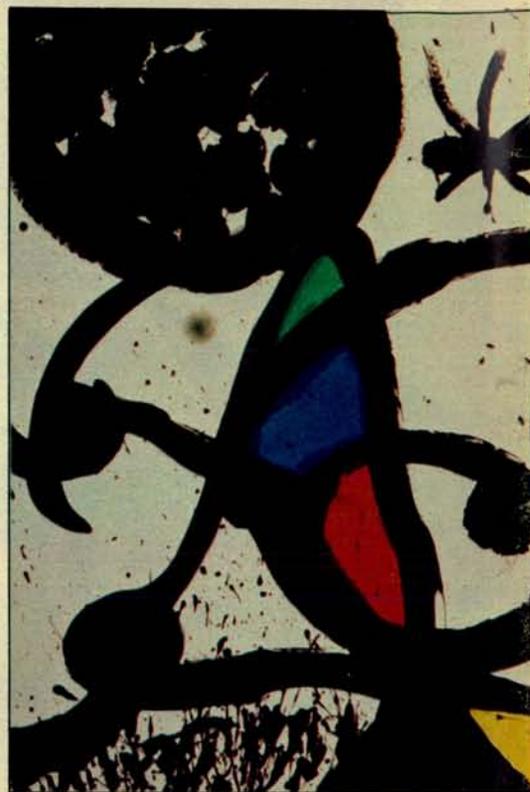
FIGURAS RUPESTRES — O epicentro da exposição brasileira está concentrado entre as décadas de 60 e 70 — e apresenta um resumo sucinto dos vários interesses de Miró no período —, mas é possível se observar obras mais recentes, principalmente entre as cerâmicas. O artista começou a trabalhar com cerâmicas em 1944, depois de encontrar uma série de peças danificadas no ateliê de seu amigo Josep Llorens i Artigas, e desde então iniciou uma profícua relação com o material. As seis peças presentes no MASP, feitas entre 1979 e 1980, mostram desenhos e cortes embrutecidos, como se representassem figuras rupestres fossilizadas.

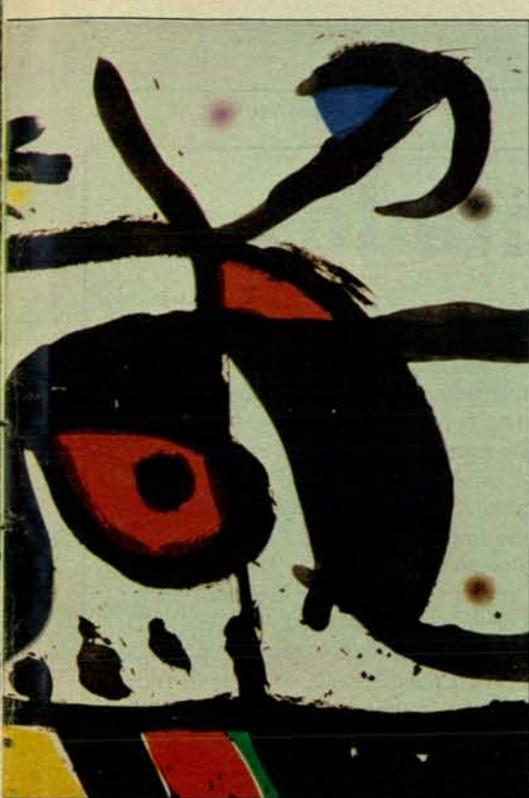
Miró também concebeu belíssimos cartazes, que serviram a diversas finalidades. É dele o cartaz em comemoração ao 1.º de maio de 1968, encomendado pelo PSUC, o partido socialista da Catalunha — na época um grupo de oposição à ditadura de Francisco Franco —, assim como uma obra fei-

ta originalmente em guache para a Editora Salvat catalã. Inexplicavelmente, falta à mostra o seu cartaz mais popular entre os brasileiros, executado para a Copa do Mundo de 1982, disputada na Espanha. Utilizando com desenvoltura várias linguagens plásticas, Miró conseguiu impregnar sua obra de uma característica única, seja ela um poster ou uma tela: a relação mágica entre o artista e as forças da natureza. “Trabalho minhas telas como o lavrador trabalha sua horta”, costumava dizer.

A aparente simplicidade de Miró, cuja obra é na verdade elaborada por um profundo conhecedor da história da arte, atraiu a atenção de vários artistas de seu tempo. Sua primeira exposição em Paris, em 1921, foi um fracasso retumbante: nenhum quadro foi vendido. O trabalho original do artista, no entanto, despertou a curiosidade de um jovem escritor americano — Ernest Hemingway. Coube ao autor de *Por Quem os Sinos Dobram* comprar o primeiro quadro de Miró em Paris, *A Fazenda* — hoje, uma obra de valor incalculável. O francês André Breton, autor do *Manifesto do Surrealismo*, incorporou o artista à caravana dos escritores que fundaram a escrita automática e pregavam a prevalência de um mundo onírico sobre a realidade. “Miró é o mais surrealista entre nós”, disse

Mulher e Pássaro (à direita) e Personagem e Pássaro: temas frequentes nas esculturas





GENE RALTIAT DE CATALUNYA



Alvorço (à direita) e A Fugitiva:
riqueza de cores nas técnicas de gravura

Breton certa vez. De fato, o artista incorporou alguns cânones do surrealismo em sua obra na década de 20, mas nunca se prendeu a qualquer corrente durante toda sua carreira.

MEMÓRIA TÁTIL — A riqueza do trabalho de Miró reside na pujança de suas cores, sempre fortes e contrastantes, que parecem saltar da tela quando observadas sobre os fundos negros ou brancos. À exploração colorística, Miró somou uma impecável economia nos traços, algo em que foi se especializando com o passar do tempo. Quando estudante, a principal dificuldade do artista era resolver satisfatoriamente os exercícios de desenho — e seu professor encontrou um método original para forçá-lo a desenhar. De olhos vendados, o jovem pintor era obrigado a apalpar objetos e pessoas, para reproduzi-los, a partir da memória tátil, mais tarde. Se a técnica o ajudou a se tornar melhor desenhista é uma incógnita — seu traço que reduz a figura a seus elementos essenciais pouco pode comprovar a esse respeito. O uso do tato, com certeza, auxiliou o grande colorista Miró a se tornar um excelente escultor e ceramista anos mais tarde.

A busca da simplicidade está presente nas várias facetas do artista. Miró, raramente, enveredou pelos caminhos da abstração. Sua mitolo-

gia pessoal, que pode ser resumida na trindade mulher, pássaro e estrela, permeou toda a sua carreira. Sua vida pessoal também não mostra contornos exagerados. Miró, ao contrário de Picasso, que colecionou mulheres pela vida, casou-se uma única vez, em 1929, com a espanhola Pilar Juncosa — e dela somente se separou quando morreu. Não se imagine que o apego ao figurativismo e ao traço simplificado seja um elemento redutor da obra de Miró. Ela é um mergulho na história das artes plásticas. No final dos anos 20, ele criou toda uma série de releituras de quadros holandeses. O mais célebre deles, *Interior Holan-*

dês, é baseado em *O Tocador de Alaúde*, de H.M. Sorgh, de 1661. São formas soltas no ar, que quase se desmancham e contrastam com a composição rígida do século XVII.

FASCÍNIO — *Interior Holandês*, assim como *A Fazenda*, não faz parte da mostra que veio ao Brasil. Os organizadores da exposição debruçaram-se sobre a produção dos últimos anos de Miró. Se não se reveste de uma roupagem retrospectiva, a mostra tem o mérito de apresentar um Miró pouco conhecido. É o caso da tapeçaria *Sobreteixim*, de 1972. Nela, o artista não utiliza as tramas do tecido para dar forma a uma idéia — ele simplesmente pinta ou agrega pedaços de pano à obra. Entre as dezoito esculturas apresentadas, destaca-se o tratamento dado ao bronze pelo artista, que o transforma à semelhança de uma pedra bruta, como em *Mulher e Pássaro*, de 1968, e

Personagem e Pássaro, de 1966, ambas pertencentes ao acervo da Fundação Joan Miró, de Barcelona, criada pelo próprio artista e que cedeu a maioria das peças para a exposição.

As linhas irracionais de Miró permeiam as telas e a obra gráfica presente à exposição, como em *Alvorço*, de 1976, uma gravura que mistura as técnicas de água-tinta e água-forte e reúne cores berantes a traços casuais, quase infantis. O mesmo ocorre em *A Fugitiva*, de 1978, na qual o artista utiliza as mesmas técnicas mas alcança um resultado ainda mais radical: a obra se parece mais a um rascunho do que a uma gravura acabada. Podem-se relacionar os traços livres de Miró à arquitetura *art nouveau*, pilar do modernismo catalão, de Antoni Gaudí. Como o artista, o arquiteto sempre baseou sua obra na surpresa e no fascínio que poderia causar ao espectador — mesmo partindo de estudos rigorosos e idéias muito precisas. Miró nunca escondeu a influência que recebeu de Gaudí. Curiosamente, apesar da diferença de idade (Gaudí morreu em 1926, aos 74 anos), Miró foi colega de sala do arquiteto durante um curso de desenho em Barcelona, freqüentado por Gaudí na velhice. A exposição de Miró, pela diversidade de técnicas e pela qualidade das obras, é uma oportunidade para o público brasileiro tomar contato com um dos grandes mestres do século XX.



FOTOS KEIJI KOBAYASHI

Sobreteixim, tapeçaria de 1972:
pintura sobre o tecido e
pedaços de pano agregados à obra

O país dos desdentados

Fernando Antônio Opice Credídio

Invocar os números frios das estatísticas pode ser a única forma de chamar a atenção para um grave problema que parece nunca merecer destaque nas prioridades do brasileiro: seus próprios dentes. Dizer que o Brasil é o país das contradições tornou-se, hoje, lugar-comum. Algumas dessas contradições, no entanto, mostram um fosso tão largo e profundo entre o que a população necessita e o que ela tem, de fato, que é impossível deixar de nos assustarmos quando encaramos algumas estatísticas. Pesquisas realizadas comprovam que, aos 35 anos, 25% da população brasileira já não possui dentes naturais. Esta porcentagem se eleva para 33% aos 45 anos, para 66% em relação às pessoas com mais de 50 anos e para 75% dos 65 anos em diante. A conclusão é que existem atualmente cerca de 25 milhões de brasileiros desdentados, num país predominantemente jovem, com dois terços de sua população com menos de 20 anos de idade.

Essa situação, deprimente, perdura ao longo dos tempos, enquanto tantas áreas evoluem no país e sem que medidas verdadeiramente eficazes tenham sido tomadas a fim de controlar a cárie dental, uma doença como outra qualquer. Em 1981, quando a população do país atingia cerca de 130 milhões de habitantes, uma outra pesquisa constatou que 98% dessa população já havia sido acometida pela cárie. Estimou-se, baseando-se nessa porcentagem, que existiria um total aproximado de 1,3 bilhão de dentes cariados. A situação torna-se ainda mais delicada quando se sabe que, em média, cada criança brasileira tem seis dentes cariados na boca.

Essa reunião de números desanimadores seria menos surpreendente se o Brasil não tivesse muitos dentistas. Ironicamente, o Brasil é o país que possui o maior número de faculdades de Odontologia do mundo, 71, superando países mais desenvolvidos. Além disso, temos uma Odontologia reconhecida internacionalmente pelo nível dos nossos professores universitários e pela quantidade de congressos, jornadas e eventos científicos. Há, no país, cerca de 100 000 cirurgiões-dentistas que lutam, cada um a seu modo, pela diminuição das doenças bucais. Qual é o motivo, então, de continuarmos ostentando essa bandeira de país de desdentados?

Alguns dados podem auxiliar na busca de respostas. Anualmente, são lançados no mercado de trabalho 5 000 novos profissionais que permanecem concentrados nos grandes centros — e isso em nada contribui para a realização de um trabalho de base, a longo prazo, condizente com as necessidades e carências do povo brasileiro. As empresas que comercializam produtos relacionados com a Odontologia, em grande parte, parecem dispostas apenas a aumentar o nível de suas vendas a verdadeiramente contribuir de forma relevante para a diminuição da incidência de cárie. Os órgãos de saúde, sejam municipais, es-



ANTÔNIO RIBEIRO

A saúde do Brasil depende muito do combate à cárie, uma doença que já atinge 25 milhões de brasileiros

taduais ou da União, parecem voltados ao controle de doenças que causam maior impacto na população — como a Aids, a dengue ou a malária —, que monopolizam espaços publicitários e noticiosos nos mais variados veículos de comunicação. Mas quando haverá espaço para a divulgação e lançamento de programas ou campanhas que venham a combater a doença cárie? Sem dentes, a população do país continuará sendo desnutrida e estaremos deixando de formar crianças sadias e adultos fisicamente aptos a uma vida produtiva em níveis aceitáveis. É tristemente irônico o fato de que os desdentados são desnutridos por não terem comido corretamente e estão fadados a continuar desnutridos por não poderem tornar a fazê-lo. Assim, o brasileiro poderá continuar vivendo de água, pão (amolecido) e circo. Em contrapartida, surgirá, por ano, 1 milhão de desdentados que se juntará aos 25 milhões existentes.

Para lutar contra isso, só há uma solução: conscientizar e informar o máximo de pessoas possível. Também devemos ter em mente que nenhuma medida solucionará o mal em curto espaço de tempo. O trabalho de educação deve ser iniciado com as gestantes, antes mesmo do nascimento da criança. O médico pediatra seria um aliado importante nesta tarefa, uma vez que o cirurgião-dentista é procurado, apenas, depois de passado algum tempo do nascimento, geralmente por problemas que começam a aparecer desde a tenra idade. No caso da saúde pública, os pais devem ser orientados por assistentes sociais devidamente aptos a informarem sobre o arsenal preventivo a ser adotado, com o objetivo de se evitar o aparecimento do primeiro foco da doença.

A população deve ser conscientizada através de uma grande campanha de saúde bucal, que deve ser implantada no país sem perda de tempo, com cartilhas informativas e anúncios em todos os órgãos de informação. A abnegação e a obstinação têm de ser as ferramentas a serem utilizadas por todos os profissionais da saúde — e não apenas pelos dentistas —, tudo para que daqui a alguns anos comecemos a colher os primeiros resultados. Campanhas demagógicas e apenas temporárias não serão bem-vindas, uma vez que verbas importantes serão gastas inutilmente sem quaisquer resultados reais. O caminho é muito longo. Mas, se não começarmos a trilhá-lo algum dia, com todos os percalços que advirão, continuaremos a ser os campeões da insuficiência, do descaso e da irresponsabilidade, tudo em detrimento de uma nação que pretende, um dia, ser reconhecida como grande.

Fernando Antônio Opice Credídio é cirurgião-dentista especialista em Odontopediatria e presidente da Associação Brasileira de Especialistas e Pós-Graduados da Odontologia



Você pode até passar sem Chivas Regal.
Mas será que vale a pena?

ESSOAS QUE EXTRAEM O MELHOR DA VIDA PREFEREM FORESTIER.

*"Na hora de servir
vinho, eu sempre
abro um Forestier.
Ele tem a mesma
sophisticaco que
eu exibo nas
minhas colecces."*

Rose Benedetti
Designer e Empresária



A sofisticaco de Rose Benedetti se reflete em tudo o que ela cria e no vinho que escolhe para si e para os seus convidados.

Ela prefere Forestier porque combina com o seu paladar refinado: no sabor, no aroma na qualidade insuperável, que vem da sua lenta e requintada elaboraco.

Rose Benedetti extrai o melhor da vida com sofisticaco. Seu vinho   Forestier.

Forestier

O vinho de qualidade superior.